U.PORTO

MESTRADO INTEGRADO

ARQUITECTURA

O *balneum* de Lafões

O sentido da ruína como matéria de projeto

Ana Patrícia da Cruz Bernardo

M

2021

U.PORTO

Ana Patrícia Bernardo **O *balneum* de Lafões**. O sentido da ruína como matéria de projeto

M.FAUP 2021

O *balneum* de Lafões

O sentido da ruína como matéria de projeto

Ana Patrícia da Cruz Bernardo

FACULDADE DE ARQUITETURA

Faculdade de Arquitectura da Universidade do Porto

O *balneum* de Lafões

O sentido da ruína como matéria de projeto

Ana Patrícia da Cruz Bernardo (up201404778)

Dissertação de Mestrado apresentada à Faculdade de Arquitectura da Universidade do Porto

Orientação: Pedro Duarte Santos de Alarcão e Silva | Co-orientação: Maria Pilar Miguel dos Reis
Porto, 2021

Agradecimentos

Ao Professor Pedro Alarcão, orientador desta dissertação, pelo desafio que me colocou em mãos para iniciar esta (longa) investigação. Por toda a partilha de conhecimento que começou nas aulas de IACA (Intervenção Arquitetónica em Contexto Arqueológico) e que despertou em mim o profundo interesse pelas questões do património. Agradeço o esforço em acompanhar este caminho, a paciência, a amizade e toda a confiança que depositou em mim na concretição deste estudo.

À Dra Pilar Reis, arqueóloga e co-orientadora desta dissertação, pelo entusiamo com que abraçou o desafio de acompanhar esta investigação desde o primeiro dia. Pela disponibilidade, pela amizade e por toda a ajuda imprescindível no decifrar do complexo caso de estudo. Sou grata também pela oportunidade de, conjuntamente com o arqueólogo José Marcelo Pinto, podermos contribuir, em termos práticos, no projeto de musealização das termas romanas de São Pedro do Sul, com a produção dos elementos gráficos interpretativos desta estrutura, em conjunto com o Atelier de design João Borges.

Ao atelier João Mendes Ribeiro e ao arquiteto João Gomes da Silva, pela disponibilidade, pela simpatia na partilha dos elementos necessários à compreensão do projeto de Valorização, conservação e reabilitação das termas de São Pedro do Sul.

Ao Município de São Pedro do Sul, pela cedência do material cartográfico necessário à construção dos elementos desenhados do presente estudo.

À FAUP, que foi casa durante estes longos mas tão rápidos anos. Aos professores que cruzaram e fizeram parte do meu caminho e a todos os colegas e amigos que o trilharam comigo.

Ao David e à Daniela, pelo suporte, pela paciência, pela entreajuda e pelo carinho que, felizmente, sempre soubemos compartilhar.

Ao Nicolau, por todo o apoio e, sobretudo, pela paciência (mais que muita) em acompanhar-me nestes dois anos. Pelo interesse em cada passo dado em frente, pelo incentivo para que fizesse sempre melhor e pela perspetiva sempre otimista de que chegaria a "bom porto".

Aos meus pais agradeço por tudo. Devo-lhes a oportunidade de ingressar nesta caminhada e de a poder concretizar. Devo-lhes a oportunidade de sonhar alto, sem tirar os pés do chão.

Resumo / Abstract 9
Nota introdutória 15

Parte I Matéria de projeto
1. O valor da ruína 25
2. O *sítio* 27
2.1. O castro do Banho 29
2.2. A A via *Vissaium-Talabriga* 35
2.2.1. A calçada romana do Vau 37
2.3. A fonte termal 41
3. O balneário medicinal antigo 43
3.1. O interesse arqueológico 53
3.2. A leitura de Helena Frade 57
3.2.1. A tipologia 65
3.2.2. O projeto de Conservação, Valorização e Reabilitação 71

Parte II O sentido da ruína
1. O papel do arquitecto 79
2. A fundação tiberiana 83
2.1. Os indícios 83
2.1.1. A unidade de medida 87
2.2. O edifício tiberiano 89
2.2.1. A piscina P3 93
2.2.2. A *natatio* 95
2.2.3. O pórtico jónico 97
2.2.4. A orientação 105
2.2.5. O abastecimento das piscinas 109
3. A reconstrução flaviana 113
3.1. O edifício Flávio 115
3.1.1. A piscina P2 119
3.2. A decoração 123
3.3. A abóbada 127
3.4. A relação interior-exterior 133
3.5. O pórtico toscano 135

Parte III Ordenar os fragmentos
1. Intervir em património arquitetónico 139
2. A ideia de projeto 143
2.1. O enquadramento 147
2.2. O Hospital Real 155
2.3. A essência do edifício romano 157
2.3.1. A escala 161
2.3.2. A luz 163
2.3.3. A água 165

Considerações finais 167
Anexo I Cronologia 175
Anexo II Material gráfico - Musealização das termas romanas de São Pedro do Sul 183
Referências bibliográficas 191
Index de figuras 199

" Os materiais são os mesmos, a tecnologia é que é diferente e isso remete para uma linguagem contemporânea"
João Mendes Ribeiro, Açores, 2019

(na página anterior)
Figura 1: Pormenor da fachada norte do edifício das termas romanas de São Pedro do Sul - relação de encaixe entre as pedras da intervenção de JMR e o edifício romano.

Abstract /Resumo

Abstract

The main goal of the present dissertation is a hypothetical interpretation and re-construction of the two construction phases of the roman baths of São Pedro do Sul, taking as a starting point the approach established by the architect João Mendes Ribeiro, at this building.

This monument, of roman foundation, constitutes, by itself, an infinitude of possible themes to explore, of which we focus on two fundamental: the foundation moment and (re)construction of the roman bath and the latest intervention at the set built- the valorization, conservation and rehabilitation project.

The first part- *Matter of project*- frames the study case, in a first approach to its space and relation with the site and unbridles the base questions of the morphology of the place and the environment where it fits, tracing the chronological line of the historical moments which made it the complex structure from the early twenty-first century. On the other hand, it establishes its relation to the close aggregation, with the ways and water structural presence- at the thermal water source and Vouga River.

In the second part- *The ruins sense* - we cross the recent archeological data, with its bases exposed by the archeologist Helena Frade, and we build a practical exercise, of project. Through the association of each roman chronological element to one of the construction phases of the primitive bathhouse and the conjugation with the canonical unit of measure from the roman empire- o *pes monetalis*- it becomes plausible to prosecute the hypothetical interpretation and reconstruction of the traces from the two roman bathhouse phases and, to the second phase, also the hypothetical reconstruction of its tridimensional dimension. From this exercise, unprecedented to date, as investigated, we identified relation between the urban contemporary trace and the primitive cluster.

The third part- *Connect the fragments* - we we approach the conservation, valorization and rehabilitation project of the roman baths of São Pedro do Sul, to critically reflect both on the intentions of project and executed intervention. We explore from the outside to the inside, following the process that the contemporary user will be directed to do, as a visitant, being able to identify historical moments since the present days to the roman foundation.

Resumo

A presente dissertação tem como principal objetivo a interpretação e reconstituição hipotéticas das duas fases de construção do balneário romano das Termas de São Pedro do Sul, partindo da leitura crítica da intervenção do arquiteto João Mendes Ribeiro ao conjunto edificado - o *projeto de valorização, conservação e reabilitação*. Este monumento de fundação romana, constitui, por si só, uma infinidade de temas possíveis de explorar, dos quais nos focamos em dois fundamentais: o momento da sua fundação e a (re)construção a que foi sujeito.

A primeira parte - *Matéria de Projeto* – enquadra o caso de estudo numa primeira aproximação à sua relação com o *sítio* – a região de Lafões – e decifra as questões-base da morfologia do lugar e do meio onde se insere, traçando a linha cronológica dos momentos históricos que o tornaram na complexa estrutura dos inícios do século XXI. Por outro lado, estabelece a sua relação com os aglomerados antigos mais próximos, com as vias e com a presença estruturante da água – a fonte de água termal e o rio Vouga.

Na segunda parte – *O sentido da ruína* – apoiamo-nos no cruzamento dos dados arqueológicos recentes com os antigos, em especial na leitura da arqueóloga Helena Frade, e construímos um exercício prático, de projeto. Através da associação de cada elemento de cronologia romana a uma das duas fases de construção do balneário primitivo e da sua conjugação com a unidade de medida canónica do império romano – o *pes monetalis* - levamos a cabo a interpretação e reconstituição do traçado destas duas fases do balneário romano e, para a segunda fase, também a reconstituição hipotética da sua dimensão tridimensional. Deste exercício, segundo apurámos, inédito à data, identificamos as relações com o traçado urbano contemporâneo, as quais estarão associadas ao primitivo aglomerado.

Na terceira parte – *Atar os fragmentos* – fazemos a abordagem ao *projeto de conservação, valorização e reabilitação das termas romanas de São Pedro do Sul*, em jeito de reflexão crítica às intenções de projeto e à intervenção executada, baseada na procura das respostas a questões de projeto suscitadas pelo exercício da arquitetura. Fazemos, assim, uma leitura do exterior para o interior, seguindo o percurso que o *aquista contemporâneo* será direcionado a fazer, na qualidade de visitante, e através do qual identificará os momentos históricos no sentido inverso à cronologia do edifício, isto é, desde a atualidade até à fundação romana.

Figura 2: Vista da fachada norte do complexo

Nota introdutória

Desenho 01: Os balneários mineromedicinais com possível utilização romana no território português

"Los restos de las instalaciones que han llegado hastra nuestros días, en algunos casos han sido conservados, readaptados y utilizados según las necessidades e circunstancias del momento."[1]

Muitas linhas foram já escritas, no decorrer dos tempos, sobre São Pedro do Sul e, em especial, sobre a eficácia das suas águas curativas que, ainda hoje, se constituem como o seu símbolo máximo e que definem, provavelmente, um dos centros termais com mais antiguidade do nosso território – as Termas de São Pedro do Sul. "Não é nosso intuito fazer um estudo sobre os vulgares edifícios termais, que existem em grande número e espalhados um pouco por todo o mundo romano, e onde os simples cuidados de higiene, o prazer do banho e da cultura física e o convívio social se conjugavam de uma maneira perfeita"[2]. Pretendemos sim, *olhar* para o primitivo *balneum*[3] e decifrar um "dos complexos termais que por aproveitarem águas consideradas medicinais eram essencialmente utilizadas para fins curativos: as termas medicinais"[4], neste caso, de São Pedro do Sul. A classificação deste balneário primitivo como Monumento Nacional, em 1938[5], não foi, *a priori*, motivada pelo interesse das suas estruturas romanas conservadas, apesar de este ser um dos complexos termais de origem romana mais completos e mais bem conservados, de entre um leque de cerca de quarenta balneários termais com possível utilização e exploração romanas, conhecidos até aos dias de hoje no atual território português[6], ainda que só uma parte destes tenha sido, efetivamente, de uso medicinal.

A denominação de *Piscina de D. Afonso Henriques*, pela qual ficaria conhecido este edifício durante muitos séculos, mostra de uma forma muito clara o imaginário que se construiu à volta da estadia de D. Afonso Henriques, primeiro rei de Portugal, no território de Lafões e, mais precisamente, no balneário romano, quando "se tratou de ferimentos recebidos na batalha de Badajoz"[7]. A procura do nosso rei pelas águas termais desta região terá sido de extrema importância para o desenvolvimento da estrutura do balneário antigo: a sua piscina principal sofreu obras de melhoramento e recebeu, por isso, o nome do referido rei - de D. Afonso

[1] Carme Miro i Alaix, "La arquitectura termal medicinal de época romana. Morfología y funcionalidade", in *Termalismo antíguo: actas (I congresso Peninsular)*. 1997, p. 78.

[2] Helena Frade, "As termas medicinais da época romana em Portugal", in *Actas do II Congresso Peninsular de História Antiga*. 1990, p. 874.

[3] *Balneum* é a "designação mais antiga que se conhece destas Termas (…) que deu origem à expressão de Banho, ainda hoje vulgar na região". *in* Eduardo dos Santos, "As termas de S. Pedro do Sul (Achegas Para a sua história)" in Separata da revista *Beira Alta*. 1972, p.4.

[4] Helena Frade, "As termas medicinais da época romana em Portugal", 1990, op. cit. , p. 874.

[5] Pelo Decreto nº28 536, DG, I Série, nº66, de 22-03-1938, com Zona especial de Proteção regulada pelo parecer favorável de 11-06-2008 do Conselho Consultivo do IGESPAR, I.P. *in* Maria Pilar Reis e José Marcelo Mendes Pinto, "Valorização Conservação e Reabilitação das Termas Romanas de São Pedro do Sul, Trabalhos Arqueológicos 2017/2018, Relatório Final", 2019, p.4.

[6] "Dos cerca de 40 balneários termais com possível ocupação romana que podemos localizar em território português, apenas temos plantas, parciais e muito incompletas de cinco. De outros existem apenas descrições antigas sem quaisquer desenhos ou localizações". *in* Helena Frade e José Beleza Moreira, "A arquitectura das termas romanas de S. Pedro do Sul", *in* Separata da revista da Facultad de Geografia e Historia: *Espacio, Tiempo y Forma, Serie II, H.ª ANTIGUA*, 1992, p.516.

[7] "É sabido que o rei português, quando retirava da praça de Badajoz, atacado pelo genro, fracturou a perna direita, ao bater com ela no ferrolho de uma porta. Ficou a sofrer da perna. Entre os físicos da época, teria aparecido um, crê-se que residente ou mesmo natural de Lafões, que teria aconselhado as águas." in António Nazaré Oliveira, "Termas de S. Pedro do Sul (Antigas Caldas de Lafões)", 2002, p.29.

Henriques - e o lugar onde este se inseria, além "doutros privilégios, (...) o rei conquistador elevou também essa vila e concelho à categoria de "Couto do Reino"[8]. Por ter tido uma utilização contínua desde a sua fundação primitiva, no século I d.C., e até aos finais do século XX, e por ter sofrido constantes obras de remodelação e sucessivas apropriações ao longo séculos[9], o edifício assumia, nos finais do século XX, uma estrutura extramente complexa e de difícil perceção, agravada pelo seu avançado estado de abandono e degradação.

Decorria o ano de 2004 quando a Câmara Municipal de São Pedro do Sul, juntamente com o IPPAR, assinou o protocolo "para recuperar as ruínas [do balneário romano], [e a] criação de um centro interpretativo e uma loja"[10], sendo lançado, em 2005, o concurso público para a concepção do projeto de *Conservação, valorização e reabilitação das Termas Romanas de São Pedro do Sul*, e do qual se viria a destacar a proposta do Atelier João Mendes Ribeiro, pela *ideia* de uma "intervenção mínima necessária para a (...) utilização e correcta percepção"[11] do conjunto edificado. O sentido *minimalista* desta intervenção foi necessariamente assente num trabalho de profundo conhecimento do edifício existente e das suas fases construtivas, à luz da conceção interpretativa da arqueóloga Helena Frade, que orientou os trabalhos de escavação das termas romanas de São Pedro do Sul entre os anos de 1985 e 1992 e que deu o verdadeiro impulso ao seu estudo, numa nova perspetiva em relação às primeiras campanhas dos anos 50 do século XX.

No entanto, e já no decorrer das obras de *reabilitação* das termas romanas, entre o verão de 2017 e o inverno de 2019, alguns foram os novos elementos que surgiram e que implicaram um novo conjunto de acompanhamento arqueológico, dirigidos pelos arqueólogos Marcelo Mendes Pinto[12] e Maria Pilar Miguel dos Reis[13] (coorientadora da presente investigação).

Estes novos trabalhos vieram, em parte, confirmar os dados expostos pelas campanhas arqueológicas do século XX, no entanto, revelariam, também, uma série de novos dados que resultaram, em primeiro lugar, na reformulação da leitura interpretativa da arqueóloga Helena

---

[8] Aristides de Amorim Girão, "Antiguidades Pré-históricas de Lafões. Contribuição para o estudo da arqueologia de Portugal", 1921, p. 9.

[9] Grande parte destas obras seriam financiadas pelos monarcas portugueses que a São Pedro do Sul vieram a banhos: "Dado que os Romanos ou antes deles os Lusitanos fossem autores da fundação primeira, não deixamos ao nosso primeiro Rei o Senhor D. Afonso Henriques a do edifício que hoje se vê nos Banhos de Alafoens e corresse com a obra de D. Fernando Pedro. Assim o testemunham uns letreiros de letra gótica que em muitas pedras se acham em toda a obra: sobre o oratório do Banho e nas pedras do arco há duas desta sorte P.º (uma só letra). No camarote grande, para a parte do Rio, que é a banda do norte, em duas pedras A.V (numa só letra) e na esquerda (sinal) está o nome de Afonso e em um arco que faz dois camarotes no pé da escada por onde se desce para o banho estão muitos F.P., que querem dizer Fernando Pedro. Ficando assim por acabar esta obra, veio o Senhor Rei D. Manuel e vendo a falta de um Hospital, mandou que se fizessem alguns aposentos e foram os da varanda do pátio, sobre cuja porta estão as suas armas e dotou o Hospital com um Reguengo, a que chama Celeiro, segundo o foral que o dito Senhor mandou passar e está na mão do escrivão da Câmara do Couto e Vila do Banho." in Cristóvão Moreira de Figueiredo, "As termas de S. Pedro do Sul" in *Actas e Memórias do I Congresso Nacional de Arqueologia realizado em Lisboa de 15 a 20 de Dezembro de 1958*, 1958, p. 64.

[10] SIPA (http://www.monumentos.gov.pt/Site/APP_PagesUser/SIPA.aspx?id=4294), consultado no dia 14 de dezembro de 2018.

[11] João Mendes Ribeiro, "Termas de S. Pedro do Sul. Memória descritiva", 2016.

[12] Arqueólogo e investigador Integrado CITCEM (Centro de Investigação Transdisciplinar "Cultura, Espaço e Memória", Faculdade de Letras da Universidade do Porto).

[13] Arqueóloga e investigadora CEAU (FAUP) e do Centro de Estudos Clássicos e Humanísticos (UC).

Frade e, por sua vez, numa sucessiva revisão das opções dos projetos de arquitetura e arquitetura paisagista até ao final da obra, através do trabalho conjunto entre João Mendes Ribeiro e João Gomes da Silva). Estes novos elementos foram também o mote para o desenvolvimento da presente investigação, através da qual acreditamos ter dado um novo contributo na aproximação às origens da fundação romana do edifício das termas de São Pedro do Sul, no sentido de continuidade do estudo e trabalho de e interpretação da arqueóloga Helena Frade e num importante trabalho de interdisciplinaridade entre a arquitetura e a arqueologia.

Organizámos a presente dissertação em três partes. Na **primeira parte**, procuramos o enquadramento do caso de estudo, a sua condição espacial e cronológica na região, a sua relação com as vias e com os aglomerados antigos mais próximos e as circunstâncias que foram motivando a sua conservação, valorização e reabilitação. Fazemos uma leitura do particular [*balneum*] para o geral [a região de *Lafões*], baseando-nos nos elementos da pesquisa documental que procurámos recolher, sistematizar e analisar. Enquanto *matéria de projeto*, e para o entendimento do que é, nos dias de hoje, a estrutura das termas romanas de São Pedro do Sul, é essencial a aproximação à sequência histórica do edifício, enquadrando o que se sabe sobre o caso de estudo e construindo a sua cronologia no tempo e lugar[14]. A leitura sequencial dos dados das campanhas arqueológicas decorridas durante o século XX e o cruzamento com a documentação mais antiga sobre o local, como plantas e fotografias, permitem-nos determinar uma linha histórica mais segura. Da sua tipologia (de utilização de águas mineromedicinais), traçamos as linhas orientadoras para a perceção do *sítio* onde veio a ser fundado o balneário termal romano, assim como o seu contexto político-geográfico, numa estreita relação com o vizinho Castro do Banho e a sua inserção na rede viária do território da Hispânia romana.

Na **segunda parte**, de natureza interpretativa do caso de estudo, procuramos, através da conjugação dos vestígios arqueológicos, dar um *sentido às ruínas* de cronologia romana e avançar com algumas possibilidades de interpretação (inclusive tridimensional) do balneário primitivo, expressas através do exercício de desenho e construídas ao longo da investigação, numa lógica de "compreender o invisível, [e] desvendar o sentido dos fragmentos"[15]. Este exercício de investigação, através do desenho, surge no sentido de "compreender que antes do edifício houve um projeto, um desenho, que reunia a vontade de um dono de obra e de um arquitecto"[16] e, neste caso específico, levou-nos a repensar e a (re) desenhar o projeto original das duas fases de construção da estrutura termal romana: o edifício da fundação tiberiana - entre 14 e 54 d.C. - e a sua reconstrução do período Flávio, entre 98 e 17 d.C.[17].

---

[14] "Estudar um sítio com uma ocupação ininterrupta de quase vinte séculos é já por si só um trabalho complicado. Mas se esse sítio é um estabelecimento termal, em que por um lado, o desgaste natural provocado pela continuada utilização leva a que sejam feitos pequenos arranjos e, por outro lado, o crescente número de utilizadores torna necessário o alargamento do espaço balnear, com a consequente construção de dependências que se vão adoçando à estrutura primitiva, respondendo assim às exigências imediatas, aumentam pois os problemas relativos à correta interpretação e correlação cronológico-cultural do conjunto". in Helena Frade e José Beleza Moreira, "*A arquitectura das termas romanas de S. Pedro do Sul*", 1992, op. cit., p.520.

[15] Ana Tostões, "Poesia e verdade. When art becomes life", in *João Mendes Ribeiro: 2003-2016*, 2016, p. 5.

[16] Maria Pilar dos Reis, "De Lusitaniae Vrbium Balneis: Estudo sobre as termas e balneários das cidades da Lusitânia", 2014, p.17.

[17] Consideramos os intervalos históricos definidos pelos arqueólogos Marcelo Mendes Pinto e Maria Pilar Reis no

Do edifício primitivo, lançamos uma proposta da sua organização espacial e funcional, com base nos vestígios atribuídos a esta primeira fase e fundamentada pelos cânones do império romano – o *pes monetalis* como medida base e as lições de arquitetura e da arte de bem construir[18]. Esta proposta permitiu-nos também estabelecer relações diretas entre o balneário romano e o traçado da sua envolvente e que daria origem ao traçado medieval da antiga Vila do Banho. A leitura do edifício Flávio, pelo estado de conservação dos seus vestígios, especialmente pelas paredes que ainda conservam grande parte da sua estrutura original, de entre os "registros deixados nas paredes por uma porta que se abre, uma janela que se entaipa, um muro que se encosta a um outro mais antigo, ou um arco que se modifica"[19], e que nos permitiram um aprofundamento muito maior em relação ao primeiro edifício, no que toca à interpretação tridimensional da estrutura, permitindo a reconstituição do sistema de cobertura, assim como uma grande clareza na distribuição funcional dos compartimentos e da sua decoração que, certamente, daria a este edifício um carácter único.

Na **terceira parte**, demonstramos uma vontade pessoal de aprofundamento nas questões da intervenção e reabilitação em contextos patrimoniais, através da leitura crítica da intervenção contemporânea de João Mendes Ribeiro e João Gomes da Silva, neste edifício das termas romanas. O entendimento do edifício enquanto *memória* construída das várias épocas porque passou é o que nos permite compreender o seu sentido enquanto *matéria* de um dos principais exercícios de projeto em arquitetura: a ruína como condicionante de projeto, sendo ela própria parte do material expositivo. Percorrer o espaço do edifício e a própria ruína (a quarta dimensão) torna-se assim "vital para que o visitante possa sentir o espaço de uma maneira consciente e fazê-lo viver"[20].

O estado de conservação do edifício romano é também um dos princípios determinantes do projeto de *Conservação, valorização e reabilitação das termas romanas de São Pedro do Sul* e que levou, desde logo, a equipa de projeto à "recuperação das características mais marcantes do ambiente do período romano"[21], recorrendo a uma linguagem muito simples. "Para JMR ordenar é mais do que organizar. Organizar é estabelecer finalidades. Ordenar é dar sentido às coisas"[22]. Este *ordenar* prende-se, inevitavelmente, com a capacidade de unir as diferentes escalas e tempos do complexo termal, de forma que a nova arquitetura não se imponha ao antigo existente, mas sim que se torne o elemento condutor para a perceção da intervenção como um todo, dando destaque à presença da ruína e ao seu valor.

---

decorrer dos trabalhos arqueológicos e descritos no Relatório Final dos Trabalhos de Valorização Conservação e Reabilitação das Termas Romanas de São Pedro do Sul (2017/2018).

[18] Expressas por Vitrúvio no seu "*Tratado de arquitetura*".

[19] Helena Frade e José Beleza Moreira, "A arquitectura das termas romanas de S. Pedro do Sul", 1992, op. cit., p. 520.

[20] João Mendes Ribeiro, "Projeto de valorização, reabilitação e conservação das termas romanas de S. Pedro do Sul. Programa de trabalhos, metodologia e conceito de intervenção",in *Boletim Cultural Vila Nova de Famalicão*, III série, nº6/7, pp. 125-134, 2010, pp.127-128.

[21] João Mendes Ribeiro, "Termas de S. Pedro do Sul. Memória descritiva", 2016.

[22] Ana Tostões, 2016, op. cit., p.6.

Figura 3: Pormenor da fachada nascente do complexo

Parte I

Matéria de Projeto

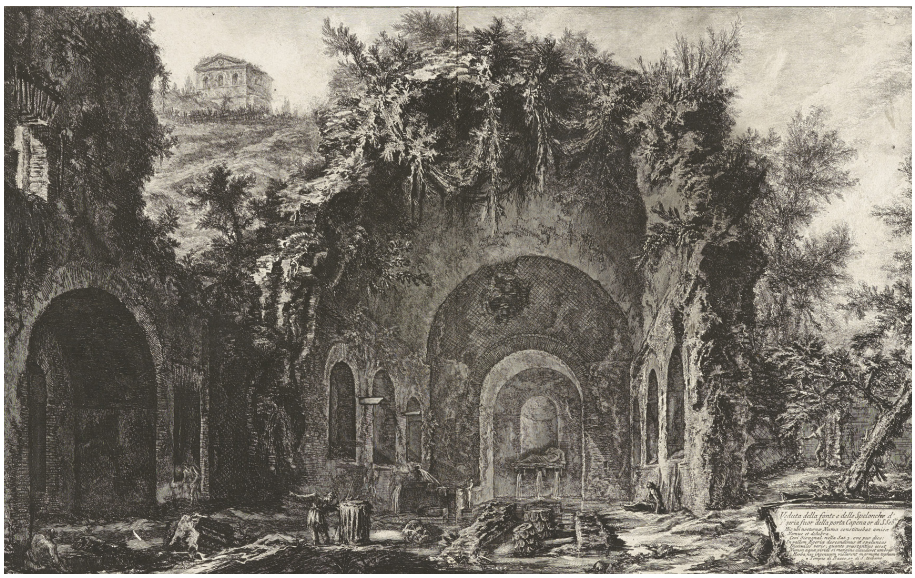


Figura 4: *Fonte e Spelonche dÉgeria fuor della porta Capena*, Giovanni Battista Piranesi, (1720–1778).

Figura 5: Interior do interior do Templo de Diana, Nimes, Hubert Robert (1771).

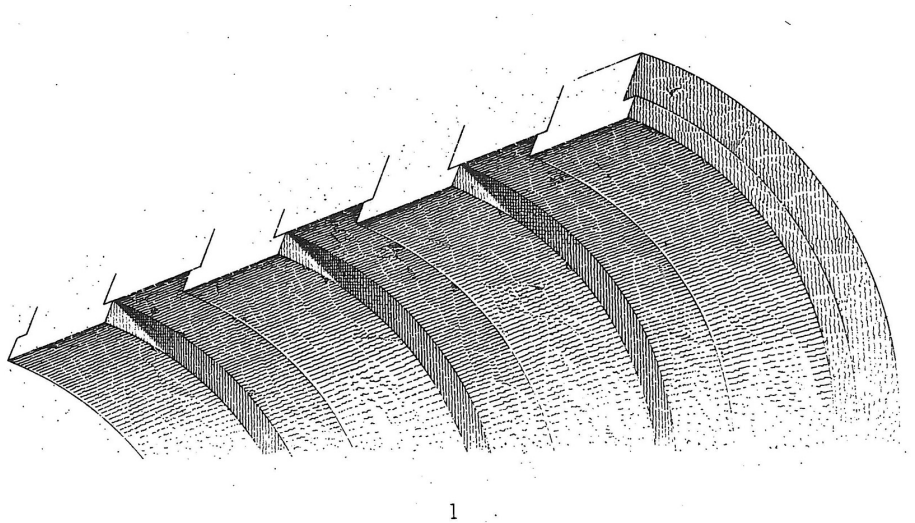


Figura 6: "Baines de Diane a Nimes", estudo da construção da abóbada do Templo de Nimes, França, Auguste Choisy (1876).

1. O valor da ruína[23]

"O principal interesse em estudar a ruína, prende-se com o facto de continuarmos a ver a disciplina como a síntese de problemas antigos e novos, entre a citação e a inovação."[24]

As ruínas inspiraram, ao longo dos séculos, o imaginário das mais variadas áreas. O interesse que lhes foi atribuído, especialmente no decorrer dos séculos XVIII e XIX, revelou-se particularmente fértil na criação de representações e ilustrações de edifícios abandonados e arruinados na paisagem. O imaginário de Giovanni Battista Piranesi (1720-1778), pelo registo dos monumentos antigos de Roma (figura 4), ou Hubert Robert (1733-1808) nas suas ilustrações dos templos arruinados (figura 5) e em completa desordem expressam, de forma muito clara, o fascínio das artes barrocas pelo enigma e o gosto romantizado pelas ruínas.

Este interesse viria a ser decisivo também na promoção da arqueologia, com o crescente entusiamo na procura dos "tesouros arqueológicos" e que, em boa verdade, se tornaram fundamentais enquanto meio conhecedor da arqueologia. No século XIX as descobertas multiplicaram-se com extrema rapidez, embora o estudo dos monumentos se tratasse somente do seu ponto de vista estético, ignorando o seu "esqueleto", do ponto de vista construtivo e da engenharia da construção. Auguste Choisy (1841-1909), historiador e professor de arquitetura na École Nationale des Ponts et Chaussées, dedicou-se, já nos finais do século XIX, ao estudo das estruturas dos monumentos antigas romanas, do ponto de vista da sua construção[25] (figura 6), lançando importantes bases teóricas para a compreensão da construção romana ao longo do século XX e no século XXI[26].

Desta época (século XIX), ficaria também o interessante registo da Rainha D. Amélia[27], que "desenhou pórticos, brasões e o antigo edifício das Caldas de Lafões + torre de Vilharigues e do edifício (desaparecido) que ficava entre o balneário antigo e a capela de São Martinho – Casa da Câmara e Cadeia do antigo concelho do Banho"[28]. Datado de 1894, o desenho (figura 7) representa o edifício onde funcionou a Casa da Câmara do Concelho do Banho, atestando que em finais do século XIX este ainda se encontrava construído. Esta gravura constitui um importante

---

[23] A ruína "arquitectura fragmentada, obra do tempo e da história revela-nos sistemas totais e parciais, escala e número, organização tipológica, problemas construtivos, significado do ornamento, norma e variação da norma." In Pedro Alarcão, "Construir na ruína: A propósito da cidade romanizada de Conímbriga", 2009, p. 25.

[24] Pedro Alarcão, 2009, op. cit., p. 25.

[25] "One of the great advantages that Choisy brought to the study of Roman construction was his under-standing of the way materials and structural systems interact." in Lynne C. Lancaster, "Auguste Choisy and the Economics of Roman Construction", in *Javier Girón, Santiago Huerta (eds), August Choisy (1841-1909) l'architecture et l'art de bâtir: (actas del Simposio Internacional celebrado en Madrid, 19-20 de novembro de 2009)*: 307-328, 2009, p. 308.

[26] "His focus on the economics of construction colored the understanding of Roman building throughout the twentieth century and into the twenty-first." in Lynne C. Lancaster, 2009, op. cit., p. 307.

[27] Do álbum de desenhos e aguarelas realizados entre 1893 e 1906 pela Rainha D. Amélia intitulado "*Mes dessins. Mes Endroits Préférés / Art et Archéologie*", publicado em 1928.

[28] Helena Frade, *Um Olhar sobre o balneário romano*, 1999, p.50.

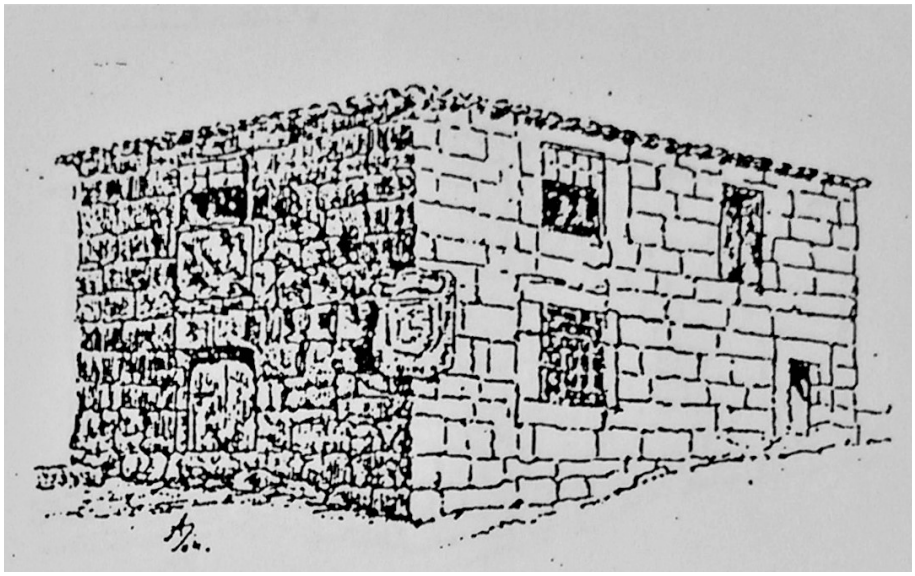


Figura 7: Casa da Câmara do Antigo Concelho do Banho, desenho da Rainha D. Amélia.

Figura 8: Ruínas do *Caldarium* das Termas Estabianas, Pompeia.

Figura 9: Termas romanas das Caldas de Montbui, Barcelona.

contributo para a compreensão da envolvente do balneário romano à época e demonstra de uma forma concreta o interesse dos registos desenhados antigos.

Na disciplina da arquitetura, estes edifícios são importantes meios de conhecimento e que permitem o estudo dos cânones e dos sistemas construtivos difundidos. A "importância do conhecimento histórico"[29] traduz-se exatamente no estudo dos exemplos das construções do passado, as quais chegaram aos nossos dias sob a forma de ruínas, mais ou menos conservadas.

Vitrúvio, no Tratado de Arquitectura, refere a importância das experiências e dos "modos de fazer"[30] dos seus antepassados, para, quando necessário, ser feita a adequada adaptação das técnicas antigas à sua realidade contemporânea. Os romanos foram, de facto, os que, de uma forma mais direta, souberam recorrer à experiência do mundo grego para, com ela, darem um passo à frente na sua civilização. Exemplos como as ruínas dos edifícios da cidade romana de Pompeia, em Nápoles, Itália (figura 8), ou as termas romanas de Montbui, em Barcelona (figura 9), são importantes instrumentos de estudo para a compreensão do mundo romano e da construção das suas estruturas.

Entender a ruína como objeto de investigação, que se centra num período histórico específico e lembrando que a cidade romana obedecia a determinadas normas estandardizadas, documentadas na literatura antiga e confirmadas pelos exemplos das inúmeras estruturas construídas, o trabalho de interpretação é de, certa forma, facilitado. A fundamentação em cânones tipológicos e construtivos largamente difundidos, permitem assim, mais facilmente, avaliar o "modelo" adotado e a sua forma de aplicação. O estudo dos exemplos permite também ressaltar a grande capacidade de adaptação à especificidade de cada lugar, característica dada pelas inúmeras variações à "regra".

2. O sítio

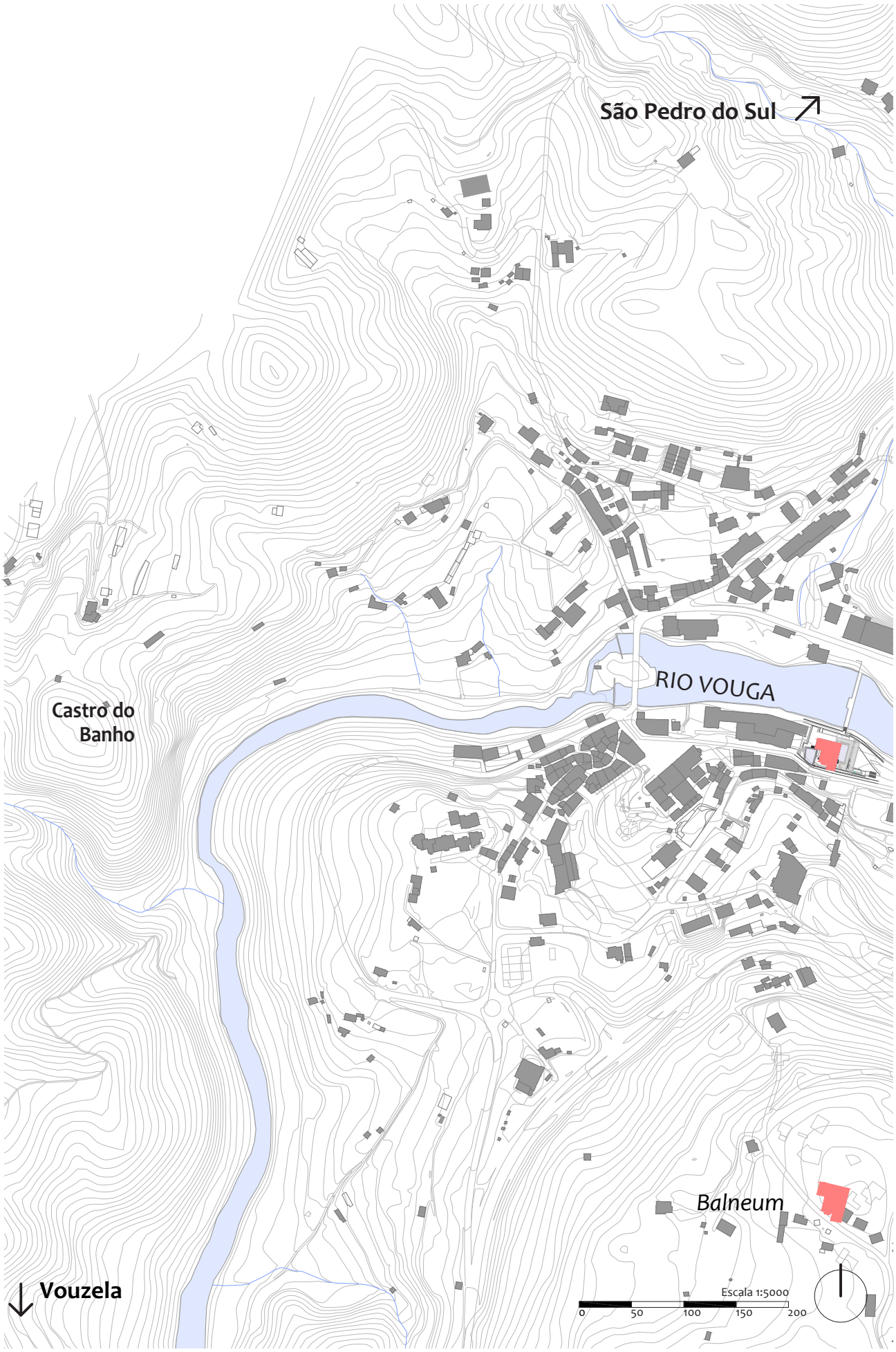
"A ocupação romana de um local era motivada, em grande parte, pelos fatores que levaram povos anteriores a fixar-se nessa determinada área"[31].

A região de *Lafões*, ou *Alafões*, como é referida nos documentos medievais antigos, corresponde ao trecho da região centro do território português, em pleno coração da beira-alta e que constitui uma das áreas mais encravadas da região hidrográfica do rio Vouga. No vale definido, a norte, pelo conjunto das serras de São Macário, da Arada e da Freita – o chamado *Maciço da Gralheira*- e, a sul, pela serra do Caramulo, correspondente aos atuais municípios de Oliveira de Frades, São Pedro do Sul e Vouzela, o rio Vouga é o principal curso de água que atravessa e divide

[29] M. Justino Maciel, *Vitrúvio, Tratado de arquitectura*, 2006, p.31.

[30] "(…) diariamente, os homens estivessem por natureza dispostos a imitar e a aprender, gloriando-se das suas descobertas, mostravam uns aos outros os acabamentos dos edifícios e, exercitando assim em competições as suas capacidades, progressivamente atingiam os melhores resultados." In M. Justino Maciel, 2006, op. cit., pp.71-72.

[31] Margarida Alves, *Aquae Flaviae: a ruína como imagem de cidade,* 2015, p.73.



Desenho 02: A região de Lafões na envolvente próxima ao *balneum*

a região e em cujas margens se erguem cabeços abruptos, com posição dominante sobre as linhas de água e os antigos caminhos da transumância.

No decorrer do século II a.C., os romanos alcançariam a região de Lafões e sob o seu domínio construir-se-ia o *balneum*, na margem direita do rio Vouga, na parte do terreno mais plana (desenho 02), possibilitando a utilização e a exploração das águas termais que ali perto nasciam, concorrendo de forma significativa para a fixação da população. A toponímia do lugar das atuais Termas de São Pedro do Sul - "*Banho*, *Caldas de Alafões*, *Thermas da Rainha D. Amélia*, *Termas de S. Pedro do Sul* são as designações por que a localidade foi passando, ao longo dos séculos"[32] - demonstra, de forma muito clara, a constante referência aos espaços dedicados aos banhos termais e é certo que "aos romanos se deve o primeiro nome da localidade: *Balneum* > *Banneu* > *Baneo* > *Banho*"[33]. Como veremos na Parte II (*O sentido da ruína*), esta estrutura termal romana será o ponto de partida do desenvolvimento do núcleo urbano que se viria a desenvolver na idade média, lançado os princípios para que, mais tarde, o *Banho* se tenha tornado na "primeira localidade da Região de Lafões a alcançar categoria municipal"[34].

2.1. O castro do Banho

"Se o sítio das termas não corresponde a um aglomerado urbano, este poderá ter sido o vizinho castro do banho, distante escassas centenas de metros"[35].

A região norte do território português aparece intensamente marcada pelo estabelecimento de pequenos povoados anteriores à ocupação romana e variados vestígios como "cavernas, grutas, antas, antelas, mamoas, menhires, penedos balouçantes e castros pré-históricos foram identificados na região de Lafões, numa afirmação categórica de ela ter sido habitada por povos pré-históricos"[36]. Boa parte dos aglomerados populacionais desta região, sobretudo nas zonas mais elevadas, tiveram a sua origem em castros. As suas posições, mais ou menos destacadas, estariam em tudo relacionadas com o carácter defensivo estas ofereciam, assim como a proximidade aos rios eram meios determinantes quer na sua defesa, quer na sua subsistência e comunicação. A relação a estes primeiros povoados – os chamados castelos[37] - é também uma das justificações para o termo *Lafões*, cuja palavra de origem árabe – *Alafões* – significa "os dois irmãos"[38], e que corresponderiam aos dois povoados castrejos de maior dimensão deste território – o *Monte Lafão* (sensivelmente na cota 601 m de altitude) e a *Senhora do Castelo* (na cota 538 m de altitude)[39]. As representações antigas (figura 10) representam de forma clara a imponência e o destaque que o último teria nesta região.

---

[32] A. Nazaré Oliveira, *Termas de S. Pedro do Sul (Antigas Caldas de Lafões),* 2002, p. 13.

[33] Ibidem.

[34] A. Nazaré Oliveira, *Termas de S. Pedro do Sul (Antigas Caldas de Lafões),* 2002, pp. 69.

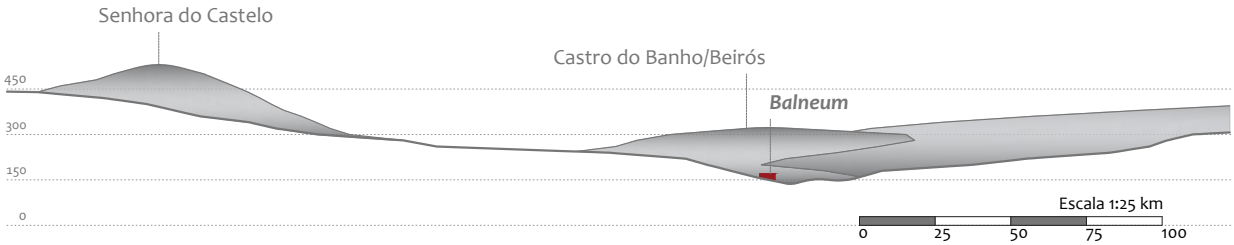
[35] Jorge de Alarcão, *Nova história de Portugal, volume I,* 1990, p.380.

[36] Eduardo dos Santos, *As termas de S. Pedro do Sul (Achegas para a sua História)*, 1972, p. 4.

[37] Entenda-se que o termo "castelo" é o utilizado como o diminutivo de castro.

[38] "O nome *Alafões* (…) deriva (…) de uma palavra árabe que significa "os dois irmãos", qualitativo dado a dois castelos fronteiros situados perto de Viseu." in Amorim de Girão, *Antiguidades Pré-históricas de Lafões,* 1921, pp. 4-5.

[39] "Sobre os dois cabeços proeminentes aos quais no nosso caso se atribui essa designação, e que são bem evidentes na Carta Corográfica, ficavam dois desses redutos ou fortalezas. Com efeito, no monte Lafão (601 m.) são ainda evidentes os vestígios de muralhas, e no seu parceiro, o da Senhora do Castelo (538 m.)" in idem, p.5.



Desenho 03: Relação altimétrica entre os povoados castrejos mais próximos do *balneum*

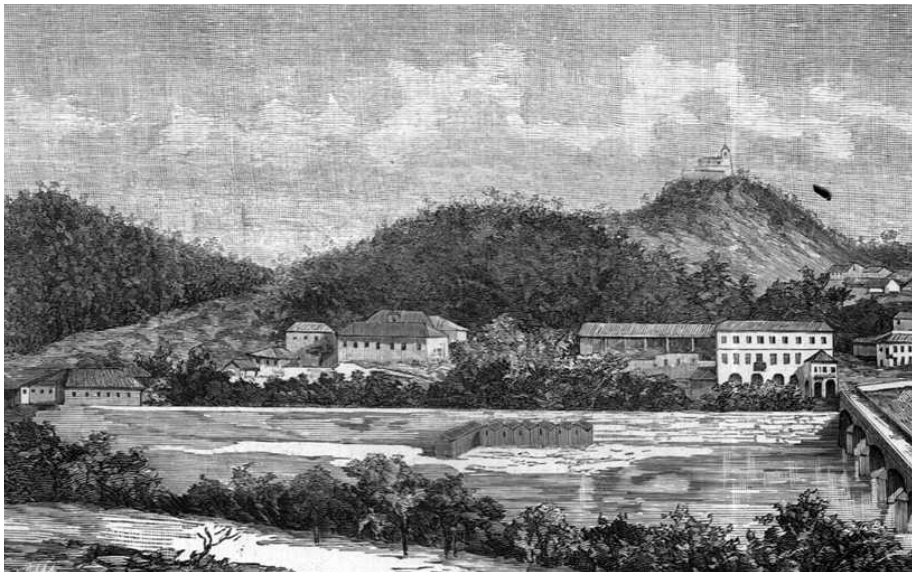


Figura 10: "As Caldas de São Pedro do Sul", ilustração de Manuel Raymundo Valladas, 1884, com a "Senhora do Castelo ao fundo e o balneário romano em baixo, à esquerda.

Figuras 11 e 12: Estruturas na encosta de Ferreiros, possivelmente pertencentes ao Castro do Banho, na encosta de Ferreiros, fotografias de 2021.

É provável que algumas destas estruturas tenham sido abandonadas enquanto outras surgiam e se formavam, da mesma forma que, a determinada altura, algumas delas terão sido definitivamente abandonadas e as populações terão descido para os vales, para a proximidade do rio, por este representar o seu principal meio de abastecimento e escoamento de produtos, mas sobretudo pelo clima de paz que se vivia, não sendo já necessário o sistemas arcaicos de proteção[40], razão pela qual os "novos estabelecimentos lançados pelos romanos [se] localizam (...) quase todos numa cota inferior a 500m"[41] (Desenho 03).

"É crível que a povoação do *Banho* tenha as suas origens mais remotas no pequeno Castro de Beirós"[42], ou do Banho, como é mais vulgarmente conhecido, localizado no atual lugar de Ferreiros e em posição de esporão sobre o vale do rio Vouga, sendo que "Dista das termas uns 750m em linha recta, mas uns 2km seguindo um percurso ao longo das margens do rio"[43].

Fernando Russel Cortez escreve que "Esta ruína castreja sita junto da confluência do ribeiro de Beirós com o rio Vouga, na margem direita e junto das Termas de S. Pedro do Sul, é um curioso *especimen* de povoado pré-romano, que manteve até muito tarde, até aos tempos medievais, as suas características, se bem que influenciado foi, e bem profundamente, pela suntuária romana. É muito curiosa e pouco vulgar a forma como foi aproveitada a natureza vistosa do terreno e a sua inclinação para a construção das casas, que são parcialmente abertas na fraga, encastradas no terreno"[44].

Nos anos cinquenta do século XX, o castro do Banho seria parcialmente escavado por João Manuel Bairrão Oleiro, Amorim de Girão, José Coelho e Fernando Cortez, tendo estes identificado e descrito "mais de 30 estruturas habitacionais de planta predominantemente circular, algumas ovaladas e ainda [outras] quadrangulares"[45] e que corresponderiam, sobretudo, a "casas de habitação, em parte talhadas na rocha e dispostas em socalcos"[46] da povoação proto-histórica do *Banho*. A referência a estruturas de planta retangular e o aparecimento de algumas "Moedas de Constantino (306-367 d.C.), de Constante (333-350 d.C.) e outra talvez de Galiano revelam a continuidade de povoamento"[47] e são o indicador de que, à época da fundação romana do balneário de São Pedro do Sul, este Castro sido determinante na estratégia de romanização desta região e levam-nos a crer que este terá sido mantido em utilização pela sua num ponto altamente estratégico sobre o território, e em especial sobre a via que ligaria o *balneum* ao

---

[40] "Boa parte das povoações lafonenses, sobretudo nas zonas mais elevadas, tem a sua origem em castros ou encontram-se nas vizinhanças de algum reduto castrejo abandonado de que, por vezes, um topónimo é o que resta de tão recuados tempos. Alguns dos antiquíssimos castros foram abandonados e as populações desceram para os vales, sobretudo para as proximidades dos rios." in A. Nazaré Oliveira, "*Termas de S. Pedro do Sul (Antigas Caldas de Lafões)*, 2002, p.163.

[41] João Inês Vaz, *A civitas de Viseu - Espaço e sociedade*, 1993, p. 483.

[42] Eduardo dos Santos, *As termas de S. Pedro do Sul (Achegas para a sua história)*, 1972, p. 5.

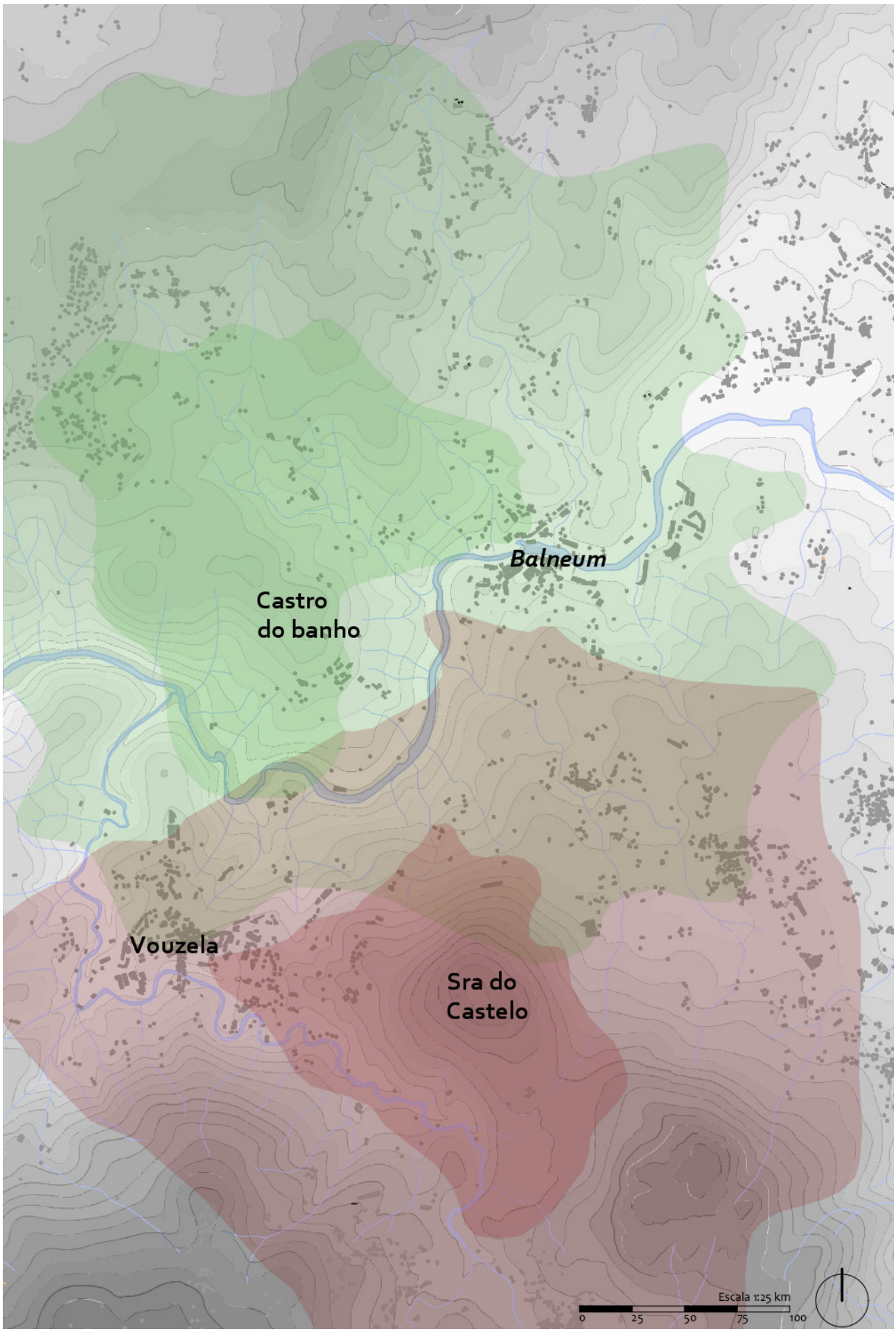
[43] Maria Pilar Reis e José Marcelo Mendes Pinto, *Valorização Conservação e Reabilitação das Termas Romanas de São Pedro do Sul, Trabalhos Arqueológicos 2017/2018, Relatório Final,* 2019, p.88.

[44] Fernando Russel Cortez, *Da terra sigillata tardia encontrada em Portugal*, 1951, p. 23.

[45] Eduardo dos Santos, *As termas de S. Pedro do Sul (Achegas para a sua história)*, 1972, p.5.

[46] Ibidem.

[47] Eduardo dos Santos, *As termas de S. Pedro do Sul (Achegas para a sua história),* 1972, p.5.



Desenho 04: As áreas de influência dos Castros do Banho e Senhora do Castelo

restante território - a Calçada romana do Vau.

A posição deste castro, como referimos de esporão e encaixado sensivelmente na cota 200m e a localização do balneário junto à margem do rio, pela cota 150m, estabeleceria uma relação de dualidade entre o último e uma possível estrutura habitacional permanente no referido castro, ou como local de apoio e pernoita para estadias mais prolongadas nas termas. João Luís Inês Vaz considera a Senhora do Castelo de Vouzela, possível estrutura castreja e muito próxima do Castro do Banho (Desenho 04) como "um importante aglomerado secundário. Com ele se deveriam relacionar as estações que se situam na sua base e (...) deveríamos (...) considerar este como mais importante devido ao seu sistema defensivo e área ocupada"[48], sendo o povoado do Banho, "no limite do território de uma hora[49] (…) um aglomerado urbano terciário"[50]. Para esta hierarquia contribui também a sua relação altimétrica (Desenho 03), ocupando a Senhora do Castelo uma posição na cota de 470m e o Banho, a cota 200m de altitude, sendo parte das suas respectivas áreas de influência coincidentes (Desenho 04) e os seus limites dados pela "separação natural dos territórios, o rio Vouga[51].

A construção do balneário romano, no limite da área de influência do Castro do Banho e muito próximo dos limites do Castro da Senhora da Castelo, poderá ser um dos claros indicadores das relações interdependentes que se terão estabelecido entre, pelo menos, estas três estruturas: o castro da Senhora do Castelo, o castro do Banho e o *balneum*, admitindo que "também (…) [os] indígenas romanizados dos castros vizinhos (…) de Pinho (SPS), da Ucha (SPS) e de Paços de Vilharigues (V)"[52], fariam uso destas águas medicinais. Esta relação castro-*balneum* é também a clara evidência do processo de romanização e aculturação dos povoados castrejos na região de Lafões. Infelizmente, em nenhum momento foi efetuado um levantamento rigoroso da área do Castro do Banho que possibilitasse, por um lado, a confirmação das estruturas enumeradas pelos historiadores anteriormente referidos[53], cuja perceção atualmente, é muito dificultada pela vegetação que as cobre, e, por sua vez, uma abordagem de forma mais concreta, que possibilite o seu estudo.

[48] João Luís Inês Vaz, *A Civitas de Viseu - Espaço e Sociedade*, 1993, p.536.

[49] Cada castro teria o seu território de exploração direta, sensivelmente num raio de 5km, o correspondente, à época, a uma hora de viagem.

[50] "O povoado do Banho, com as estações 107 e 108 mesmo no limite do território de uma hora é um aglomerado urbano terciário localizado entre as Termas de Lafões e a via romana que conduzia ao litoral, via PIII". In João Luís Inês Vaz, *A Civitas de Viseu - Espaço e Sociedade,* 1993, p.536-538.

[51] João Luís Inês Vaz, *A Civitas de Viseu - Espaço e Sociedade*, 1993, p. 541.

[52] Jorge Adolfo de Meneres Marques, *Vouzela Património Arqueológico - sítios e rotas*, 1999, p.39.

[53] "Há umas dezenas de anos foram ali feitas escavações cujo espólio se perdeu praticamente todo" in João Luís Inês Vaz, *A Civitas de Viseu - Espaço e Sociedade*, 1993, p. 105.

Desenho 05: A divisão administrativa da Hispânia romana

Desenho 06: A via VXI (*Olisopo-Bracara*) e a via m.p. LX (*Talabriga-Vissaium*)

2.2. A via Vissaium-Talabriga[54]

"A rede de estradas era o serviço romano mais eficiente"[55].

O processo de romanização da península, num período de lenta e completa adaptação às novas leis, costumes e modos *vivendi* dos romanos, por parte dos povos conquistados, ficaria marcado por várias reformas administrativas e novas divisões territoriais (Desenho 05), ao mesmo tempo que, até certo ponto, se foi perpetuando a individualidade dos povoados primitivos. A sistematização viária levada a cabo pelos romanos, assente na continuidade das fronteiras dos povoados castrejos, levaria à construção de uma rede de estradas contemporânea à conquista e à movimentação dos exércitos e passando pela construção de pontes (em pedra ou madeira) sobre os cursos de água de maior dimensão, numa ação de hierarquização dos sistemas de informação, pessoas e bens.

À época da ocupação romana, o caminho entre Viseu e o litoral farse-ia junto do *balneum*, inserido no extremo ocidental norte do território da *civitas de Vissaium* e numa "zona-tampão entre o litoral e o interior e ao mesmo tempo o ponto de mais fácil passagem e por isso mesmo aproveitado desde há muitos séculos como estrada comercial e civilizacional"[56]. Viseu, enquanto capital de civitas, ocuparia uma posição central na nova divisão da Hispânia romana de Octavio César Augusto (Desenho 05). A sua posição estratégica entre o rio Vouga, ou Vaccua[57], e o Mondego, ambos os rios navegáveis, à época, constituindo-se importantes vias de comunicação, "a meio caminho entre o mar e a meseta"[58], darlhe-ia as melhores qualidades para o seu desenvolvimento enquanto centro administrativo da Lusitânia. Jorge de Alarcão atribui a fundação de *Vissaium* ao processo de definição das novas unidades político-administrativas criadas por Augusto, nos inícios do século I[59]. Terá sido também nessa mesma época que, com mais afinco, se afirmou a rede viária da Hispânia, tendo "Viseu (…) sido escolhida, desde a sua fundação, como ponto de partida para a contagem das milhas"[60], tornando-se uma importante "rótula" na distribuição do sistema viário da Lusitânia.

Do núcleo urbano desta cidade, sairiam quatro vias distribuidoras principais, entre as quais a *via m.p.L.X.* que atravessaria a região de Lafões, para depois alcançar o litoral e onde, em *Talabriga*, cruzava a via XVI (Desenho 06), importante via de comunicação entre *Olisipo* e *Bracara*. Segundo João Inês Vaz, esta via teria sido construída "no tempo do imperador Cláudio,

---

[54] Jorge de Alarcão acerca de Talabriga refere o "problema da localização de Talabriga, abordado por vários autores, designadamente por Alves Pereira, sem conclusão definitiva, A situação de Talabriga nas imediações do rio Vouga (Vacua, na Antiguidade) parece a mais provável. Talvez o Cabeço do Vouga (…) corresponda a essa cidade". In Jorge de Alarcão, *O domínio romano em Portugal,* 1988, p. 89.

[55] Leonardo Benevolo, *"História da cidade"*, 1999, p. 174.

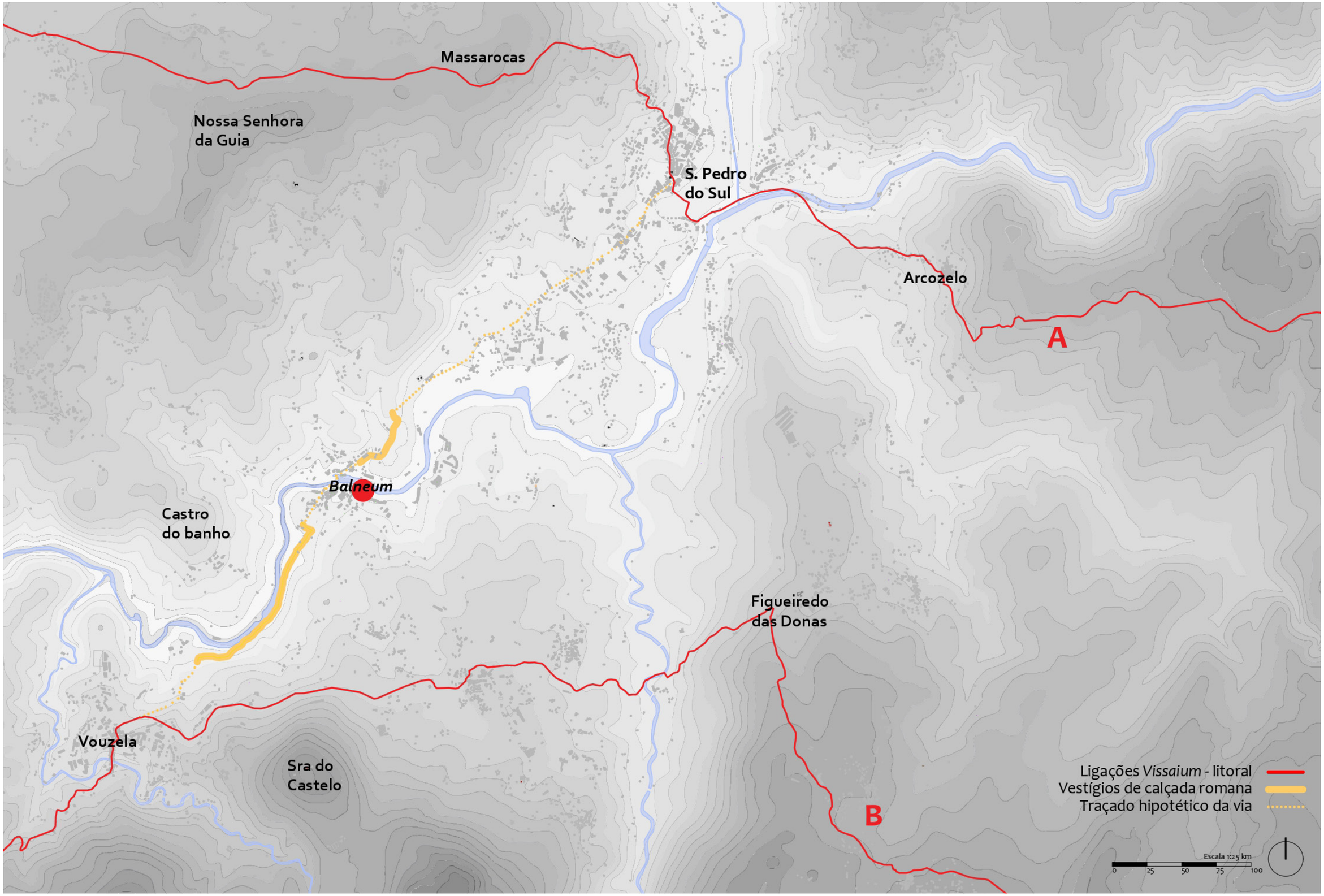
[56] João Luís Inês Vaz, *A civitas de Viseu - Espaço e Sociedade*, 1993, p.327.

[57] O termo *Vaccua* é utilizado por Estrabão para designar o rio Vouga, Plínio faz a referência a *Vacca* e Ptolomeu a *Vaccum*. Maximiano Pereira da Fonseca e Aragão. *Vizeu: Apontamentos históricos,* 1894-1895, p. 26.

[58] João Luís Inês Vaz, *A civitas de Viseu - Espaço e Sociedade*, 1993, p.346.

[59] "Durante o domínio romano, a região de Lafões integrou a civitas de Viseu, uma das novas unidades político-administrativas criadas pelo imperador Augusto, nos inícios do século I." Jorge Adolfo de Meneres Marques, *Vouzela Património Arqueológico - sítios e rotas*, 1999, pp.40.

[60] João Luís Inês Vaz, *A Civitas de Viseu - Espaço e Sociedade*, 1993, p.343.



Desenho 07: Relação da calçada romana do Vau com as *mutatios*, em São Pedro do Sul (cidade) e Vouzela

pelo ano 54"[61] e, uma vez atingindo a atual vila de São Pedro do Sul, "desviava-se para nordeste, em direção à Senhora da Guia"[62] (Desenho 07-A). No entanto, "dentro da área da vila de S. Pedro do Sul, (...) recebia um ramal vindo de sul, das Termas, próximo do trajeto da estrada actual"[63] e que, seguindo pela Senhora do Castelo, alcançaria Vouzela. Os itinerários das vias romanas em Portugal[64] confirmam-nos estes traçados, em grande parte coincidentes com a leitura de Jorge Adolfo de Meneres Marques e que nos dá conta da existência de duas vias que, de Viseu, atravessariam a região de Lafões: uma por São Pedro do Sul - a "estrada do rio Trouço"[65] (Desenho 07-A) - e outra por Vouzela: a "estrada do estanho"[66] (Desenho 07-B).Considerando "a lentidão dos transportes da época"[67], as vias estariam suportadas por uma rede de *mutatios* ou *mansiae*, ou seja, "uma estalagem ou estação de muda onde viajantes e animais pudessem descansar"[68]. As vilas de São Pedro do Sul e Vouzela[69], constituir-se-iam então, à época, como as *mansiae* detas estruturas viárias[70], isto é, as estruturas de apoio aos viajantes localizadas nos principais nós viários e através das quais evoluíram alguns núcleos urbanos.

2.2.1. A calçada romana do vau

"O Balneum e a Via Romana Águeda-Viseu, que passa pelas Caldas, são os dois padrões que restam in loco e conhecemos da acção aí desenvolvida no período da Romanização"[71].

Helena Frade, em 1985, constatou que os vestígios de balneários romanos de águas mineromedicinais "estão situados, normalmente, junto dos eixos viários importantes. Uma vez que a localização das nascentes decidia o local da construção do edifício termal, poderemos perguntar se as estradas não terão também sido planeadas de modo a servirem

[61] Idem, p.378.

[62] Idem, p.377.

[63] Ibidem.

[64] Disponíveis em www.viasromanas.pt.

[65] "A Via que designamos por "estrada do rio Trouço", por acompanhar este rio, saía da cidade [Viseu], no sentido norte/noroeste e passava por Abraveses, Pascoal, Moselos, Bodiosa, Gumiei, Lufinha e Arcozelo até alcançar as margens do rio Vouga, nas imediações de S. Pedro do Sul. Atravessava a ponte sobre aquele rio e, pouco depois, a estrada alcançava S. Pedro do Sul onde se bifurcava, respetivamente para oeste, seguindo em direção às termas romanas, e para norte, prosseguindo pelo Alto das Maçarocas, Penso, Stª Cruz da Trapa, Gralheira, Serra da Gravia e Manhouce." Jorge Adolfo de Meneres Marques, *Vouzela Património Arqueológico - sítios e rotas,* 1999, p.40.

[66] "Esta, que denominámos "estrada do estanho", saía de Viseu por noroeste, passava em Orgens, serra do Crasto, Pereiras, Caria, Carvalhal do Estanho e Figueiredo das Donas. Descia à ribeira de Ribamá, transpondo este curso de água na Ponte Pedrinha, seguindo por Fataúnços até Vouzela." Jorge Adolfo de Meneres Marques, *Vouzela Património Arqueológico - sítios e rotas,* 1999, p.40.

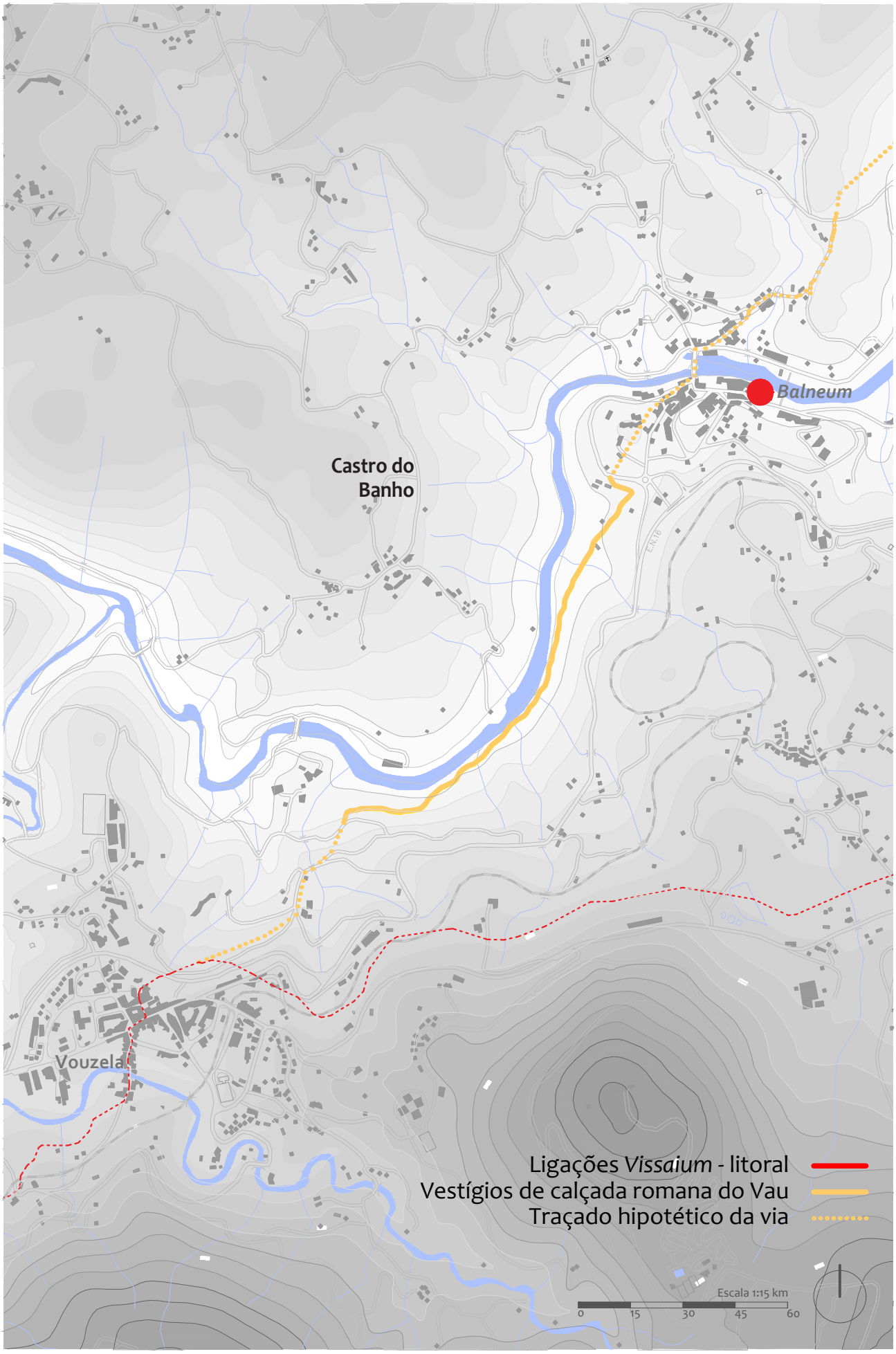
[67] Jorge de Alarcão, *História da Arte em Portugal,* 1986, p.98.

[68] Ibidem.

[69] "Vouzela foi, na época romana, um importante eixo de ligação entre o litoral e a civitas de Vissaium. Por aqui passariam duas vias principais, de que se conhecem diversos marcos miliários, um deles, atribuído ao século III, integrado na coleção do Museu Municipal de Vouzela (miliário de Vouzela, milha XVIII). Para além dos vestígios epigráficos, alguns deles existentes em afloramentos, pouco mais se conhece sobre as características do povoamento romano, uma vez que não existem dados provenientes de escavações arqueológicas de sítios de fundação romana ou localizados nas áreas de vale." Manuel Luís Real, António Faustino Carvalho e Catarina Tente, *Projeto de estudo do património Histórico-arqueológico de Vouzela (Viseu): Objetivos e primeiros resultados,* 2017, p.115.

[70] "Em muitos casos, no decorrer dos denominados nós viários - *caput viae* - encontravam-se as *mansiae*, estruturas de apoio aos viajantes; em alguns destes, da *mansio* evoluiria a cidade pela importância, enquanto ligação entre dois polos estruturantes". in Margarida Alves, *Aquae Flaviae: a ruína como imagem de cidade,* 2015, p. 30.

[71] Domingos de Pinho Brandão, *Arqueologia Lafonense: Inscrições Romanas do Balneum de Lafões,* 1959, p.233.



Desenho 08: O traçado da calçada romana do Vau

esses locais?"[72] A legitimação das duas vias anteriores – a estrada do rio Trouço e a estrada do estanho (A e B - Desenho 07) no sistema viário da Hispânia romana e os vestígios do traçado da calçada romana do Vau orientaram o nosso ponto de vista neste sentido (Desenho 08). Como referimos, os utilizadores dos balneários medicinais não seria somente a população reside na sua envolvente próxima, sendo que grande parte dos mesmos, como acontece nos dias atuais, viria de núcleos habitacionais mais ou menos afastados. A sua construção seria definida pela localização da nascente de água termal e, como tal, as vias de comunicação, especialmente as estradas, constituíram-se importantes meios nestas deslocações.

Em 1921, Amorim de Girão fazia já referência a uma estrada que em Vouzela "dividia-se em dois ramos, um dos quais [seguia] pela Serenada, Vau, Banho (onde atravessava o Vouga) e S. Pedro do Sul [onde] se dirigia (…) em direcção ao norte"[73]. Ora, a existência de um troço de calçada romana, junto à margem direita do rio Vouga, no lugar designado por Vau das Caldelas (desenho 08), com uma extensão de cerca de 1,5km, dá-nos a evidência da construção desse "ramo", ou seja, a via secundária conhecida por "estrada do peixe" ou "estrada velha", por ser frequentemente utilizada pelos almocreves que abasteciam de sardinha as povoações do interior. A calçada romana do Vau faria então a ligação entre as *mutatio*[74] de Vouzela e de São Pedro do Sul (vila) passando, e acreditamos que não por acaso, junto do balneário romano, o qual se encontra "equidistante das Vilas de S. Pedro do Sul e Vouzela, a cerca de 3 quilómetros de cada uma"[75], o correspondente a cerca de 2,1 milhas romanas[76].

Esta via, com aproximadamente 5 metros de largura, é constituída por grandes blocos de granito solidamente imbricados[77] (figuras 13 e 14) e poderá corresponder a uma das vias da rede viária principal, a qual João Inês Vaz classificou[78] em função da larguras das mesmas e tendo as vias da rede principal, segundo o autor, normalmente, mais de 4 metros de largura, aumentando a sua dimensão nas curvas, para possibilitar uma melhor circulação dos carros. Na outra margem do rio, paralelamente à calçada romana e seguindo também o movimento da margem do rio encontramos um "caminho vicinal"[79], que corresponderá ao caminho de acesso ao castro do Banho. A definição do traçado desta via terciária terá, com certeza, motivado a construção da ponte sobre o Rio Vouga (que relacionamos na Parte II) e terá constituído uma considerável mais-valia para os utilizadores das termas, quer os viajantes quer a povoação residente, facilitando a sua relação e promovendo uma ligação entre as duas margens do rio.

---

[72] Helena Frade, *As termas medicinais da época romana em Portugal,* 1990, p.895.

[73] Amorim de Girão, Aristides de Amorim Girão, *Antiguidades Pré-históricas de Lafões. Contribuição para o estudo da arqueologia de Portugal*, 1921, p.7.

[74] Ver Manuel Luís Real, António Faustino Carvalho e Catarina Tente, *Projeto de estudo do património Histórico-arqueológico de Vouzela (Viseu): Objetivos e primeiros resultados,* 2017, p.115.

[75] A. Nazaré Oliveira, *Termas de S. Pedro do Su (Antigas Caldas de Lafões)*, 2002, p. 13.

[76] 1 milha romana, correspondente a 5000 pes romanos, diz respeito a cerca de 1418 metros.

[77] João Luís Inês Vaz (in *A civitas de Viseu - Espaço e Sociedade*, 1993, pp.485) atribui a pavimentação das vias em lajes, especialmente nas encostas ou nas zonas muito baixas, como o caso da calçada romana do Vau, às vias das redes principais. A colocação das pedras transversalmente à largura da via, estarão, provavelmente relacionadas com o método construtivo da calçada, evitando o deslizamento das lajes. Funcionaria também como sistema de travamento contra a derrapagem das rodas das carroças, em subidas mais íngremes, e a sua estrutura lajeada evitaria possíveis danos provocados pelas inundações, dada a proximidade do rio.

[78] João Luís Inês Vaz, na sua tese de doutoramento em letras – *A civitas de Viseu - Espaço e Sociedade,* 1993, pp. 485.

[79] Como indica o mesmo autor, para as construções mais precárias de 2 a 2,5 metros de largura.

Figuras 13 e 14: Vestígio da Calçada romana do Vau na margem direita do rio Vouga, no percurso entre as termas e Vouzela.

Figura 15: Vista da Calçada romana do Vau a partir do lado oposto do rio Vouga.

Figuras 16 e 17: Estrutura que sofreu, ao longo dos tempos, inúmeras modificações, vulgarmente conhecida como "nascente tradicional", junto do Balneário Rainha D. Amélia.

2.3. A fonte termal

''Os indícios mais antigos na área das Termas Romanas foram um pequeno conjunto de material recolhido durante uma acção de limpeza da Fonte Velha''[80].

As evidências do aproveitamento das nascentes de águas mineromedicinais remontam aos tempos mais remotos dos aglomerados populacionais, especialmente traduzidas nas estruturas dos balneários da civilização castreja e nas suas difundidas Pedras Formosas[81]. Na região de Lafões, e no que às águas mineromedicinais diz respeito[82], não há o registo deste tipo de estruturas, no entanto, admite-se que o povoado mais antigo do *sítio* – o Castro do Banho – fizesse uso das nascentes de águas quentes[83] da região. Terão sido os romanos, a partir da experiência de utilização das águas curativas dos seus antepassados, que aprimoraram a sua forma de exploração e desenvolveram o *balneum*[84], para o máximo aproveitamento das capacidades terapêuticas destas mesmas águas e que, pela localização da sua nascente "condicionaram a escolha deste local para nele se construir o primigénio edifício termal, numa ampliação do vale do Vouga, antecipando a insurgência termal onde se criou uma esplanada natural, a suficiente distância da fonte, permitindo o seu arrefecimento natural para nela se poder banhar"[85], ditando de forma significativa as premissas da sua estrutura, organização e funcionamento, isto é, a sua arquitetura.

Na fonte natural de água termal, a escassos 170m do balneário romano, conhecida por *Nascente Tradicional*, ou *Fonte Velha* (figuras 16 e 17), terá sido instalado o "único exemplo de construção sobre nascente na zona galaico-lusitana [com] vapores de aguas hipertermais (a 69º) utilizaram-se em edifício abobadado em época romana"[86] e descrito nos documentos antigos como "O banho seco [que] é uma pequena casa de abóbada por modo de uma guarita, em que cabem oito pessoas assentadas. Esta pequena casa é situada sobre a fonte de água quente e

---

[80] Maria Pilar Reis e José Marcelo Mendes Pinto, *Valorização Conservação e Reabilitação das Termas Romanas de São Pedro do Sul, Trabalhos Arqueológicos 2017/2018, Relatório Final,* 2019, p.88.

[81] As Pedras Formosas constituem-se como, tal como o nome indica, uma pedra de grandes dimensões, geralmente decorada em baixo relevo. Estaria localizada no interior das balneários castrejos e que, através de uma pequena abertura, dariam acesso ao compartimento destinado aos banhos e a vapores quentes dos mesmos.

[82] As águas mineromedicinais distinguem-se das águas minerais naturais principalmente pela temperatura da sua nascente, que nasce a uma temperatura superior à do ambiente. Esta condição confere-lhe determinadas propriedades físico-químicas, tornando-as terapêuticas e com capacidade de cura de várias doenças.

[83] Vitrúvio considera que "Toda a fonte quente, porém, é medicinal, porque, uma vez aquecida, recebe para os males físicos uma virtude nova, da qual nós usufruímos. Na verdade, as fontes sulfurosas, aquecendo e queimando completamente com os seus calores os maus humores dos corpos, restauram as fadigas nervosas". in "Vitrúvio.Tratado de Arquitetura", Tradução de M. Justino Maciel, Livro VIII,Capítulo III, 4., p. 301.

[84] "El valor y la trascendencia de estas aguas [mineromedicinais], tanto para la población indígena como para los posteriores habitantes del territorio, fomentará la creación de entidades poblacionales en torno a estas fuentes o manantiales, identificadas por la toponimia latina como ciudades Aquae (Aquae Flaviae – Chaves, Portugal -, Aquae Tarbellicae – Dax, Francia-, Aquae Sulis – Bath, Inglaterra-, Aquae Calidae – Caldas de Malavella, Girona, España-; Aquae Celenis – Caldas de Reis, Pontevedra, España-, entre muchos otros), que posteriormente reconoceremos en poblaciones actuales con nombres como: Caldelas, Caldas, Baños o Alhama (en el caso del castellano); Bagnères, Bains; Aix (en francês), Baden (en alemán) o Bath (en inglés), por citar algunos ejemplos." In Silvia González Soutelo, *Los establecimientos termales en el mundo clássico. (Parte II). In Los orígenes del Termalismo*,p. 36.

[85] Maria Pilar Reis e José Marcelo Mendes Pinto, *Valorização Conservação e Reabilitação das Termas Romanas de São Pedro do Sul, Trabalhos Arqueológicos 2017/2018, Relatório Final,* 2019, p.6.

[86] Silvia González Soutelo, *El valor del Agua en el mundo antíguo,* 2018, p.87.

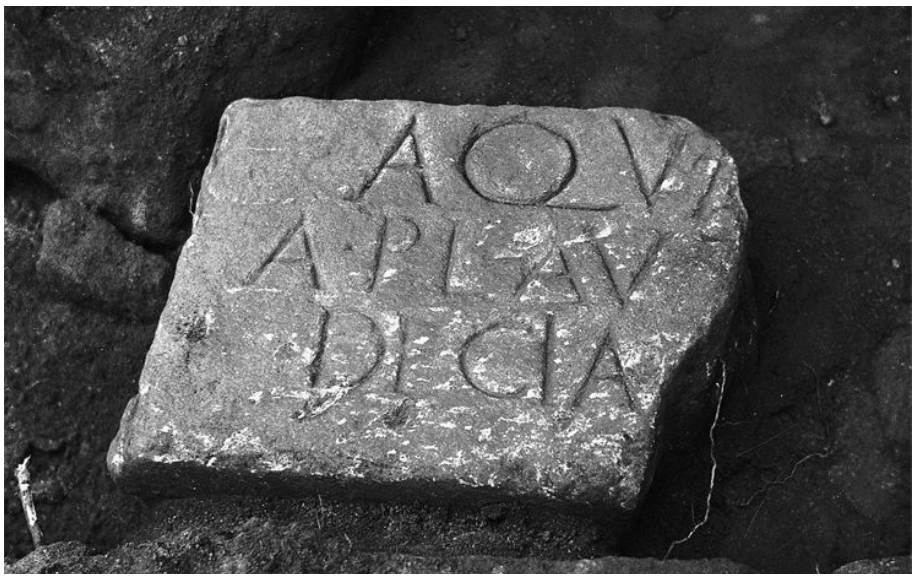
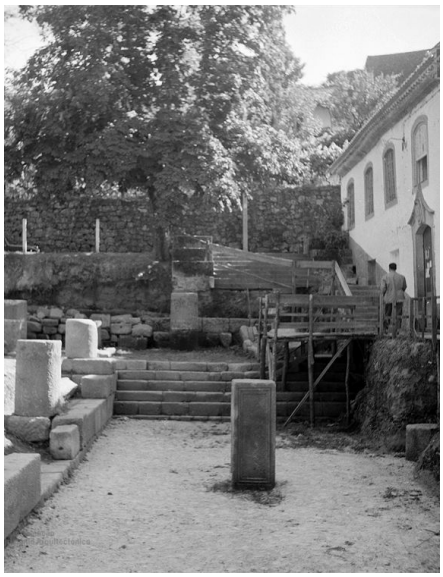


Figura 18: Placa monumental a Aulo Pláucio Dedano *Aquam,* encontrada durante as escavações arqueológicas, fotografia de 1956.

Figuras 19 e 20: Cipo a Mercúrio encontrado durante as escavações arqueológicas, fotografias de 1956.



Figuras 21 e 22: Cipo a Mercúrio no centro da piscina romana exterior, escavações arqueológicas, fotografias de 1958.

com os vapores fuliginosos, que se levantam da fonte, sua o doente"[87].

"No *Balneum* ou nas suas proximidades, foram encontradas algumas lápides com inscrições votivas"[88] (figura 18), sendo uma delas dedicada a Mercúrio (figuras 19 e 20), uma das mais importantes e difundidas divindades do panteão Romano. "Nas termas de Lafões, Mercúrio é *Augusturum* e *Aguaeco*, o exemplo supremo da convivência pacífica entre as divindades indígenas e romanas: Mercúrio, dos Augustos, assume um epíteto perfeitamente local, *Aguaeco*. Se o cognome está, decerto, em relação com o abundante manancial de água sulfurosa que ali brota, poderemos também pensar que Mercúrio foi identificado com a anterior divindade protectora daquelas fontes e daí o epíteto *Aguaecus*? A dedicatória a Mercúrio é um "exemplo acabado da aculturação plena", manifesta na aquisição do direito latino e em toda a onomástica que a inscrição ostenta"[89].

3. O balneário medicinal antigo

"Em escritos mais antigos que vamos encontrar alguns elementos importantes para a compreensão da evolução deste edifício ao longo de vinte séculos"[90].

A construção do balneário medicinal romano de São Pedro do Sul terá sido, certamente, o grande potenciador da fixação da população nesta região. Ainda assim, a "Povoação do Banho cai em decadência após as invasões Bárbaras e a instância termal foi entregue à degradação e abandono"[91], o que terá levado, muito cedo, à sua ruína.

Alguns autores referem que "o Banho seria um montão de ruínas quando ali chegou o Sr. D. Afonso, em 1169. As águas medicinais corriam por toda a parte, abandonadas, sendo transportadas para uma enorme tina de madeira, num casarão em ruínas, pelos próprios leprosos, que aí se chafurdavam numa enorme promiscuidade"[92]. Esta situação será a justificação pela qual D. Afonso Henriques, e para que pudesse usufruir destas águas, tivesse levado a cabo várias obras de remodelação do edifício primitivo, especialmente a repavimentação da piscina romana, em lajes de granito, e a construção de "um camarote real e um oratório"[93], e razão pela qual, durante vários séculos, a fundação primitiva do balneário tenha sido, erradamente, atribuída a este rei, passando a denominar-se "Piscina de D. Afonso Henriques" ou "Piscina Afonsina". Por outro lado, admite-se que "as termas continuaram a ser utilizadas e provavelmente até objecto de algumas intervenções"[94], mesmo antes das da remodelação afonsina, tendo esta última vindo "alterar por completo a vida das velhas Caldas"[95]. "No século IX, ou ainda no VIII, (...) foi construída uma igreja pré-românica. (...) A estrutura religiosa associada às termas terá propiciado

[87] C. J. Moreira de Figueiredo, *As termas de S. Pedro do Sul, in Actas e Memórias do I Congresso Nacional de Arqueologia,* 1958, p. 67.

[88] A. Nazaré Oliveira, *Termas de S. Pedro do Sul (Antigas Caldas de Lafões)*, 2002, pp. 18.

[89] João Luís Inês Vaz, *A Civitas de Viseu - Espaço e Sociedade,* 1993, p. 5??.

[90] Helena Frade e José Beleza Moreira, *A arquitectura das termas romanas de S. Pedro do Sul*, 1992, p.520.

[91] Pedro Alarcão, *O traçado oculto da cidade romana de Tongobriga,* 2014, p. 25-29.

[92] Manuel Barros Mouro, *A região de Lafões (subsídios para a sua história)*, 1996, p. 83.

[93] SIPA (http://www.monumentos.gov.pt/Site/APP_PagesUser/SIPA.aspx?id=4294).

[94] Maria Pilar Reis e José Marcelo Mendes Pinto, "Valorização Conservação e Reabilitação das Termas Romanas de São Pedro do Sul, Trabalhos Arqueológicos 2017/2018, Relatório Final", 2019, p.90.

[95] A. Nazaré Oliveira, *Termas de S. Pedro do Sul (Antigas Caldas de Lafões)*, 2002, pp. 29.

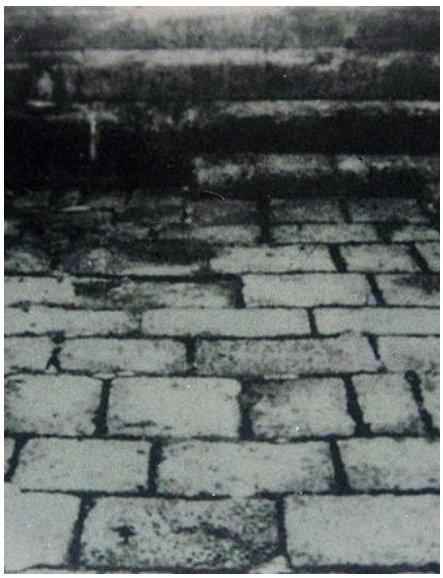


Figura 23 e 24: Piscina de D. Afonso Henriques e respetivo pavimento em lajes de granito.

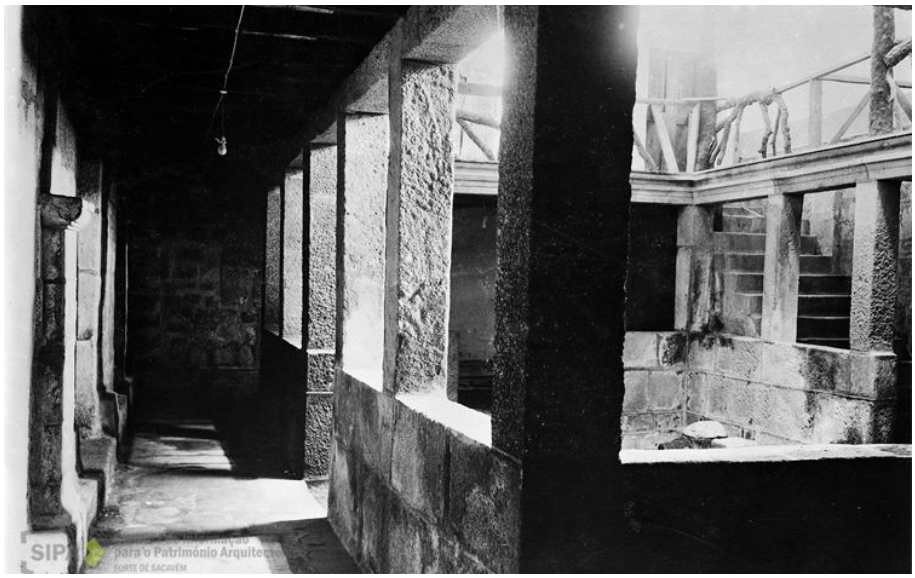
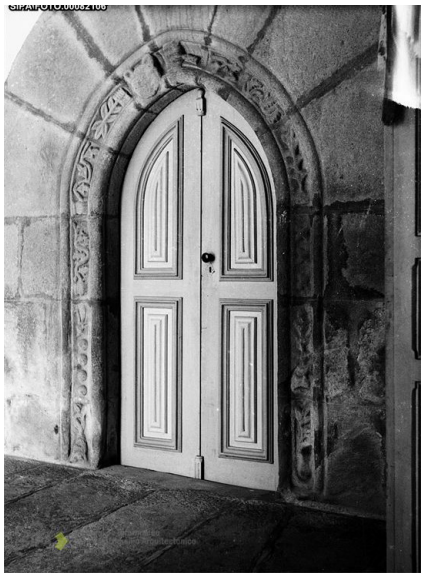


Figura 25: Interior da sala da Piscina de D. Afonso Henriques, 1935.



Figuras 26 e 27: Porta medieval das termas de São Pedro do Sul (à esquerda) e Capela de São Martinho, fotografia de 1957.

a continuação da sua utilização como termas, e que dois séculos mais tarde ainda se mantinham operacionais permitindo a Afonso Henriques e seus filhos de utilizarem as propriedades curativas destas águas"[96].

No decorrer das suas estadias no *balneum* de Lafões, "D. Afonso Henriques mandou construir uma Gafaria, um Hospital para doentes pobres, uns *Estaos* para fidalgos e uns Paços Reais"[97], dando o real impulso para o desenvolvimento do Banho e revelando a falta de estruturas de apoio ao balneário, à época. A referência escrita mais antiga referente ao sítio das Termas encontra-se no *Foral da Vila do Banho*, concedido por D. Afonso Henriques[98], em agosto de 1152. Anos mais tarde, novo impulso seria dado ao sítio das termas de São Pedro do Sul com a instalação do Hospital Real das Caldas de Lafões[99], "começado por este nosso primeiro rei e acabado por D. Manuel"[100]. "A piscina (...) [romana] foi utilizada [e remodelada] por D. Afonso Henriques, mas as obras de remodelação da sala onde se encontra esta piscina dever-se-ão, certamente, a D. Manuel I, no séc. XVI"[101], nomeadamente a abertura da porta medieval no lado nascente (figura 26) e a construção de um varadim sobre a piscina romana (figura 25). Aproximadamente no ano 1508, dar-se-ia a construção da Capela de São Martinho, no lado nascente do edifício romano (figura 27), "sobre as ruínas da antiga igreja pré-românica, como se constata no portal ogival, provavelmente reaproveitado"[102], assim como o ajimez[103] utilizado na construção da sua parede de fundo (figuras 28 e 29).

A primeira representação desenhada (conhecida) deste balneário medicinal de São Pedro do Sul é uma planta esquemática do edifício (figura 30) e que remonta aos finais do século XVII. António Pires da Sylva, na *Chronographia Medicinal das Caldas de Alafoens*, publicada em 1696, faz a descrição da estrutura, em função dos "tipos de banhos e doenças que ali se podem tratar"[104], reconhecendo que ainda "que os Romanos, ou antes deles os antigos Lusitanos fossem authores da fundação primeva, não deixamos de dever ao nosso primeiro *Rey* o Senhor D. Afonso Henriques, a do edifício que hoje (1696) se vè nos banhos de *Alafoens*, & correria com a obra de D. Fernando Pedro"[105]. A planta[106] (figura 30), representa um edifício de configuração retangular, cuja entrada já seria feita pela porta medieval[107] (figuras 26), na fachada nascente

[96] Maria Pilar Reis e José Marcelo Mendes Pinto, 2019, op. cit., p.99.

[97] SIPA (http://www.monumentos.gov.pt/Site/APP_PagesUser/SIPA.aspx?id=4294).

[98] "O primeiro foral das Termas foi concedido por D. Afonso Henriques, em 1152." in A. Nazaré Oliveira, *Termas de S. Pedro do Sul (Antigas Caldas de Lafões)*, 2002, p.10.

[99] "Ficando assim por acabar esta obra, veio o Senhor Rei D. Manuel e vendo a falta de um Hospital, mandou que se fizessem alguns aposentos e foram os da varanda do pátio, sobre cuja porta estão as suas armas e dotou o Hospital com um Reguengo" in Cristóvão Moreira de Figueiredo, As Termas de S. Pedro do Sul, 1958, p. 64.

[100] Eduardo dos Santos, *As termas de S. Pedro do Sul (Achegas para a sua História)*, 1972, p. 23.

[101] Helena Frade e José Beleza Moreira, *A arquitectura das termas romanas de S. Pedro do Sul*, 1992, p.518.

[102] Maria Pilar Reis e José Marcelo Mendes Pinto, *Valorização Conservação e Reabilitação das Termas Romanas de São Pedro do Sul, Trabalhos Arqueológicos 2017/2018, Relatório Final*, 2019, p.100.

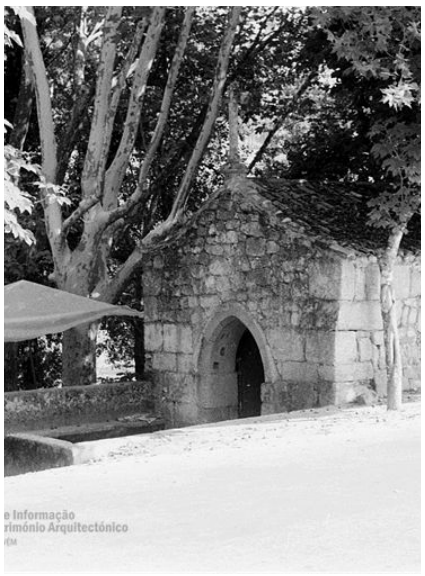
[103] "Para este ajimez Manuel Real aponta uma cronologia do primeiro quartel do século X, sendo esta uma obra artística de influência asturiana." in Maria Pilar Reis e José Marcelo Mendes Pinto, 2019, op. cit., p. 99.

[104] Helena Frade e José Beleza Moreira, *A arquitectura das termas romanas de S. Pedro do Sul*, 1992, p.520.

[105] António Pires da *Sylva*, *Chronographia Medicinal das Caldas de Alafoens*, 1696, p.10.

[106] Reproduzida por A. Nazaré Oliveira e à qual acrescentou os pontos cardeais e confrontações. in *Termas de S. Pedro do Sul (Antigas Caldas de Lafões)*, 2002, p.51.

[107] "Esta porta medieval, românica, é um belo arco apontado em gota, ou pingente, com uma moldura decorada com



Figuras 28 e 29: Vista do portal medieval (1975) e ajimez reaproveitado na fachada tardoz da Capela de São Martinho (1956).

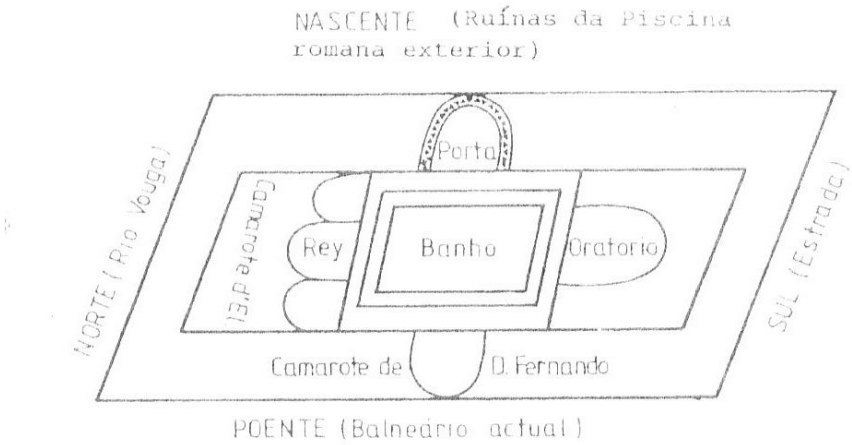
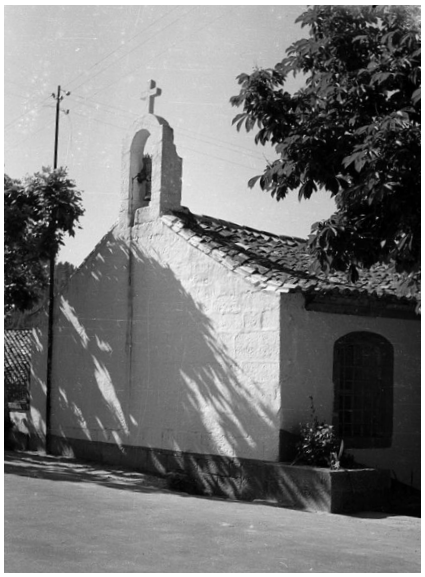


Figura 30: Planta do balneário em 1696. Representação de António Nazaré Oliveira sobre a planta original de António Pires da Silva



Figuras 31 e 32: Cabeceira da Capela de Nossa Senhora da Saúde (1954) e fachada este, onde se fazia o acesso ao interior da mesma (1958).

do edifício romano. Esta porta, ainda existente, dava acesso direto à sala principal do balneário e, por sua vez, à *piscina de D. Afonso Henriques*, (como referimos esta piscina corresponde à reformulação da piscina romana). No lado sul, localizava-se uma abside, onde estaria instalado um oratório provavelmente dedicado a Nossa Senhora da Saúde; no lado poente ter-se-ia instalado o "Camarote de D. Fernando" e a norte o "Camarote D´el Rei" D. Manuel. "A planta não assinala o antigo banho das mulheres, mas *Sylva* descreve-o: seria "*quasi* subterrâneo" e a ele se passaria por uma porta, "nas costas do banho dos homens" e se desceria por uma escada de pedra"[108], sendo que "a piscina dos homens comportaria 40 e mais pessoas; a das mulheres, apenas 8 ou 10"[109]. Por esta altura, estaria já o edifício primitivo convertido no Hospital Real do Banho, cuja fundação e obras necessárias[110] terão sido financiadas por D. Manuel. "A capela de Nª Sr.ª da Saúde foi construída durante o séc. XVIII. A. Pires da *Sylva* a ela não faz referência, mas apenas ao oratório no interior da Sala (...) [da piscina D. Afonso Henriques] dedicado a este mesmo orago. O abade da Várzea, em resposta aos inquéritos paroquiais que integrariam as Memórias Paroquiais de 1758, refere a Sr.ª da Saúde como "sita nas casas do Hospital do Banho", isto é, já estaria em 1732, data em que responde o abade, a capela construída"[111] (figuras 31 e 32), tendo em 1761, o edifício sido atingido por uma das cheias do rio Vouga[112].

No decorrer dos séculos XVIII e XIX, muitas foram as referências às características terapêuticas das águas que alimentavam o antigo edifício das termas[113]. Em 1821, surge uma descrição bastante detalhada da estrutura do balneário, na qual o Dr. Sousa Baptista refere que "o banho geral dos homens tinha de comprido 33 *palmus*, (7,22 metros) e 16 de largo; o particular, 16 de comprido e 8 ½ de largo. A profundidade do banho dos homens era de 2 palmos e a do particular de 2 palmos e uma mão travessa. O tanque do banho das mulheres tinha de comprido 12 palmos, de largura 11 e de fundura 3 ½"[114]. Esta descrição corresponderá à "planta do hospital nascente e vezinhanças das Caldas do Banho, também chamadas de São Pedro do Sul ou de Lafões, levantada por F. F. Farinha em 1816" (figura 33), publicada na "Memória sobre as Caldas de Lafões por Joaquim Batista, sócio correspondente da Academia Real das Ciências de Lisboa, doutor em filosofia, médico de Vouzela"[115]. Esta planta do século

interessantes relevos." in Maria Pilar Reis e José Marcelo Mendes Pinto, *Valorização Conservação e Reabilitação das Termas Romanas de São Pedro do Sul, Trabalhos Arqueológicos 2017/2018, Relatório Final,* 2019, p.22.

[108] A. Nazaré Oliveira, *Termas de S. Pedro do Sul (Antigas Caldas de Lafões)*, 2002, pp. 52.

[109] Eduardo dos Santos, *As termas de S. Pedro do Sul (Achegas para a sua História)*, 1972, p. 26.

[110] "A construção do Hospital Real significou a ampliação do edifício, com um módulo a nascente, junto ao antigo vestíbulo, mantendo o acesso principal por nascente." in Maria Pilar Reis e José Marcelo Mendes Pinto, *Valorização Conservação e Reabilitação das Termas Romanas de São Pedro do Sul, Trabalhos Arqueológicos 2017/2018, Relatório Final*, 2019, p.100.

[111] Maria Pilar Reis e José Marcelo Mendes Pinto, 2019, op. cit., p.25.

[112] Manuel Barros Mouro, A região de Lafões, (subsídios para a sua história), p.85.

[113] "No séc. XVIII, Francisco da Fonseca Henriques [1726] faz uma breve referência a este estabelecimento termal, incidindo sobre as características das águas e a sua utilização terapêutica, sem fornecer grandes elementos quanto ao edifício. No séc. XIX, Francisco Tavares (1810), Joaquim Baptista de Sousa (1740), Francisco da Costa Félix (1877) e António d´Oliveira Mascarenhas (1855) dão-nos uns mais que outros, informações importantes sobre o balneário de S. Pedro do Sul." in Helena Frade e José Beleza Moreira, *A arquitectura das termas romanas de S. Pedro do Sul*, 1992, p.520.

[114] Eduardo dos Santos, *As termas de S. Pedro do Sul (Achegas para a sua História)*, 1972, p. 26.

[115] Arquivo Histórico Militar e publicada in Termas Romanas de São Pedro do Sul, 2021, pp. 28-29.

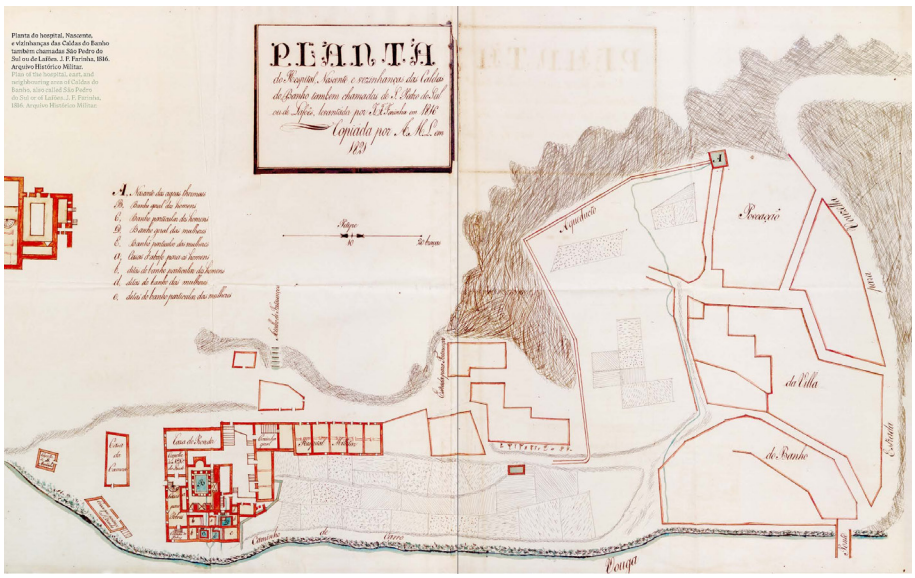


Figura 33: "Planta do Hospital Nascente e vezinhanças das Caldas do Banho", 1816.

Figura 34: Fachada Norte do edifício das termas romanas, à altura da utilização do avançado onde seriam instaladas 11 banheiras, 1935.

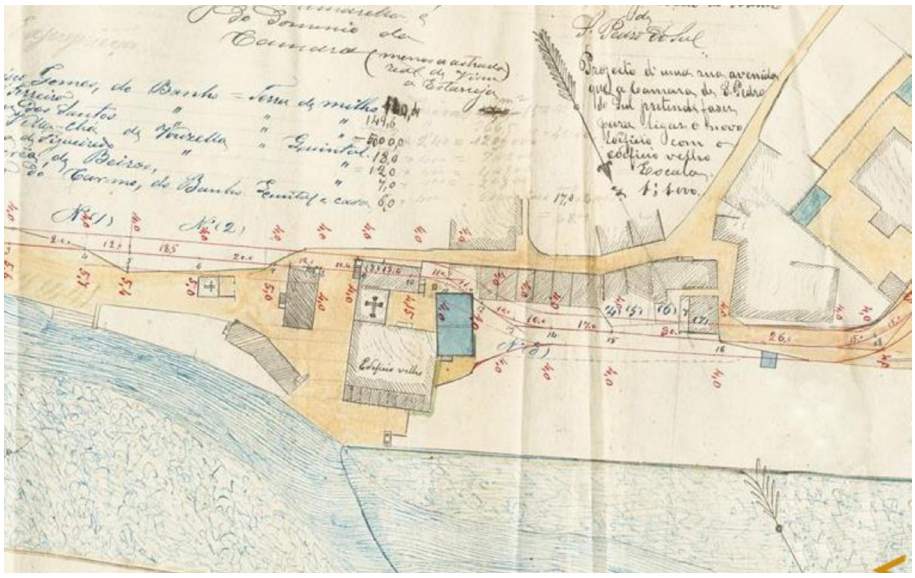


Figura 35: Planta de estudo do traçado da "Nova Avenida" das termas, 1888.

XIX, para além da importância da compartimentação das estruturas do balneário, é primordial na definição do traçado do aqueduto de pedra que traria a água da fonte termal até às piscinas do balneário e ainda a localização aproximada de um dos tanques de arrefecimento dessas águas[116], que necessitavam de ser arrefecidas antes da sua utilização. Desta mesma altura, há referências de que "em 1821 se armavam, durante a estação balnear, no leito do Vouga, junto da Ponte, "barracas de pau e ramos" e para lá se guiavam regos de água sulfúrea, vindo da nascente principal, e regos de água do Rio"[117], ilustradas por Manuel Raymundo Valladas (figura 10). Neste mesmo ano, registar-se-iam dois episódios de grandes cheias no Vouga e na Vila do Banho: na véspera do natal e no no dia 27 de dezembro[118]. Acrescendo às constantes intempéries que o balneário teria de suportar, "Joaquim Baptista de Sousa (…) diz claramente que um dos motivos de degradação constante das [suas] instalações é serem os interiores em madeira, material profundamente afectado pelos vapores das águas sulfúreas"[119].

Poucos anos depois, o edifício terá sofrido novamente alterações ao seu funcionamento "tanto no interior como no exterior. A varanda que corria sobre a porta principal, onde os doentes enxugavam as roupas, foi convertida em três quartos. O oratório foi mudado para uma capela, de Nossa Senhora da Saúde, para a banda do nascente. Separado deste hospital, construiu-se um hospício para soldados doentes. Os tanques das mulheres e dos particulares desapareceram e, em seu lugar, já em 1875 havia 11 aposentos, onde se assentaram 16 banheiras, 4 forradas de azulejo e as restantes de granito, estando 8 em quartos isolados e as outras 8 distribuídas duas a duas"[120]. No decorrer da segunda metade do século XIX construiu-se, na esplanada voltada para o rio, um avançado "a nível térreo, que ocupa toda a fachada norte com 10 vãos protegidos por gradeamento"[121] e onde se encontravam instaladas 11 banheiras individuais. Este avançado encontra-se documentado nas fotografias de 1935 (figura 34) sendo que, por estes anos, ainda se encontrava construído.

"A estadia da Rainha Senhora D. Amélia nas Termas deu lugar a sucessivos melhoramentos nas instalações hidroterápicas e, depois da proclamação da República [1889], outras grandes obras de ampliação ali tiveram lugar, de forma que a frequência de aquistas, apesar de dificuldades conhecidas, vai sempre aumentando"[122]. A procura pelos tratamentos de águas medicinais levaria a que "as instalações do velho Hospital Real, quer em termos de capacidade, quer em termos de funcionalidade, já não satisfaziam as necessidades resultantes de uma crescente

[116] "(...) apesar da grande distância da nascente, as águas precisavam de ser arrefecidas. Para tal se construíram dois tanques, separados do edifício e cobertos de telha vã" in Eduardo dos Santos, *As termas de S. Pedro do Sul (Achegas para a sua História)*, 1972, p. 27.

[117] Eduardo dos Santos, 1972, op. cit., p.32.

[118] Manuel Barros Mouro. *A região de Lafões (subsídios para a sua história)*, p. 85.

[119] Maria Pilar Reis e José Marcelo Mendes Pinto, *Valorização Conservação e Reabilitação das Termas Romanas de São Pedro do Sul, Trabalhos Arqueológicos 2017/2018, Relatório Final*, 2019, p. 102.

[120] Eduardo dos Santos, *As termas de S. Pedro do Sul (Achegas para a sua História)*, 1972, p. 27.

[121] Maria Pilar Reis e José Marcelo Mendes Pinto, *Valorização Conservação e Reabilitação das Termas Romanas de São Pedro do Sul, Trabalhos Arqueológicos 2017/2018, Relatório Final*, 2019, p.27.

[122] C. J. Moreira de Figueiredo, *As Termas de S. Pedro do Sul, in Actas e Memórias do I Congresso Nacional de Arqueologia,* 1958, p. 68.

Figura 36: Piso da galeria sobre a piscina, ainda com o mobiliário que pertenceria à escola primária (1935).

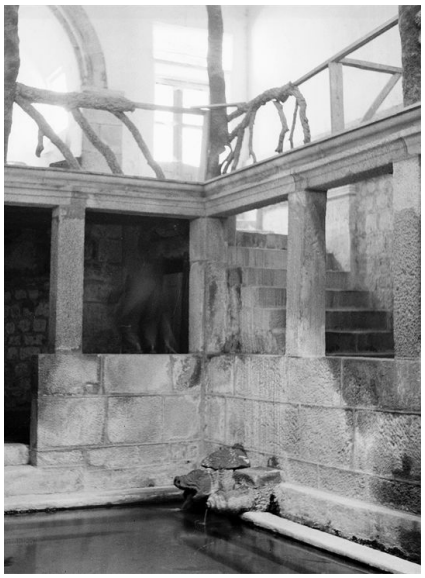


Figura 37 e 38: Vistas da escadaria de acesso e respetiva galeria (1953).

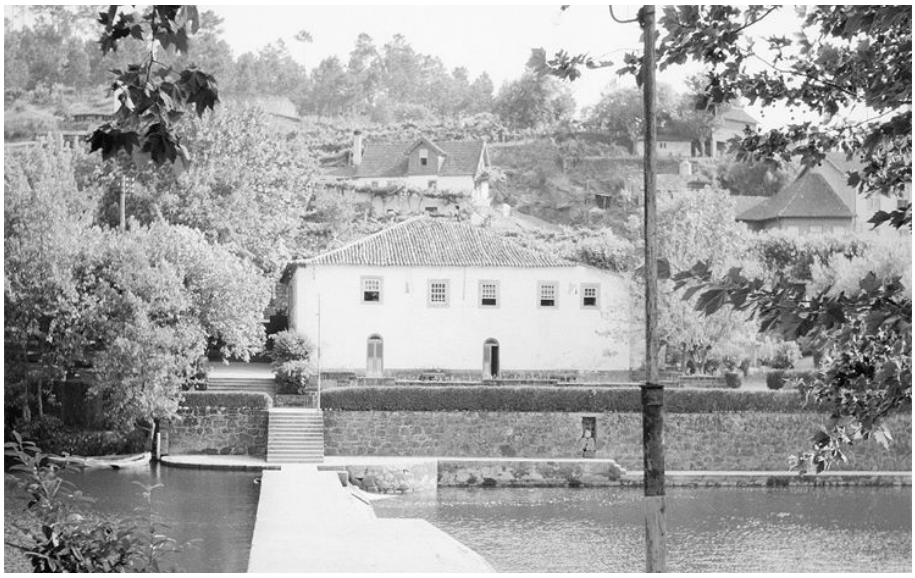


Figura 39: Fachada norte do edifício das termas voltado para o rio Vouga (1953).

frequência das Termas"[123] nos anos seguintes, razão pela qual, em 1884, se iniciaria a construção do Balneário Rainha D. Amélia, na envolvente próxima das termas primitivas. "Decaídas do seu antigo esplendor, durante muito tempo, mercê de circunstâncias várias, o espírito de bairrismo da vereação Municipal de S. Pedro do Sul do ano de 1885 levou a cabo a construção de um Balneário e reedificou a *Casa do Banho Seco* ou seja o banho sobre a nascente termal, em ruínas desde 1808"[124]. O então "estabelecimento dos banhos (...) [seria] susbstituido por um outro que se encontra em construção (...) constituído por um edificio espaçoso composto d´um salão de espera, - de dous quartos com duas tinas forradas d´azulejo em cada um, - d´uma extensa ala onde há doze pequenas camas com sua banheira de granito, cada casa, -e ainda outros compartimentos vedados ao público"[125]. A inauguração do Balneário Rainha D. Amélia, em 1886, ditaria o término da afluência ao edifício antigo, sendo este "praticamente desactivado (...) [e] sendo apenas utilizado para banhos por pessoas de fracos recursos"[126].

Nos finais do século XIX, por volta de 1889, uma parte significativa dos terrenos e construções a sul do balneário medicinal antigo foram comprados para a construção da "Nova Avenida" (figura 35), a atual Rua Central das Termas de São Pedro do Sul. Esta obra, concluída nos inícios do século XX, viria a alterar significativamente a estrutura do balneário, principalmente a fachada sul do complexo que sofreu um corte considerável na dimensão longitudinal da capela, alterando a localização do altar-mor, e no tanque de abastecimento das piscinas do edifício termal, dando-lhe a configuração que hoje conhecemos. A demolição das estruturas existentes entre o Hospital Real e a capela de São Martinho, nomeadamente a Casa da Câmara do Concelho de Lafões e a Casa do Corregedor, "de construção pouco posterior"[127] à primeira, certamente recuará a estas obras de construção da avenida, com grande impacto urbano e que levaram à destruição do traçado antigo entre o edifício primitivo e a Rua do Paço.

Após a desativação da função terapêutica do balneário primitivo e entre os anos de 1931 e 1954, foi aqui instalada a escola primária, que funcionaria com duas salas de aula, no piso superior (figura 36), acessíveis pela galeria que contornava a *piscina de D. Afonso Henriques* (figuras 37 e 38) e a respetiva cantina, no piso inferior. Nos anos 50, parte da estrutura antiga seria convertida em balneário de apoio ao *Termas Okey Club*, após a desativação do anexo das 11 banheiras no lado norte voltado para o rio, já demolido, como nos dão conta as fotografias de 1953 (figura 39). Nestes anos, apesar do estado de alguma degradação na sala da piscina, o complexo ainda preservava a sua cobertura assim como o piso da galeria sobre a piscina (figuras 40 e 41) e a escadaria que, no ângulo sudoeste, permitia o acesso ao primeiro piso (figura 37), tapando as caleiras que alimentavam a piscina. Contudo, as fotografias de 1954, mostram que esta mesma sala já se encontra sem cobertura (figura 42 e 43). Somente no decorrer destes

[123] A. Nazaré Oliveira, *Termas de S. Pedro do Sul (Antigas Caldas de Lafões)*, 2002, pp. 83.

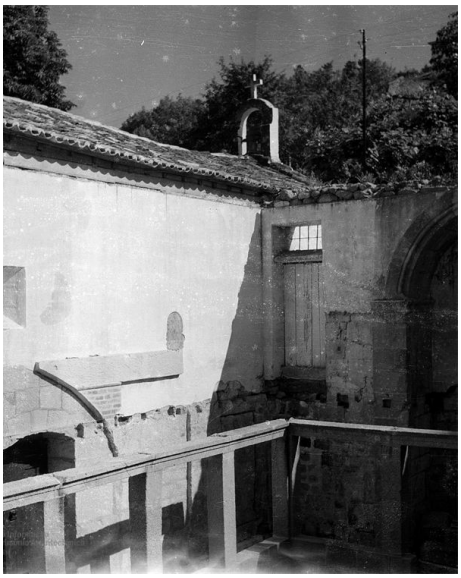
[124] C. J. Moreira de Figueiredo, *As Termas de S. Pedro do Sul, in Actas e Memórias do I Congresso Nacional de Arqueologia,* 1958, p.68.

[125] Citação de Oliveira Mascarenhas, do ano de 1885 in A. Nazaré Oliveira, *Termas de S. Pedro do Sul (Antigas Caldas de Lafões)*, 2002, pp. 65-66.

[126] Helena Frade e José Beleza Moreira, *A arquitectura das termas romanas de S. Pedro do Sul,* 1992, p.518.

[127] A. Nazaré Oliveira, *Termas de S. Pedro do Sul (Antigas Caldas de Lafões)*, 2002, pp. 81.

Figuras 40 e 41: Vistas da galeria do piso superior da sala da piscina (1953).



Figuras 42 e 43: Vistas da sala da piscina sem cobertura (1954).

Figura 44: Vista geral do edifício antigo e Balneário D. Afonso Henriques no seu lado poente (1990).

anos começam a surgir descrições mais concretas sobre a história do edifício antigo e da sua cronologia[128]. O piso superior do varandim e as escadas que referimos anteriormente terão sido, pelo menos em parte, demolidas, tornando evidente a diferença de tratamento das paredes entre os dois pisos. Ainda assim, e já no decorrer dos anos 70, a área da antiga cantina da escola primária desativada daria lugar ao café *Alzirinha*, fazendo uso privilegiado da esplanada voltada para o rio Vouga.

"Nas duas últimas décadas do século XIX, as Termas, em franco desenvolvimento, passavam por uma profunda transformação, tanto no aspecto material como funcional. Entre todos os melhoramentos, avulta a construção de um novo Balneário, que marca o começo da transição das Termas do século XIX para as Termas do século XX"[129]. Por altura das obras de construção do Balneário D. Afonso Henriques, inaugurado no ano de 1987, no lado poente do edifício antigo (figura 44), este último serviria de arrecadação de barcos[130], pela localização estratégica pela proximidade ao rio. As grandes cheias do Vouga de 1995 atingiriam de forma significativa a estrutura do balneário antigo, levando a que o cunhal norte do Hospital Real tenha ruido, ficando "parte da estrutura em risco de colapsar"[131] (figura 45 e 46). Apesar da estrutura se encontrar numa fase de grande degradação, a capela de Nossa Senhora da Saúde, no volume nascente do complexo, continuaria ainda em utilização[132], sendo desativada somente em 1998, aquando da inauguração da nova igreja de Nossa Senhora da Saúde.

3.1. O interesse arqueológico

"Se as mudanças, devidas à reorganização do espaço no edifício termal, fizeram desaparecer bastantes informações sobre a primitiva estructura de origem romana, não foram menos importantes os elementos perdidos durante as escavações efectuadas na década de 50 e das quais não foram feitos os relatórios nem os indispensáveis registros dos trabalhos"[133].

O interesse arqueológico pelo balneário antigo de São Pedro do Sul teria lugar a partir de meados dos anos cinquenta do século passado, despertado em 1947 quando "se procedia à construção de uma escadaria junto do estabelecimento velho, [e] foi achado um

[128] "E a partir do início do nosso século [XX], principalmente a partir dos anos 50, que começam a surgir mais noticias sobre este edifício e as suas origens. João Ferreira de Almeida (1930) faz uma síntese do que se conhece, atribuindo a construção do edifício existente a D. Afonso Henriques. Luis Acciaiuoli (1944: II, 29-31 e III, 298-324; 1952-53: I, 305-307), J. Moreira de Figueiredo (1958 e 1970), Lucena e Vale (1949), D. Domingos de Pinho Brandão (1959) ou Eduardo dos Santos (1967 e 1917), são alguns dos autores que escrevem sobre os vestígios romanos deste local, continuando, no entanto, a atribuir a construção de grande parte do edifício existente a D. Afonso Henriques. Mais recentemente, Gloria Mora (1981: 55) e Jorge de Alarcão (1988: I, 114 e II, 4/110) fazem novas sínteses sobre esta estação. Existe uma última referência ao assunto, já com alguns resultados das escavações, em FRADE, 1990." in Helena Frade e José Beleza Moreira, *A arquitectura das termas romanas de S. Pedro do Sul,* 1992, p.520.

[129] A. Nazaré Oliveira, *Termas de S. Pedro do Sul (Antigas Caldas de Lafões),* 2002, pp. 83.

[130] "O abandono e degradação começou nos anos 80, quando apenas servia de arrecadação de barcos." in Helena Frade e José Beleza Moreira, *A arquitectura das termas romanas de S. Pedro do Sul,* 1992, p.518.

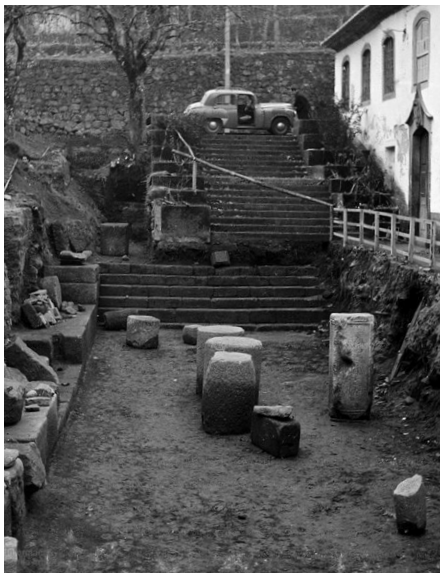
[131] Maria Pilar Reis e José Marcelo Mendes Pinto, *Valorização Conservação e Reabilitação das Termas Romanas de São Pedro do Sul, Trabalhos Arqueológicos 2017/2018, Relatório Final,* 2019, p.17.

[132] Esta permanência da utilização da capela enquanto local de culto, quando o restante edifício começa a dar sinais claros de grande degradação, tem o seu paralelismo com a igreja do Mosteiro de Santa Maria do Bouro, a qual se mantem porque o culto também continua inalterado (valor do uso), sendo que o que já não está em uso entra em ruína porque já não é utilizado.

[133] Helena Frade e José Beleza Moreira, *A arquitectura das termas romanas de S. Pedro do Sul,* 1992, p.521.

Figuras 45 e 46: Destruição do cunhal nas cheias de 1995 (1996).

Figuras 47 e 48: Primeira campanha de trabalhos arqueológicos (1956).



Figuras 49 e 50: Primeira campanha de escavações arqueológicas entre 1956 (à esquerda) e 1957 (à direita).

módulo de uma coluna, que desde logo despertou a curiosidade de todos. A escadaria fez-se, mas não tardou que se empreendessem escavações para pôr a descoberto o que haveria do antigo balneário romano"[134]. A descoberta acidental deste elemento de coluna tornou-se o ponto desencadeador da primeira campanha de escavações arqueológicas no antigo balneário. assim, entre 1956 e 1957, João Manuel Bairrão Oleiro, professor da Universidade de Coimbra e membro da antiga Direção Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais (DGEMN)[135] orientou os primeiros trabalhos arqueológicos que levaram à "Descoberta de uma piscina romana e de vários elementos arquitectónicos (nomeadamente uma série de fustes)"[136] e "capitéis jónicos de grandes colunas"[137] (figuras 47 e 48). Entre 1 de janeiro e 31 de dezembro de 1956, os trabalhos de escavação foram dirigidos por Fernando Russel Cortez e em janeiro de 1957, "toda a piscina já se encontrava escavada, inclusive os degraus sul"[138] (figura 49 e 50). "A piscina ora a descoberto deve ser a de água fria"[139] e, por ter sido a primeira identificada, foi denominada de "piscina P1" por Helena Frade, quando esta retomou os trabalhos arqueológicos, nos anos oitenta do século XX. A piscina de aparelho romano e os referidos elementos de colunas, especialmente "uma coluna votiva, com capitel de ordem jónica e módulos de 40 centímetros de raio e tégulas várias, de um novo capitel jónico e seus módulos"[140] serão, portanto, as primeiras evidências da existência de um balneário romano[141] (figuras 51 e 52).

"A utilização romana das águas medicinais de S. Pedro do Sul só foi definitivamente comprovada após a escavação da grande *natatio*, durante os anos 50. Mas mesmo após esta descoberta, continuou-se a atribuir a D. Afonso Henriques a construção quer da piscina conhecida como *Piscina Afonsina*, quer de grande parte das paredes que a circundam"[142]. Em 1958, C. J. Moreira de Figueiredo descreve o balneário da seguinte forma: "No meio está o banho[piscina afonsina], para o que se desce por três degraus e este é cercado de parapeito da altura de uma vara com quatro entradas para o banho; sobre o parapeito se firmam colunas quadrangulares, sobre as quais se sustenta uma varanda, que está sobre o banho [figuras 53 e 54]. Também mostra ser do mesmo tempo o banho das mulheres [no lado norte do conjunto]. Sua planta é de

[134] Eduardo dos Santos, *As termas de São Pedro do Sul (Achegas para a sua História)*, 1972, p.20.

[135] "Conhecido desde longa data, o sítio motivou especial interesse de estudiosos locais numa época em que tomavam maior feição e força no âmbito das análises históricas, artísticas e arqueológicas conduzidas um pouco por todo o território português, não poucas vezes patrocinadas por associações de índole local e/ou regional, à semelhança de todo um movimento registado no restante continente europeu desde, pelo menos, o dealbar do século XIX." In descrição dos monumentos (http://www.patrimoniocultural.gov.pt/pt/patrimonio/patrimonio-imovel/pesquisa-do-patrimonio/classificado-ou-em-vias-de-classificacao/geral/view/69845).

[136] Relatório dos Trabalhos da DGEMN nas Termas de São Pedro de Sul, portal do arqueólogo, consultado no dia 16/12/2018 (https://arqueologia.patrimoniocultural.pt/index.php).

[137] A. Nazaré Oliveira, *Termas de S. Pedro do Sul (Antigas Caldas de Lafões),* 2002, p.15.

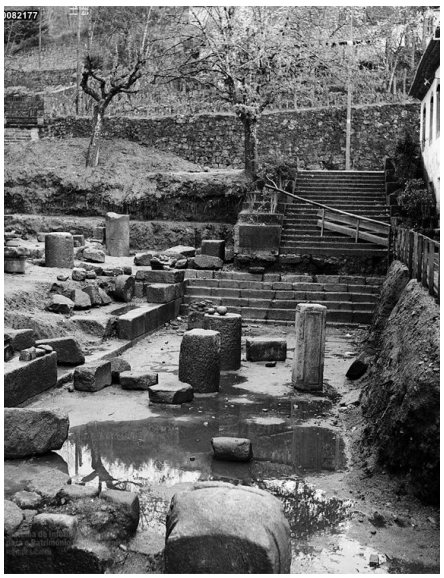
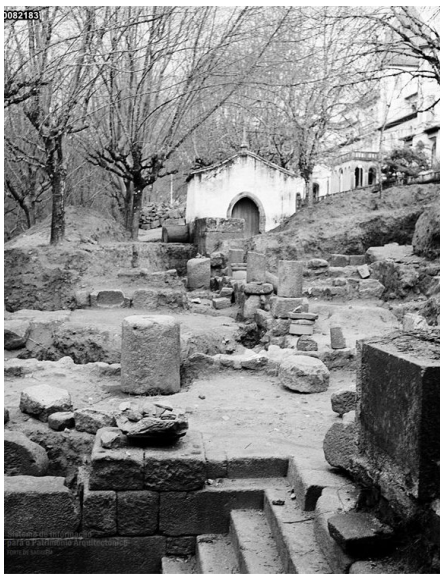
[138] Maria Pilar Reis e José Marcelo Mendes Pinto, *Valorização Conservação e Reabilitação das Termas Romanas de São Pedro do Sul, Trabalhos Arqueológicos 2017/2018, Relatório Final*, 2019, p.36.

[139] Eduardo dos Santos, *As termas de São Pedro do Sul (Achegas para a sua História),* 1972, p.22.

[140] Eduardo dos Santos, *As termas de São Pedro do Sul (Achegas para a sua História),* 1972, p.20.

[141] "Para o estudo e identificação de balneários medicinais romanos, a informação mais correcta vem, sem dúvida, da arqueologia. O achado de vestígios de edifícios, de piscinas ou de templos junto das nascentes termais são indicadores seguros do seu aproveitamento na época romana." Helena Frade, *As termas medicinais da época romana em Portugal, in Actas do II Congresso Peninsular de História Antiga*, 1990, p.876.

[142] Helena Frade e José Beleza Moreira, *A arquitectura das termas romanas de S. Pedro do Sul,* 1992, p.518.

Figuras 51 e 52: Primeira campanha de escavações (1957).

Figuras 53 e 54: Vistas da sala da piscina e suporte do varandim (1975).

Figura 55: Vista das escavações da campanha dos anos oitenta.

figura quadrada e funda, de sorte que nele as mulheres estão assentadas. É quase subterrâneo, por ser sitio ladeirento e para ele se desce por uma escada de pedra"[143].

"Os fustes e capitéis jónicos de grandes colunas então encontrados fazem supor um conjunto muito vasto que se encontrará soterrado"[144], pelo que os trabalhos de escavação arqueológica seriam retomados nos anos oitenta do mesmo século (figura 55), sendo "entre 1985 e 1987, em colaboração com os Monumentos Nacionais, (…) efectuados trabalhos diversos[145], no intuito de preparar o edifício e respectiva área, para acções programadas de escavações arqueológicas"[146]. No ano de "1985, os arqueólogos Helena Frade e José Beleza Moreira, da Divisão de Arqueologia da Direção Regional de Coimbra do Instituto Português do Património Cultural, iniciaram nova campanha de explorações arqueológicas, que se prolongaram por anos seguintes, alargadas ao interior do velho edifício"[147], ou seja à sala da Piscina de D. Afonso Henriques. "Da análise dos aparelhos construtivos, dos tipos de alicerce e da relação espacial entre as diversas paredes, concluíram que as obras de construção do *Balneum* se desenrolaram em duas fases e definiram as respectivas plantas"[148].

4. A leitura de Helena Frade

"Quando em 1985, iniciámos os trabalhos arqueológicos neste monumento, as informações que então tínhamos sobre ele eram diminutas"[149].

No decorrer entre os anos 1988 a 1990, Helena Frade e José Beleza Moreira realizaram "campanhas arqueológicas sistemáticas anuais, com duração de 1 mês, (…) pondo a descoberto as 5 piscinas [romanas], pavimentos, alicerces, sistemas de canalizações e esgotos e estruturas murárias"[150]. Helena Frade refere a "quase ausência de espólio nas camadas estratigráficas relativas às fundações da estrutura romana. A este vazio há ainda que acrescentar as várias campanhas de obras levadas a cabo nos sécs. XVI, XVII, e XIX, [que] modificaram algumas das dependências anteriores e destruiram irremediavelmente, nalguns casos, os vestígios pré-existentes"[151] (figura 56 e 57). "Das escavações anteriores não existiam quaisquer relatórios dos trabalhos, nem registos com a localização correcta das áreas intervencionadas e, posteriormente, tapadas [sendo a] identificação das áreas escavadas e posteriormente entulhadas (…) feita com as actuais escavações, através da análise estratigráfica"[152](figuras 58 e 59), não obstante, em 1991, a equipa de arqueólogos reconhecia já "duas fases de construção romana (a 1ª da época de

[143] C. J. Moreira de Figueiredo, *As Termas de S. Pedro do Sul, in Actas e Memórias do I Congresso Nacional de Arqueologia,* 1958, p.68.

[144] António Oliveira Nazaré, *Termas de S. Pedro do Sul (Antigas Caldas de Lafões),* 2002, p. 2-3.

[145] "Face à importância do monumento, e ao seu estado de progressiva degradação, o Serviço Regional de Arqueologia da Zona Centro (do Instituto Português do Património Cultural), iniciou em 1985 trabalhos nesta estação, começando por fazer uma acção de limpeza."in Helena Frade e José Beleza Moreira, *A arquitectura das termas romanas de S. Pedro do Sul,* 1992, p.518.

[146] Helena Frade e José Beleza Moreira, *A arquitectura das termas romanas de S. Pedro do Sul,* 1992, p.518.

[147] A. Nazaré Oliveira, *Termas de S. Pedro do Sul (Antigas Caldas de Lafões)*, 2002, 16.

[148] Ibidem.

[149] Helena Frade e José Beleza Moreira, *A arquitectura das termas romanas de S. Pedro do Sul,* 1992, p.518 -519.

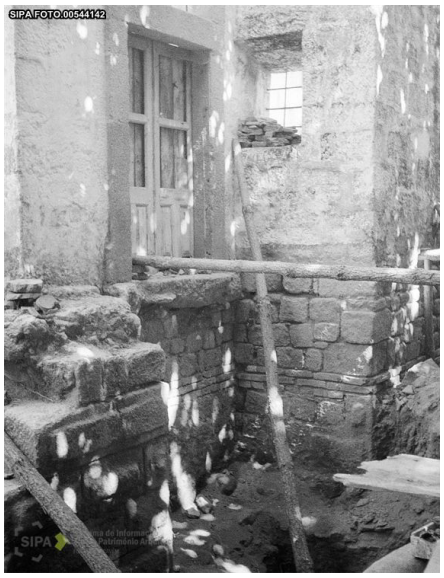
[150] http://www.monumentos.gov.pt/Site/APP_PagesUser/SIPA.aspx?id=4294.

[151] Helena Frade e José Beleza Moreira, *A arquitectura das termas romanas de S. Pedro do Sul,* 1992, p.521.

[152] Helena Frade e José Beleza Moreira, *A arquitectura das termas romanas de S. Pedro do Sul,* 1992, p.518 -519.

Figuras 56 e 57: Escavação na fachada norte do edifício das termas, (1956).

Figuras 58 e 59: Vista da fachada norte do edifício das termas e do nicho poente da sala da piscina (é visível o local das escavações anteriores) (1975).



Figuras 60 e 61: Vista dos contrafortes exteriores (escavações dos anos oitenta).

Augusto, e a 2ª [uma grande remodelação] dos finais do séc. I)"[153], no entanto, e tendo em conta que o balneário ainda se encontrava numa fase inicial de estudo, admitem "que ainda existem problemas por resolver, relacionados com as entradas, a circulação no edifício e a funcionalidade dos vários espaços. Igualmente ainda não foi possível definir correctamente as plantas das diversas fases"[154]. Esta primeira interpretação foi sucessivamente revista com o avançar dos trabalhos arqueológicos e com o inevitável aparecimento de novos dados. Esta permanente atualização é, aliás, a circunstância que motivou o nosso exercício de projeto e interpretação desenhada das duas fases do balneário romano (Parte II - O sentido da ruína).

Deste modo, nos anos noventa, estariam "identificados como pertencentes à 1ª fase, os contrafortes exteriores, com pedras almofadadas [figura 60 e 61]; duas piscinas [P3 e P4]; e uma estrutura em ábside [junto à fachada norte]. São obras da 2ª fase a piscina dita Afonsina, com degraus de granito a toda a volta; e a sala onde esta se situa, onde existiam quatro absides; a piscina P5, resultante da remodelação de P4; e todas as paredes construídas em opus quadratum. O edifício era coberto com abóbadas de volta perfeita. A grande natatio ao ar livre, rodeada por um pórtico de dupla colunata, foi construída na 1ª fase, e possivelmente mantida em utilização após as remodelações da 2ª fase. O fundo era revestido em cada um dos topos Norte e Sul. No séc. XVI as absides da sala de P2 foram transformadas em nichos, com arcos abatidos, e os espaços balneares foram, em parte, remodelados. A utilização dos vapores da fonte termal era feita numa casa abobadada, conhecida como "Banho Seco", construída sobre a nascente [termal] e um pouco distante do edifício destinado aos banhos. A água era levada desde a nascente até ao balneário através de condutas de granito"[155].

Com o avançar dos trabalhos nos anos seguintes (figura 64), em 1992 era já possível "individualizar duas grandes fases de obras. E através da análise dos aparelhos construtivos, dos tipos de alicerces e mesmo da relação espacial entre as diversas paredes (...) definir as plantas das duas fases"[156] (figuras 64 e 65): "cunhais e contrafortes construídos com pedras almofadadas, em que as juntas estão finamente biseladas"[157]; "paredes têm cerca de 60/70 cm de largura e são construidas com pedras irregulares, embora com a superfície externa bem afeiçoada e com as juntas bem calafetadas com a argamassa (1.ª fase). Outras são construidas em opus quadratum (2.ª fase), tendo, de onde em onde, duas ou três fiadas de tijoleiras, que deveriam servir para conseguir um melhor nivelamento das paredes"[158]; "As piscinas têm, na 1.ª fase, o fundo, as paredes e as escadas de acesso revestidos com argamassa avermelhada. Na 2.ª fase, utilizam lajes de granito como revestimento"[159].

Na figura 66, a planta da reconstituição da 1ª Fase construtiva, verificamos que "o

[153] Helena Frade e José Beleza Moreira, *Ações de emergência,* 1991, p.97.
[154] Helena Frade, *As termas medicinais da época romana em Portugal*, 1990, p.885.
[155] Helena Frade, *As termas medicinais da época romana em Portugal,* 1990, p.885.
[156] Helena Frade e José Beleza Moreira, *A arquitectura das termas romanas de S. Pedro do Sul,* 1992, p.521.
[157] Ibidem.
[158] Idem, p.521-522.
[159] Helena Frade e José Beleza Moreira, *A arquitectura das termas romanas de S. Pedro do Sul,* 1992, p.522.

Figura 62: Escavação dos anos oitenta na envolvente entre o balneário e a Capela de São Martinho.

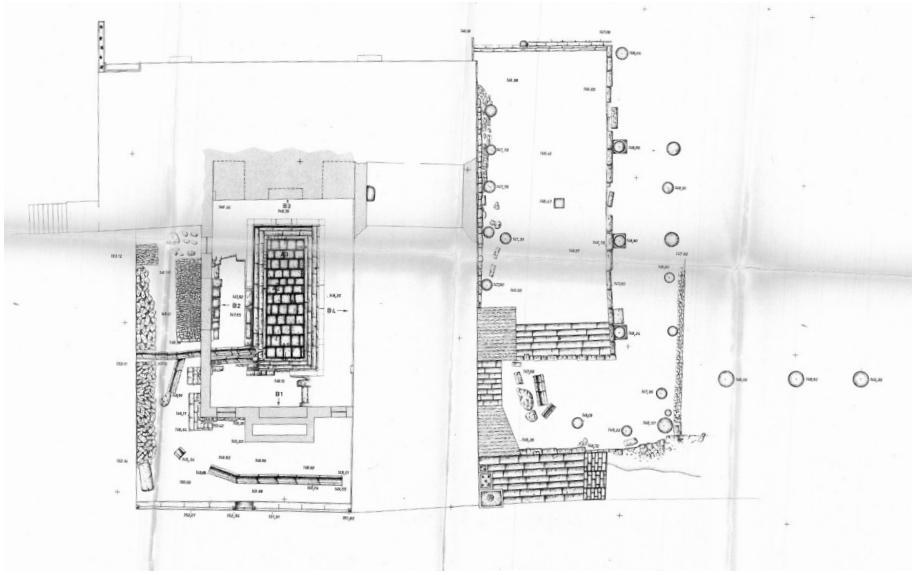


Figura 63: Planta das áreas escavadas, 1987 (levantamento pela *Estereofoto*, lda).

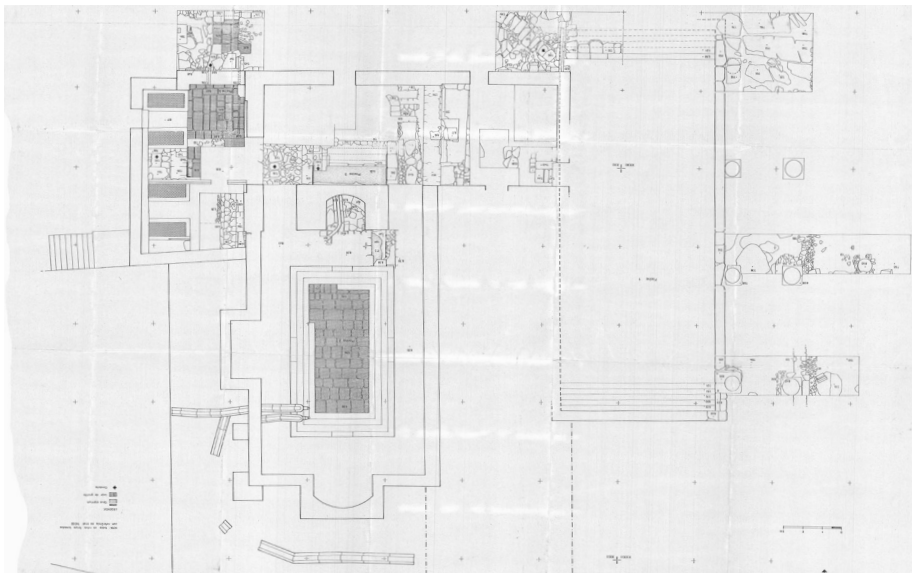


Figura 64: Planta da área escavada, 1989 (Levantamento de José Augusto A. Dias e Zé Luis Madeira).

edifício tinha uma piscina interior (P3) e uma grande *natatio* ao ar livre (P1)"[160]. A piscina P3[161] localizar-se-ia "no centro de uma sala limitada pelas paredes (...) Nascente e (...) Poente, e por duas absides, uma a Norte e outra a Sul"[162], sendo que "a Sul e a Norte desta sala deveriam existir dois pequenos espaços que poderiam servir como salas de apoio"[163]. A piscina P1[164] - a *natatio* - estaria "circundada por um pórtico de dupla colunata, de que existem as sapatas, alguns fustes e capitéis jónicos. As colunas situadas junto da parede da piscina têm um módulo menor que as mais afastadas. Consequentemente seriam mais baixas, o que leva a pensar que o pórtico estava coberto com telhado inclinado para o interior do tanque. Todo este conjunto, da piscina e do pórtico, seria fechado por uma parede existente atrás da 2.ª linha de colunas (as mais afastadas da piscina), e de que ainda há vestígios. A entrada seria a meio do parede Nascente, conforme nos é sugerido por duas outras colunas, situadas um pouco afastadas dela, e que possivelmente suportavam um pequeno pórtico de acesso. A água era conduzida até esta piscina por uma conduta de pedra, entrando pelo seu lado SW"[165]. Haveria ainda uma outra piscina (a P4[166]) que "apresenta um revestimento do fundo e das paredes laterais feito com *opus signinum*, muito semelhante ao utilizado em P3. Dela não conhecemos as dimensões totais pois as modificações feitas neste espaço desde a primeira construção até ao séc. XX tornam de momento difícil o conhecimento correcto do seu aspecto primitivo"[167]. Como veremos[168], os dados recolhidos no decorrer dos trabalhos de *Conservação, valorização e reabilitação das termas romanas de São Pedro do Sul* revelarão que esta interpretação do pórtico e do seu funcionamento não será a mais correta.

Nos finais do século I, haveria grandes obras no conjunto termal (figura 67). "A piscina P3 foi desactivada e substituida pela P2. Esta, de forma rectangular e completamente forrada por lajes de granito, mede 8,20m x 4,70m x 1m. O acesso ao seu interior é feito por 3 degraus de granito, existentes nos 4 lados do tanque. A água é conduzida através de duas condutas, uma de água fria e outra de água quente"[169]. "Esta é a piscina que, mais tarde, passou a ser designada por

---

[160] Helena Frade e José Beleza Moreira, *A arquitectura das termas romanas de S. Pedro do Sul,* 1992, p.527.

[161] "As medidas desta piscina são 7,40m x5,40m x 1,20m, e a acesso ao seu interior era feito em quatro degraus localizados em cada um dos topos Norte e Sul. Todo o conjunto (paredes, fundo e degraus) estava revestido a opus signinum de cor avermelhada e de boa qualidade. Apesar de ainda não termos encontrado os vestigios da entrada de águas nesta piscina, pensamos que ela se deveria fazer pelo canto SW. O escoamento situa-se no canto NW, embora ainda não se tenha localizado o esgoto que conduzia a água até ao Vouga." In Helena Frade e José Beleza Moreira, *A arquitectura das termas romanas de S. Pedro do Sul,* 1992, p.528.

[162] Helena Frade e José Beleza Moreira, *A arquitectura das termas romanas de S. Pedro do Sul,* 1992, p.528.

[163] Helena Frade e José Beleza Moreira, *A arquitectura das termas romanas de S. Pedro do Sul,* 1992, p.528.

[164] "Esta é um grande tanque rectangular, cujas medidas são 20,50m x 9m x 1,50m, com seis degraus em cada um dos topos Norte e Sul. O fundo era revestido a opus signinum com meia-cana, conforme vestigios ainda existentes, e as paredes e as escadas eram em granito, não havendo sinais de terem tido revestimento." In Helena Frade e José Beleza Moreira, *A arquitectura das termas romanas de S. Pedro do Sul,* 1992, p.522-524.

[165] Helena Frade e José Beleza Moreira, *A arquitectura das termas romanas de S. Pedro do Sul,* 1992, p.524-527.

[166] António Nazaré Oliveira considerou a piscina P4 "provavelmente, um acrescento ao complexo da primeira fase, talvez poucos anos depois de finalizadas as obras do primeiro balneário." In A. Nazaré Oliveira, *Termas de S. Pedro do Sul (Antigas Caldas de Lafões)*, 2002, pp. 17.

[167] Helena Frade e José Beleza Moreira, *A arquitectura das termas romanas de S. Pedro do Sul,* 1992, p.532.

[168] *Parte II O sentido da ruína.*

[169] Helena Frade e José Beleza Moreira, *A arquitectura das termas romanas de S. Pedro do Sul,* 1992, p.532-536.

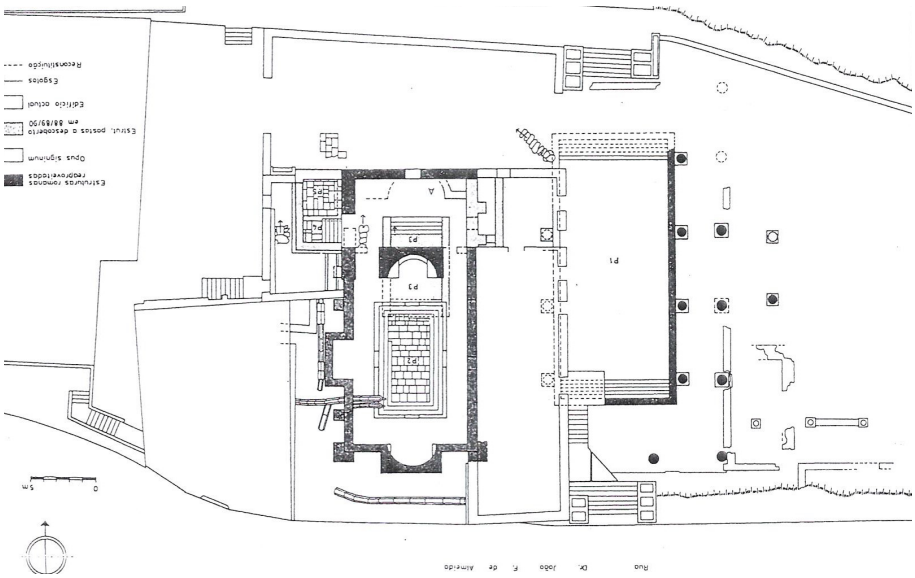


Figura 65: Planta geral das escavações arqueológicas, 1990.

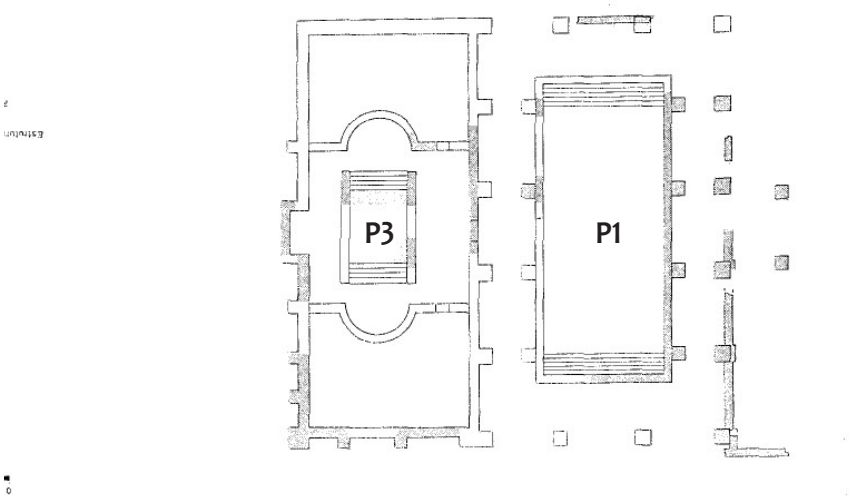


Figura 66: Planta de interpretação da 1ª fase do balneário romano, Helena Frade, 1991.

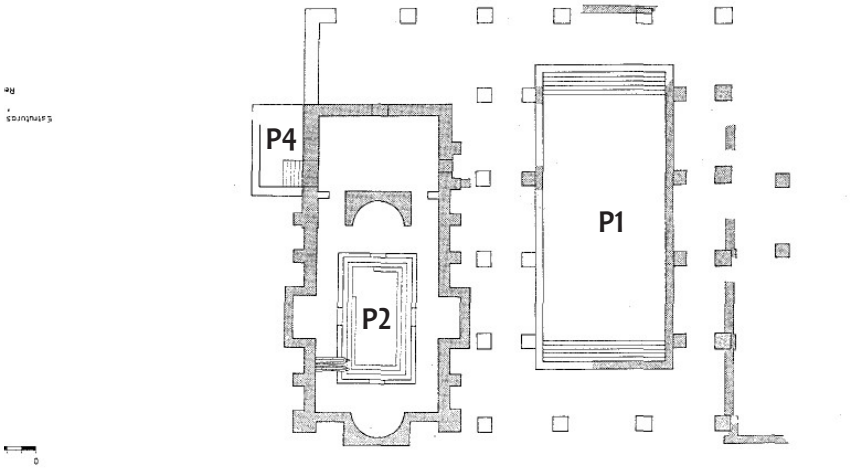


Figura 67: Planta de interpretação da 2ª fase do balneário romano, Helena Frade, 1991.

"Piscina D. Afonso Henriques"[170], situada na sala "com pavimento [também] de lajes de granito"[171]. "O espaço onde na 1.ª fase se situava parte da P3 [lado norte], foi na 2.ª fase entulhado e poderá ter servido de *apodyterium*. Esta sala, coberta por uma abóbada de berço, tem a estructura das paredes em tudo semelhante à já descrita para a sala de P2. Existiam aqui cinco portas: as duas de acesso a P2, uma na parede (...) [nascente] e que poderia servir de ligação a P1 [no exterior], uma na parede (...) [poente] por onde se entrava para P5 (resultante da remodelação de P4), e, finalmente, uma outra na parede Norte, virada ao rio Vouga, e que faria a ligação com o exterior, sendo uma das portas de entrada"[172]. "Apesar de ainda não completamente escavado e de a organização interna dos vários espaços já identificados estar [apenas] parcialmente entendida"[173], a interpretação na zona das piscinas P4 e P5, e correspondente à piscina das mulheres referida nos documentos medievais, seria "bastante complicada pelas obras e remodelações que sofreu, pelo que ainda não temos elementos muito precisos (...) sobre o tipo de sala, tipo de cobertura quer mesmo relativamente à circulação no seu interior"[174].

"No início da obra [de Conservação, Valorização e Reabilitação das termas romanas de São Pedro do Sul], o professor Jorge de Alarcão estudou os documentos existentes, visitou as escavações"[175] e fez um exercício de reinterpretação da *leitura de Helena Frade* sobre o edifício, revelando algumas "divergências em matéria de reconstituição planimétrica"[176] das duas fases de construção. Os dois autores entendem a existência de uma parte do edifício coberta e um espaço a céu aberto (figura 68) . "Na fase I [figura 69], e no espaço coberto [a poente], pode considerar-se segura a localização da piscina [P3], ainda que seja duvidoso o seu exacto comprimento. Segura é também a abside do lado norte, da qual se conservou um resto de alicerce. Parece provável (ou, pelo menos, possível) a existência de uma outra abside, similar, a sul, e de uma êxedra a ocidente. Se o muro contrafortado meridional da fase II aproveitou um muro da fase I, tínhamos, nesta primeira fase, espaço bastante para alojar uma sala de entrada, um *apodyterium* (isto é, um vestiário onde os utentes podiam despir-se e deixar as suas roupas) e uma sala para tratamentos de fisioterapia. Uma base de coluna adossada, encontrada em reutilização no lajeado da abside da fase II, conforta a ideia de que ficava aí a entrada da fase I, que, sem excessiva monumentalidade, teria, todavia, um frontão assente em meias-colunas"[177]. "No espaço a céu aberto (...) [a nascente], uma ampla piscina de cerca de 20,5 x 9 m, com uma profundidade que andaria entre 1,20 e 1,50 m, ocupava o centro de uma área murada. A parede norte da cerca poderia ser de alguma forma fenestrada para que a vista alcançasse o rio e a margem do outro lado. A entrada para esta cerca estaria do lado oriental, sob alpendre sustentado por duas colunas"[178].

[170] A. Nazaré Oliveira, *Termas de S. Pedro do Sul (Antigas Caldas de Lafões)*, 2002, pp. 17-18.
[171] Ibidem.
[172] Helena Frade e José Beleza Moreira, *A arquitectura das termas romanas de S. Pedro do Sul,* 1992, p. 538.
[173] Idem, pp. 541-542.
[174] Idem, pp. 541-542.
[175] João Gomes da Silva, *Entrevista a João Gomes da Silva, in Termas Romanas de São Pedro do Sul,* 2021, p.59.
[176] Jorge de Alarcão, *Uma proposta de interpretação das Termas Romanas de São Pedro do Sul,* in Termas Romanas de São Pedro do Sul, 2021, p.23.
[177] Jorge de Alarcão, *Uma proposta de interpretação das Termas Romanas de São Pedro do Sul,* 2021, op. cit., p.24-25.
[178] Idem, p.25.

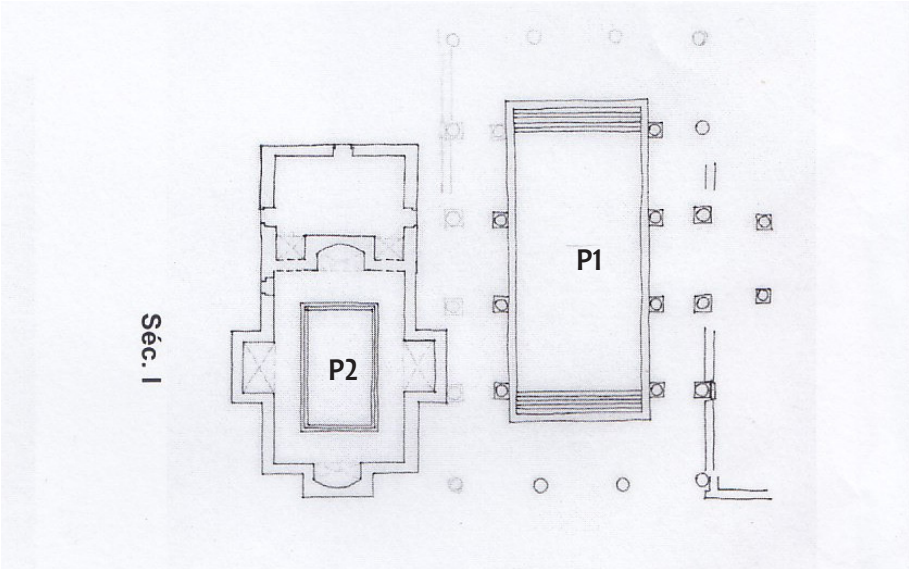


Figura 68: Planta de interpretação do edifício do século I, Helena Frade, 2005.

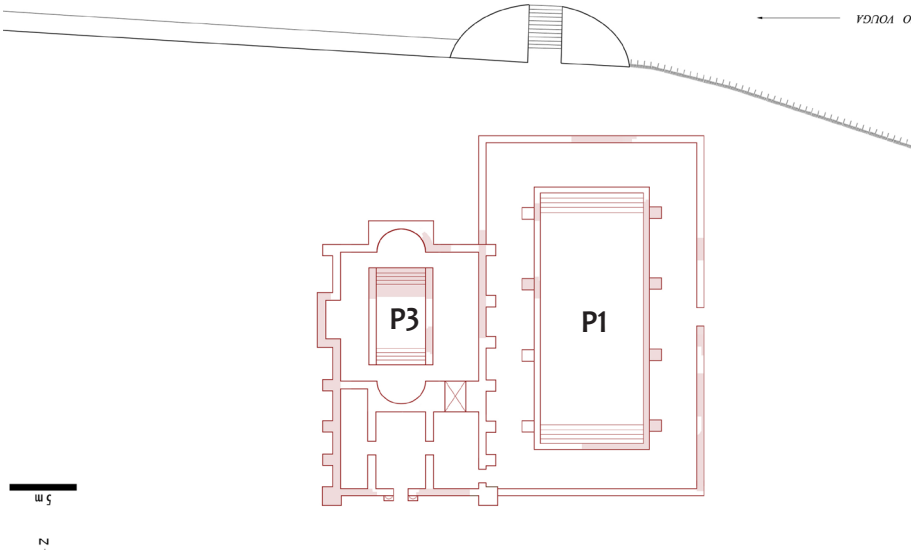


Figura 69: Planta de interpretação da primeira fase do balneário romano, Jorge de Alarcão, 2017.

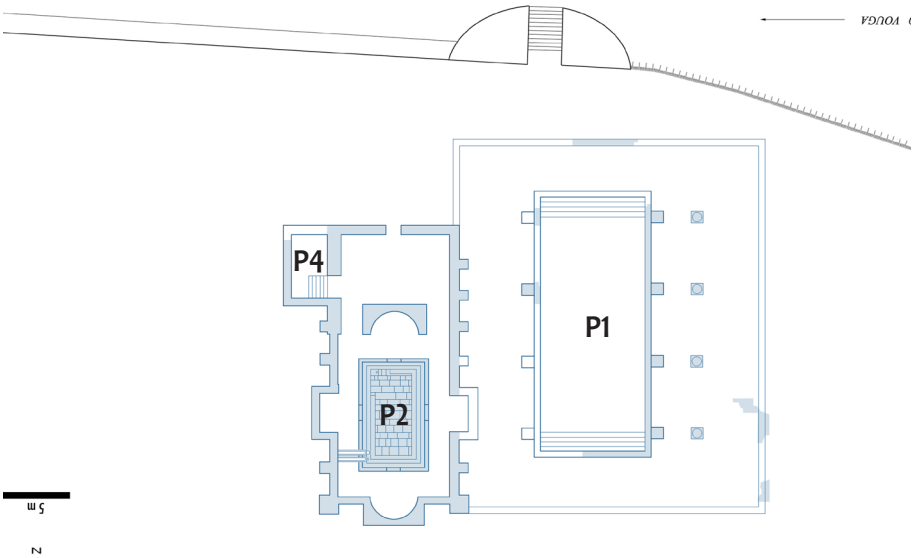


Figura 70: Planta de interpretação da segunda fase do balneário romano, Jorge de Alarcão, 2017.

"Na fase II [figura 70], o edifício coberto (...) [a poente] foi profundamente remodelado. Agora, é óbvio que a entrada se fazia por uma porta a norte e que esta dava acesso a uma sala rectangular abobadada. Duas passagens laterais conduziam à piscina coberta [P2]. À abside do lado norte, fez-se corresponder outra, do lado sul, instalada no sítio onde, na fase anterior, se encontrava a entrada"[179]. "Pelas muitas remodelações que sofreu o canto noroeste do edifício, não é fácil reconstituir o que então aí existiu na fase II das termas. Aparentemente, era um cubículo ao qual se descia por umas escadas no enfiamento da entrada. Se a hipótese de uma outra pequena piscina parece razoável, não devemos excluir a eventualidade de umas latrinas. Neste caso, a diferença de cota explicar-se-ia pela conveniência de ter sempre água corrente procedente da piscina principal"[180]. No lado nascente, "ter-se-á mantido a piscina da fase anterior [a *natatio*]; mas o muro oriental da cerca foi recuado e no alinhamento do anterior muro, agora demolido, ergueu-se uma colunata, sustentando um pórtico"[181]. João Gomes da Silva refere que esta segunda leitura sobre os vestígios romanos "modificou alguma coisa do ponto de vista do entendimento que era dado pela Dra. Helena Frade ao espaço do peristilo"[182], pondo em causa "a ideia de que o muro que aparece encostado ao alinhamento das colunas – eventualmente até embebendo ligeiramente essas colunas – não fosse exactamente correspondente a uma posição"[183]. Em todo o caso, e pelo estado de conservação das suas estruturas, "este edifício constitui, pelos vestígios que ainda preserva, o melhor exemplo conhecido em Portugal do que foi um balneário medicinal romano"[184].

4.1. A tipologia

"Os balneários mineromedicinais romanos não obedecem a um sistema rígido de construção e organização interna de salas e compartimentos, tal como acontece nos outros edifícios termais que utilizam água mineral"[185].

Os primeiros exemplos de edifícios termais romanos encontram-se em Itália, no século II a.C. Estas estruturas vão ser, na aqruitetura romana, as construções mais significativas e que melhor ilustram o tipo e o grau de civilização de cada cidade, pela sua monumentalidade, elegância, requinte e cultura, e constituem-se exemplos únicos da inovação tecnológica e do conhecimento empírico e científico no que toca ao domínio da orientação solar e ao aproveitamento e à condução das águas. A utilização de águas mineromedicinais em edifícios balneares, como no *balneum* de São Pedro do Sul ou de *Alange* (figura 73), implicaria uma série de precauções e singularidades que não seriam necessárias ter em conta nos *balnea* ou *thermae* de água comum[186]. A dinâmica de

[179] Ibidem.

[180] Ibidem.

[181] Ibidem.

[182] Idem, p.59.

[183] Ibidem.

[184] Helena Frade e José Beleza Moreira, *A arquitectura das termas romanas de S. Pedro do Sul,* 1992, pp.541-542.

[185] Helena Frade, *As termas medicinais da época romana em Portugal,* 1990, p.893.

[186] "estos complejos exigirían un mantenimiento exhaustivo para prevenir la solidificación de las sales y minerales presentes en el agua, que podrían bloquear tuberías o cañerías de desagüe; existirán precauciones médicas en el uso de este tipo de aguas (documentado en las fuentes clásicas de carácter médico, sobre todo en la obra de Oribasio –De Coll. Med., L. X-XL-)7, técnicas orientadas en principio por personal médico presente o no en el complejo; o se constatará el carácter indisociable entre tratamiento y religión

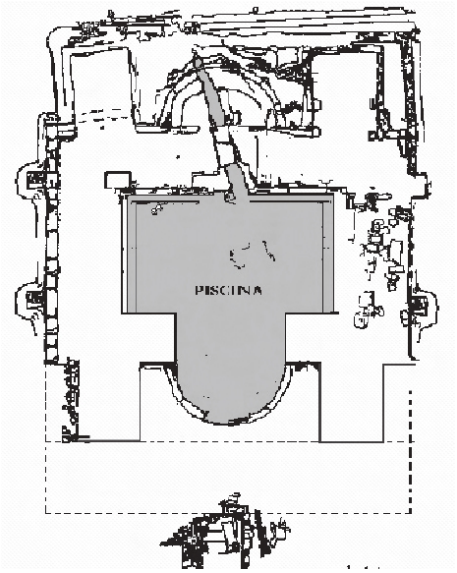


Figura 71: Planta hipotética do edifício dos banhos de Murcia

Figura 72: Fonte junto ao balneário Rainha Dona Amélia.

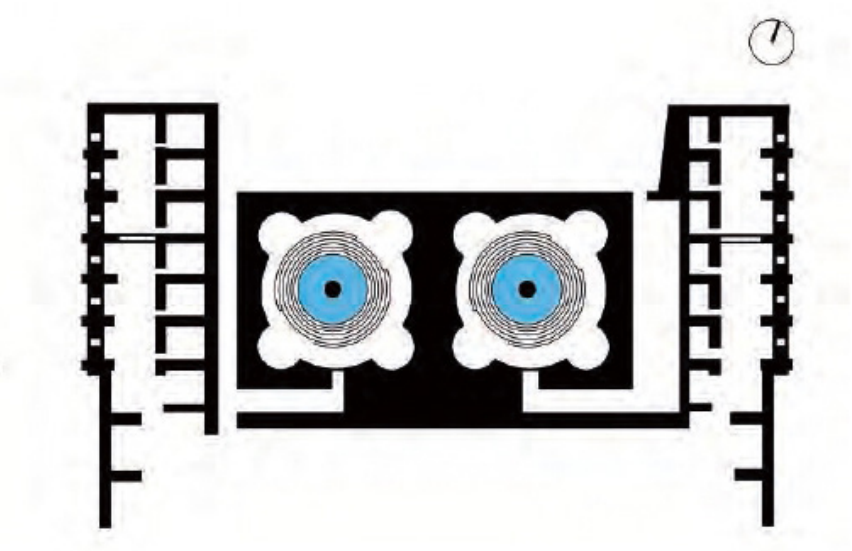


Figura 73: Planta das termas de Alange (segundo Carme Miro i Alaix, 2018).

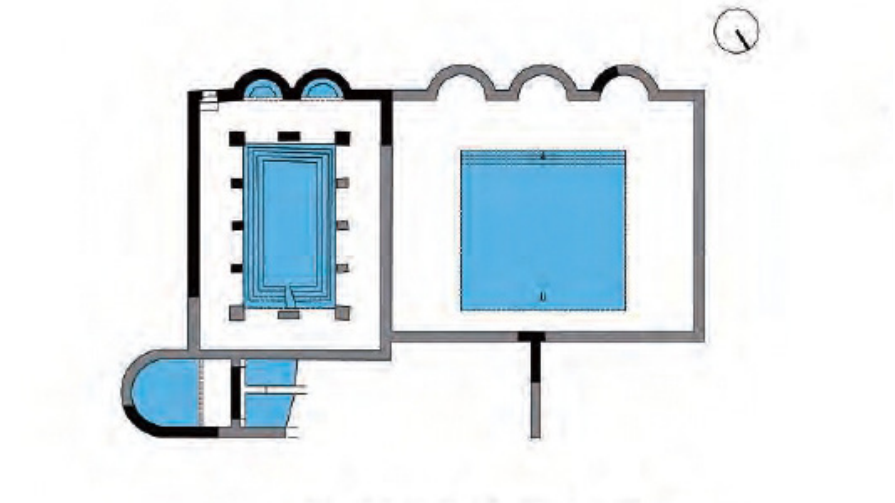


Figura 74: Planta das Caldas de Montbui (segundo Carme Miro i Alaix, 2018).

implantação do edifício no *sítio*, da sua construção (anatomia) e a sua exploração (função) do é em tudo distinta dos balneários e termas higiénicas, de utilização de águas minerais naturais. Em primeiro lugar o edifício teria de construir-se, perto ou onde surge o *manancial* termal, de modo a aproveitar da melhor forma a condição calorífica das águas das nascentes termais. "O cálido destas águas dispensava aos Romanos o aquecimento para aplicação do *tepidarium* (banho de transição), *caldarium* (banho de água quente), *sodatorium* (banho de vapor) e o *laconicum* (estufa seca), onde circulava o ar quente"[187], espaços integrantes da dinâmica de utilização das termas higiénicas comuns, e não presentes nos balneários minero medicinais. Por esta razão, no balneário de São Pedro do Sul, "não há, nem no subsolo, nem em nenhuma das paredes romanas que ainda conservam a sua altura original, qualquer estrutura que permita a circulação de ar quente para aquecimento das salas"[188]. Não sendo necessária a maioria destes espaços este tipo de edifícios termais resultam num esquema de utilização funcional muito simples e linear, determinado pelo percurso do utilizador e, normalmente, estruturado entre uma ou mais salas ocupadas por uma piscina central[189]. "O número, tamanho e forma destes tanques terão variado consoante as necessidades específicas de cada tratamento e as temperaturas das águas"[190] e seriam as piscinas geralmente de forma circular, quadrada ou retangular[191]. Esta(s) piscina(s) central estaria rodeada por pequenas habitações ou êxedras utilizadas como lugares de tratamento individual ou como espaços religiosos[192], onde se encontrava a divindade protetora dessas águas[193].

Sílvia González Soutelo[194] refere dois tipos de edifícios termais mineromedicinais, em função da complexidade das suas instalações: os edifícios do tipo 1 dizem respeito aos estabelecimentos de carácter rural ou de identidade menor, localizados em áreas mais tradicionais e de menor desenvolvimento urbanístico, mas com forte carácter religioso; e os edifícios do tipo 2, num âmbito mais urbano, com maior desenvolvimento, caracterizam-se por estruturas mais evoluídas, de maiores dimensões e com várias salas, e que correspondem, na maioria dos casos, a ampliações às estruturas originais, como as termas de Bath. A mesma autora distingue ainda, dentro dos edifícios do tipo 1, os complexos de estruturas mais simples e que partem

en el mundo antiguo, reforzado en el hecho de que estos manantiales cumplen una función salutífera vinculada a la creencia de la intervención de divinidades asociadas a esas aguas, circunstancia documentada por determinadas estructuras arquitectónicas o por elementos votivos presentes en estos complejos." in Sílvia González Soutelo, La configuración arquitectónica de los balnearios de aguas mineromedicinales en época romana: una propuesta de estúdio, 2008, p. 16.

[187] Eduardo dos Santos, As termas de São Pedro do Sul (Achegas para a sua História), 1972, p.22.

[188] Helena Frade, *As termas medicinais da época romana em Portugal*, 1990, p.893.

[189] "Os banhos de imersão foram certamente os mais utilizados, face aos inúmeros vestígios de piscinas e banheiras que têm aparecido em escavações de balneários romanos." In Helena Frade, As termas medicinais de época romana em Portugal, 1990, p. 874.

[190] Helena Frade, *As termas medicinais de época romana em Portugal*, 1990, p. 874.

[191] Sílvia González Soutelo, *La configuracion arquitetónica de los balneários de aquas mineromedicinais en época romana: una propuesta de estúdio,* 2008.

[192] O carácter indissociável entre os tratamentos e a religião no mundo antigo, das divindades associadas a essas águas curativas, é expresso, geralmente, dos elementos votivos.

[193] Sílvia González Soutelo, *La configuracion arquitetónica de los balneários de aquas mineromedicinais en época romana: una propuesta de estúdio,* 2008.

[194] *La configuracion arquitetónica de los balneários de aquas mineromedicinais en época romana: una propuesta de estúdio,* 2008.

Figura 75 e 76: Condutas de pedra de abastecimento das piscinas (1956).

Figura 77 e 78: Condutas de pedra de abastecimento das piscinas (1956).

Figura 79: Vista do cunhal e fachada norte do edifício antigo (1975).

do uso popular dos espaços naturais, como os *Baños* romanos de Fortuna, Múrcia (figura 71) e os edifícios com instalações de desenvolvimento *"bajo-medio"*, caracterizado por estruturas de piscina central e salas auxiliares e dos quais são exemplos as termas de Carballo, Amélie-les-bains ou São Pedro do Sul. As termas higiénicas dispunham-se segundo uma rotina[195], contrariamente às medicinais onde se desconhece uma divisão entre espaços masculinos e femininos e onde a regra parece residir apenas na disposição central de uma ou várias piscinas, circundadas por espaços menores ligados à função curativa[196]. Os exemplos de balneários mineromedicinais romanos são muito reduzidos e "enquanto não forem feitas mais escavações arqueológicas (...) [em edifícios deste tipo] não é possível saber se havia áreas diferentes para tratamentos de homens e de mulheres. As escavações das termas de S. Pedro do Sul não forneceram, até ao momento, elementos precisos sobre esta questão. No entanto, os documentos medievais referem uma área destinada a mulheres (P4) e outra a homens (P2). Poder-se-á pensar na continuidade de um uso de épocas anteriores, apesar de ainda ser difícil definir a organização espacial e articulação das duas áreas, durante a época romana"[197]. Nos finais do século II d.C. ou inícios do século III d.C., verifica-se a ampliação dos complexos semiurbanos, com a inclusão de novas estruturas para banhos, demonstrando o desejo de incrementar a possibilidade de ócio e banho dos assistentes[198].

A utilização de águas mineromedicinais nestes edifícios termais obrigaria ainda a uma manutenção exaustiva das condutas e canais de água, para prevenir a solidificação dos sais e minerais presentes na mesma e que, facilmente, poderiam bloquear os sistemas de abastecimento e escoamento das piscinas. Em São Pedro do Sul verifica-se ainda o recurso a condutas de pedra já que os canos de chumbo poderiam comprometer as qualidades da água[199] (figuras 75 e 76). Da mesma forma, e já documentadas nas fontes literárias clássicas, a utilização destas águas nos tratamentos obrigaria a precauções e orientações médicas.

O carácter específico do balneário de São Pedro do Sul para tratamentos medicinais, tê-lo-à poupado ao abandono após a queda do império romano (ano 476), como viria a acontecer com grande parte dos complexos termais comuns, numa altura de grande discórdia religiosa e onde os valores morais e culturais romanos foram sendo postos em causa com a crescente disseminação do cristianismo. A sua sobrevivência pelos séculos demonstra a importância da sua função curativa e a sua localização estratégica nesta região.

---

[195] "Os edifícios tinham, muitas vezes, duas alas distintas, servindo uma para homens e outra para as mulheres. Quando tal não se verifica, os tratamentos obedeciam a um esquema horário de utilização, reservando-se a cada sexo determinadas horas do dia, à semelhança, aliás, do que acontecia em alguns balneários públicos das cidades." *In Helena Frade, As termas medicinais da época romana em Portugal, 1990, p. 875.*

[196] Sílvia González Soutelo, *La configuración arquitectónica de los balnearios de aguas mineromedicinales en época romana: una propuesta de estúdio*, 2008, p. 16.

[197] Helena Frade, *As termas medicinais da época romana em Portugal,* 1990, p.894.

[198] Sílvia González Soutelo, *La configuración arquitectónica de los balnearios de aguas mineromedicinales en época romana: una propuesta de estúdio,* 2008, p. 17.

[199] "Podemos até verificar o que acontece com os artífices que trabalham o chumbo, que apresentam uma tez corporal atingida pelo calor. Pois quando se funde, vertendo, o chumbo, invadindo o seu vapor as articulações do corpo e exaurindo-as dia a dia, retira dos membros a sua força sanguínea. Por isso, parece que a água deverá ser o menos possível canalizada em tubos de chumbo, se a quisermos ter saudável". in "Vitrúvio. Tratado de Arquitectura", tradução de M. Justino Maciel, Livro VIII, Capítulo VI, 11., p.315.

Figura 80: Vista geral sobre o edifício das termas romanas de São Pedro do Sul (2005).

Figura 81 e 82: Vistas da envolvente das termas romanas de São Pedro do Sul (2005).

Figuras 83 e 84: Vista do altar da Capela de Nossa Senhora da Saúde e volume poente (fachada romana) (2005).

4.2. O projeto de conservação, valorização e reabilitação

"O primeiro passo é a análise do lugar, do edifício, da sua história e do seu significado histórico, artístico e sociocultural, da sua lógica formal e construtiva, da sua relação com a envolvente"[200].

Como referimos, em 2004, a Câmara Municipal de São Pedro do Sul, em conjunto com o IPPAR (Instituto Português do Património Arquitetónico), lançou o concurso público para o projeto de Conservação, Valorização e Reabilitação das termas romanas de São Pedro do Sul, do qual saiu vencedora a proposta de João Mendes Ribeiro. Nesta altura, o balneário antigo encontrava-se num verdadeiro estado de abandono e degradação, "uma realidade muito intervencionada e alterada, que ao mesmo tempo escondia ainda vestígios romanos"[201], camuflada quer por vegetação, quer por um conjunto de estruturas metálicas cuja função se prendia com evitar que as paredes das fachadas pudessem ruir (figuras 80). Este estado de deterioração devia-se ao progressivo abandono das estruturas do balneário desde os anos noventa do século XX, agravado pelos danos provocados pela grande cheia do rio Vouga, em dezembro de 1995, que referimos anteriormente. Eram também ainda visíveis os revolvimentos associados às campanhas arqueológicas dos anos oitenta e noventa do século XX, assim como um vasto espólio deixado a descoberto na envolvente ao edifício, apenas parcialmente estudado e interpretado (figura 81 e 82).

Desde logo, a abordagem ao conjunto edificado foi formada tendo em conta a identificação, mais ou menos clara, dos dois volumes que constituem o complexo termal de S. Pedro do Sul, e que motivaram as principais opções de projeto: o **volume nascente**, correspondente ao Hospital Real das termas de Lafões e cujo cunhal tinha ruído na última cheia e onde se encontra instalada a capela de Nossa Senhora da Saúde (figura 83) e o respetivo coro alto (a única parte do edifício que ainda conservava a cobertura tradicional em telha); e o **volume poente** (figura 84), constituído por um conjunto de três salas, duas delas já sem qualquer tipo de cobertura e que mantinham, na sua génese, os vestígios das estruturas romanas, assim como parte do varandim que ladeava a piscina romana (figura 85), restaurada por D. Afonso Henriques e as banheiras individuais do século XIX, revestidas a azulejo (figura 86).

No exterior e na relação com a envolvente, haveria a considerar a presença da **grande piscina romana** ao ar livre, acoplada à parede este do volume nascente, uma série de grandes tambores e capitéis de **colunas** (figuras 87), a **Capela de São Martinho** (figura 88) e, ainda, um **tanque coberto** (figura 89), no lado poente do complexo. Estes seriam então os *temas* que orientaram o desenvolvimento do *projeto de conservação, valorização e reabilitação das termas romanas de São Pedro do Sul*, assentes num trabalho interdisciplinar entre arquitetura e arqueologia e sobre o qual faremos a sua leitura crítica na Parte III deste estudo.

A intervenção de João Mendes Ribeiro "teve como *leitmotiv* a recuperação do existente e para tal estruturou um projecto com base num conhecimento extenso do edifício, suportado

[200] João Mendes Ribeiro, *Projeto de valorização, reabilitação e conservação das termas romanas de S. Pedro do Sul. Programa de trabalhos, metodologia e conceito de intervenção,* 2010/2011, p.125.

[201] Jorge de Alarcão, *Uma proposta de interpretação das Termas Romanas de São Pedro do Sul, in Termas Romanas de São Pedro do Sul,* 2021, p.30.

Figuras 85 e 86: Vistas do suporte do varandim na sala da piscina romana e vista das banheiras individuais do século XIX, revestidas com azulejo (2005).

Figura 87: Vista da *natatio* (2005).

Figuras 88 e 89: Vista da Capela de São Martinho e do tanque coberto, no lado poente do edifício (2005).

por um conjunto de campanhas arqueológicas, dirigidas por Helena Frade"[202]. No entanto, o projeto "que começou em 2005 e acabou em 2014"[203] sofreu, já durante a execução da obra, nos anos seguintes e até 2019, uma profunda revisão, motivada pela reavaliação da interpretação que do edifício se tinha feito.

Entre setembro de 2017 e julho de 2018, José Marcelo Pinto e Maria Pilar Reis fariam o acompanhamento arqueológico da obra e, pela impossibilidade da realização de uma escavação integral no sítio, para além da limpeza do terreno e da organização dos elementos que nele se encontravam soltos, definiram uma série de áreas onde decorreriam sondagens arqueológicas (figura 90), que mencionamos pela ordem sequencial dos trabalhos[204]: a sala 10, onde se encontrava a piscina Afonsina (P2); as salas 4, 5 e 6, correspondentes à área profundamente afetada pelo derrube das cheias; a sala 7, o espaço onde se encontra a porta em arco ogival; a sala 8, correspondente ao espaço da capela de Nossa Senhora da Saúde; a sala 9, onde se encontram a porta romana conservada e os vestígios da piscina P3; e a sala 11, a dita "sala das banheiras". Seriam efetuados trabalhos na *Fachada Norte*, no *Logradouro* e na fachada sul e *Tanque* e, ainda, sondagens arqueológicas: junto da fachada nascente e piscina P1 (sondagem 5); junto ao leito do rio (sondagem 2); no alinhamento das colunas jónicas (sondagem 1); no espaço intermédio entre estas e a capela de São Martino (sondagem 6); e junto ao muro de contenção da Avenida, a sul (sondagem 7). Este conjunto de trabalhos revelaram uma série de importantes novos dados que resultaram, em primeiro lugar, na reavaliação da interpretação de Helena Frade e na consequente reformulação das opções do projeto de arquitetura e foram o mote para o desenvolvimento do nosso exercício desenhado de interpretação e reconstituição hipotéticas das duas fases de construção romanas do balneum de São Pedro do Sul (Parte II - O sentido da ruína), a partir das questões levantadas por José Mracelo Pinto e Maria Pilar Reis.

[202] Maria Pilar Reis e José Marcelo Mendes Pinto, *Valorização Conservação e Reabilitação das Termas Romanas de São Pedro do Sul, Trabalhos Arqueológicos 2017/2018, Relatório Final,* 2019, p.3.

[203] João Mendes Ribeiro, *Entrevista a João Mendes Ribeiro, in Termas Romanas de São Pedro do Sul,* 2021, p.41.

[204] Conforme o relatório dos *trabalhos de Valorização Conservação e Reabilitação das Termas Romanas de São Pedro do Sul, Trabalhos Arqueológicos 2017/2018, Relatório Final,* 2019.

Figura 90: Planta das sondagens arqueológicas (2017/2018).

Figura 91: Interior da Capela de Nossa Senhora da Saúde no decorrer das sondagens arqueológicas (2017/2018).

Figuras 92: Trabalhos arqueológicos no decorrer da obra de Conservação, valorização e reabilitação das termas romanas de São Pedro do Sul (2017).

Figura 93: Trabalhos arqueológicos no decorrer da obra de Conservação, valorização e reabilitação das termas romanas de São Pedro do Sul (2017).

Figuras 94: Trabalhos arqueológicos no decorrer da obra de Conservação, valorização e reabilitação das termas romanas de São Pedro do Sul (2017).

Figura 95: Vista do espaço exterior entre a natatio e as colunas

Parte II

O sentido da ruína

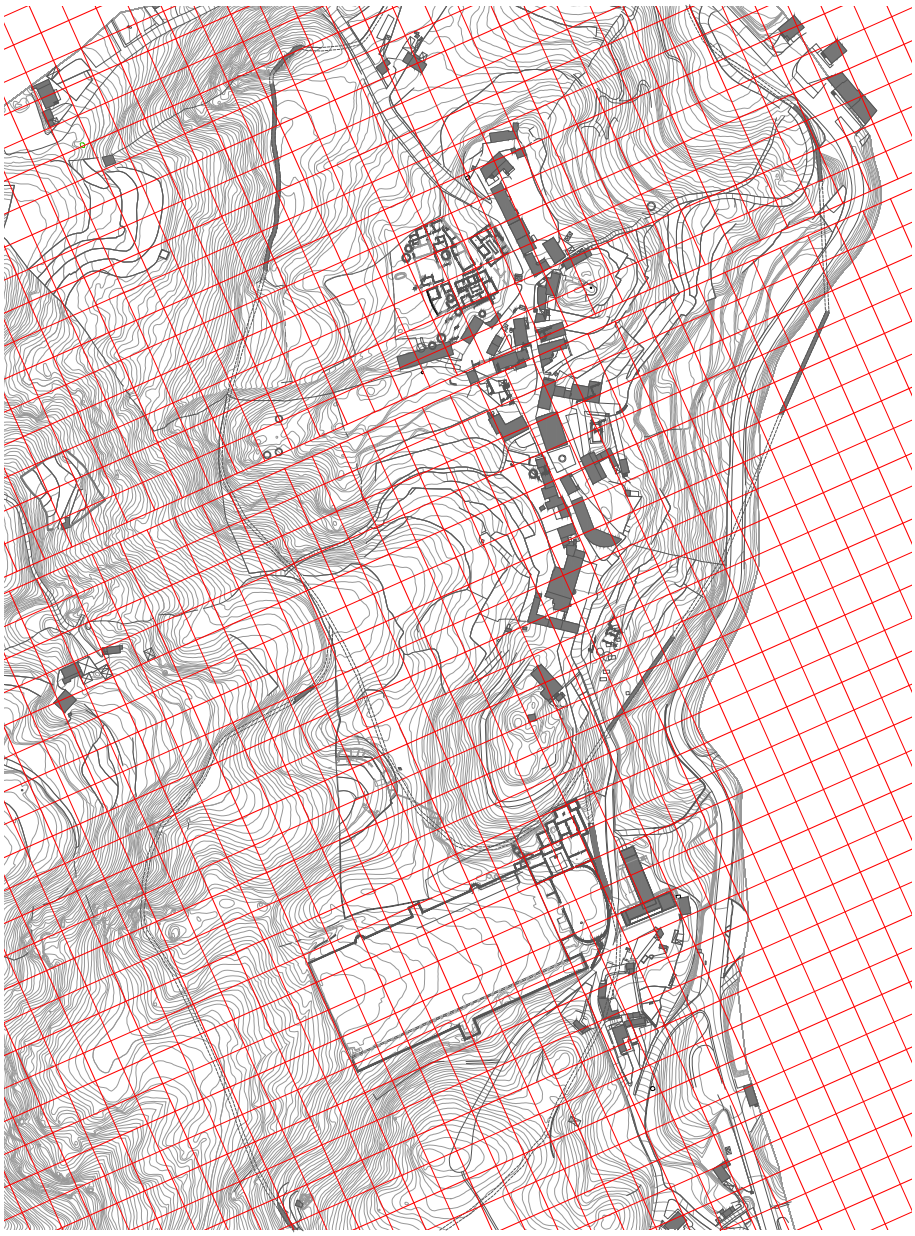


Figura 96: Estruturação dos vestígios de Tongobriga e definição do seu traçado, Charles Rocha, 2014.

Figura 97: A centuriação da Veiga de Chaves, Margarida Alves, 2015.

1. O papel do arquiteto

''É de facto importante compreender que antes do edifício houve um projeto, um desenho, que reunia a vontade de um ''dono de obra'' e de um arquitecto''[205].

O exercício de desenho da ruína constitui-se como o meio de repensar o projeto original de determinado edifício[206] . É o trabalho de "desmontar" a sequência histórica da sua construção e das posteriores reconstruções e apropriações a que foi sujeito, ao longo dos tempos para chegar à sua forma primitiva. *A posteriori*, entre a razão, os cânones tipológicos difundidos e a intuição, permite a formulação de questões, o esclarecer das dúvidas antigas e o arriscar de novas hipóteses para reconstruir os traçados e as relações, na especificidade de cada lugar. Charles Rocha[207], com base nos vestígios romanos da cidade de Tongobriga, chegou ao seu traçado regulador (figura 96) e Margarida Alves[208], pelo do desenho rigoroso das estruturas de datação romana de Chaves, determinou a medida rigorosa do *pes* romano de *Aquae Flaviae*, o que permitiu a interpretação, quer do traçado modular da *urbs*, quer da estruturação do território (figura 97), através da centúria. Estes são apenas dois exemplos dos trabalhos desenvolvidos em contexto académico, a partir do exercício de interpretação de uma ruína do passado e através do seu desenho, "frutos da colaboração entre arqueólogos e arquitetos (…) de [uma] forma que se pretende cada vez mais transdisciplinar"[209].

O interesse do arquiteto em estudar estes exemplos do passado, através do seu desenho rigoroso (o seu principal instrumento de análise), torna-se determinante na construção das interpretações sobre os mesmos, colocadas "ao serviço dos arqueólogos, para serem validadas ou refutadas, em função dos dados disponíveis a cada momento, ou seja, os vestígios revelados pelas diversas escavações e os repectivos relatórios"[210]. O desenho da ruína ensina a ver e permite ao arquiteto, através da desconstrução das estruturas, ou seja, um "processo ao contrário", de imaginar o seu remanescente, com o apoio e a validação do(s) arqueólogo(s). Por outro lado, as intervenções em contexto arqueológico, expressam "a vontade de aumentar os níveis de compreensão do objeto a intervencionar [e], levanta um novo e interessante desafio: apoiar os arqueólogos na sua interpretação"[211], sendo esta exigência de inteligibilidade da ruína "um convite à reconstrução [das suas estruturas], que só poderá ser realizada através do desenho, tal como o mesmo foi utilizado na origem, como instrumento de concepção, mas no sentido inverso, da ruína ao edifício. Cada autor da interpretação terá, assim, que deduzir a lógica compositiva do

---

[205] Maria Pilar Reis, *De lvsitaniae vrbivm balneis : estudo sobre as termas e balneários das cidades da Lusitânia,* 2014, p.17.

[206] "A organização da obra de um edifício como umas termas exigia um alargado leque de informação que devia estar decidida antes de iniciar a obra. As termas inseriam na sua estrutura complexos sistemas de abastecimento, pois exigiam-se diferentes pontos de chegada, uma articulada estrutura de aquecimento [no caso das termas higiénicas] (…) Acreditamos que a falta de rigor no projecto terá motivado, em muitas situações, a existência de soluções duplas, ou seja, de sistemas que colaborassem no funcionamento caso o sistema falhasse". In Maria Pilar dos Reis, *De lvsitaniae vrbivm balneis : estudo sobre as termas e balneários das cidades da Lusitânia,* 2014, p.18.

[207] Charles Rocha, *Centro cívico de Tongobriga : contributos para a sua reconstituição conjectural*, 2011.

[208] Margarida Alves, *Aquae Flaviae: a ruína como imagem de cidade*, 2015.

[209] Pedro Alarcão, *Interpretar, conservar, valorizar a ruína. Reflexões em contexto Académico,* 2018, p. 183.

[210] Pedro Alarcão, *Intervenção arquitectónica em contexto arqueológico. A lição das ruínas,* 2014, p. 12.

[211] Pedro Alarcão, op. cit. p.12.

Figura 98: Musealização da área arqueológica da Praça Nova do Castelo de São Jorge, 2010, João Luís Carrilho da Graça.

Figura 99: Musealização da área arqueológica da Praça Nova do Castelo de São Jorge, 2010, João Luís Carrilho da Graça.

Figura 100: Interior da nova estrutura, musealização da área arqueológica da Praça Nova do Castelo de São Jorge, 2010, João Luís Carrilho da Graça.

edifício (o seu traçado, distribuição entre as partes e proporção)"[212].

"No caso particular da arquitectura romana, o trabalho de interpretação é de certa forma facilitado pelo facto de esta se fundamentar em cânones tipológicos e construtivos largamente difundidos, permitindo assim, mais facilmente avaliar o modelo adoptado e a sua aplicação; embora também saibamos que, apesar das características referidas, esta mesma arquitectura demonstra igualmente uma enorme capacidade de adaptação ao lugar. Assim, o modelo elaborado resulta da análise dos vestígios, do conhecimento que se tem do sistema arquitectónico, tipológico e dos hábitos construtivos utilizados, bem como da especificidade desse mesmo lugar"[213], constituindo-se ótimos meios de leitura e divulgação das ruínas.

A sobreposição dos desenho dos vestígios das estruturas existentes (dadas pela arqueologia) e os cânones construtivos (estudados pela arquitetura) resultam, em parte, em elementos gráficos de difícil percepção, especialmente para os visitantes não estão familiarizados com desenhos técnicos. As plantas e representações axonométricas que desenvolvemos sob a orientação dos os arqueólogos como parte integrante do projeto de *Musealização das termas romanas de São Pedro do Sul* (Anexo II) são exemplo deste trabalho interdisciplinar no intuito de *dar a conhecer* a ruína, de uma forma clara. Por outro lado, é através da construção de modelos interpretativos, como o exercício que construímos sobre o balneário de São Pedro do Sul e que aresentamos a seguir, que se tornam possíveis e viáveis intervenções como a levada a cabo na àrea arqueológica da Praça Nova do Castelo de São Jorge, Lisboa (figuras 98 a 100) . João Luís Carrilho da Graça, perante o espólio de material arqueológico essencilamente muros ao nível das fundações de muros e paredes, viu nele o potencial para recriar, de uma forma evocativa (através da arquitetura), a volumetria original de uma das estruturas. Esta abordagem permitiu uma nova leitura destes vestígios, através de um novo edifício, com uma linguagem contemporânea e que, sem tocar nas ruínas, lhe dá destaque e intelegibilidade.

Através da "observação (...) atenta de muros e alicerces, a verificação do levantamento topográfico, o desenho correcto de alçados, ensaios de reconstituição das abóbadas (de cujos arranques subsistem vestígios)"[214], apoiada pelo profundo conhecimento das estruturas arqueológicas, por José Marcelo Pinto e Maria Pilar Reis, lançamos a interpretação e reconstituição hipotética do projeto original do *balneum* de São Pedro do Sul[215].

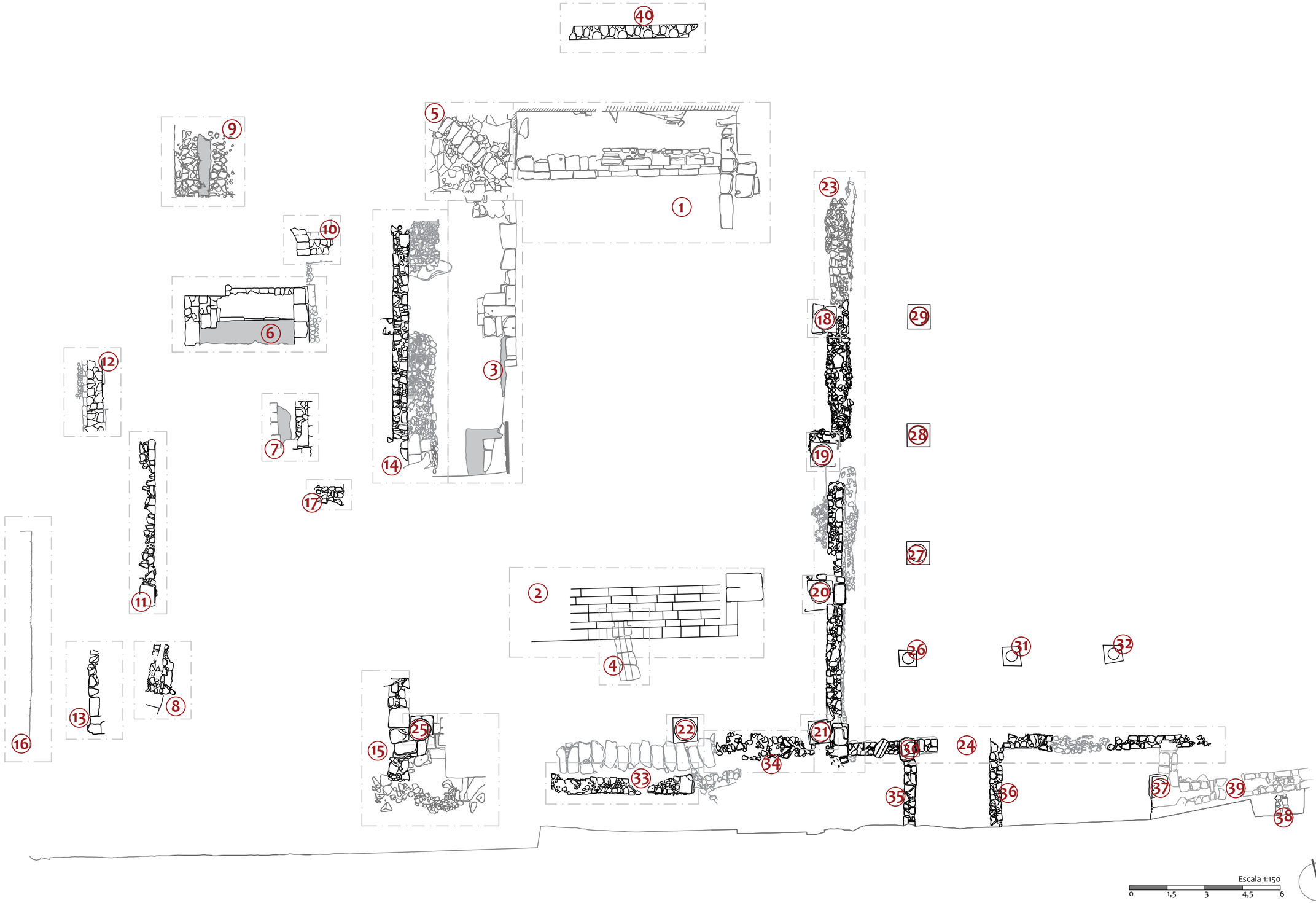
---

[212] Ibidem.

[213] Pedro Alarcão, *O traçado oculto da cidade romana de Tongobriga*, 2014, p. 25-29.

[214] Jorge de Alarcão, *Uma proposta de interpretação das Termas Romanas de São Pedro do Sul, in Termas Romanas de São Pedro do Sul,* 2021, p. 24.

[215] "Se aos arquitectos compete encontrar as soluções de resposta aos programas propostos, tendo como principais objetivos a conservação dos vestígios e, de um modo geral, a reversibilidade da intervenção, dado o seu valor de antiguidade; também a vontade de aumentar os níveis de compreensão do objecto a intervencionar, levanta um novo e interessante desafio: apoiar os arqueólogos na sua interpretação". In Pedro Alarcão, *Intervenção arquitectónica em contexto arqueológico*, 2014, p. 12.



Desenho 09: Os vestígios do tempo da fundação do balneário romano de São Pedro do Sul (século I d.C.)

2. A fundação Tiberiana

''O grau de romanização de um território chegou a ser medido pelos edifícios termais construídos''[216].

Entre os anos 138 e 136 a.C., a campanha de Decimus Junius Brutus veio promover os primeiros contactos diretos entre os romanos e as populações indígenas que então ocupavam o território, iniciando um longo processo de romanização da Península. Na região de Lafões, o registo mais evidente da presença dos romanos será a construção do *balneum*. O nosso exercício de interpretação partiu da premissa da existência de duas fases de construção romanas: do momento da sua da fundação tiberiana, entre os anos 14 e 54 d.C., e a sua (re)construção flaviana, entre os anos 98 e 117 d.C., provavelmente no reinado de Trajano[217]. Esta segunda fase terá motivado a demolição integral da primeira estrutura, assim como o seu aterro para a criação da plataforma necessária ao assentamento do novo balneário, razão pela qual os vestígios dessa primeira estrutura sejam em número muito reduzido e pontual. É também relativamente à fundação do edifício romano que a "proposta feita por Helena Frade (...) sofreu maior revisão"[218], apesar da natureza dos seus vestígios da primeira fase (maioritariamente muros ao nível das suas fundações) apenas nos permitirem a sua interpretação planimétrica, como verificaremos a seguir. A temperatura da água, naturalmente quente, e a sua especificidade mineromedicinal tornaram desnecessária a construção de um sistema de aquecimento dos pavimentos e paredes, característicos das termas higiénicas romanas comuns, resultando num edifício de grande simplicidade estrutural e funcional[219].

2.1. Os indícios

''Os nossos trabalhos e a sua conjugação com os já realizados permitiu-nos traçar uma sequência de momentos que remontam às primeiras décadas do séc.I''[220].

Partimos da identificação dos vestígios arqueológicos relativos a cada uma das duas fases romanas, de entre o vasto e complexo espólio que o balneário termal antigo de São Pedro do Sul compreende, através das plantas dos trabalhos arqueológicos de 2017 a 2019, cedidas pela equipa de arqueólogos para o presente estudo. Destacámos, em primeiro lugar, os elementos atribuídos à fundação do balneário e sobre os quais resultou o Desenho 09. Como vimos, a primeira estrutura romana identificada seria a *natatio*, a piscina exterior e que Helena Frade denominou por piscina P1, definida, pelo arranque dos degraus do seu topo norte (Desenho 09 - 1)[221], pelos "seis degraus

[216] Carme Alaix, *La arquitetura termal medicinal de época romana.* in *Morfologia y funcionalidade", Termalismo Antiguo: actas,* 1996, p.369.

[217] Seguimos a cronologia apontada pelos arqueólogos no relatório dos trabalhos arqueológicos, os quais tiveram por base os achados cerâmicos e numismáticos que surgiram nos diferentes pontos da intervenção.

[218] Maria Pilar Reis e José Marcelo Mendes Pinto, *Valorização Conservação e Reabilitação das Termas Romanas de São Pedro do Sul, Trabalhos Arqueológicos 2017/2018, Relatório Final*, 2019, p.10.

[219] O edifício 1 caracteriza-se pela utilização de um "aparelho poligonal, embrechado, que sem dúvida é uma evolução do opus incertum para o quadratum, bem documentada na Hispânia durante o reinado de Augusto e nas décadas seguintes". Maria Pilar Reis e José Marcelo Mendes Pinto, 2019, op. cit., p.10.

[220] Maria Pilar Reis e José Marcelo Mendes Pinto, 2019, op. cit. p.10.

[221] "(...) apenas se conservam os dois primeiros (...)" in Maria Pilar Reis e José Marcelo Mendes Pinto, 2019, idem, p.7.

Figuras 101 e 102: Vestígios conservados do topo norte da piscina P3. À esquerda os negativos dos degraus no muro lateral e à direita a conduta de escoamento (2019).

Figuras 103 e 104: Vestígios do arranque da abside (2019) e elementos do pórtico jónico (2021).

Figura 105: Fundação da parede poente do edifício tiberiano sob contraforte flaviano (2021).

originais"[222] do topo sul (Desenho 09 - 2). Desta piscina, os trabalhos arqueológicos recentes revelariam também "o limite [oeste], conservado *in situ*"[223] (Desenho 09 - 3), o seu sistema de abastecimento, "pela face sul, e do qual se conservou alguns elementos da conduta"[224] (Desenho 09 - 4) e, ainda, sua canalização de escoamento para o rio Vouga (Desenho 09 - 5)[225].

A segunda estrutura de grande dimensão é a piscina P3, identificada também por Helena Frade, como referimos, na campanha de 1988 e 1989. Desta segunda piscina conhecia-se, desde essa altura, o seu topo norte (Desenho 09 - 6), no qual se encontram os negativos dos cinco degraus de acesso ao seu interior (figura 101 e 102) e na última campanha de escavação localizaram-se os "primeiros degraus do limite sul, já que o topo será demolido para a construção do novo edifício"[226] (Desenho 09 - 7). Da piscina P3 foram ainda encontradas a sua provável canalização de abastecimento (Desenho 09 - 8)[227] e, também, a de escoamento (Desenho 09 - 9), provavelmente coincidente com limite norte deste primeiro edifício[228].

Helena Frade tinha já identificado outros elementos desta primeira fase de construção, os quais seriam, na sua maioria, confirmados pelos trabalhos recentes. Teremos então deste edifício: o arranque de uma abside, a norte da piscina P3 (Desenho 09 - 10), o limite ocidental do primeiro edifício (Desenho 09 - 11)[229], o seu limite oeste (Desenho 09 - 12)[230] e ainda o seu "alinhamento pertencente ao limite do Edifício 1" (Desenho 09 - 13)[231]. No lado nascente, verifica-se, o muro exterior este do edifício, do qual se conserva a sua fundação (Desenho 09 - 14)[232], a sua continuação para sul e "o que será o seu desvio para leste"[233] (Desenho 09 - 15). Referimos ainda um alinhamento de parede, aparentemente paralelo aos muros 12 e 13 e que corresponderá ao primitivo alinhamento do tanque de arrefecimento das águas termais[234] (Desenho 09 - 16) e um outro pequeno alinhamento de parede junto à piscina P3, no sentido transversal (Desenho 09 - 17).

---

[222] Idem, p.37.

[223] Idem, p.16.

[224] Idem, p.37.

[225] "Os seus 45 cm de largura, e um revestimento em opus signinum, com paredes em alvenaria e tampas de lajes de granito, permitiam um eficaz escoamento de uma massa de água considerável." In idem, p.31.

[226] Idem, p.11.

[227] "No topo sul (…) encontramos uma canalização, cortada pelo edifício 2, e que é proveniente de sul, seria ela a alimentação da P3?" in Idem, p.11.

[228] "(…) nesta área, que já fora escavada por F. R. Cortez que identificamos parte da canalização de escoamento da P3, (…) Desta canalização conservava-se o fundo, em *opus signinum* e aquilo que interpretamos como sendo o limite norte do Edifício 1" idem, pp. 30-31.

[229] "Esta sala do Edifício 1 é definida no seu limite ocidental por um alicerce, escavado por nós na ala oeste, o qual torce para oeste (…) sendo a sua quina marcada por um silhar almofadado" – idem, p.11.

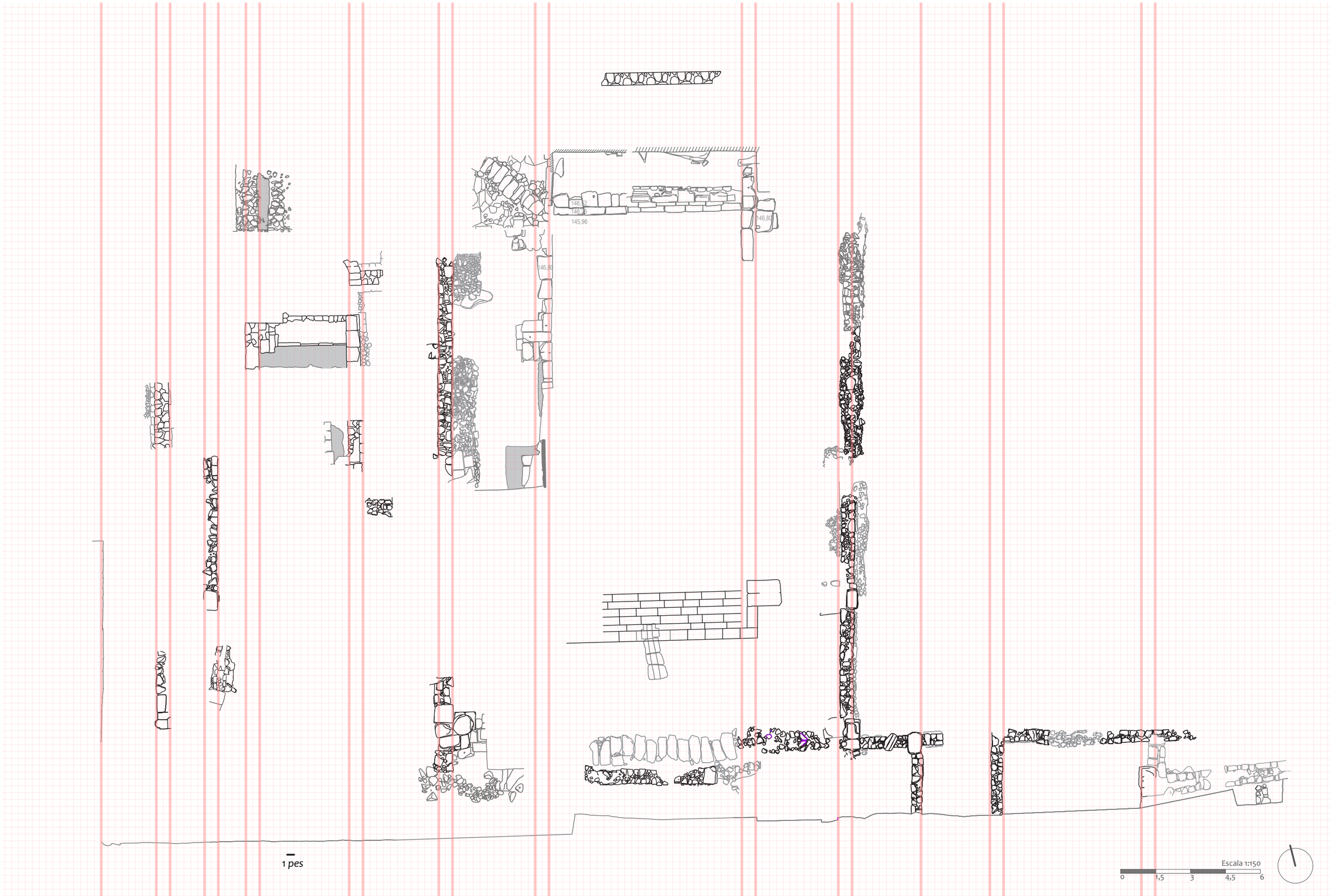
[230] "(…) detectamos o limite oeste desta primigénia sala" – ibidem.

[231] "(...) corresponde a um canto em pedra almofadada, sobre o qual se construiu o contraforte do Edifício 2." Idem, p.34.

[232] "A face exterior do muro é acompanhada por uma vala escavada em U, vala integralmente preenchida com seixos do rio, e sem qualquer argamassa. (…) Admitimos que funcionalmente serviu como sistema de drenagem e, talvez, como forma de estabilizar o terreno." Idem, p.18.

[233] "(…) a ampliação da escavação permitiu-nos identificar o seu prolongamento para sul, e numa zona bastante aletrada, oque será o seu desvio para leste, ou seja, alinhado com o muro das mesmas características, (…) no exterior imediato" – idem, p.22.

[234] "durante os trabalhos foram identificados um conjunto de lajes de granito, com um sulco lonfitudinal e preenchido com argamassa semelhante em cor e textura à que recobre o fundo da P1" idem, p.35.



Desenho 10: Definição do módulo gerador da fundação do balneário romano.

Sobre os elementos na envolvente à *natatio* (figura 94), expostos os primeiros tambores de colunas por João Manuel Bairrão Oleiro em 1956 e identificadas por Helena Frade nos anos noventa, as colunas correspondentes aos números 18, 19, 20, 21 e 22 (Desenho 09) e o muro "que em parte integrava os tambores das colunas (…)"[235], no lado nascente (Desenho 09 - 23). "Este muro em alvenaria, existente no terreno, orientado norte/sul, enlaçava com outro muro no sentido oeste/este"[236] (Desenho 09 - 24). José Marcelo Pinto e Maria Pilar Reis identificariam, ainda, no interior da Capela de Nossa Senhora da Saúde, "um tambor de coluna, no seguimento do pórtico da piscina P1, ainda assente na base original"[237] (Desenho 09 - 25), no mesmo alinhamento das colunas 20 e 21.

No exterior do edifício, entre a *natatio* e a Capela de São Martinho, seria confirmada a localização dada por Helena Frade das quatro colunas de ordem jónica[238] (Desenho 09 - 26 a 29) e identificada a base de uma coluna toscana situada no extremo sul (Desenho 09 - 30) e outras duas bases equivalentes (Desenho 09 - 31 e 32)[239]. No lado sul, temos ainda as fundações de um robusto muro (Desenho 09 - 33) e um outro "muito danificado, mas que indubitavelmente remonta ao primeiro edifício, e está alinhado com o muro que encontramos no interior da capela"[240] (Desenho 09 - 34), bem como as paredes de, pelo menos, duas salas (Desenho 09 - 35, 36, 37 e 38), estando este último debaixo de uma das fundações da capela medieval que antecedeu a construção da capela de São Martinho[241]. Por último, resta-nos referir a localização de parte de um outro muro (Desenho 09 - 40), que transpusemos para o nosso registo com base nos desenhos de campo de Helena Frade e que, infelizmente, não se identificou nos trabalhos recentes[242].

2.1.1. A unidade de medida

"(…) retiraram dos membros do corpo humano o sistema de medidas que parece necessário em todas as obras, como o dedo, o palmo, o pé, o côvado, que dividiram com relação a um número perfeito, que os Gregos dizem teleon"[243].

O exercício de interpretação que nos propusemos fazer foi assente, como nos estudos de *Tongobriga* e *Aquae Flaviae*, no dimensionamento das estruturas a partir das relações da unidade de medida do sistema romano – o *pes monetalis*[244]. Apesar de transversal ao império, esta medida

[235] Idem, p.39.

[236] Ibidem.

[237] Idem, p.22.

[238] "Estas fundações formam 4 fundações de bases de coluna, em seixo, muito semelhante à técnica à técnica utilizada na fundação pórtico da piscina P1." Idem, p.43.

[239] Ibidem.

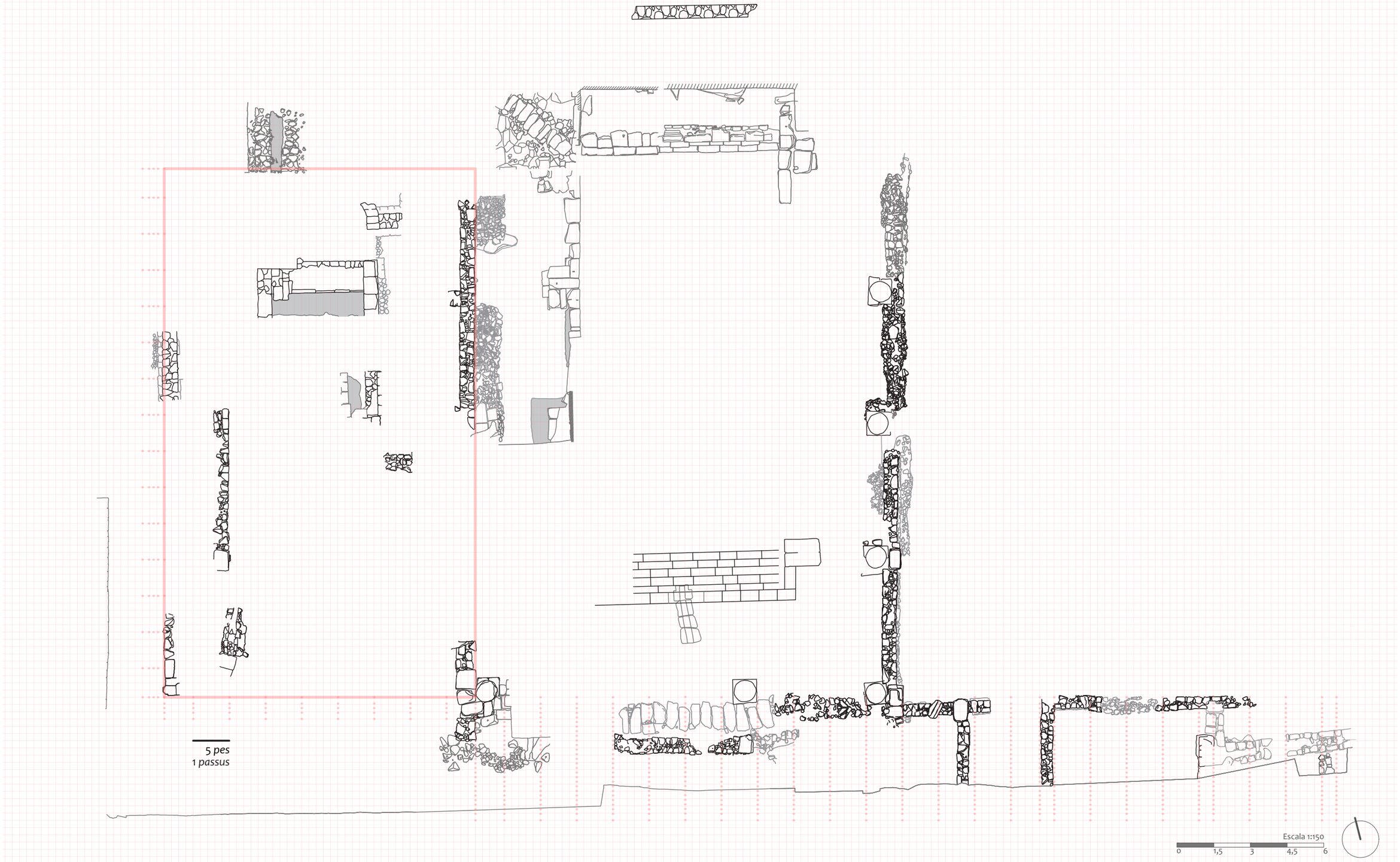
[240] Idem, p.45.

[241] Idem, p.46.

[242] "Nesta área a norte da piscina P1 H. Frade localiza um muro que corresponderia ao limite norte da esplanada porticada, zona onde F. Russel Cortez identificaria uma calçada que estaria associada a esta mesma esplanada. Do muro não conseguimos encontrar qualquer vestígio (…)." In Idem, p.31.

[243] M. Justino Maciel, Vitrúvio, Tratado de arquitectura, 2006, p.110.

[244] O *pes monetalis* corresponderá a 0,295740 m. Decompondo-se e multiplicando-se em relações proporcionais, numa relação com o corpo humano, é o módulo gerador de todas as outras unidades de medidas utilizadas. A divisão, por exemplo, por 12 dá-nos a dimensão de uma polegada (*unciae*). Por outro lado, a multiplicação, por exemplo, por 5 dá-nos a medida do *passus*.



Desenho 11: Relação de medidas gerais dos vestígios.

base admite variações de cidade para cidade registadas "entre os 0,294 e os 0,297metros"[245]. Charles Rocha[246] determinou, para *Tongobriga*, uma medida de *pes* de 0,2958m, Jorge Alarcão[247], em Conímbriga, verificou que a mesma medida base corresponderia a 0,296m e Margarida Alves[248] fundamentou a dimensão de 0,2963m para a cidade romana de Chaves.

Para o nosso caso de estudo, e com o intuito de verificar se se verificava o recurso a uma medida do *pes* específica de São Pedro do Sul, lançámos uma grelha definida por unidades de *pes monetalis*, com a orientação dos vestígios de maior continuidade (a parede que identificamos no desenho 11 com o número 14) e verificamos que todas as estruturas se faziam corresponder a uma posição coerente nessa malha (desenho 10). Com este primeiro exercício, além de nos ser possível concluir que a medida estruturadora do *balneum* de Lafões terá sido o *pes monetalis*, foi-nos possível corroborar as dimensões que os arqueólogos determinaram para a dimensão das paredes do primeiro edifício romano – 2 *pes* de espessura.

2.2. O edifício tiberiano

"A frequência das Termas implicava (...) a existência de um conjunto de anexos, nomeadamente instalações para alojamento dos frequentadores. Muito será o que está soterrado"[249].

Do cruzamento dos vestígios do primeiro edifício romano com a grelha de *pes* que definimos, verificamos que estaremos perante uma estrutura de planta certamente retangular, de 43 *pes* de largura por 73 *pes* de comprimento e com uma área muito próxima dos 280 metros quadrados que os arqueólogos apontaram[250] (desenho 11). Seria esta a parte do edifício coberta e no interior do qual se localizava a piscina P3. Em termos proporcionais, verificamos uma relação de dois terços da largura em relação ao comprimento[251], verificamos estas dimensões se tivermos em conta o lado exterior da parede sul e o alinhamento do arranque da abside, a norte da piscina P3. No entanto, e considerando o alinhamento certo de *pes* na nossa grelha, verificamos uma estrutura mais longa, numa relação de 2/4, ou seja, 43 *pes* de largura por 86 *pes* de comprimento.

Verificamos, com bastante clareza, a relação métrica dos muros 36, 37 e 38 (Desenho 09), na continuidade do espaço coberto e definidos no seu lado norte pelo alinhamento do muro 24 (Desenho 09). Note-se que o muro 35 terá cerca de um *pes* e meio de espessura, razão pela qual o deixamos de parte desta sequência onde consideramos apenas as estruturas com 2 *pes* de espessura[252]. Estes muros definiriam os limites das salas e espaços de apoio aos utilizadores

[245] Margarida Alves, *Aquae Flaviae: a ruína como imagem de cidade,* 2015, p.117.

[246] Charles Rocha, *Tongobriga – Reflexões sobre o seu desenho urbano,* 2014.

[247] Jorge Alarcão et all., *L´architecture, Fouilles de Conimbriga,* I, 1977, p.88.

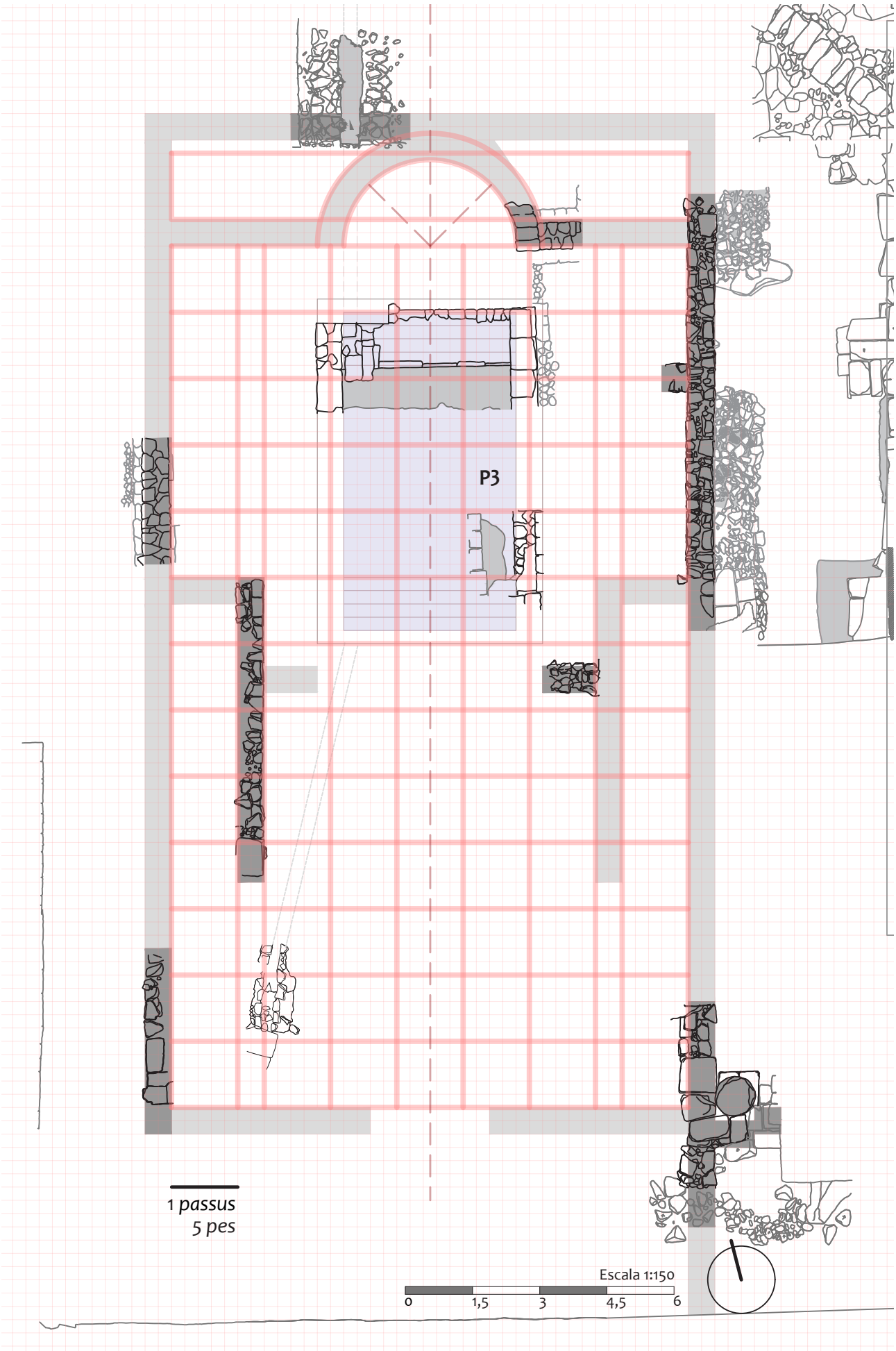
[248] Margarida Alves, *Aquae Flaviae: a ruína como imagem de cidade*, 2015.

[249] S/autor, Um olhar sobre as Termas de S. Pedro do Sul, 1999, p.10.

[250] Maria Pilar Reis e José Marcelo Mendes Pinto, *Valorização Conservação e Reabilitação das Termas Romanas de São Pedro do Sul, Trabalhos Arqueológicos 2017/2018, Relatório Final,* 2019, p.98.

[251] "Quanto às dimensões dos banhos, convém que sejam proporcionais à quantidade de pessoas, sendo o seu ajustamento o seguinte: a sua largura terá dois terços do comprimento (…)". In M. Justino Maciel, *Vitrúvio, Tratado de arquitectura,* 2006, p.197.

[252] Esta diferença de espessura poderá indicar duas fases diferentes, sendo os muros de 2 pes da fundação do balneário e os restantes de uma reformulação posterior.



Desenho 12: Reconstituição hipotética do dimensionamento do edifício tiberiano.

do balneário[253] e, ainda que possam ter sido construídas posteriormente à fundação do primeiro edifício, seguiram, de forma muito clara, a mesma métrica e orientação. A dimensão longitudinal (norte-sul) destas salas é, à data, impossível de definir, estando a (possível) continuação dos seus muros sob a atual avenida e só um futuro trabalho de escavação nesta área o poderá confirmar.

Do ponto de vista da organização funcional desta estrutura, admite-se que o acesso dos utilizadores fosse feito pelo lado sul (desenho 12), chegando ao primeiro espaço que consideramos que possa corresponder ao *apodyterium*[254] ou *vestibulum*[255] do balneário. O alinhamento 17 (Desenho 09) correspondente à espessura de 2 *pes* e coerente com as restantes paredes, indica a posição de uma parede nesta posição. Admitindo um eixo de simetria no sentido longitudinal do edifício, obtemos a posição da parede oposta à que referimos anteriormente, encostanda ao elemento 17[256]. Verificamos então um espaço central de 5 *passus* de largura e dois espaços laterais mais estreitos correspondentes a 1 *passus* de largura, dimensão bastante reduzida para considerar aqui a existência de um compartimento, pelo que apontamos um possível espaço de cisrculação, um corredor. Estas duas paredes paralelas poderiam estar também associadas ao sistema de cobertura da sala[257], servindo como ponto de apoio. No entanto, sobre esta questão, não temos elementos suficientes que fundamentem a reconstituição da sua forma, da mesma maneira que foram destruídos "todos os sinais de soleiras que consintam colocar a hipótese da existência de vãos"[258] ou apontar a sua localização.

Helena Frade, com base no arranque da parede 10 (Desenho 09), de forma curva e que sugere o arranque de uma abside no lado norte desta sala, sugere a existência de uma outra no lado sul[259], com o eixo de simetria na dimensão longitudinal da piscina P3. A sua existência no

[253] "(...) define o limite de uma outra sala, ou seja, temos já identificadas duas salas que podem estar interconectadas. Mas existe um terceiro espaço, que se perde por baixo do adro da Capela de S. Martinho" in Maria Pilar Reis e José Marcelo Mendes Pinto, 2019, op. cit., p.46.

[254] "Neste espaço existiam estruturas adaptadas à arrumação da roupa e pertences do banhista. Esses armários podiam ser em alvenaria, como os conservados nas termas de Segóbriga, compostos por uma sequência de nichos, ou em madeira, das quais não ficaram quaisquer vestígios, ainda que deles tenha ficado registo na literatura. (…) A configuração desta sala admite diferentes plantas, na sua maioria aproveitam o espaço dedicado ao acesso principal, funcionando como um vestíbulo, que no caso das termas públicas podia desempenhar o papel de local de trabalho do escravo que cobrava as entradas, e sem dúvida do capsarius, responsável pelo vestuário dos banhistas". In Maria Pilar dos Reis, *De lusitaniae vrbivm balneis: Estudo sobre as termas e balneários das cidades da Lusitânia,* 2014, p.27-28.

[255] "quando existia era certamente um átrio, que antecedia as primeiras salas termais e que terá sido habitual nas termas públicas como elemento estruturador: facilitando a distribuição dos banhistas pelos diferentes espaços termais, mas também seria neste espaço onde aguardavam os escravos pelos seus amos." Maria Pilar dos Reis, 2014, op. cit., p.28.

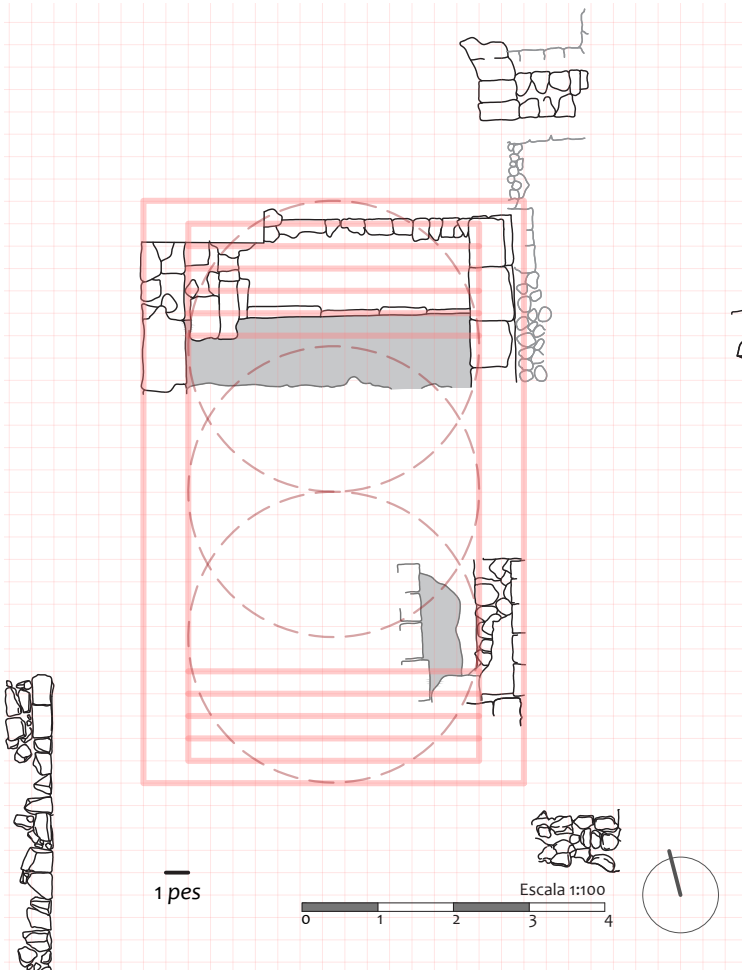
[256] A hipótese da existência de uma parede neste alinhamento transversal, dando sentido assim ao vestígio de parede aqui existente (17), justificaria, em parte, a existência dos dois corredores laterais, utilizados para chegar à piscina. No entanto, verificamos, com o dimensionamento da piscina P3 (ver 2.2.1. A piscina P3) que a existência de uma parede neste ponto dificultaria a utilização dos degraus no topo sul da mesma, uma vez que o seu arranque estaria a meros 1,5 pes (cerca de 44 centímetros) do primeiro degrau.

[257] "É possível que esta parte do edificio fosse coberta por uma abóbada, mas dela não temos qualquer indício, devido às remodelações posteriormente efectuadas." In Helena Frade e José Beleza Moreira, A arquitectura das termas romanas de S. Pedro do Sul, 1992, p.528.

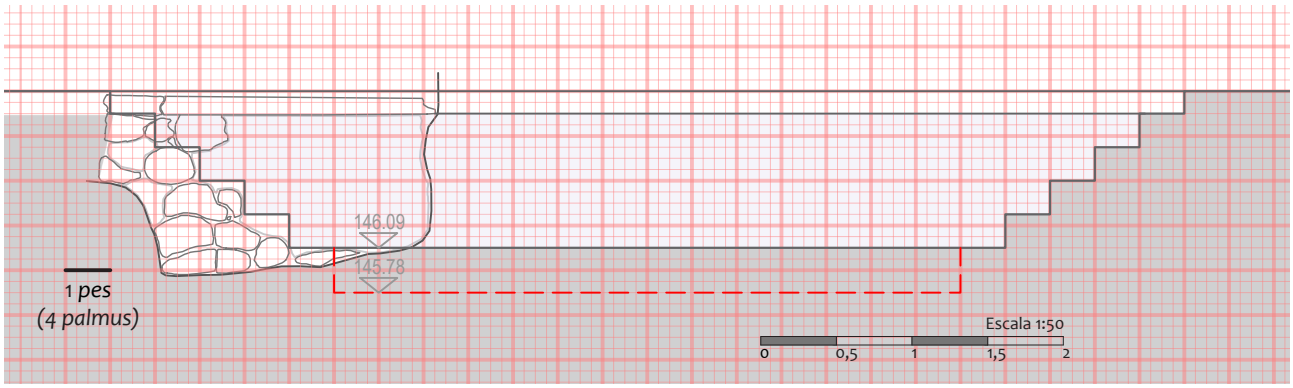
[258] Maria Pilar Reis e José Marcelo Mendes Pinto, Valorização Conservação e Reabilitação das Termas Romanas de São Pedro do Sul, Trabalhos Arqueológicos 2017/2018, Relatório Final, 2019, p.18.

[259] Helena Frade e José Beleza Moreira, 1992, op. cit., p.528.

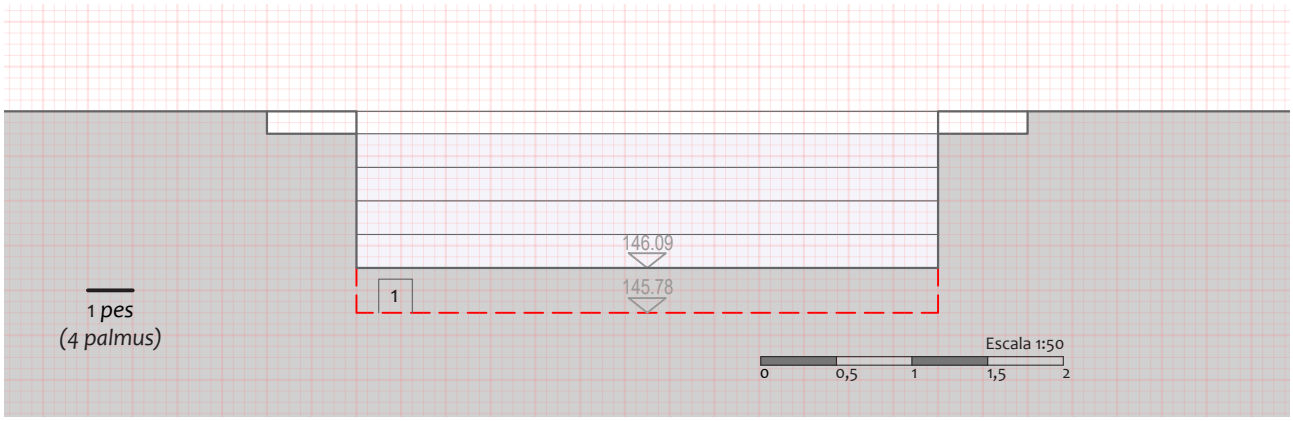
Figuras 106 e 107: Degraus sul da piscina P3, descobertos nos trabalhos arqueológicos de 2017/2018.



Desenho 13: Métrica e dimensionamento da planta da Piscina P3.



Desenho 14: Dimensionamento hipotético do perfil longitudinal da Piscina P3.



Desenho 15: Reconstituição do perfil transversal da Piscina P3.

lado norte é inquestionável[260] , no entanto, a sua existência no lado sul coloca algumas dúvidas, apesar da sua existência por ser a justificação para a localização do arranque 17 (Desenho 09). Por outro lado, os "fragmentos de molduras, duplas e triplas"[261] no alinhamento exterior da parede este poderão corresponder à existência de uma porta que, neste local, seria a transição entre o interior do balneário e a *natatio*, enquadrada pelo seu pórtico exterior.

2.2.1. A piscina P3

"Quando se fala em piscinas não queremos referir somente os tanques onde se pode nadar, mas sim todos os que serviam para banhos de imersão colectivos. As banheiras distinguem-se das piscinas porque, pelo seu tamanho, apenas permitiam o banho individual"[262].

Nos trabalhos arqueológicos recentes, José Marcelo Pinto e Maria Pilar Reis identificaram o arranque do primeiro degrau do topo sul da piscina P3 e parte do seu pavimento original em *opus signinum*[263] (figura 106 e 107). Como vimos, na campanha de 1988 e 1989, Helena Frade tinha já identificado parte desta piscina, a "mais antiga, com 7m de comprimento por 5m de largura, e cinco degraus de acesso em cada topo [que] é aliás a primeira evidência do Edifício 1"[264]. Não tendo encontrado o seu topo sul, que teria sido demolido com a reconstrução do edifício na época Flávia, calculou a dimensão desta piscina e os seus limites com base nos degraus do topo conhecido. Com estes dados, foi-nos possível constatar que a piscina interior do primeiro edifício termal romano corresponderia a 17 *pes* de largura, contando com as suas laterais e que estas, por sua vez, corresponderiam a 2 *pes* (a mesma espessura das paredes do edifício) e 2 *passus* e 3 *pes,* excluindo as mesmas (Desenho 13). No sentido norte-sul, verificamos 18 *pes* de comprimento no fundo da piscina e 26 *pes* no mesmo sentido (5 *passus* e 1 *pes*) se incluirmos a dimensão das duas escadas de acesso, numa proporção de 2/4[265], sendo a sua largura correspondente a duas partes do seu comprimento (desenho 13). Cada um desses degraus de acesso ao tanque corresponderia à largura de 1 *pes*, conformando, no seu conjunto, um módulo de 1 *passus* da dimensão do total da piscina. A conduta de escoamento desta piscina (no lado norte) corresponderia também ela à dimensão de 1 *pes* de largura e o seu arranque estaria oculto pelos degraus norte da piscina.

A indicação de que a piscina P3 teve duas fases de revestimento do seu fundo[266], correspondendo a primeira fase à cota 145,78m e a segunda fase à cota 146,09, ou seja, 31cm de diferença, levou-nos a considerar a existência de um sexto degrau que terá desaparecido com essa ação de repavimentação (desenho 14). A localização do arranque da conduta de escoamento, fora

[260] A abside teria, no interior da sua curvatura, 13 pes de largura, a mesma dimensão, como veremos, do interior da piscina P3.

[261] Ibidem.

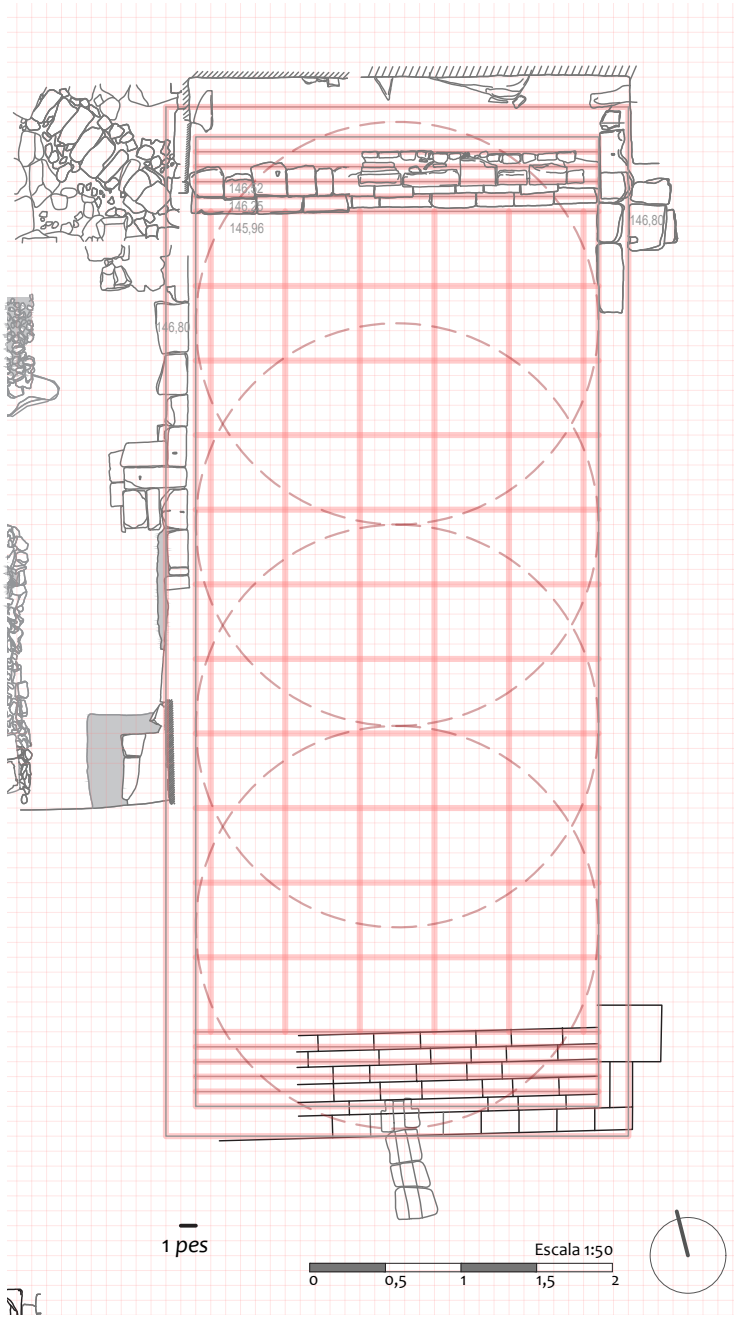
[262] Helena Frade, As termas medicinais da época romana em Portugal, 1990, p. 874.

[263] Maria Pilar Reis e José Marcelo Mendes Pinto, Valorização Conservação e Reabilitação das Termas Romanas de São Pedro do Sul, Trabalhos Arqueológicos 2017/2018, Relatório Final, 2019, p.11.

[264] Idem, p.10.

[265] Vitrúvio, no Tratado de arquitectura, define o seguinte ajustamento: "a sua largura terá dois terços do comprimento, excluído o recesso do tanque e da banheira" in M. Justino Maciel, Vitrúvio, Tratado de arquitectura, 2006, p.197.

[266] "É de notar que a P3, piscina interior do Edifício 1 apresenta uma segunda fase na qual se repôs o revestimento a opus signinum" Maria Pilar Reis e José Marcelo Mendes Pinto, 2019, op. cit, p.19.



Desenho 16: Dimensionamento da *natatio*

Figura 108: Alinhamento original da lateral da *natatio* (2005).

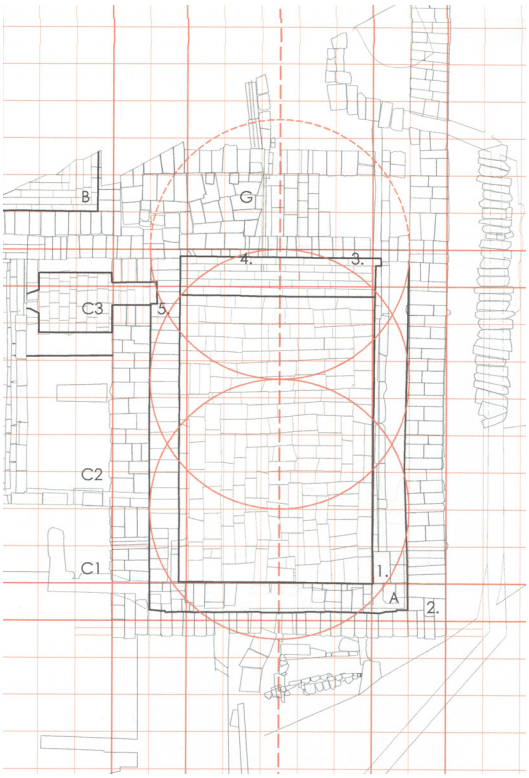
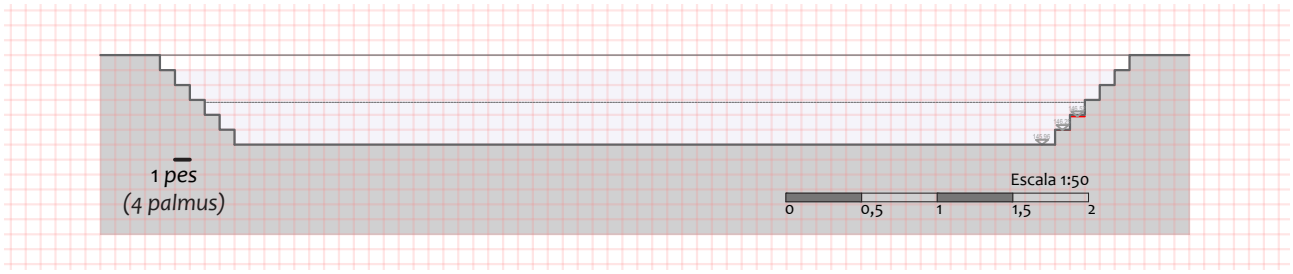
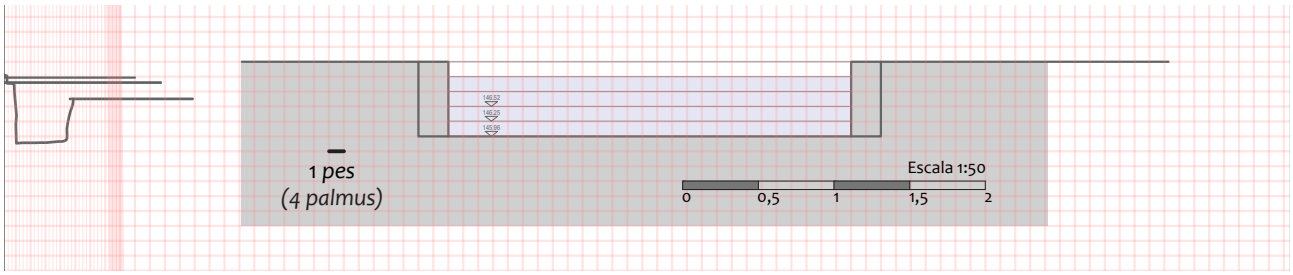


Figura 109: Piscina A de Chaves, por Margarida Alves.



Desenho 17: Reconstituição hipotética do perfil longitudinal da *natatio*



Desenho 18: Reconstituição hipotética do perfil transversal da *natatio*

do alinhamento do primeiro degrau e a sua correspondência à dimensão de 1 *pes* (a mesma medida de cada um dos restantes degraus) leva-nos a considerar que o arranque desta canalização ficaria alinhada sob o primeiro degrau e que a repavimentação da piscina terá elevado a cota do fundo na altura correspondente a 1 degrau (desenho 15).

2.2.2. A natatio

"Nem os dados recolhidos no decorrer dos trabalhos actuais, nem aqueles resultantes das intervenções anteriores, foram verdadeiramente esclarecedores sobre a forma como o primeiro arquitecto articulou estes dois espaços [o edifício 1 e a natatio]"[267].

A segunda estrutura de cronologia tiberiana corresponde à piscina de maior dimensão do balneário medicinal - a *natatio*, ou piscina P1, construída ao ar livre, no lado nascente do edifício. Na campanha de 1985, Helena Frade "faz uma limpeza integral da piscina P1"[268], descrevendo-a como "um grande tanque rectangular, cujas medidas são 20,5m X 9m x 1,50m, com seis degraus [de granito] em cada um dos topos Norte e Sul[269], atribuindo-a à primeira fase de construção do *balneum* e coloca a hipótese de esta ter sido "mantida em utilização após as remodelações da 2ª fase. O fundo era revestido a *opus signinum*"[270] e encontrar-se-ia à cota 145,96m. Desta piscina, como vimos, os trabalhos arqueológicos confirmaram os seis degraus de acesso no topo sul e o arranque dos degraus no lado norte e revelaram o alinhamento da sua parede este (figura 108).

Constatamos para esta piscina uma dimensão interior (sem os muros laterais e as escadas de acesso) de 27 *pes* no sentido transversal, ou seja, cinco *passus* e dois *pes* - a mesma dimensão que Margarida Alves (2015) definiu para piscina A das termas do Arrabalde[271] (figura 109); no sentido longitudinal (norte-sul), verificamos 55 *pes*, ou seja, 11 *passus*, numa proporção de 2/4, correspondente proporcionalmente à piscina P3 (desenhos 16 a 18) e diferente de Aquae Flaviae que obedece à proporção vitruviana de 9 *passus* e "correspondente a dois terços da sua profundidade"[272]. Os muros laterais, em conformidade com as restantes paredes da primeira fase, correspondem a 2 *pes* de espessura e "O fundo [da piscina] era revestido a opus signinum com meia-cana, conforme vestígios ainda existentes, e as paredes e as escadas eram em granito, não havendo sinais de terem tido revestimento"[273]. Verificamos que cada degrau corresponderia à dimensão de 1 *pes* e que, no seu conjunto, os 5 degraus de acesso corresponderiam à medida de 1 *passus*, sendo o sexto degrau (o primeiro no sentido descendente) coincidente com a lateral da piscina, com 2 *pes* de largura em todos os seus quatro lados. No entanto, se considerarmos a dimensão longitudinal total da piscina e das suas laterais, verificamos uma proporção de 2/5.

---

[267] Idem, p.18.

[268] Idem, p.36.

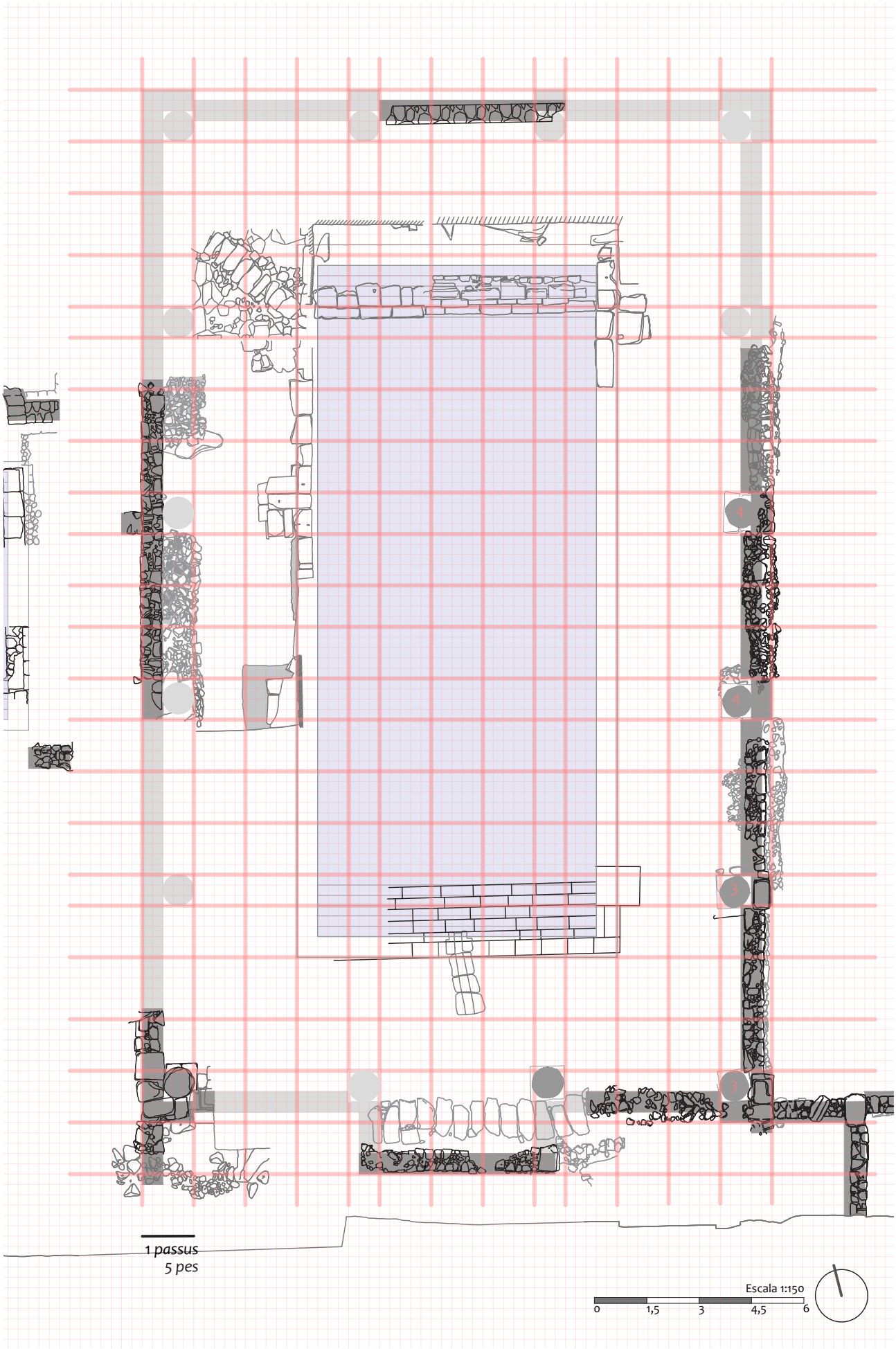
[269] Helena Frade e José Beleza Moreira, A arquitectura das termas romanas de S. Pedro do Sul,1992, p.522-524.

[270] Helena Frade, As termas medicinais da época romana em Portugal, 1990, pp.885.

[271] Apesar desta piscina de *Aquae Flaviae* ter sido dimesionada sob uma medida particular do *pes* romano, a autora identifiou os mesmos "cinco *passus* e dois *pes*" de largura. in Margarida Alves, "Aquae Flaviae: a ruína como imagem de cidade", 2015, p. 179.

[272] Ibidem.

[273] Helena Frade e José Beleza Moreira, 1992, op. cit, p. 524.



Desenho 19: Métrica e dimensionamento dos elementos existentes do pórtico jónico.

No ângulo norte-noroeste da *natatio*, orientada a 45º, uma "comporta de guilhotina"[274] e uma conduta com cerca de 3 pes de largura fariam o escoamento da mesma, "através de um percurso de aproximadamente 11 metros (…) [até] às margens do Vouga"[275]. Este tipo de escoamento com cerca de "45cm de largura, e um revestimento em *opus signinum*, com paredes em alvenaria e tampas de lajes de granito, permitiam um eficaz escoamento de uma massa de água considerável. Que supomos em débito constante, pois o tipo de guilhotina que existiu na P1 e o perfil desta canalização sugerem a existência de um cano ladrão superior que permitia a manutenção de um nível de água constante na piscina, não superior ao metro, coincidindo com o quarto degrau das escadarias de acesso"[276]. A existência deste cano ladrão justificaria o *pes* "sobrante" em cada um dos lados interiores desta piscina, sendo esta a sua medida - 1 *pes*.

Por fim, o abastecimento da *natatio* seria realizado pelo seu lado sul, através de uma conduta de pedra[277], com uma dimensão de, aproximadamente, 1 *pes*, centrada na escadaria e, por sua vez, da piscina. A água entraria nesta estrutura "pelo quarto degrau, contando do fundo, numa solução semelhante à observada nas termas romanas de Chaves"[278]. Esta é, na verdade, uma das evidências mais claras que atestam a utilização das águas quentes da fonte termal na piscina exterior[279], sendo "o arrefecimento (…) assegurado pelo amplo espelho que representava esta piscina, e sem dúvida pelo contraste ambiental"[280].

2.2.3. O pórtico jónico

> *"O antigo pórtico da piscina foi depois fechado por um muro de alvenaria, envolvendo as suas colunas e separando-o completamente do novo espaço porticado na ordem toscana"*[281].

Os vestígios de várias colunas na envolvente da *natatio* são a evidência muito clara da existência de um pórtico neste balneário romano, no entanto, e desde a sua descoberta, a sua interpretação volumétrica e funcional tem sido o grande "calcanhar de Aquiles" do estudo deste complexo edifício, continuando a colocar várias questões para as quais ainda não se encontrou uma resposta totalmente coerente. Na cidade helenística e imperial, o pórtico constituía-se um elemento essencial de qualquer conjunto de alguma magnitude, quer pela sua facilidade

---

[274] SIPA (http://www.monumentos.gov.pt/Site/APP_PagesUser/SIPA.aspx?id=4294) consultado pela última vez no dia 22/10/2021.

[275] Maria Pilar Reis e José Marcelo Mendes Pinto, Valorização Conservação e Reabilitação das Termas Romanas de São Pedro do Sul, Trabalhos Arqueológicos 2017/2018, Relatório Final, 2019, p.36.

[276] Idem, p.31.

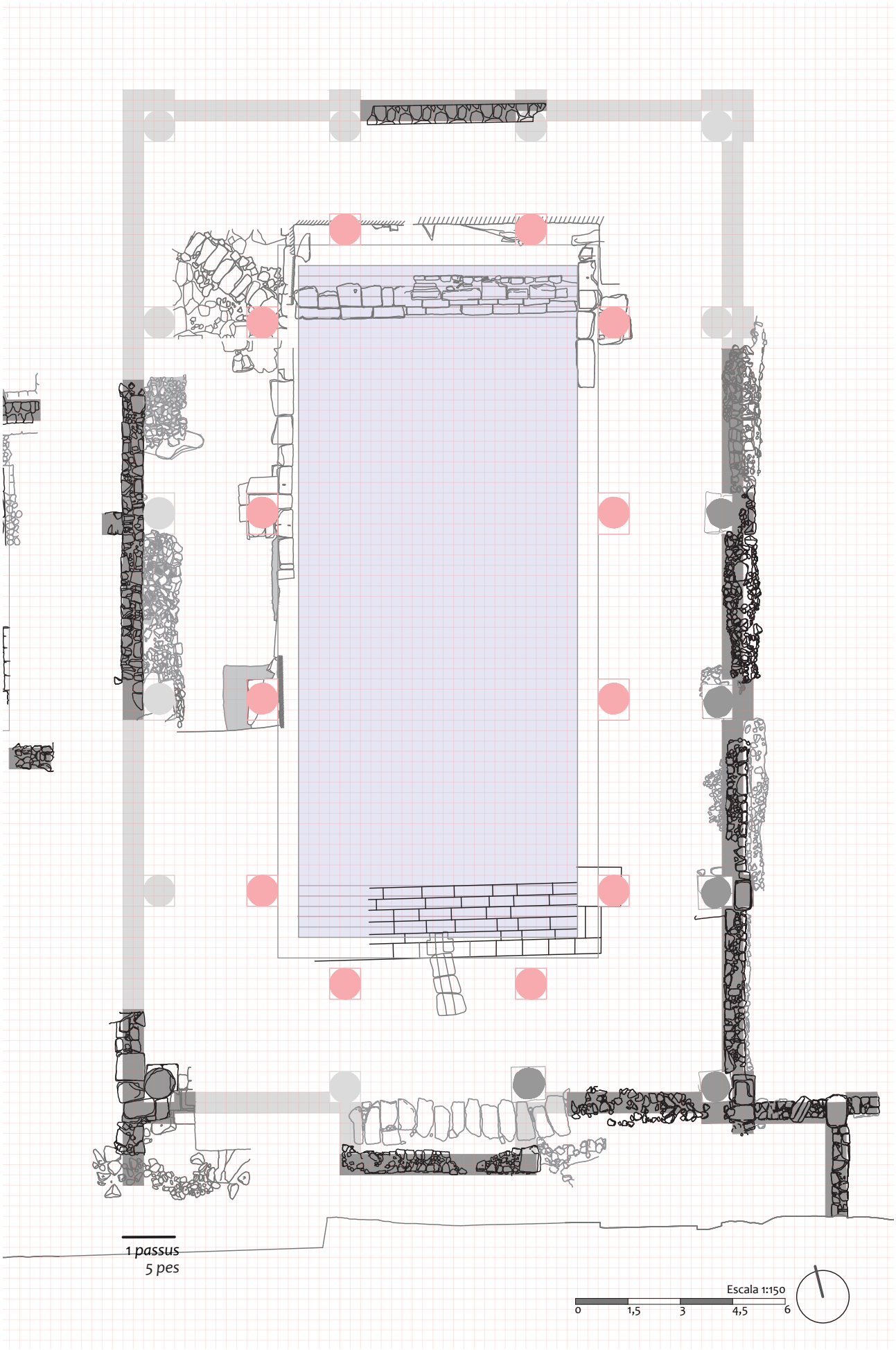
[277] O carácter singular das águas que correm no balneário de São Pedro do Sul levaram a que os sistemas de abastecimento correspondessem a um sistema de canalizações e condutas escavado em blocos de pedra cobertos com lajes, ao contrário das habituais de chumbo, mais nocivas e que alteram as características medicinais das águas, conforme indica Vitrúvio, no seu Tratado de arquitectura, in Marco Vitrúvio, Tratado de arquitectura, V, X, 4, tradução de M. Justino Maciel, 2006, p.315.

[278] Maria Pilar Reis e José Marcelo Mendes Pinto, 2019, op.cit., p.37.

[279] "Esta forma de abastecimento é uma característica dos sistemas com águas termais, visto tratar-se de água quente que se pretende manter a uma temperatura elevada evitando o arrefecimento que uma bica representaria". Ibidem.

[280] Idem, p.37.

[281] Marcelo Mendes Pinto, *As Escavações Arqueológicas das Termas Romanas de São Pedro do Sul – uma breve síntese, Termas de São Pedro do Sul*, 2021, p.11.



Desenho 20: Reconstituição hipotética do pórtico jónico, com base na leitura de Helena Frade.

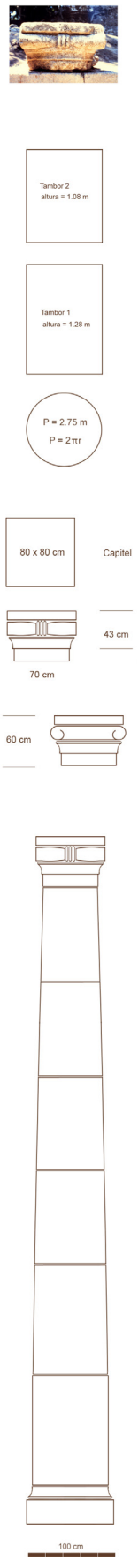


Figura 110: Interpretação de coluna romana - José Luís Madeira.

de implementação, quer pela flexibilidade estrutural que permite[282], tendo como principal função o abrigo da chuva e do sol. Estes pórticos podiam ser constituídos por uma única nave, correspondente à largura do edifício, por duas naves, ou mesmo, em certos casos, por três, separadas por uma ou duas filas de colunas. Contrariamente às cidades gregas, o pórtico romano raramente surge como uma construção isolada, mas têm um papel fundamental nos complexos onde se inserem[283].

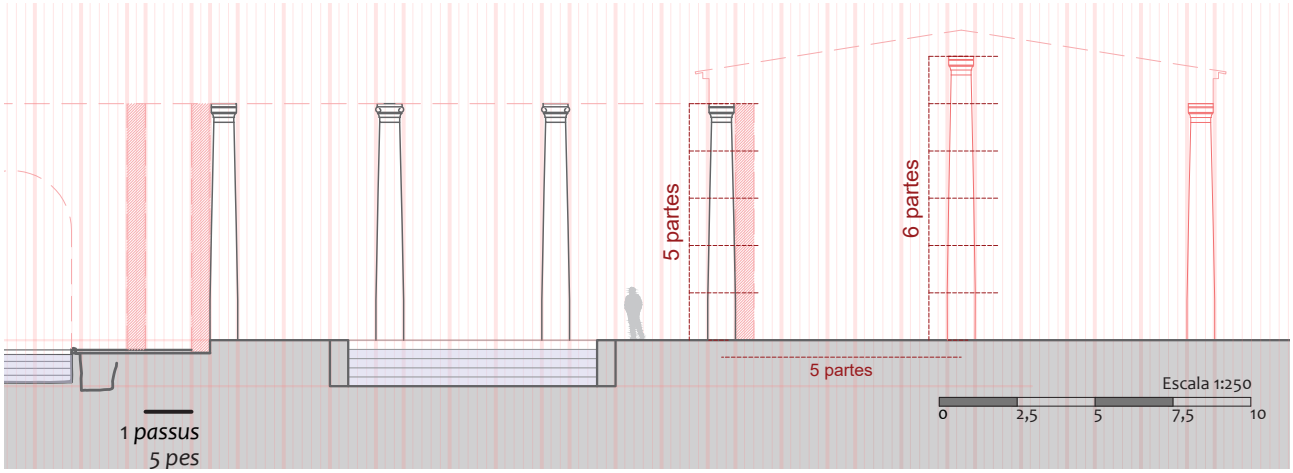
Como referimos, os indícios do pórtico prendem-se, em primeiro lugar, com a localização de 6 colunas, dadas pelas suas bases, e um muro que, pelo seu lado exterior, as encerraria. "As colunas do pórtico assentavam em espaços quadrados formados por dois blocos paralelepipédicos de granito"[284] e que corresponderiam a um módulo quadrado de 3 *pes* (desenho 19), com exceção das duas colunas mais a norte (18 e 19 do Desenho 09), que corresponderiam a uma base retangular de 3 *pes* por 4 *pes*. O afastamento entre cada uma dessas bases, corresponderia à distância de 15 *pes*, ou seja, 3 *passus* entre cada coluna. Contudo, sendo o espaçamento entre as duas bases retangulares correspondente a somente 14 *pes*. Esta variação poderia corresponder a algum tipo de "erro" de construção ou algum tipo de movimentação nesta estrutura associada às sucessivas apropriações a que este espaço foi sujeito. Por outro lado, fazendo a correspondência dos alinhamentos das colunas existentes para o lado oposto da *natatio*, e partindo do pressuposto que este pórtico terá funcionado nos quatro lados (com base num eixo de simetria) verificamos que as estas localizações correspondem aos mesmos alinhamentos dos elementos encostados à parede lateral poente da piscina. Esta compatibilidade de assegura-nos de que as colunas se encontrarão na posição correta, posicionadas no eixo longitudinal da *natatio* e que este poderá ser, também, o eixo de simetria do próprio pórtico. Na parede este do edifício, a posição das duas possíveis colunas, no eixo transversal à *natatio*, é fundamentada pela identificação de "três fragmentos da voluta de um capitel, semelhante na forma e na dimensão, às dos capitéis jónicos que sabemos recuarem à primeira fase"[285], sendo este o indício da existência de colunas também

[282] Pierre Gross, *L´architecture romaine : début du IIIe siècle av.J.C. à la fin du Haut-Empire : les monuments publics,* 1996, Chapitre 3, p. 95.

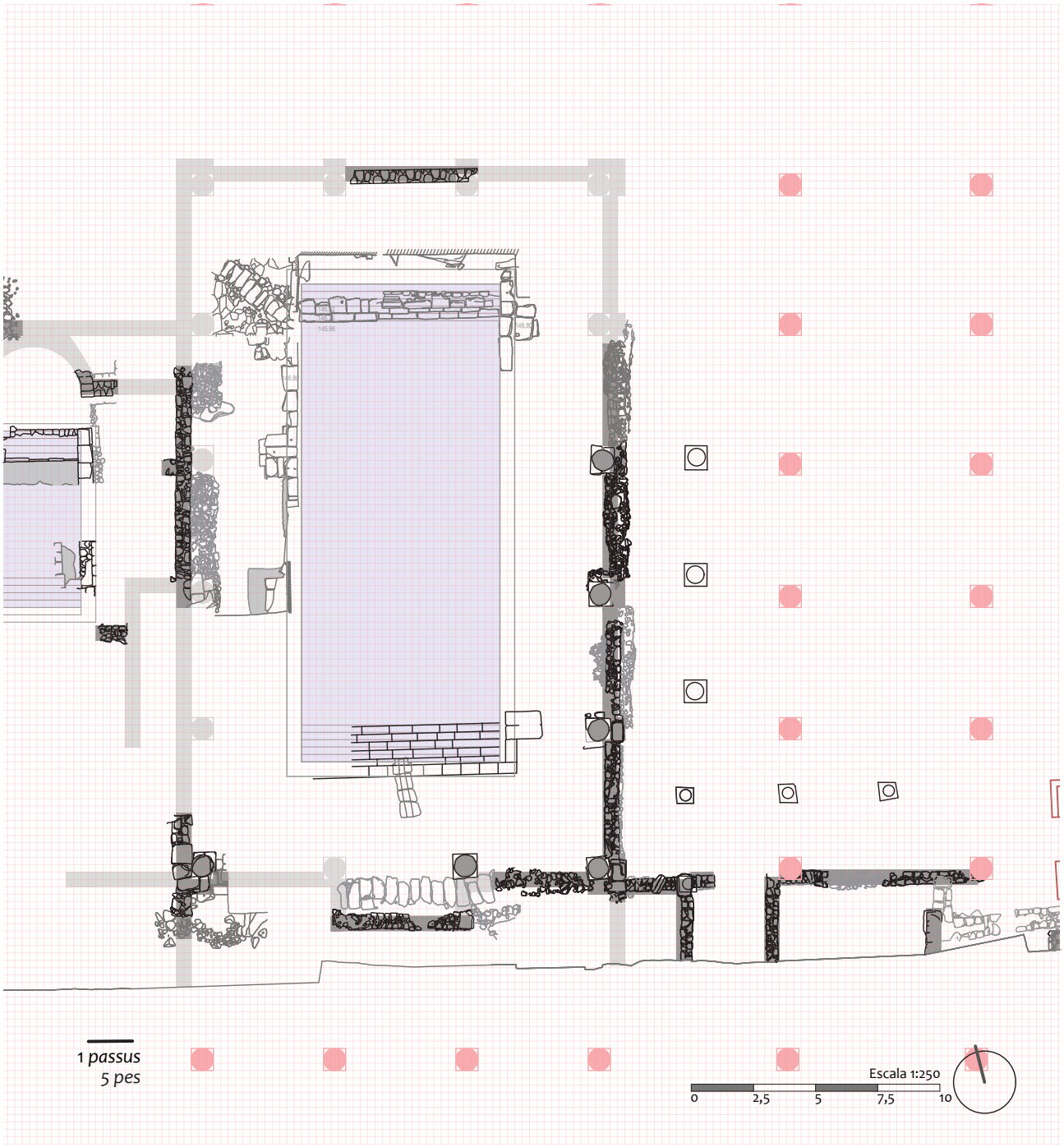
[283] "Il importe déxaminer ici queles formes revêt la porticus en tant que telle dans la panoplie urbaine: bien que, à la différence de ce qu´on observe dans les villes grecques, le portique romain soit rarement un édifice isolé, son absense d´autonomie ne l´empêche nullement de développer des formules originales et de jouer dans l´évolution des complexes où il s´intègre un rôle essentiel." In Pierre Gross, idem, p. 383.

[284] Helena Frade e José Beleza Moreira, *A arquitetura das termas romanas de S. Pedro do Sul*, 1992, p. 528.

[285] Maria Pilar Reis e José Marcelo Mendes Pinto, 2019, op. cit., p.18.



Desenho 21: Reconstituição hipotética do perfil transversal do pórtico jónico.



Desenho 22: Reconstituição hipotética da planta do pórtico jónico.

neste lado da piscina. Com base nestas premissas, fizemos corresponder para o lado norte, a mesma métrica, em relação ao eixo transversal da *natatio*. Teríamos então um ritmo de *pes* 3-15-3-15-4-14-4-15-3-15-3, no sentido longitudinal, e de 3-15-3-15-3-15-3, no sentido transversal e que na sua totalidade corresponderá a uma proporção de 3/5, conformando um espaço de circulação de 2 *passus* de largura em cada um dos quatro lados, entre a face interior do alinhamento das colunas e a lateral da natatio (desenho 19).

No que diz respeito ao muro que encerraria este pórtico verificamos vários aspetos: em primeiro lugar, verificamos que esse muro corresponderiam, no lado sul e este, a mesma espessura de 2 *pes,* coerente com as paredes do balneário e que indica que serão estruturas contemporâneas; no lado nascente, o muro envolve em 1 *pes* a espessura das colunas, criando uma saliência da mesma medida no lado exterior, e, no seu conjunto (coluna e muro) corresponderia à espessura de 1 *passus* (Desenho 19). No lado poente, e por coincidir com a parede do edifício 1, o muro é contínuo, ficando as colunas somente encostadas à face exterior do mesmo. O elemento mais a sul do pórtico (Desenho 09 - 33) corresponde a um segundo alinhamento de parede, no sentido transversal, e que, aparentemente, nada teria a ver com o funcionamento do pórtico. Porém, e no alinhamento da terceira coluna, da esquerda para a direita, está localizada uma pedra de dimensão maior, em relação às restantes pedras desse mesmo alinhamento e que despertou a nossa atenção. A sua dimensão, assim como a sua orientação, levou-nos a considerar que esta poderia ser uma pedra de canto, maior pela sua função estrutural, pertencente a um recuo da parede do pórtico (Desenho 09 - 34). Este recuo corresponderia, pressupomos, a um nicho[286], que se conformaria alinhado entre as duas colunas centrais do lado sul do pórtico e, por sua vez, no alinhamento do eixo longitudinal da *natatio* e que corresponderia a uma planta retangular de 3 *passus* de comprimento por 1 *passus* de largura. Um dado curioso, e uma feliz coincidência até, prende-se com o muro que Helena Frade teria identificou[287] e registou no lado norte da *natatio*. Como referimos, esta estrutura não foi localizada nos últimos trabalhos arqueológicos e a única indicação da sua existência encontra-se nas plantas das escavações de Helena Frade (figura 65). Ainda assim, transportámos a sua localização para o nosso estudo (desenho 19) e este revelar-se-ia exatamente alinhado no local onde tínhamos previsto que houvesse uma parede. Esta poderá ser a confirmação da viabilidade do registo de Helena Frade[288].

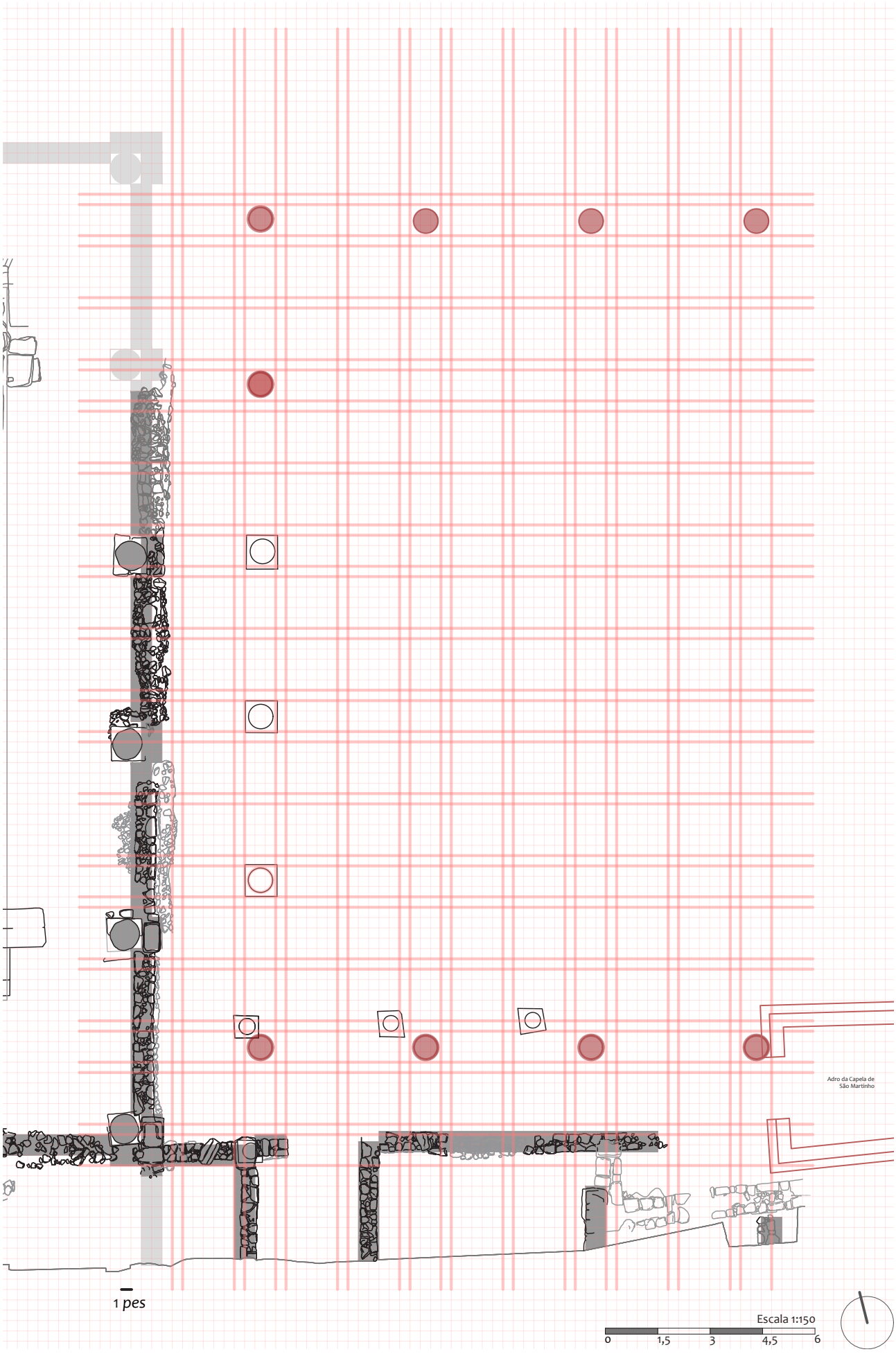
Do ponto de vista do funcionamento tridimensional deste pórtico. Sobre esta questão, guiámo-nos, em primeiro lugar, pela interpretação de Helena Frade (desenho 20) que considerou

---

[286] A existência de nichos é um tema recorrente e extremamente comum da arquitetura termal, motivada essencialmente pelo culto às divindades das águas.

[287] "a norte da piscina P1 H. Frade localiza um muro que corresponderia ao limite norte da esplanada porticada, zona onde F. Russell Cortez identificaria uma calçada que estaria associada a esta mesma esplanada. Do muro não conseguimos encontrar qualquer vestígio (…) mas apenas um rasgo no afloramento, que aqui corre a uma cota alta, e que poderá efetivamente, ser o único vestígio deste suposto muro. Contudo, os dados recolhidos não permitem, em absoluto, confirmar este fecho norte, nem descrever a fórmula adoptada pelos arquitectos romanos para aqui fazer o necessário socalco que protegia a P1 e o edifício do rio Vouga." Maria Pilar Reis e José Marcelo Mendes Pinto, *Valorização Conservação e Reabilitação das Termas Romanas de São Pedro do Sul, Trabalhos Arqueológicos 2017/2018, Relatório Final,* 2019, p.32.

[288] Esta é, em boa verdade, uma das finalidades deste tipo de estudos: poder validar, ou refutar, com o máximo rigor possível, as interpretações e descrições antigas.



Desenho 23: Reconstituição hipotética do segundo pórtico com base nas colunas paralelas ao pórtico jónico

um "pórtico de dupla colunata"[289], "sendo a primeira linha assente nos limites da piscina e a segunda linha recuada 3,42m em relação à borda da piscina"[290]. Segundo a mesma autora, a primeira linha de colunas estaria assente nos maciços que ladeiam as paredes laterais da *natatio*[291], os quais estão, de facto, no mesmo alinhamento das colunas. No entanto, esta hipótese revela-se pouco válida, tendo em conta que, havendo uma cobertura, a mesma não teria um apoio nos pontos mais frágeis – os cantos onde se faria a mudança de direção da água. Esses maciços serão, então, meros contrafortes da piscina de grandes dimensões, ainda que seja uma hipótese pouco comum, tendo em conta que nenhum destes elementos se situa nos cantos da piscina, normalmente os pontos mais frágeis (talvez porque o conjunto dos degraus, em cada lado, faria ele próprio essa função).

A partir do desenho canónico das colunas deste pórtico (figura 110), segundo José Luís Madeira (desenhador do instituto arqueológico de Coimbra), delineámos o perfil transversal da natatio (desenho 21), na sua relação com o pórtico e "O muro por trás das colunas [que] tinha até agora sido interpretado [por Helena Frade] como o muro que fechava o pórtico e, portanto, de cronologia romana. (…) Em nenhum momento poderá ter sido o suporte do próprio pórtico, tem escassos 52/58cm de espessura e para suportar o pórtico devia-se levantar, pelo menos, a 7,60m de altura"[292]. Portanto, faria sentido que existisse um segundo alinhamento de colunas, da mesma dimensão, onde fosse possível assentar uma cobertura. Vitrúvio "recomenda que os pórticos devem ser duplos, com colunas exteriores dóricas e respectivos epistílios e ornamentos executados segundo a proporção dos módulos. Assim, no que respeita às suas dimensões, a experiência recomenda ser conveniente que a altura das colunas exteriores seja igual à distância que vai da sua base às colunas intermédias e destas até às paredes que envolvem os passeios do pórtico. As colunas médias, por seu lado, deverão ser uma quinta parte mais altas que as exteriores e seguirão a ordem jónica ou coríntia"[293]. Neste sentido lançámos, através da dimensão das colunas existentes, o hipotético traçado de um pórtico duplo no *balneum* (desenho 22), sendo que este apenas poderia existir em três dos quatro lados do pórtico, visto que no lado poente existia o edifício que albergava a P3.

Do resultado deste exercício, apenas a localização das colunas intermédias se encontram sensivelmente no mesmo alinhamento da parede de uma das possíveis salas a sul, não havendo coincidência com nenhuma das outras colunas existentes na esplanada a nascente do pórtico (Desenho 22). Há que ter em conta também a posição do rio Vouga, muito próxima a este hipotético limite norte do pórtico. A configuração da sua margem seria, à época, muito diferente da atual, pelo que, talvez, o limite do rio estivesse mais recuado em relação à posição do balneário, possibilitando, assim, a existência do pórtico no lado norte. Em todo o caso, não nos parece que

[289] Helena Frade, As termas medicinais da época romana em Portugal, 1990, pp.885.

[290] Maria Pilar Reis e José Marcelo Mendes Pinto, 2019, op. cit. p.36.

[291] Sobre estes maciços, colocámos a recôndita hipótese de serem bases de estátuas (8 no total), como se verifica, por exemplo na Villa Adriana. Estas estátuas poderiam corresponder à ideia do balneário como lugar protegido pelas divindades. No entanto, esta hipótese viria a ser descartada pelo diálogo com a arqueóloga Maria Pilar Reis, por em momento algum terem sido encontrados quaisquer vestígios de estatuária.

[292] Idem, p.39.

[293] Vitrúvio, Tratado de arquitectura, V, X, 4, tradução de M. Justino Maciel, 2006, p.193.

Desenho 24: Definição da orientação hipotética do balneário romano.

Figura 111: Cruzeiro com tambores das colunas do balneário romano.

Figura 112: Arco medieval da ponte de fundação romana sobre o rio Vouga.

Figura 113: Ponte romana na Avenida da Ponte Velha.

o arquiteto romano fosse desvalorizar a presença visual do rio Vouga na conceção deste espaço exterior, fechando-o com um muro, a não ser que alguma razão de maior – uma cheia do rio Vouga - o fizesse repensar o projeto original, construindo um muro que fecharia o pórtico e impediria que a água do rio, quando sobe, atingisse a *natatio*.

Restava-nos, por último, debruçarmo-nos sobre as colunas no lado nascente do pórtico e que aparentam não ter uma razão lógica, as quais "Helena Frade interpretou como sendo a[s] base[s] de (…) coluna[s], de ordem menor, e que formavam o acesso ao recinto termal"[294] (desenho 23). Em primeiro lugar verificámos que apenas três delas se encaixavam nos alinhamentos e na modulação, quer do edifício 1, quer do pórtico jónico (Desenho 09 - 27 a 29). Por sinal, estas três colunas correspondem à mesma dimensão das colunas do pórtico jónico (3 por 3*pes*), apesar de não terem uma correspondência direta com os alinhamentos das últimas. Estas colunas distam entre si 13 *pes*, e a sua face está afastada do muro do pórtico 8 *pes*. Fazendo a correspondência desta métrica para o que seria o seu lado sul, verificamos a mesma distância (de 8 *pes*) entre a face exterior das colunas e a parede a sudoeste, reduzindo para uma distância de 7 *pes* no muro a nascente. Seria esta uma segunda fase do pórtico jónico relacionado com o funcionamento das salas de apoio ao edifício? Mais uma vez, a resposta à questão do funcionamento do pórtico poderá estar sob a Rua Central das Termas de São Pedro do Sul e só o alargamento das escavações para esta área poderá dar mais respostas.

2.2.4. A orientação

"(…) se observarmos a arqueologia local verificamos que não existe conhecimento de povoamento romano no sítio das Termas, além do edifício Termal. Assim, temos que nos interrogar: onde se situava o povoado que apoiava as estruturas termais existentes na margem do Vouga? Seria esta função desempenhada pelo povoado situado no alto de Beirós? Esta hipótese não invalidaria, porém, que, junto às Termas, pudesse existir uma pequena infra-estrutura de apoio"[295].

"O tema das apropriações de traçado da cidade romana na cidade moderna é considerada como um exercício prático de observação e análise"[296]. De facto, algumas são as notícias que nos dão conta dos materiais antigos do balneário romano aproveitados nas construções da sua envolvente contemporânea como "no sucursal do Hotel Vouga (Caldas de Lafões) [onde] existem, servindo de colunas, três miliários hoje anepígrafos"[297] ou o cruzeiro, no cruzamento da Avenida Ponte Velha com a estrada Municipal que liga a São Pedro do Sul, constiruído por tambores de colunas (figura 111), provavelmente provenientes do pórtico do balneário.

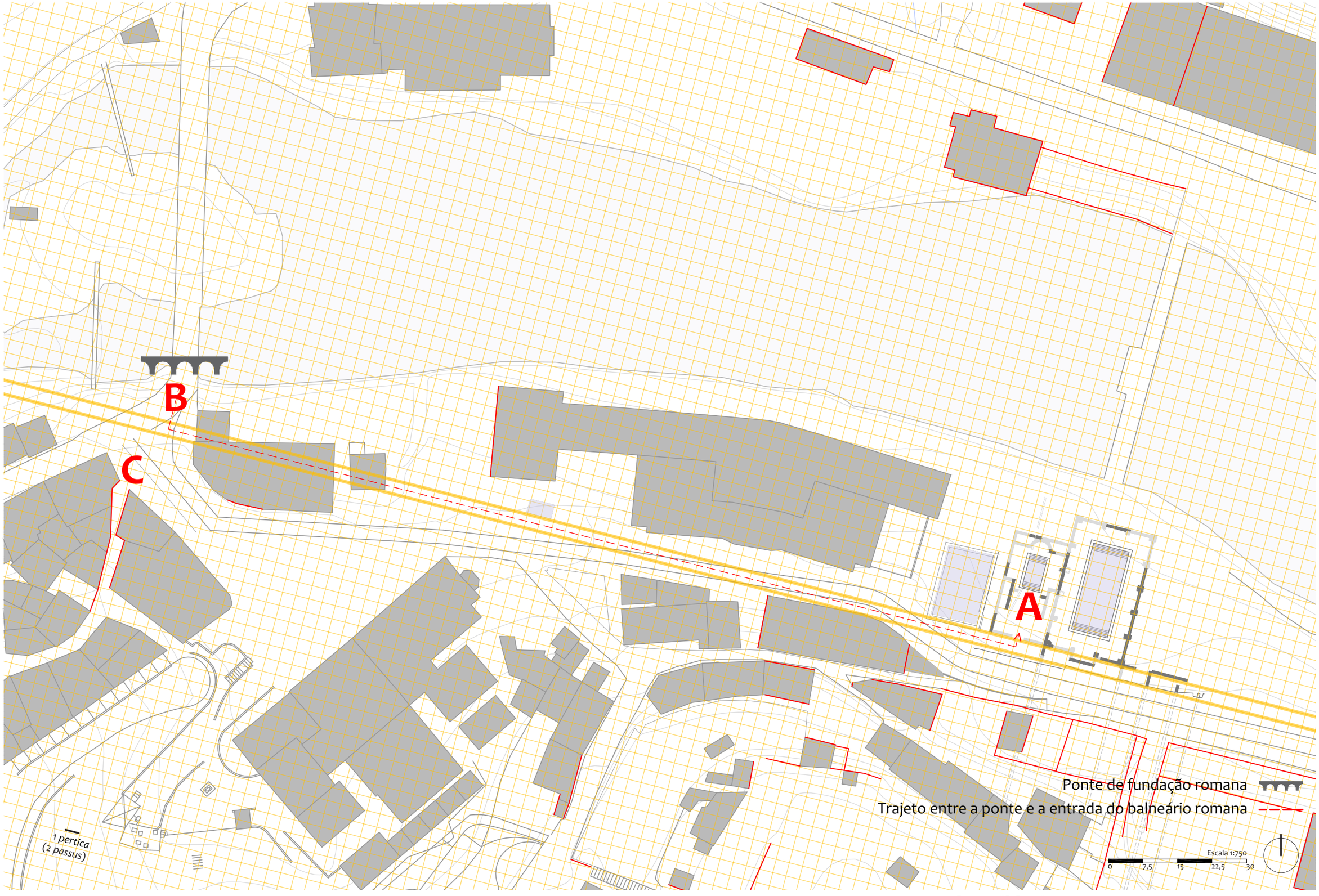
Tanto quanto nos foi possível apurar, não foi ainda publicado qualquer tipo de estudo sobre o urbanismo romano da envolvente do balneário romano de São Pedro do Sul. Aparentemente, não há uma relação entre a atual "vila termal" e o mesmo.

[294] Maria Pilar Reis e José Marcelo Mendes Pinto, *Valorização Conservação e Reabilitação das Termas Romanas de São Pedro do Sul, Trabalhos Arqueológicos 2017/2018, Relatório Final,* 2019, p. 42.

[295] João Luís Inês Vaz, *A civitas de Viseu - Espaço e sociedade*, 1993, p.106.

[296] Margarida Alves, Aquae Flaviae: a ruína como imagem de cidade, 2015, p.47.

[297] Correia de Azevedo, Lafões, 1958, p.184; Moreira de Figueiredo, *Subsídios para o estudo da viação romana das beiras,* 1953, p.50.



Desenho 25: Relação métrica com a envolvente próxima ao balneário romano.

Porém, e como veremos, alguns são ainda os indícios de um possível urbanismo romano, oculto pela envolvente contemporânea. O exercício de dimensionamento métrico do balneário permitiu-nos, desde logo, perceber que faria sentido a sua extensão, pelo menos, para o lado sul do balneário, no intuito de compreender uma correspondência entre as salas de apoio ao balneário que referimos e o casario atual da Rua Central. Começámos por estender para a área envolvente ao *balneum* uma grelha constituída por módulos de 1 *passus quadratus*, isto é, 5 por 5 *pes* e rapidamente nos foi possível identificar várias coincidências entre a malha urbana contemporânea e o traçado hipotético (desenho 24). Estas coincidências corresponderão à sobreposição das camadas históricas e às (re)apropriações das estruturas de fundação romana, que foram apagando e camuflando esses registos[298]. Neste ponto, identificámos também um ligeiro desvio de 13° em relação ao eixo norte-sul. Apesar de não haver uma correspondência direta, pelo menos que tenhamos identificado, este desvio é coincidente com a orientação da *plateae* de *Megalopolis*[299], na região da Arcádia (Grécia).

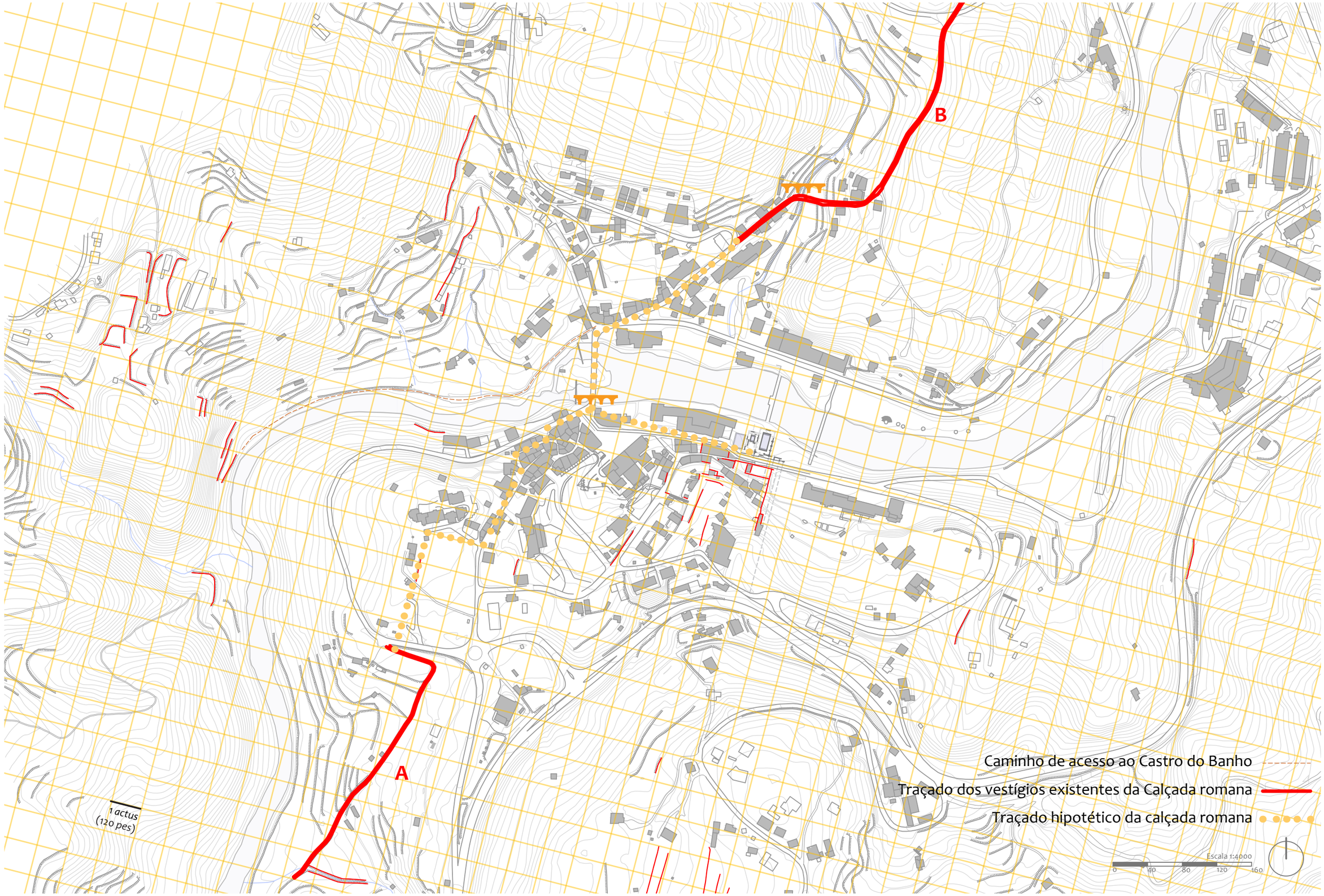
Com a extensão desta grelha para um contexto intermédio (desenho 25), através de uma grelha de 1 *pertica* (2 *passus* por 2 *passus*), alguns foram os alinhamentos de muros e estruturas mais antigas que se mostraram coincidentes com a mesma e que corresponderão aos únicos vestígios dos traçados mais antigos preservados nos alinhamentos contemporâneos pelo aproveitamento de alicerces e taludes. Verificamos, por exemplo, que as "Escadinhas da Biguinha" (Desenho 25 - C), um dos arruamentos mais antigos do núcleo antigo segue, maioritariamente, o mesmo alinhamento do balneário, sendo que, aparentemente, em nada se relacionariam. O outro elemento de extrema importância para entender a dinâmica deste núcleo é a ponte sobre o Vouga (Desenho 25 -B). Sabe-se que a fundação desta estrutura é também atribuída aos romanos, construída para facilitar o atravessamento do rio Vouga e que as sucessivas reconstruções, no decorrer dos séculos, apagaram os vestígios da sua construção primitiva. Atualmente, a estrutura desta ponte é o resultado do somatório de um arco medieval (de volta quebrada) juntamente com mais 5 arcos que corresponderão às obras da idade moderna, aquando da passagem da Estrada Real nº41 (1871).

A construção desta ponte e a sua posição na malha revelar-se-ia fundamental para a percepção da realação que se estabeleceria entre a mesma e o balneário romano: o alinhamento do presumível arranque do tabuleiro da ponte (Desenho 25 - B) e a localização da entrada do edifício (Desenho 25 - A). Se dúvidas existia relativamente ao acesso ao edifício primitivo e à localização da entrada pelo lado sul, a coincidência do seu alinhamento com a ponte poderá ser a confirmação de que esta seria realmente a sua localização. Fará todo o sentido que esta infraestrutura tenha sido construída numa lógica de conjunto com balneário romano, facilitando a travessia do rio Vouga e o acesso ao último, quer dos viajantes, quer dos utilizadores instalados no Castro do Banho.

Finalmente, e ao transportarmos a nossa grelha para a escala do território mais abrangente

[298] "Depois da invasão dos Bárbaros, a primitiva povoação do Banho caiu em decadência e os seus edifícios desapareceram a pouco e pouco no decorrer dos séculos" in *Correia de Azevedo, Lafões,* 1958, p. 180.

[299] *Vitrúvio, Tratado de arquitectura,* V, X, 4, tradução de M. Justino Maciel, 2006, p.61.



Desenho 26: Relação métrica do balneário romano com a região de Lafões.

(desenho 26) e definindo uma grelha de 1 *actus quadrados*, para além da coincidência de mais alinhamentos, maioritariamente muros, verificamos que o conjunto das estruturas do balneário corresponderiam a um módulo quadrado desta grelha (1 *actus* quadrado) e que a partir dele, contamos 5 *actus* de distância até ao arranque da ponte sobre o Vouga (figura 112), ou seja, um afastamento em linha recta de cerca de *600* pes.

Do mesmo modo, a calçada romana do Vau (Desenho 26 - A) e a sua continuação pela Avenida da Ponte Velha (Desenho 26 - B), na qual se encontra uma outra ponte romana, de menor dimensão (figura 113), revelaram-se perfeitamente enquadradas nesta malha. Os ligeiros desvios em relação a esta hipotética grelha[300] estarão relacionados com o fator relevo (que nesta região é extremamente acentuado) e que terá levado levado a ajustes do quadriculado à topografia própria do lugar, recorrendo às direções diagonais como meio de atingir menores pendentes.

2.2.5. O abastecimento das piscinas

''As águas medicinais eram transportadas para o interior do edifício através de um aqueduto''[301].

A forma como os romanos conduziam a água desde a fonte termal até às suas banheiras e piscinas é um problema transversal quer às termas higiénicas, de águas minerais, quer aos balneários de uso mineromedicinal e que não obedecem a um "modelo" de organização[302]. "Até ao aparecimento na paisagem urbana dos aquedutos a dimensão dos edifícios termais era mais reduzida, adaptada a outros métodos de abastecimento, fosse através de poços e noras, ou de cisternas"[303]. Os sistemas de abastecimento dos primeiros edifícios termais de Conímbriga ou de Mérida, por exemplo, viriam a desenvolver a construção dos primeiros aquedutos urbanos[304]. Escassas referências em "Documentos antigos sobre S. Pedro do Sul referem a existência de um aqueduto de pedra que transportava a água da nascente até ao edifício termal"[305], no entanto, as evidências do seu traçado foram sendo destruídas pelas várias obras que se desenvolveram entre a Fonte Termal (Desenho 27 - A) e o *balneum*, como a construção do Balneário Rainha D. Amélia, o arranjo da sua envolvente, a abertura da Nova Avenida das termas de São Pedro do Sul e, posteriormente, a construção do Balneário D. Afonso Henriques. No balneário de Lafões, o segundo desafio teria certamente que ver com o arrefecimento das águas para a sua utilização

[300] "Seriam inúmeros os factores a contribuir para uma flexibilidade necessária: os castros e lugares centrais pré-existentes, as estradas de acesso anteriores à romanização e à própria urbanização das urbs e, acima de tudo, a topografia e qualquer forma de terreno que não pudesse ser cultivado." *Margarida Alves, Aquae Flaviae: a ruína como imagem de cidade, 2015, p. 203.*

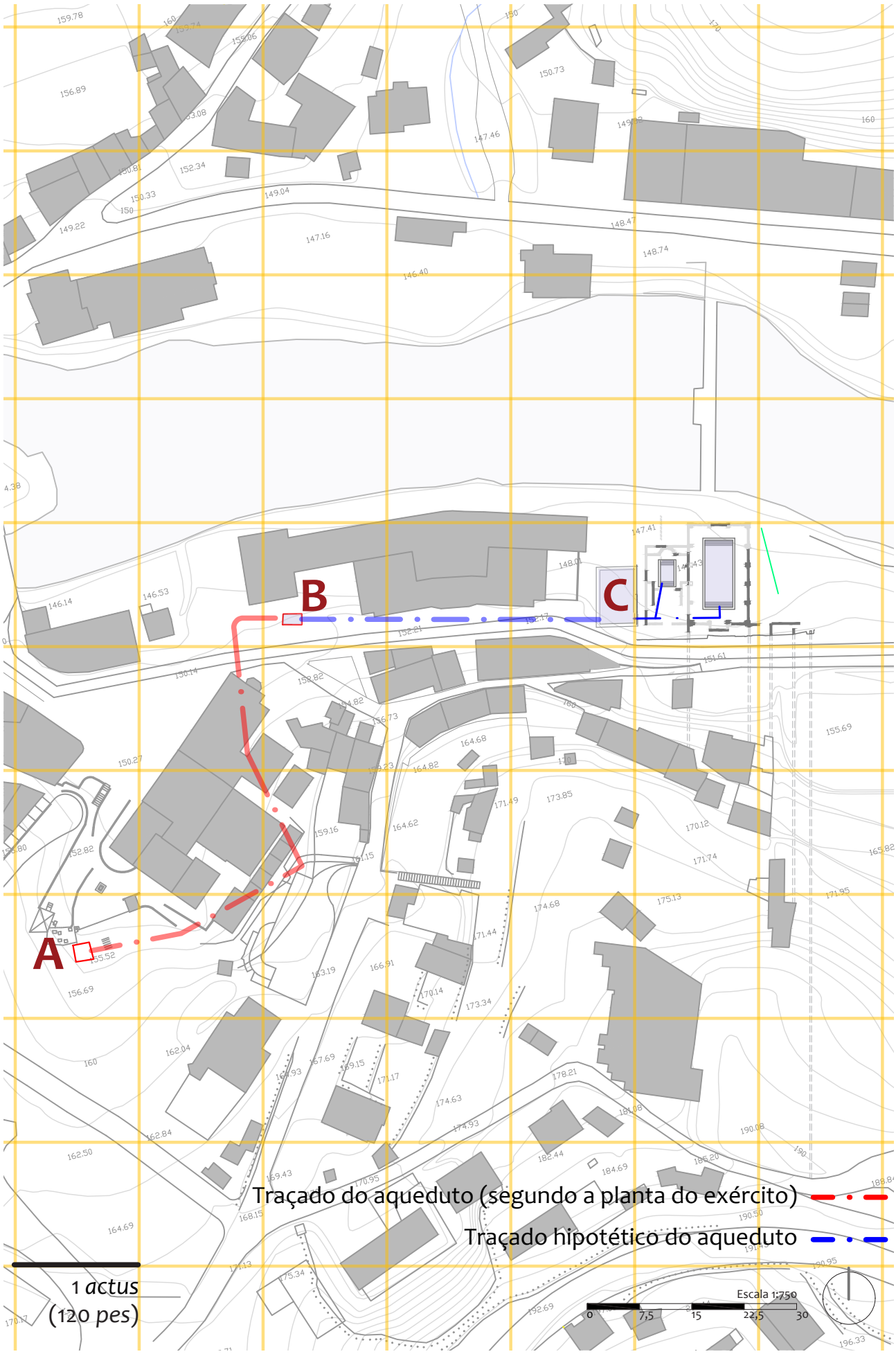
[301] Helena Frade, As termas medicinais da época romana em Portugal, 1990, pp.892.

[302] "A arquitectura das termas medicinais romanas não segue, normalmente, o traçado clássico utilizado nas termas não medicinais. A localização geográfica da nascente, os tipos de tratamentos a utilizar e as temperaturas das águas são condicionantes a que os arquitectos devem atender quando projectam o complexo termal e os vários espaços que o integram." *Helena Frade, As termas medicinais da época romana em Portugal, 1990, p. 875.*

[303] Maria Pilar Reis, *De lusitaniae vrbivm balneis: Estudo sobre as termas e balneários das cidades da Lusitânia,* 2014, p. 46.

[304] *"Não temos dúvidas que a construção de aquedutos urbanos, principalmente na primeira centúria, obedeceu a uma necessidade em abastecer os primeiros grandes edifícios termais. Conimbriga é disso um dos melhores exemplos." In ibidem.*

[305] Helena Frade, As termas medicinais da época romana em Portugal, 1990, pp.892.



Desenho 27: Relação métrica do balneário romano com a fonte termal e os tanques de arrefecimento.

nas piscinas do mesmo, visto estas surgirem à superfície (na fonte termal) com uma temperatura de 68,6ºC[306]. Esta temperatura tão elevada justificaria a existência de um ou "vários tanques construídos ao longo do percurso, onde a água ia naturalmente arrefecendo"[307], para depois serem encaminhadas por canalizações de pedra até cada uma das piscinas.

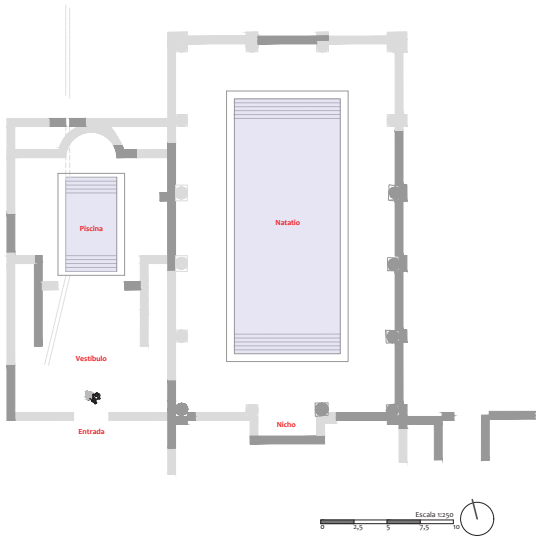
A "planta do hospital nascente e vizinhanças das Caldas do Banho, também chamadas de São Pedro do Sul ou de Lafões, levantada por F. F. Farinha em 1816"[308], que referimos na primeira parte deste trabalho (figura 27), vem confirmar as referências à existência de pelo menos um tanque de arrefecimento das águas no percurso entre a nascente e o edifício termal[309], dando-nos uma localização aproximada de um deles, assim como nos revela também o traçado do aqueduto construído em pedra que transportava a água da fonte termal até ao referido tanque. Ao transpormos o traçado do aqueduto da planta do século XIX para o levantamento topográfico atual da zona das termas de São Pedro do Sul e fazendo o cruzamento com a malha de *actus* que estabelecemos anteriormente, verificamos que este traçado se encontra maioritariamente coincidente com a mesma (Desenho 27), encontrando-se o primeiro tanque de arrefecimento (desenho 27 - B) junto do atual Balneário D. Afonso Henriques, sensivelmente a 3 *actus* do balneário e o qual corresponderia a uma dimensão de 4 por 2 *actus*. A ligeira diferença de cotas entre o edifício romano, sensivelmente a 145,96m na cota de fundo da *natatio*, e a fonte termal, entre as cotas 152m e 154m, constitui um dado bastante relevante neste sentido, visto possibilitar a pendente necessária e suficiente para um eficaz transporte da água até ao às piscinas do balneário.

[306] Maria Pilar Reis e José Marcelo Mendes Pinto, Valorização Conservação e Reabilitação das Termas Romanas de São Pedro do Sul, Trabalhos Arqueológicos 2017/2018, Relatório Final, 2019, p.5.

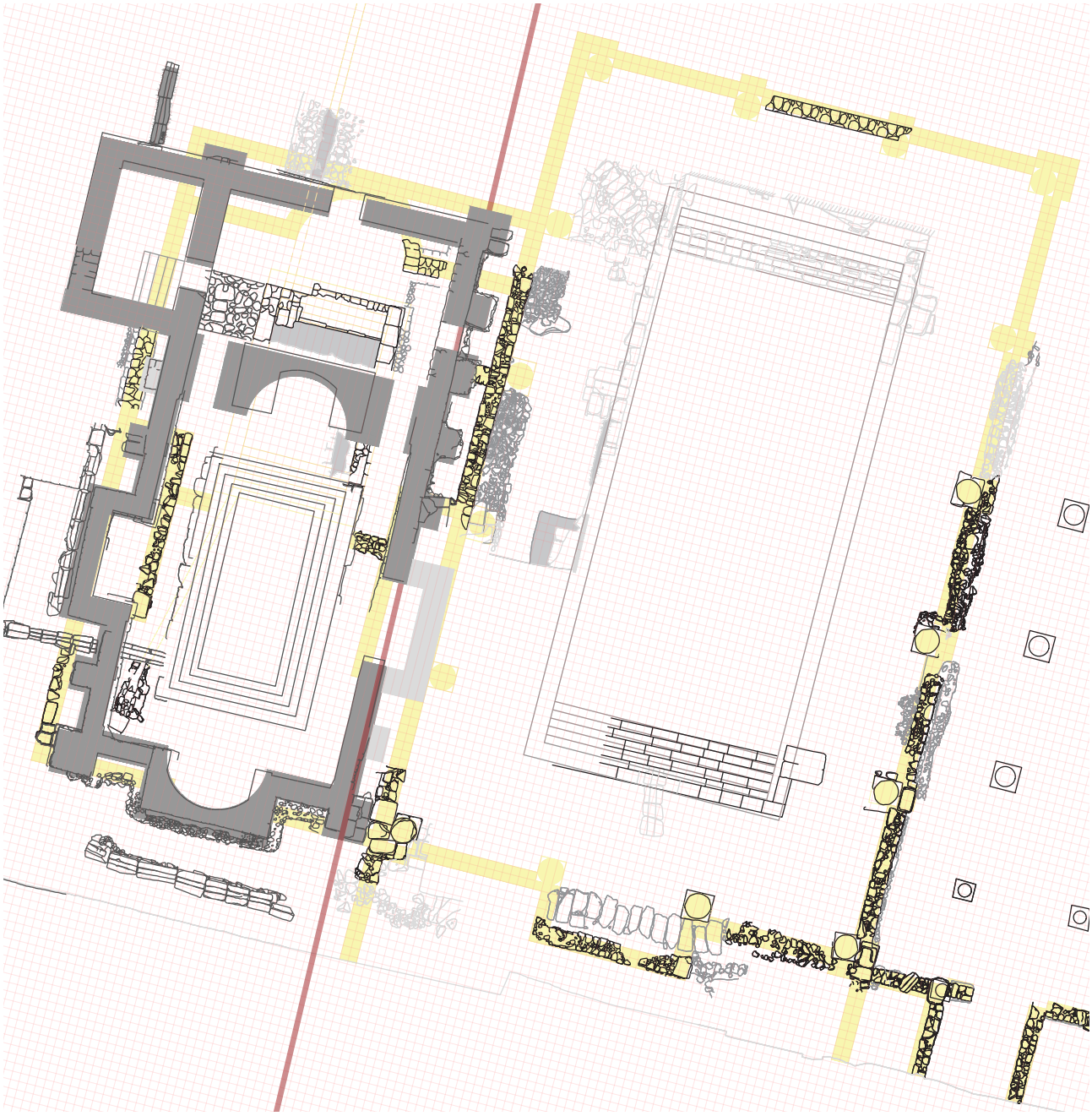
[307] Helena Frade, As termas medicinais da época romana em Portugal, 1990, pp.892.

[308] Sobrepusemos esta planta ao nosso desenho (desenho 30) e dela retirámos o traçado do aqueduto (a vermelho) e a localização do tanque de arrefecimento (B).

[309] "Sabemos que o Edifício 1 teve uma alimentação proveniente desde sul, e que provavelmente o seu acesso também seria por sul, mas não há qualquer evidência que essa água estivesse armazenada neste tanque". In Maria Pilar Reis e José Marcelo Mendes Pinto, 2019, op. cit., p.34.



Desenho 28: Esquema de funcionamento do balneário tiberiano.



Desenho 29: Sobreposição das duas fases de construção do balenário romano.

3. A reconstrução flaviana

"O Edifício 1, tal como 2, está dentro da linha de cheia sendo, ciclicamente, atingindo por este tipo de eventos"[310].

O século II d.C. foi, para o império romano, o período de maior apogeu das suas cidades, correspondendo às grandes obras de valorização e monumentalização dos seus centros urbanos e à (re)construção de grandes equipamentos públicos, como os edifícios termais, espelhando de forma clara o período Flávio e como se verificou, por exemplo, no edifício das termas Sul de Conímbriga.

Entre os anos 98 e 117 d.C (cerca), o balneário de Lafões sofrerá uma total reformulação nas suas estruturas, verificando-se a demolição integral do primeiro edifício termal e a construção de um novo. Porém, neste caso, esta obra de reconstrução não terá sido motivada somente pela "necessidade de modernização do equipamento"[311], mas, e sobretudo, pelos danos causados por "alguma cheia mais violenta do Vouga, tendo sido (…) [também] identificadas (…) evidências de grandes cheias em época medieval e moderna[312], sendo plausível que elas também tenham ocorrido em época romana"[313]. A configuração mais compacta da estrutura e o conjunto de elementos contrafortes que reforçariam a estrutura das paredes exteriores (Desenho 28) são claros indícios desta suposição, conjuntamente com o recurso às "novas técnicas construtivas que lhe devem ter permitido soluções mais arrojadas"[314], numa clara demonstração de modernidade.

Da conjugação das plantas das duas fases construtivas romanas (desenho 28) constatamos de forma bastante clara que "o Edifício 2 é construído dentro dos limites das termas anteriores"[315]: no lado "nascente, o muro [exterior] do Edifício 2 (…) assentou em parte sobre um dos alinhamentos do Edifício 1 o contraforte sudoeste do segundo edifício assentou sobre o limite do primeiro; o limite exterior do nicho oeste assentou no alinhamento do muro mais antigo, que acabaria por ficar "por baixo das canalizações que alimentavam a P2"[316]; "a fundação do muro [da abside norte] do Edifício 2 cortou, e anulou, a piscina [interior] do primeiro edifício"[317] e "a construção da P2 destruiu os contextos anteriores"[318], especialmente do possível vestíbulo do primeiro edifício. Verificamos ainda, também de forma muito clara, o ligeiro desvio do edifício Flávio em relação à orientação do primeiro balneário, o que nos ao ajuste da malha de *pes* com esta nova orientação (desenho 30). Afortunadamente, os registos do segundo edifício romano,

[310] Idem, p.18.

[311] Idem, p.89.

[312] Manuel Barros Mouro in "A região de Lafões (subsídios para a sua história" (2004, p. 83) dá conta de, pelo menos, três episódios de grandes cheias no Rio Vouga que afetaram fortemente a Vila do Banho (nome pelo qual era conhecida localidade das termas à época): na véspera de natal de 1821, a 27 de dezembro de 1821 e, anteriormente, no ano de 1761.

[313] Maria Pilar Reis e José Marcelo Mendes Pinto, 2019, op. cit., p.89.

[314] Idem, p.12.

[315] Idem, p.23.

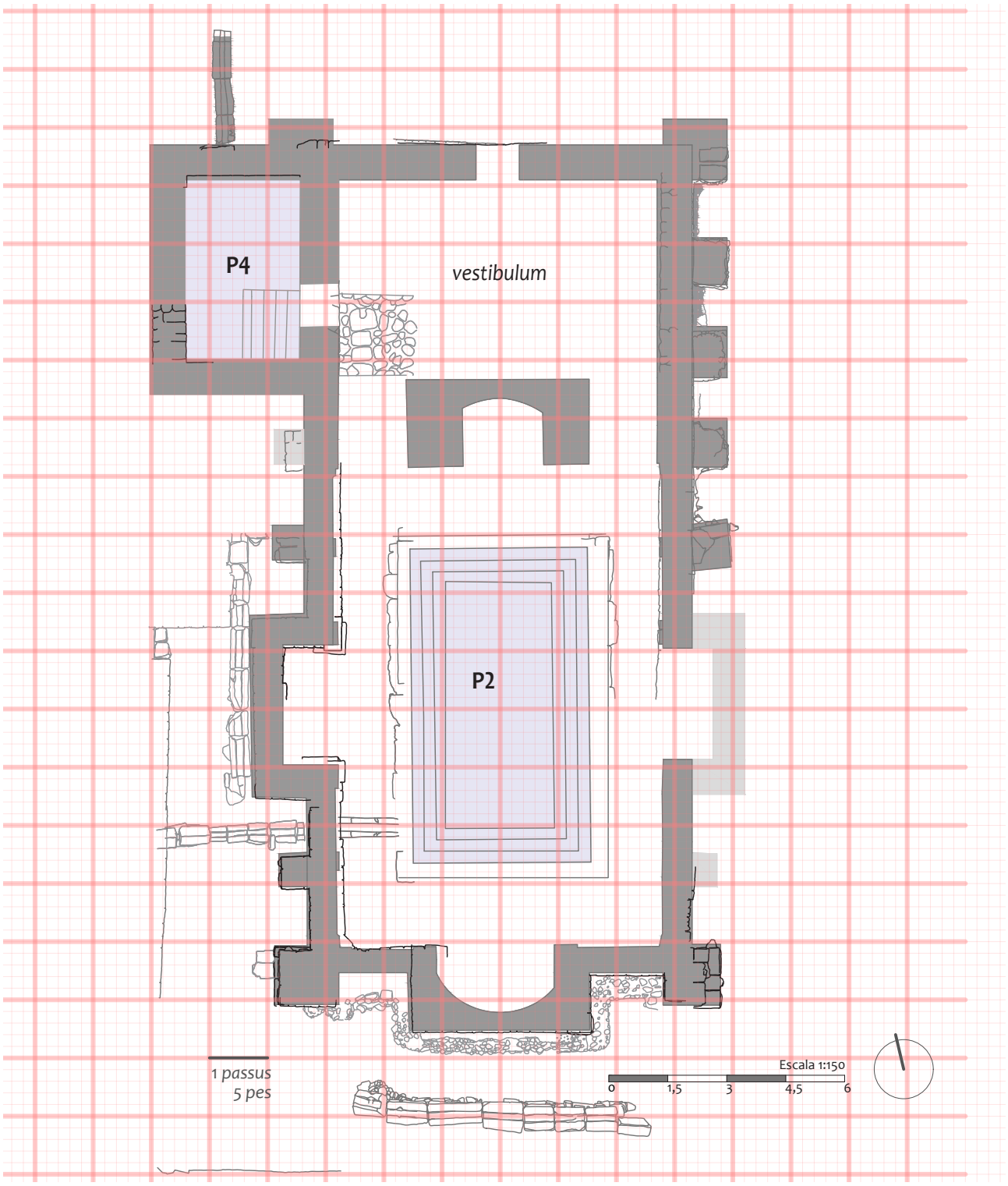
[316] Idem, p.34.

[317] Idem, p.9.

[318] Idem, p.10.

Desenho 114: Contrafortes da parede poente.

Desenho 115: Porta romana na fachada norte.



Desenho 30: Dimensionamento do edifício Flávio.

especialmente as "paredes (...) e os vestígios da abóbada"[319] permitiram-nos a construção de uma abordagem de estudo mais clara sobre o seu dimensionamento e o seu funcionamento, assim como serão o grande tema de projeto da intervenção de João Mendes Ribeiro.

3.1. O edifício Flávio

"O Edifício 2, altera o seu esquema de acesso (…) e desloca-o para norte"[320].

Como vimos na primeira parte desta dissertação, a interpretação do edifício Flávio que mais dúvidas tem suscitado prende-se, essencialmente, com a configuração das piscinas P4 e P5[321] e com a relação entre o interior do edifício e a *natatio*, sendo a sua planta bastante clara (Desenho 30). Os trabalhos arqueológicos recentes vieram confirmar a maioria das interpretações dos anos noventa do século XX em relação a este edifício e permitiriam identificar "a fundação do contraforte sudeste do Edifício 2"[322], a localização da canalização de escoamento da P4 "que significa, também, que o limite da P4, coincidiria *grosso modo* com o limite actual (…) deste anexo"[323] e que "o local onde estava a P5 era um anexo, com uma cobertura a duas águas, construído com uma alvenaria que nós associamos à fase IV, ou seja, medieval"[324].

Este segundo edifício preserva ainda, e quase na sua totalidade, a sua planta original (desenho 30), definida pela simetria das susas estruturas (o efeito cenográfico vitruviano mais difundido nas construções romanas) e resultando num edifício centralizado, de uma só ala, constituído por três espaços: um *vestibulum*[325] e duas salas, cada uma definida, por sua vez, por uma piscina – a P4 e a P2. A separação física entre este vestíbulo e a sala principal (da piscina P2) correspondia a uma abside com abertura sobre a segunda e a qual tinha uma correspondência no seu lado oposto (abside sul). José Marcelo Pinto e Maria Pilar Reis tinham já verificado uma espessura de 3 *pes* nas paredes exteriores deste balneário, sendo estas contrafortadas por elementos salientes com a mesma dimensão, de modo a garantir o contrapeso (figura 114). Estes contrafortes correspondem na sua dimensão a 1 *passus* de comprimento, sendo que os mesmos localizados nos quatro cantos do edifício corresponderão ao módulo quadrado de 1 *passus* (desenho 29).

Uma das principais alterações ao funcionamento da nova estrutura prende-se com a inversão da localização do acesso ao edifício, passando a entrada a ser feita pela sua fachada norte do edifício, na cota "147,50m (na soleira da porta norte do edifício)[326] " e pela única porta

[319] Ibidem.

[320] Idem, p.34.

[321] "atribui à P5 uma cronologia romana, associada ao Edifício 2" in Maria Pilar Reis e José Marcelo Mendes Pinto, *Valorização Conservação e Reabilitação das Termas Romanas de São Pedro do Sul, Trabalhos Arqueológicos 2017/2018, Relatório Final,* 2019, p.28.

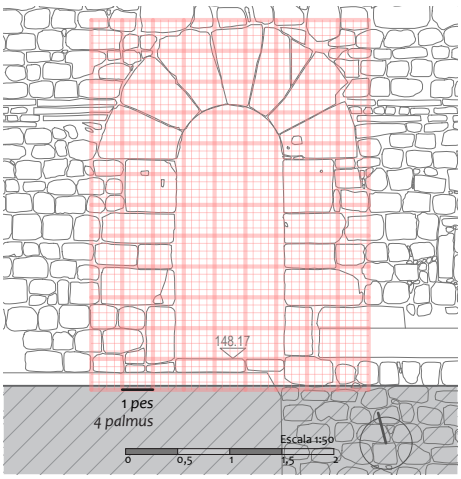
[322] Idem, p.22.

[323] Idem, p.29.

[324] Ibidem.

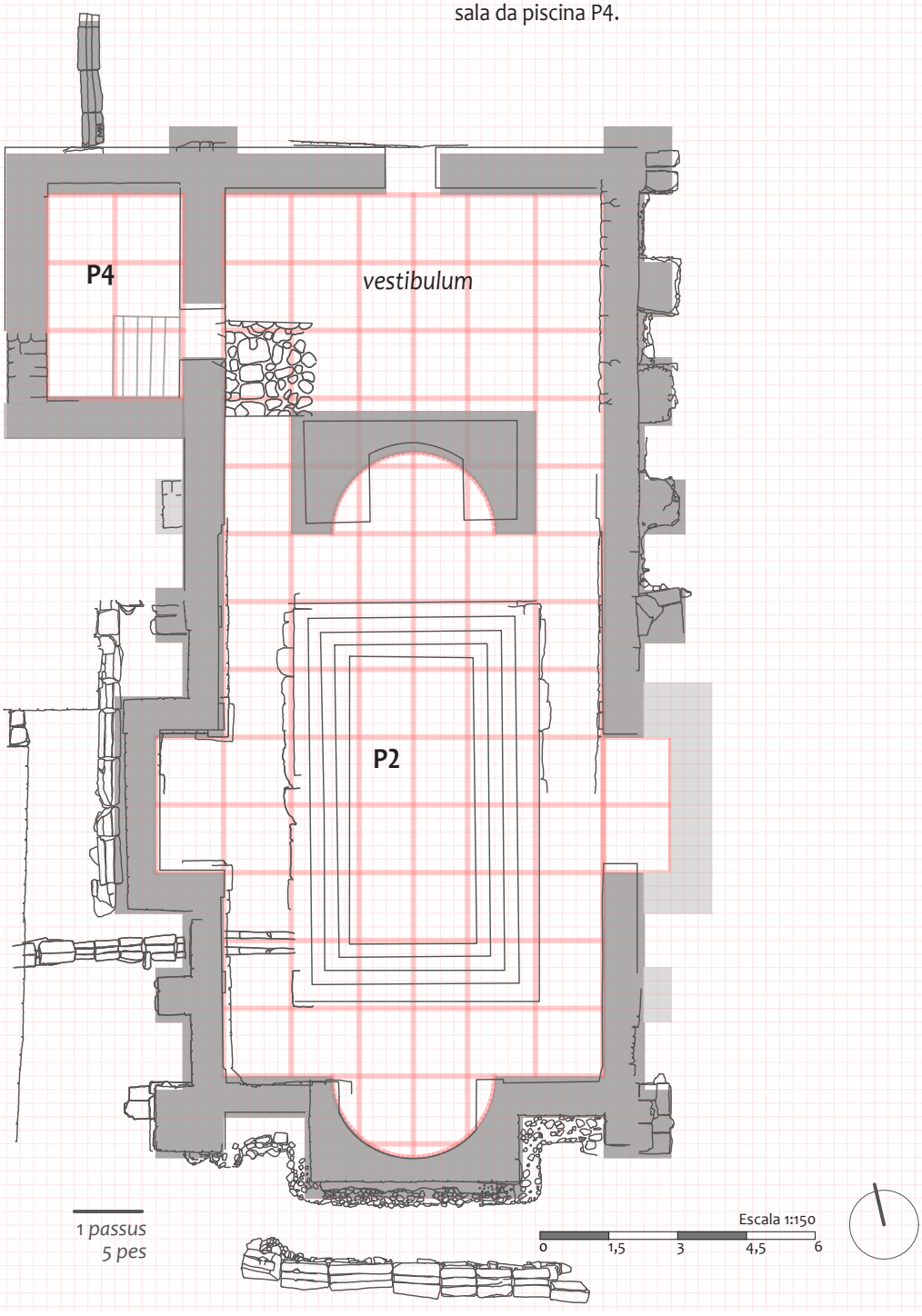
[325] Elemento estruturador da organização das termas. Átrio que antecedia as primeiras salas termais facilitava a distribuição dos banhistas pelos diferentes espaços termais e serviria de espaço de espera dos escravos pelos seus amos. Maria Pilar Reis, *De lvsitaniae vrbivm balneis : estudo sobre as termas e balneários das cidades da Lusitânia,* 2014, p.29.

[326] Maria Pilar Reis e José Marcelo Mendes Pinto, *Valorização Conservação e Reabilitação das Termas Romanas de São Pedro do Sul, Trabalhos Arqueológicos 2017/2018, Relatório Final,* 2019, p. 4.



Desenho 31: Modulação da porta romana.

Figura 116: Porta romana de acesso à sala da piscina P4.



Desenho 32: Dimensionamento interior do edifício Flávio.

que mantém a estrutura original romana[327] (figura 115), com pedras talhadas em forma de cunha"[328] e que dava acesso ao *vestibulum* do balneário. Esta porta romana, segundo nos foi possível apurar, corresponderia à dimensão de 3 *pes* e 2 *palmus* de largura por 8 *pes* e 1 *palmus* de altura (desenho 31). O *vestibulum*, local onde os utilizadores deixariam os seus pertences, corresponderia a uma uma dimensão de 28 *pes*, no sentido transversal ao edifício, e 17 *pes*, no sentido contrário, numa proporção de 3/5 (desenho 32). Este espaço faria a distribuição para a sala da piscina P4, no seu lado poente, através de uma outra porta romana (figura116), em tudo idêntica à primeira (assumimos a sua igual dimensão). Neste espaço encontrar-se-iam outras 3 portas, cremos idênticas à da entrada[329]: duas de acesso à sala principal (no lado sul), onde se encontraria a piscina P2, e que ladeiam a primeira abside[330], e uma outra, na parede do lado nascente, que daria acesso ao exterior e à *natatio*. Em relação a esta última, Helena Frade apontou a sua localização nas plantas das escavações dos anos noventa (ver 4. A leitura de Helena Frade), no entanto, não foi possível confirmar a sua veracidade tendo em conta que "o muro este desta sala não existe, já que foi integralmente demolido após a derrocada de 1995"[331]. A existir, faria sentido que esta seguisse o principio de simetria do restante edifício. Neste sentido, fazendo a correspondência da localização da porta a oeste para o seu lado oposto, verificamos que seria perfeitamente possível a sua existência neste sítio, já que se encontraria justamente entre a localização de dois contrafortes, permitindo a passagem para o exterior.

A sala da piscina P4, cujos limites coincidiriam com as próprias extremidades da piscina, desenvolver-se-ia segundo a proporção canónica dos banhos de 2/3[332], isto é, 2 *passus* da largura por 3 *passus* do comprimento (10 por 15 *pes*). Verificamos a existência de uma escada que, possibilitando o acesso à piscina, estaria centrada com a posição da porta, correspondendo a um módulo de 6 *pes* de comprimento por 5 *pes* de largura (1 *passus*). Esta piscina escoaria por "um estreito sulco de 12cm de largo, [que] provinha de sul e dirigia-se para norte, ou seja, desembocando no rio"[333] e seria "composta por 4 peças, numa das quais está epigrafado MAEF"[334], provavelmente a designação ou número da fonte que abastecia o

---

[327] "De todas, é a que mantém a estrutura original completa. Tem 1 m de largura, as ombreiras são feitas com grandes silhares de granito, e é rematada por um arco de volta perfeita, construído com sete aduelas também de granito." in Helena Frade e José Beleza Moreira, *A arquitectura das termas romanas de S. Pedro do Sul,* 1992, p. 538.

[328] http://www.monumentos.gov.pt/Site/APP_PagesUser/SIPA.aspx?id=4294.

[329] Esta situação leva-nos a uma questão: sendo as portas todas iguais, o acesso principal teria uma porta tão singela? Para já, não nos é possível responder a esta questão, tendo em conta que nenhum dado nos indicia o contrário.

[330] Levando o utilizador a uma circulação radial em forma de "U".

[331] Maria Pilar Reis e José Marcelo Mendes Pinto, *Valorização Conservação e Reabilitação das Termas Romanas de São Pedro do Sul, Trabalhos Arqueológicos 2017/2018, Relatório Final,* 2019, p.26.

[332] *Vitrúvio, Tratado de arquitectura,* V, X, 4, tradução de M. Justino Maciel, 2006, p.197.

[333] Maria Pilar Reis e José Marcelo Mendes Pinto, *Valorização Conservação e Reabilitação das Termas Romanas de São Pedro do Sul, Trabalhos Arqueológicos 2017/2018, Relatório Final,* 2019, p.29.

[334] "A inscrição, que nos parece ser um siglado, poderá estar relacionada com a menção ao pedreiro ou construtor, ou, talvez, à designação/número da fonte que abastecia o tanque. Curiosamente constatamos que uma epígrafe com siglas similares está também presente num dos muros das Termas de Chaves e também associada a um esgoto, ainda que a inscrição flaviense é de maiores dimensões. (…) Estes tipos de inscrições estavam em lugares ocultos, mas, por regra, associam-se aos processos de construção ou à indicação de elementos concretos para gestão dos edifícios." Maria Pilar Reis e José Marcelo Mendes Pinto, *Valorização Conservação e Reabilitação das Termas Romanas de São Pedro do Sul, Trabalhos Arqueológicos 2017/2018, Relatório Final,* 2019, p.29.

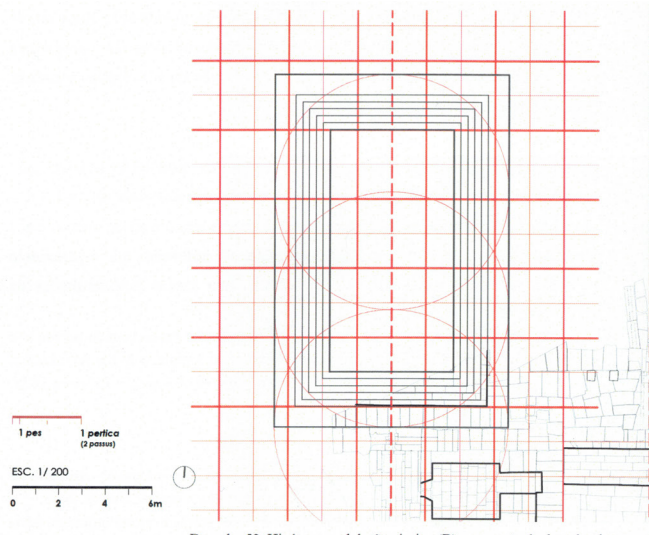
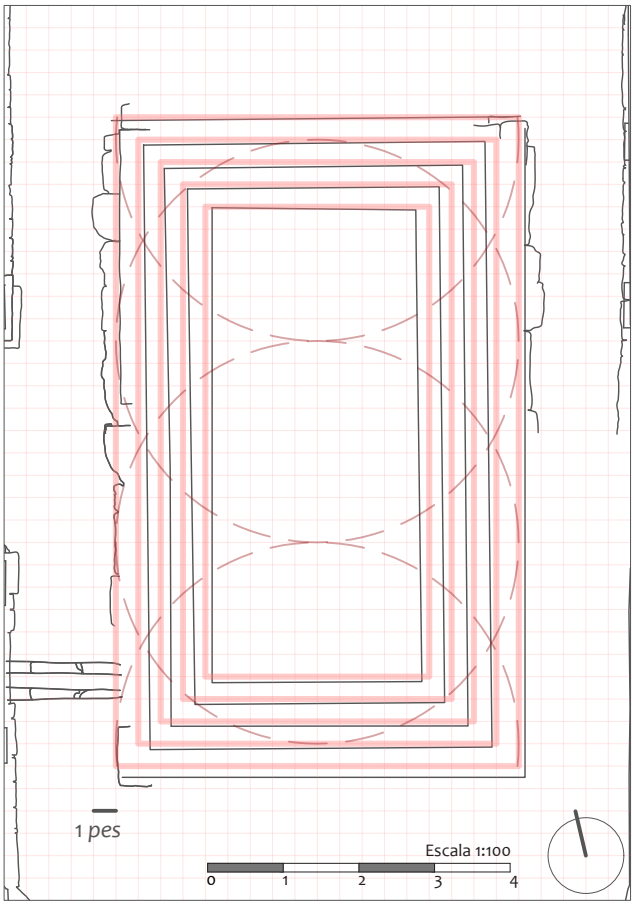


Figura 117: Modulação da piscina B de Chaves, por Margarida Alves.

Figura 118: Piscina das termas romanas das Caldas de Montbui, Barcelona.



Desenho 33: Modulação da piscina P2

tanque (está a uma cota de 145,32m). A sala principal, por sua vez, corresponderia à dimensão de 40 *pes* por 28 *pes*, isto é, 8 passus longitudinais e 5 *passus* e 3 *pes* transversais (curiosamente uma dimensão muito próxima dos 5 *passus* e 2 *pes* da largura interior da *natatio*). Seria definida, nos seus topos norte e sul, por duas absides. Na abside sul, onde viria a ser instalado um oratório consagrado a Nossa Senhora da Saúde , no século XVI e antes da construção da Capela de Nossa Senhora da Saúde[335], os "romanos teriam uma estátua do imperador ou uma estátua dedicada à divindade protectora da nascente"[336] ("não nos podemos esquecer que para os romanos, as nascentes de águas medicinais eram habitadas por divindades e as águas eram apenas o meio de que os deuses se serviam para curar"[337]).

Os lados nascente e poente seriam marcados pela presença de dois nichos, um em cada um dos lados (desenho 30). De configuração quadrada, estes corresponderiam a uma dimensão de 1 *passus* por 2 *passus*. "Desconhecemos se em época romana existiram outras banheiras nos nichos, (…) mas as evidências não suportam esta proposta"[338]. No entanto, a não existência deste tipo de vestígios não descarta a hipótese da utilização "em época romana de banheiras amovíveis, individuais, [que] era também comum nestes contextos termais, e que a elas se faz referência na obra de 1668 sobre estas termas"[339].

3.1.1. A piscina P2

"Na campanha de 1991 H. Frade (…) Verificou que a construção da P2 destruiu os contextos anteriores, não identificando qualquer elemento cronológico relevante"[340].

No centro da sala principal encontrava-se, como ainda acontece atualmente, a Piscina P2, situada a eixo das duas absides norte e sul e dos dois nichos. Helena Frade verifica que "o fundo actual da piscina, com lajes de granito, corresponde a uma reparação posterior e que originalmente poderá ter estado revestida a *opus signinum*"[341], à semelhança da piscina P3 e da natatio. Não obstante, teria "4 degraus [em todos os seus lados], um quinto degrau poderá ter existido, mas de ser assim foi substituído quando colocado o varandim"[342]. As laterais desta piscina encontrar-se-iam a cinco *pes* do limite de cada uma das paredes (desenho 32), que configuram a sala onde se insere, ou seja, conformariam uma zona de circulação à sua volta, com a dimensão de um *passus*. Verificamos, em termos planimétricos, uma área retangular (excluindo degraus) de dez por vinte *pes*, isto é, dois por quatro *passus* (numa clara proporção de 2/4). Cada um dos cinco degraus corresponderia à dimensão de um *pes* de largura, a mesma "(…)

[335] Na idade média, "estas estátuas foram substituídas pela imagem de Nossa Senhora da Saúde, à qual faziam preces e ladainhas enquanto se tomavam os banhos". In Helena Frade, *Um Olhar sobre o balneário romano,* 1999, p.47.

[336] Ibidem.

[337] Idem, p. 49.

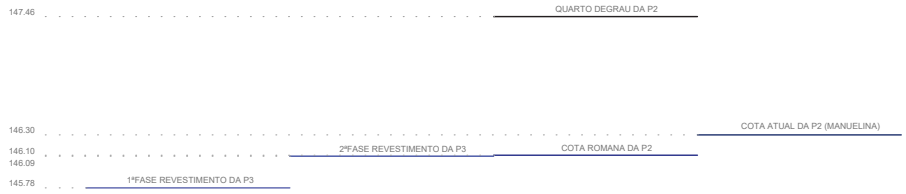
[338] Maria Pilar Reis e José Marcelo Mendes Pinto, *Valorização Conservação e Reabilitação das Termas Romanas de São Pedro do Sul, Trabalhos Arqueológicos 2017/2018, Relatório Final,* 2019, p.13.

[339] Ibidem.

[340] Idem, p.10.

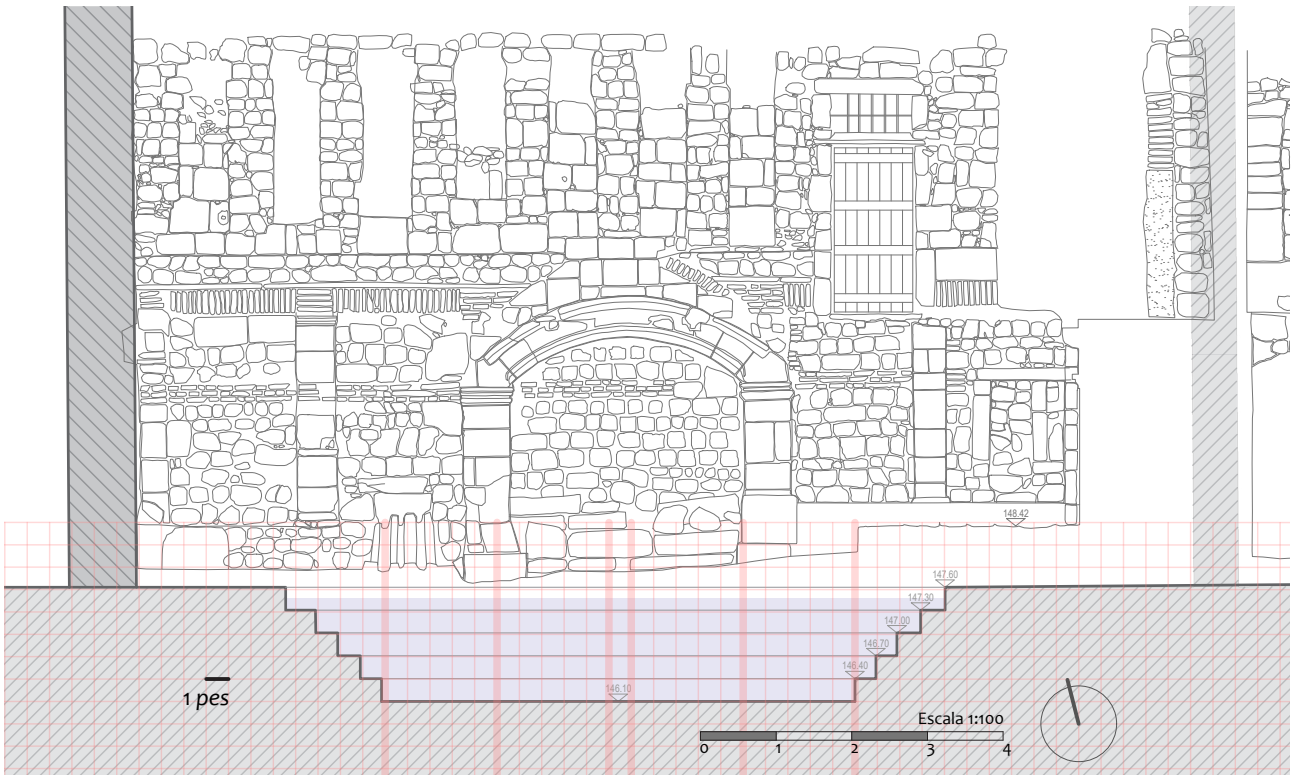
[341] Ibidem.

[342] Idem, p.13.



Desenho 34: Relação de cotas entre as duas fases romanas.

Figuras 119: Condutas de abastecimento da piscina romana.



Desenho 35: Modulação do perfil longitudinal da piscina P2

profundidade de um *pes* em cada degrau, numa totalidade de 5 patamares"[343] (desenho 33) que Margarida Alves verificou na *piscina B* de *Aquae Flavaie*[344] (figura 117). Estes degraus, para além de permitirem a entrada dos banhistas por todos os quadrantes, funcionariam como bancos para os banhistas, à semelhança das notícias das *Caldas de Monção*[345], ou mais concretamente, das *Caldas de Montbui* (figura 118) onde também se verifica a existência de 5 degraus a toda a volta da piscina. A autora escreve ainda que "relativamente à sua profundidade, (…) a proporção vitruviana [2/3] é verificada"[346], contando com as laterais da piscina. Deste modo, e quando considerámos uma espessura de 2 *pes* para as laterais da piscina P2 (desenho 33) verificamos, também, a correspondência à proporção vitruviana (2/3), 33 *pes* no sentido longitudinal e 19 *pes* no sentido oposto, isto é 6 *passus* e 3 *pes* por 3 *passus* e 4 *pes*.

Não se identificou o pavimento original em opus signinum da piscina P2, contudo, ele estaria a uns 20 cm abaixo do atual, em lajes, isto é: o pavimento atual encontra-se à cota 146,30m (ao centro, a P2 tem 146,34 no topo interior sul e 146, 26 no topo interior norte), pelo que a cota romana andaria nos 146,10m (aproximadamente). Portanto a cota interior de ambas piscinas (P2 e P3) estaria muito aproximada (desenho 34). "A cota deste quarto degrau é de 147,46m (média) enquanto a soleira que identificamos na passagem oeste para a Sala 09 [*vestibulum*], é de 147,61m"[347]. Assumindo que esta cota da soleira poderia corresponder igualmente à cota de circulação interior deste edifício, traçámos o perfil longitudinal da piscina P2 (Desenho 35). Dividindo a diferença de cotas (146,10m e 147,61m), por 5 (o número de degraus que a piscina teria), obtemos, para a altura de cada um dos degraus, a dimensão muito aproximada de 1 *pes*.

O abastecimento da P2 seria realizado pela canalização proveniente de oeste, conectada ao tanque de arrefecimento "que terá antecedido o atual tanque"[348]. Teria somente uma canalização, correspondente à dimensão aproximada de dois *pes*. A duplicação da canalização e decoração das bicas terá ocorrido durante as obras manuelinas[349] (figura 119). No lado oeste desta piscina, verifica-se a existência de um cano ladrão em todo o comprimento do terceiro degrau (atual) para o "escoamento do excesso de água e limpeza de sujidades à superfície da mesma"[350] e o escoamento "era realizado através de uma caleira, em alvenaria (A), e revestida

---

[343] Margarida Alves, *Aquae Flaviae: a ruína como imagem de cidade,* 2015, p. 183.

[344] Com a ressalva que, nesta piscina de Aquae Flaviae, existe um hipocausto.

[345] Existiria "hum tanque com escadas pelos 4 lados para comodamente entrarem nelle os que tomão banhos" in Helena Frade, *As termas medicinais de época romana em Portugal*, 1990, pp.876-877.

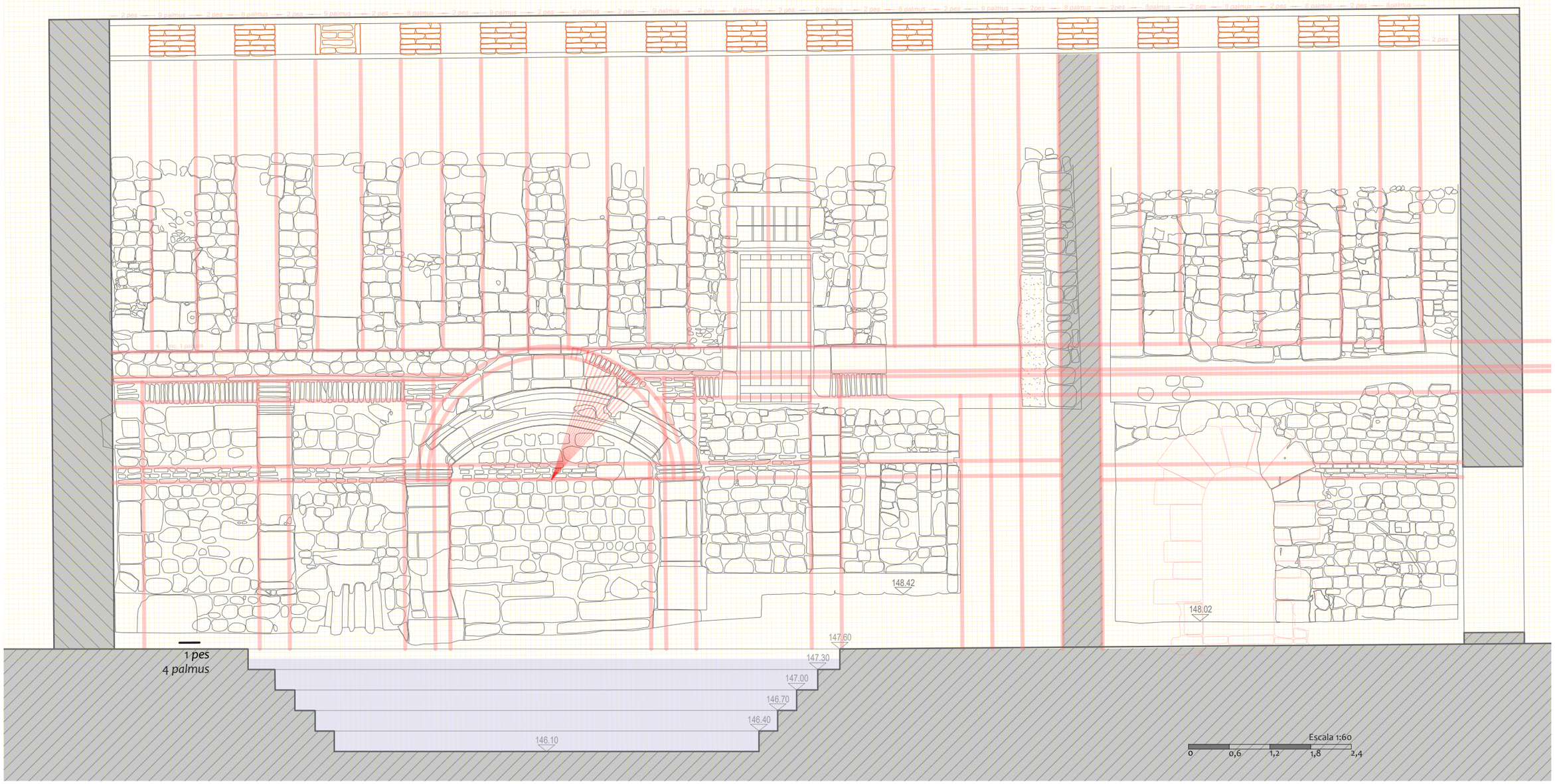
[346] Margarida Alves, 2015, op. cit., p. 183.

[347] Maria Pilar Reis e José Marcelo Mendes Pinto, *Valorização Conservação e Reabilitação das Termas Romanas de São Pedro do Sul, Trabalhos Arqueológicos 2017/2018, Relatório Final,* 2019, p.13.

[348] "para esta fase já podemos admitir que um depósito terá existido na zona do actual tanque. A alimentação da P2, na sala 10 era realizada desde oeste, e alinhada com o actual tanque, a alimentação da piscina P1 paralela à anterior acompanhava a fachada sul das termas. Uma terceira canalização alimentaria a piscina do anexo ocidental – a P4" in Maria Pilar Reis e José Marcelo Mendes Pinto, 2019, op. cit. p.34.

[349] "Esta obra de duplicação da canalização, e a decoração das bicas, é, quase sem margem para dúvidas, uma intervenção decorrida durante as obras manuelinas." In Idem, p.13.

[350] "permitindo o escoamento do excesso de água, que subia de nível quando alguém entrava na piscina. Permitia também a limpeza natural de cabelos, gorduras e outras impurezas que houvesse na superfície da água." Helena Frade e José Beleza Moreira, *A arquitectura das termas romanas de S. Pedro do Sul,* 1992, p.536.


2 pes — 9 palmus — 2 pes — 8 palmus — 2 pes — 9 palmus — 2 pes — 8 palmus — 2 pes — 9 palmus — 2 pes — 8 palmus —

internamente a opus signinum e com o fundo em V"[351], junto aos degraus norte.

3.2. A decoração

"Ainda que não se conserve qualquer vestígio, (…) supomos que esta sala, e as restantes, estavam rebocadas, o que explicaria uma técnica construtiva em alvenaria e tijolo com alguma irregularidade"[352].

No balneário de São Pedro do Sul, o tijolo viria a ser utilizado quer como elemento constituinte da própria construção[353] (para fazer os nivelamentos das paredes, devido ao aparelho irregular da pedra), quer como parte integrante dos elementos decorativos, assim como na construção dos arcos dos nichos e as meias cúpulas das absides. "O número de fiadas de tijolo, 3 por registo (ou piso) também indicia a cronologia pós flaviana desta construção"[354] (figura 120) . Os elementos decorativos que constituem a sala da piscina P2 revelam, nitidamente, "a sua importância em relação aos restantes espaços"[355].

Nesta sala, e primeiramente na parede oeste que melhor conserva a estrutura romana (figura 121), verificamos a presença de "pequenas pilastras dispostas a intervalos regulares, constituídas por blocos de granito aparelhados. Por cima destas pilastras e em toda a parede existe uma fiada de tijoleiras postas verticalmente, sobre a qual se iniciam os arranques dos arcos da abóbada"[356] (os arqueólogos José Marcelo Pinto e Maria Pilar Reis apelidariam este soco de *piattabanda*[357], pelo que manteremos esta nomenclatura por uma questão de coerência). Constatamos ainda a " moldura em alvenaria que separa o arranque da abóbada e servia como pingadouro da condensação no interior da cobertura"[358]. Este efeito decorativo era interrompido no nicho, dando lugar a um arco, também construído em tijolo e do qual ainda são percetíveis as suas marcas, sendo que o topo destes arcos, como veremos, "coincidem com a fiada de nascença"[359] da abóbada.

Quando nos propusemos proceder à tentativa de modulação da parede poente, repetindo o exercício que tínhamos feito para as plantas, começámos por lançar linhas verticais no sentido das pilastras (desenho 36). Este exercício revelou-se, desde logo, bastante revelador. Verificamos, que os negativos entre os arranques dos arcos da abóbada variavam, intervaladamente, entre 8 e 9 *palmus* de espessura, estando espaçados entre si 2 *pes* (os mesmos 8 *palmus* e que correspondem à dimensão dos arcos da abóbada). No entanto este ritmo perdia-se na transição entre a sala da piscina P2 e o *vestibulum*, podendo estar relacionado com o próprio suporte da cobertura.

[351] Maria Pilar Reis e José Marcelo Mendes Pinto, 2019, op. cit. p.14.
[352] Idem, p.13.
[353] "O Edifício 2 é construído com fundações em cofragem (…) sobre a qual se ergueu o muro em opus mixtum, alternando um opus quadratum, imperfeito, com fiadas de três tijolos no primeiro registo." In Idem, p.12.
[354] Ibidem.
[355] Ibidem.
[356] Helena Frade e José Beleza Moreira, *A arquitectura das termas romanas de S. Pedro do Sul,* 1992, p.537.
[357] Maria Pilar Reis e José Marcelo Mendes Pinto, 2019, op. cit. p. 12.
[358] Idem, p.13.
[359] Ibidem.

Figura 120: Pormenor da construção da parede de pedra com fiadas de tijolo (2019).

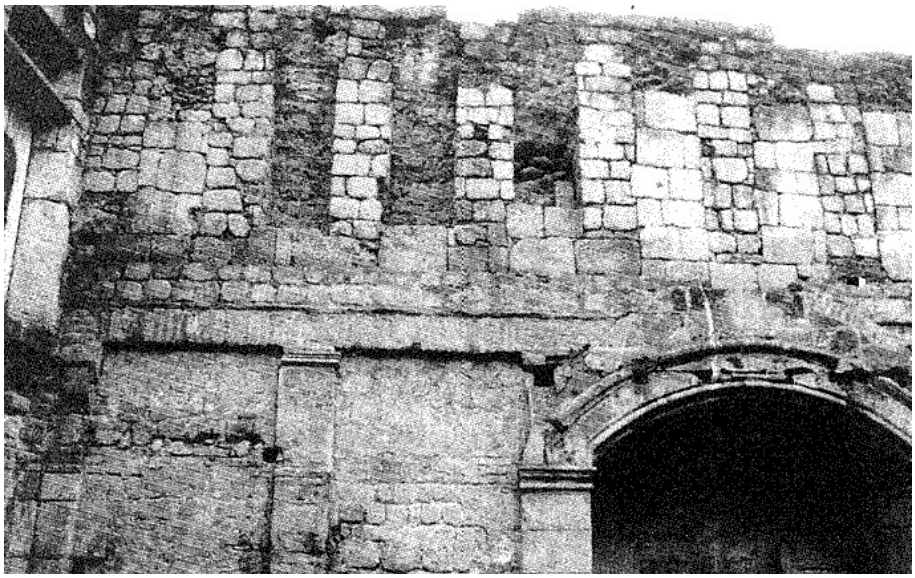
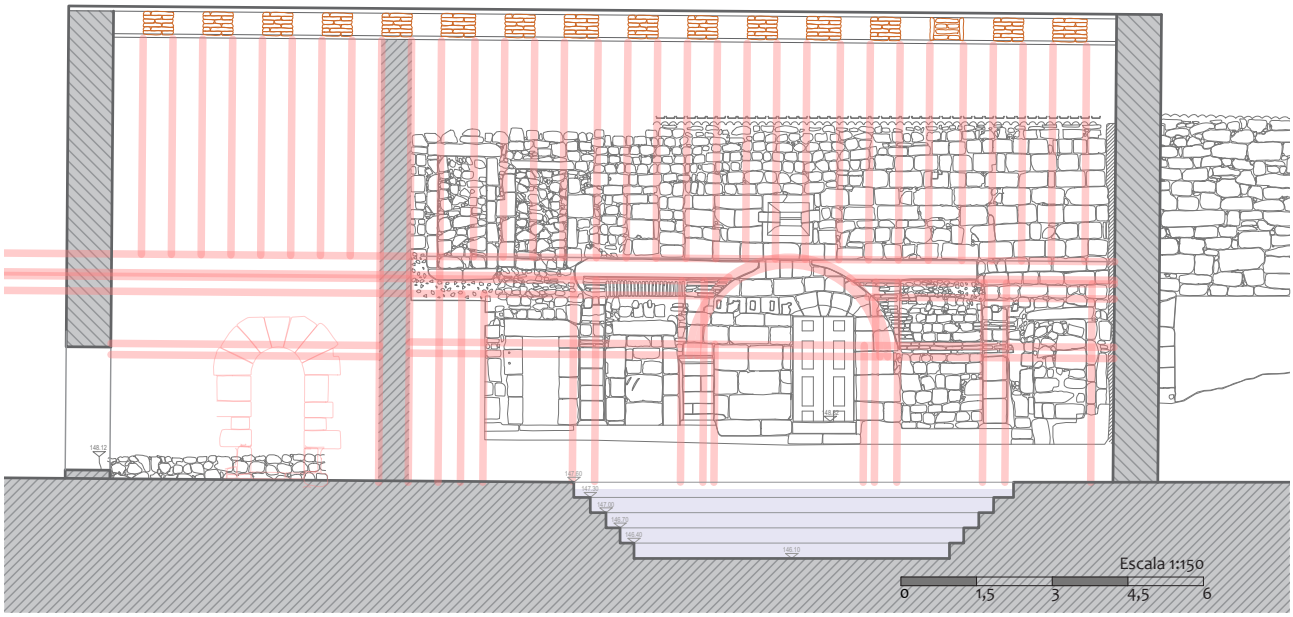


Figura 121: Arranques da abóbada romana na parede oeste da sala da piscina P2 (Helena Frade, 1992).



Desenho 37: Transposição da modulação da parede este para a oeste do edifício Flávio.

Ao introduzirmos a segunda direção da quadrícula (horizontal), rapidamente percebemos, pelo alinhamento da *piattabanda*, que a parede do edifício tem uma ligeira inclinação, cerca de 1 *palmus* (mais alto no topo norte). A justificação mais lógica para esta situação prender-se-ia com a junção deste elemento: conduzir a água resultante da condensação para um dos topos a fim de que não houvesse a sua acumulação neste "soco" e o seu consecutivo escorrimento paredes. Porém, esta inclinação seria contrária ao sentido do escoamento das piscinas e dado que alguns dos elementos da parede apresentavam também um ligeiro desvio em relação à modulação, restava-nos então, fazer coincidir a direção da malha com a inclinação dada pela *piattabanda* (desenho 36).

Com este ligeiro desvio, todos os alinhamentos se tornaram ainda mais evidentes, deixando de existir a problemática que referimos na transição da sala da piscina P2 para o *vestibulum*. Assim, verificamos uma métrica de 9 e 8 *palmus* até à abside norte, alternados respetivamentes, e uma sequência de 8 *palmus* no *vestibulum*, com um espaçamento constante de também 8 *palmus*. Esta ligeira diferença de espessuras denota o detalhe e a subtileza da construção romana: a sala da piscina, com um grau de importância superior ao vestíbulo, apresenta um ritmo alternado, dado pela variação entre o arco de tijolo e a faixa de argamassa.

A partir daqui, e com a subdivisão da grelha (de *pes* para *passus*[360]) obtivemos, no sentido vertical: uma altura de 5 *palmus* para o embasamento de pedra onde assentam os arranques dos arcos da abóbada; a divisão entre este embasamento e a *piattabanda* em tijolo correspondente a 1 *palmus*; a *piattabanda* com uma altura de 4 *palmus*, ou seja, 1 *pes*; a distância de 13 *palmus* até ao enfiamento de tijolo de regularização da parede; este último que corresponde a 3 *palmus*; e 8 *pes* até à cota de circulação (desenho 36). Do mesmo modo, e no sentido horizontal verificamos a largura de 6 *palmus* para as pilastras; 23 *palmus*, ou seja, 5 *pes* e 3 *palmus* de espaçamento entre estas; para o nicho corresponder a 2 *passus* na sua maior dimensão, as pilastras que o enquadram teriam de equivaler a 9 *palmus*, pouco mais que 2 *pes*. A existência desta inclinação torna-se ainda mais evidente, quando transportada a métrica da parede oeste para a parede este (desenho 37).

Apesar de a parede nascente ter sofrido, ao longo dos séculos, sucessivas alterações à sua estrutura original, determinamos uma correspondência direta dos seus alinhamentos romanos, espelhada em relação ao eixo longitudinal da sala e da piscina P2, relativamente à métrica da parede oeste (desenho 37).

[360] Note-se que 1 *pes* corresponderia a 4 *palmus*.

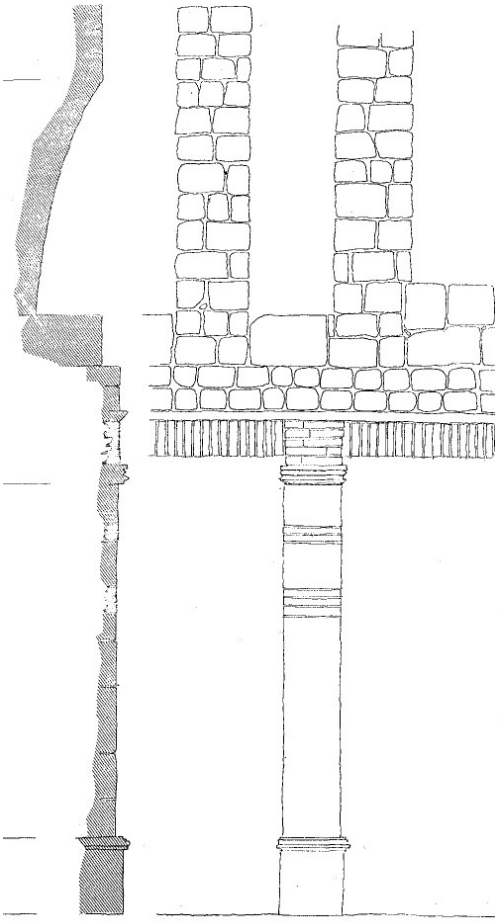


Figura 123: Perfil do arranque da abóbada, Helena Frade, 1992.

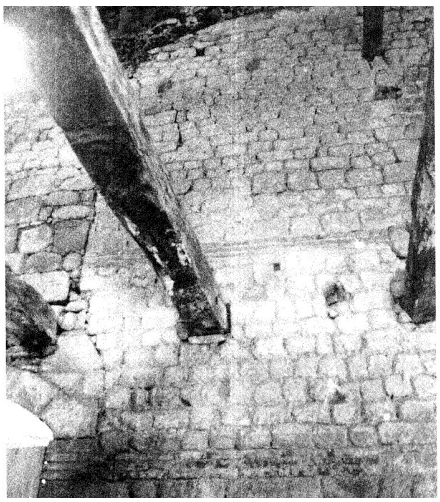


Figura 122: Negativo da curvatura da abóbada, Helena Frade, 1992.

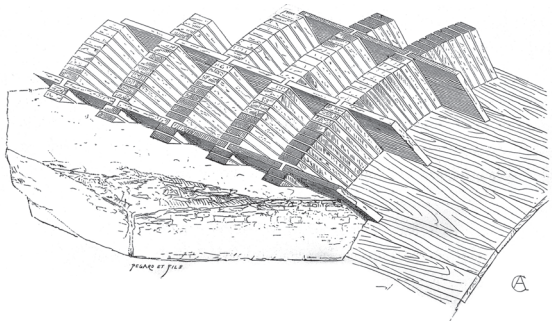
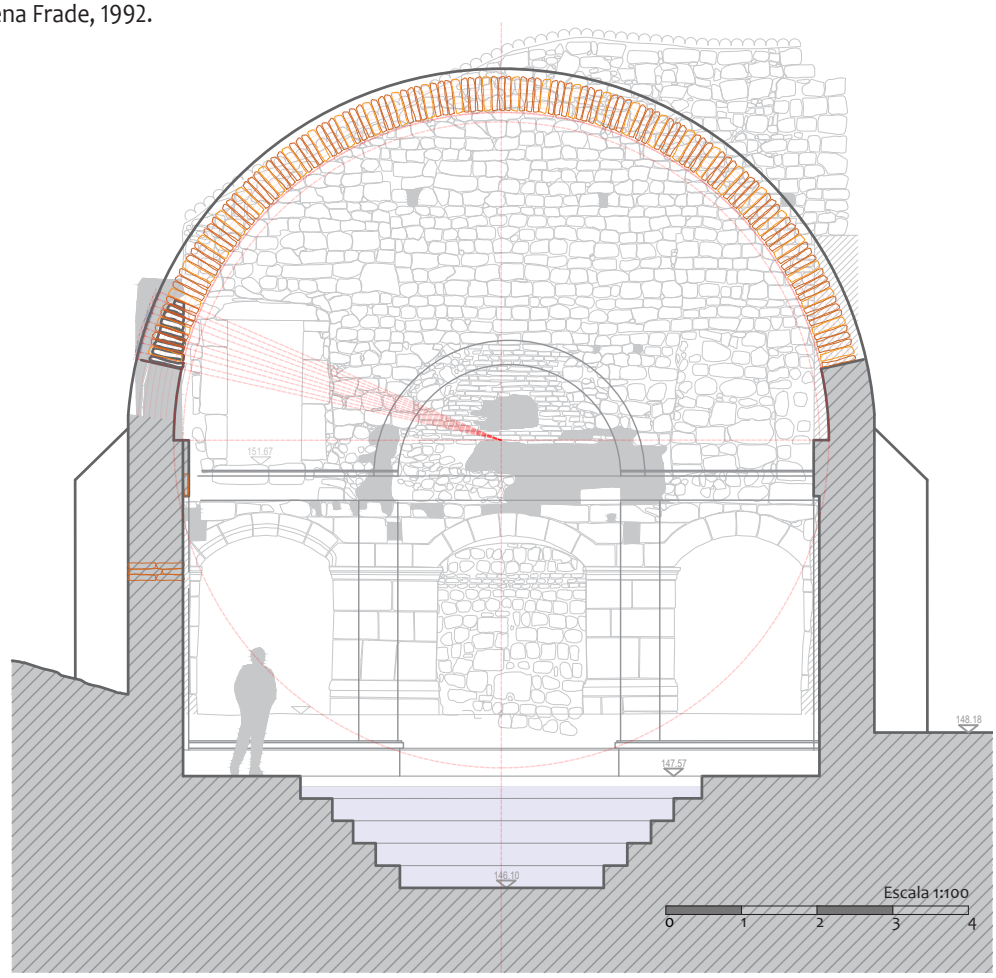


Figura 124: Estudo da construção das abóbadas com reforço em arcos de tijolo, Auguste Choisy.



Desenho 38: Reconstituição hipotética do perfil transversal da abóbada de tijolo, no sentido sul-norte.

3.3. A abóbada

"Entre a inauguração do Edifício 2 e o séc. XIII o edifício terá sofrido algumas alterações e readaptações. A estratigrafia registada (…) sugere que em determinado momento há uma [nova] cheia devastadora que atinge o edifício. Desconhecemos se foi esta a razão, ou qualquer outro evento, que determina a ruína da abóbada da sala 10. Esta alteração de cobertura ditou, certamente, uma remodelação, ainda que parcial, do edifício"[361].

Os sistemas de abóbadas foram "certamente, utilizadas na cobertura da maior parte dos estabelecimentos termais romanos. Poderá assim ter acontecido nas Termas dos Cássios, em Vizela, nas Taipas ou em Monchique, mas é apenas no balneário de S. Pedro do Sul que ainda é possível verificá-lo"[362]. De uma forma muito clara, "é possível ver, até meia altura pequenas pilastras dispostas a intervalos regulares, constituídas por blocos de granito aparelhados"[363] (figura 121).De entre os povos antigos, os Etruscos seriam os que mais recorreriam ao uso das abóbadas, apesar do seu uso muito limitado, especialmente empregue em esgotos, saídas subterrâneas, nos aquedutos ou na construção das portas de cidades[364]. As abóbadas de grande vão em alvenaria não teriam, em parte nenhuma, um uso tão generalizado como no tempo dos romanos, especialmente nos últimos anos da República[365].

Na campanha de trabalhos de 1991, Helena Frade identificou, para além dos referidos arranques em pedra da abóbada, o negativo da curvatura da mesma (figura 122), na parede da abside norte voltada para o *vestibulum*. Com a conjugação destes dois dados "desenhou um corte longitudinal onde (…) assinala (…) os vestígios da abóbada, estabelecendo a cota máxima"[366] (figura 123), tendo posteriormente, em 2005, lançado uma proposta da sua reconstituição, considerando um sistema de "caneluras" na face interior da abóbada, à semelhança do ambiente do templo de Diana em Nimes, onde também a abóbada foi construída com um ritmo marcado de forma semelhante e que certamente produziria um jogo de sombras e luz, dando à sala um ambiente muito próprio.

Nas fotografias antes dos trabalhos de limpeza das paredes, também de 2005, para além da clareza do negativo da curvatura da abóbada na parede norte da sala da piscina P2, são ainda

---

[361] Maria Pilar Reis e José Marcelo Mendes Pinto, *Valorização Conservação e Reabilitação das Termas Romanas de São Pedro do Sul, Trabalhos Arqueológicos 2017/2018, Relatório Final,* 2019, p.14.

[362] Helena Frade, *As termas medicinais da época romana em Portugal*, 1990, p.894.

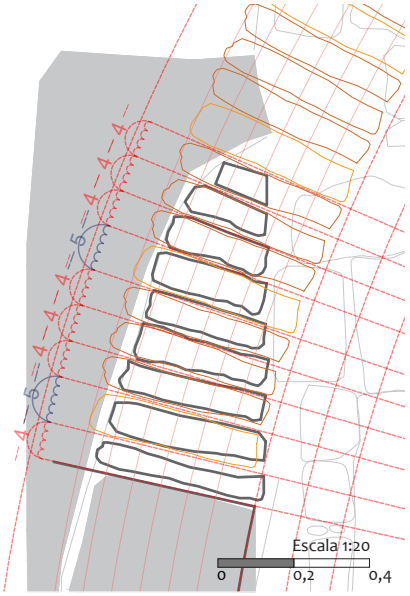
[363] Helena Frade e José Beleza Moreira, *A arquitetura das termas romanas de S. Pedro do Sul,* 1992, p. 536-537.

[364] "Les Étrusques sont parmi les anciens peuples celui chez qui les voûtes d´appareil furent le plus usitées; pourtant ils n´en firent eux – mêmes qu´un usage très-restreint: ils voûtaient les égouts, les émis saires souterrains servant à dessécher les plaines humides, les aqueducs, les portes des villes; mais, dans les édifices étrusques affectés aux besoins de la vie ordinaire, ou même dans les édifices destinés au culte, la construction voûlée ne fut jamais régulièrement suivie; on employait des poutres en bois telles que celles du temple toscan décrit par Vitruve, ou des architraves en Pierre semblebles à celles que si mulent les façades taillés dans ler oc de quelques monuments parvenus jusqu´à nous." In Auguste Choisy, *L´art de batir chez les Romains*, 1873, capítulo II, p.32.

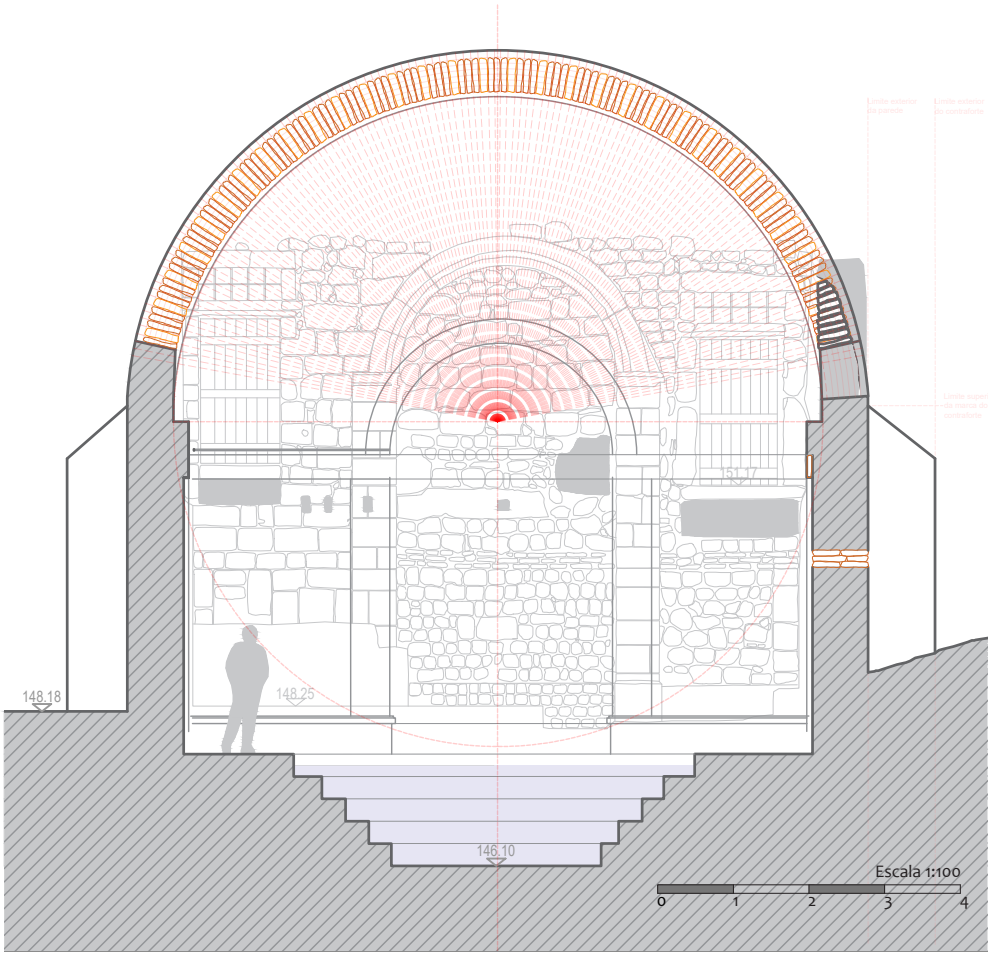
[365] "(...) l´auteur da seul traite ancien qui nous reste sur la construction [Vitruve] assista tout au plus vers la fin de s avie à ces colossales entreprises qui nous rappellent les noms d´Auguste et d´Agrippa et qui on marque dans l´architecture romaine l´avénement d´une ère nouvelle: luimême n´eut point de part au magnifique essor qui produisit les Thermes d´Agrippa et le Panthéon de Rome" Auguste Choisy, 1873, op. cit., p.5.

[366] Maria Pilar Reis e José Marcelo Mendes Pinto, 2019, op. cit. p.10.

Figura 125: Arranque de arco em tijolo, 2005.



Desenho 39: Pormenor do arranque da abóbada de tijolo.



Desenho 40: Reconstituição hipotética do perfil transversal da abóbada de tijolo, no sentido norte-sul.

percetíveis os vestígios de tijolo e argamassa entre os módulos de pedra e que corresponderiam aos arranques dos arcos em tijolo. O exercício de definição métrica da parede poente, dar-nos-ia dados importantes em relação para a reconstituição da abóbada romana: verificámos o alinhamento de um conjunto de 16 arcos em tijolo (desenhos 36 e 37) e 17 arranques em pedra (excluindo as paredes exteriores), sendo a abóbada um sistema contínuo entre as duas salas e construída como um todo. Esta conjugação dos arcos "alternados com faixas de *opus caementicium*, sendo assim substituída a alvenaria de pedra, mais pesada e cara, pelo tijolo"[367], vai de encontro aos "grandes arcos de construção tosca, embutidos nos recheios das abóbadas"[368] a que Auguste Choisy faz referência no seu importante estudo sobre a construção romana[369]. Este identifica-os não como só como elementos decorativos, como Helena Frade interpretou, mas, e essencialmente, como o "esqueleto" que serviria de suporte à construção da abóbada[370].

Sobre este tema, Lynne Lancaster refere o importante papel que estas nervuras de tijolo romanas desempenharam no reforço das abóbadas[371] (figura 124), assim como a importância da compreensão da forma como os materiais e os sistemas estruturais interagiam[372], como forma de aligeirar o peso das estruturas, neste caso das abóbadas, assim como o seu custo de produção, em relação à construção de uma abóboda maciça em alvenaria de pedra. Refere ainda que estas obras auxiliares teriam de ser construídas de forma rápida e por mão-de-obra pouco qualificada (provavelmente pelos escravos)[373].

No canto norte-noroeste encontrava-se conservado, e quase intacto o arranque de um

---

[367] Idem, p.12.

[368] Tradução livre de: "En effet, les vestiges de construction qui remontent aux bonnes époques de l´art romain offrent des dispositions qu´on aurait peine à trouver même indiquées dans les monuments d´une autre période: il suffit d´observer une de ces voûtes qui signalent par leur présence tous le points où s´étendit l´empire romain, pour être frappé d´une série de détails qui établissent entre les méthods anciennes et les nôtres de profondes différences. Ce sont de toutes parts des arcs engagés dans l´épaisseur des maçonneries, des chaînes de soutènement d´une forme inusitée, des armatures de diverses sortes dissimulées autrefoid au milieu des massifs ou voilées sous le enduits, et que la ruine des édifices nous découvre par portions souvent défigurées ou incomplètes. Quelle fonction remplissaient autrefois ces curieux débris? à quoi servirent ces grands arceaux d´une construction grossière, noyés dans les remplissages de voûtes, ces claires-voies de brique qui souvent en tapissent les durfaces? d´après quelles règles et dans quelle vue étaient combinés les membres de cette ossature empâtée dasn le corps des maçonneries, toujours légère, établie à peu de frais, à la hâte, sans précision? Rien ne répond dans nos constructions à ces ouvrages auxiliaires: et pourtant, à juger de leur importance par la généralité de leur emploi, ils paraissent jouer un rôle capital dans l´économie des édifices romains." In Auguste Choisy, *L´art de bâtir chez les Romains,* 1873, p. 3.

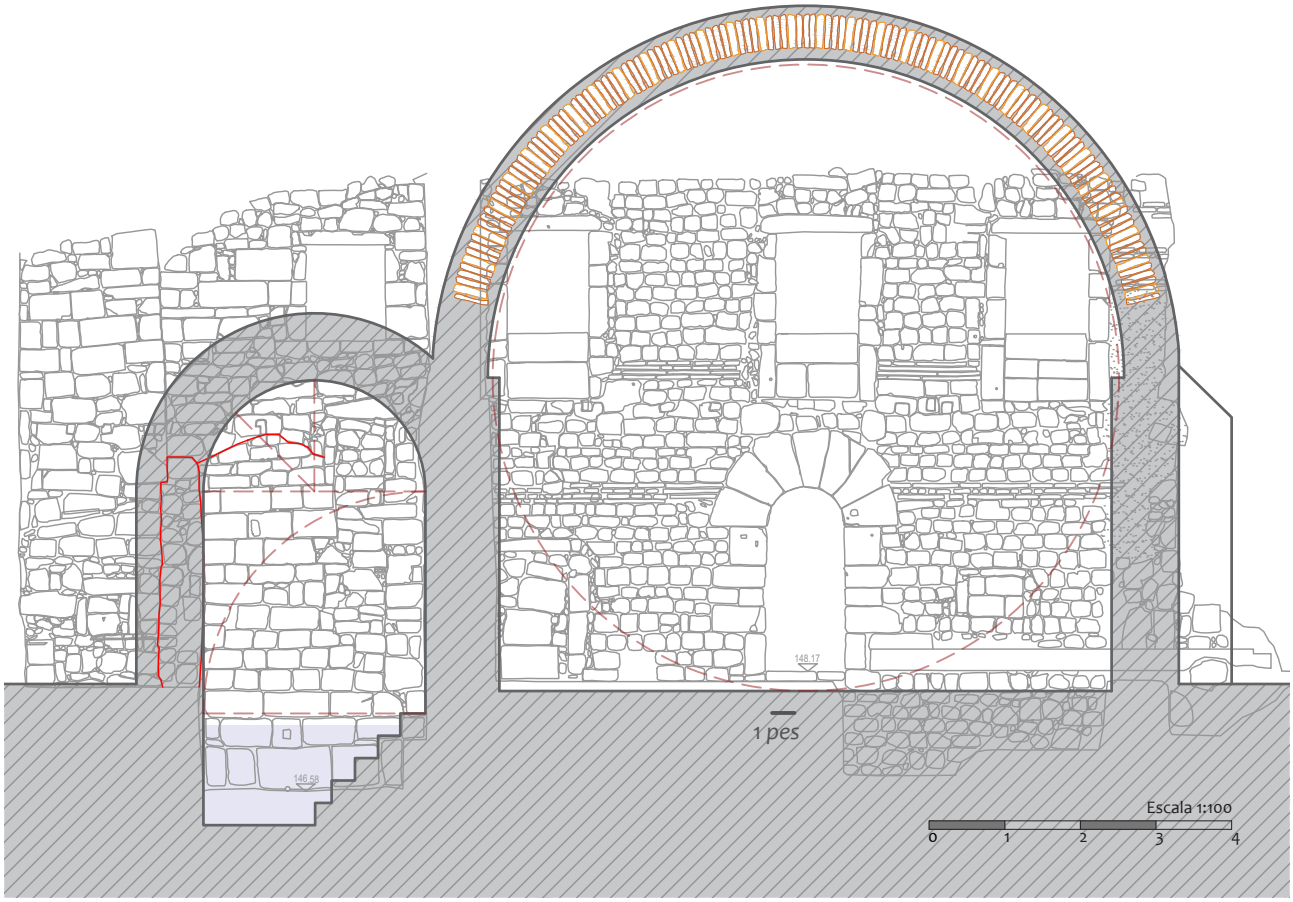
[369] Auguste Choisy, *L´art de bâtir chez les Romains*, 1873.

[370] "Sans doute ils n'y servent point à l'ornement, ils étaient trop irréguliers et installés avec une précipitation trop évidente pour qu´on songeât à les laisser apparents: ils constituaient une sorte de charpente interne des monuments, où les idées pratiques se manifestaient de la façon la plus sincère et la plus libre, parce qu´aucune exigence dárchitecture ne venait, soit en compliquer, siot en gêner l´expression." Auguste Choisy, 1873, op. cit. p. 3.

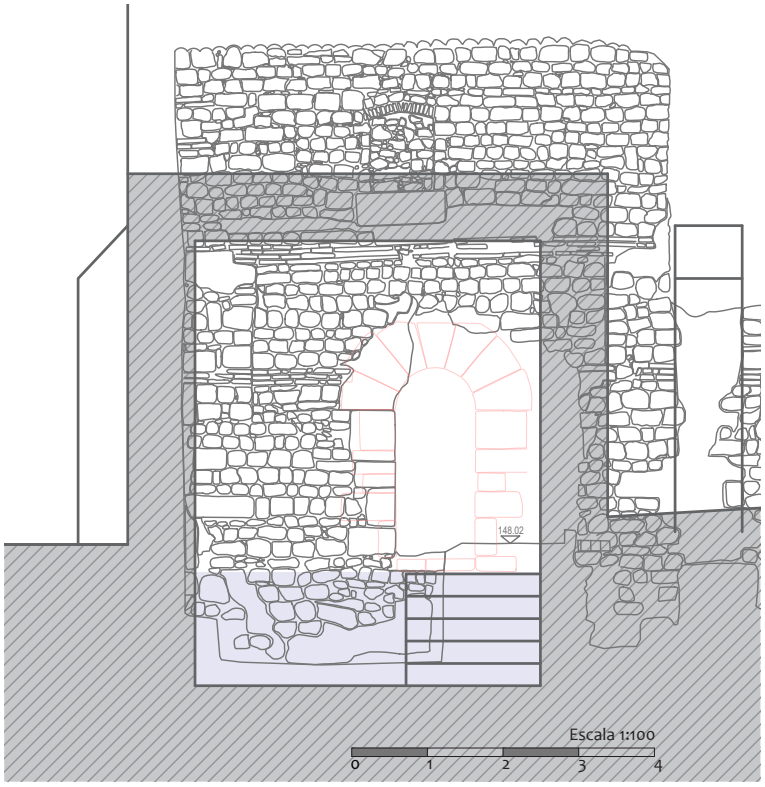
[371] "He then concludes that the Romans could see the danger in relying too much on the monolithic na-ture of the material because they took measures to counteract the potential lateral thrust by adding buttresses" in Lynne C. Lacanster, *Auguste Choisy and the Economics of Roman Construction,* 2009, p. 308.

[372] "Choisy brought to the study of Roman construction was his understanding of the way materials and structural systems interact." In ibidem.

[373] "However, a close examination of such lattice ribs reveals that they are not built as carefully as shown in the drawing, which he admits in the following statement: «the aspect of these auxiliary works re-veals a very hasty execution; and the inaccuracy of the forms is sometimes so great there that to illustrate the ideas of the builders, I had to give these reinforcements a regularity in my drawings that an examination of the ruins could contradict in more than one case». In idem, p. 311.



Desenho 41: Reconstituição hipotética do perfil transversal do vestíbulo e piscina P4.



Desenho 42: Reconstituição hipotética do perfil longitudinal da piscina P4.

Figura 126: Escada de acesso à piscina P4.

dos arcos em tijolo (figura 125), junto da parede que separa a salada piscina P2 do vestíbulo (atualmente, este arranque não é visível pela construção da abóbada de tijolo contemplada na intervenção de JMR, como veremos na *Parte III - Atar os fragmentos*). Com base neste arranque, definimos a curvatura da abóbada, com base no alinhamento dos arranques da abóbada e a eixo com a piscina p2 e a abside norte (desenho 38).

Com o intuito de calcular o número de tijolos que comporia este arco, e percebendo que a dimensão do primeiro tijolo se aproximava dos 10 centímetros de espessura, dividimos a dimensão total do arco em unidades de uma *uncia*[374]. Verificamos então que existiria uma variação na espessura dos primeiros tijolos do arranque do arco (desenho 39), definindo uma métrica de 3 tijolos de 4 *uncia*, intervalados por um tijolo de 5 *uncia*. Esta métrica, quando transportada para a dimensão total do arco, dar-nos-ia a validação definitiva desta hipótese: no eixo vertical da abóbada, a "pedra de fecho" corresponde exatamente ao segundo tijolo, do conjunto de 4 *uncia* de um módulo de três, ou seja, ao do meio. Esta estrutura assentaria, como vimos, no alinhamento em alvenaria, acima da *piattabanda*. Este "socalco" terá sido determinante na colocação do *cimbramento* provisório da construção da abóbada e foi, também para nós, determinante para estabelecer a curvatura da mesma[375] (desenho 40).

Teríamos então, para cada um dos arcos, uma dimensão correspondente a 6 *palmus* (o equivalente a cerca de 46cm), revestido pelo lado interior com uma camada correspondente a 2 *uncia* e pelo exterior com uma outra camada correspondente a 4 *palmus*, isto é, uma espessura total de cerca de 2 *pes* e meio. Com esta curvatura, o edifício teria, ao centro da sua abóbada, um pé-direito de 8,77m de altura, correspondente a sensivelmente 29 *pes*, muito próximo dos 6 *passus*, resultando numa abóbada "mista", construída com base num sistema de reforço estrutural por arcaria de tijolo, com enchimento de "puzzolana", posteriormente rebocada, pelo seu lado interior com uma argamassa de estuque e, exteriormente, com uma argamassa hidrófuga de revestimento[376].

Na sala da piscina P4, "existe na parede ocidental os claros vestígios dos que seriam os arranques de uma arcaria romana, do Edifício 2, e que suportaria a cobertura deste espaço"[377]. Partindo do mesmo principio que estabelecemos para a abóbada da sala principal e do vestíbulo (desenho 41), traçámos a reconstituição hipotética desta sala, com base na sua largura. Calculámos a cota do fundo desta piscina (146,10m), partindo do pressuposto que a altura dos seus degraus será a mesma dos degraus da piscina P2 (1 pes) e partindo da mesma cota de circulação (147,61m) - Desenho 42.

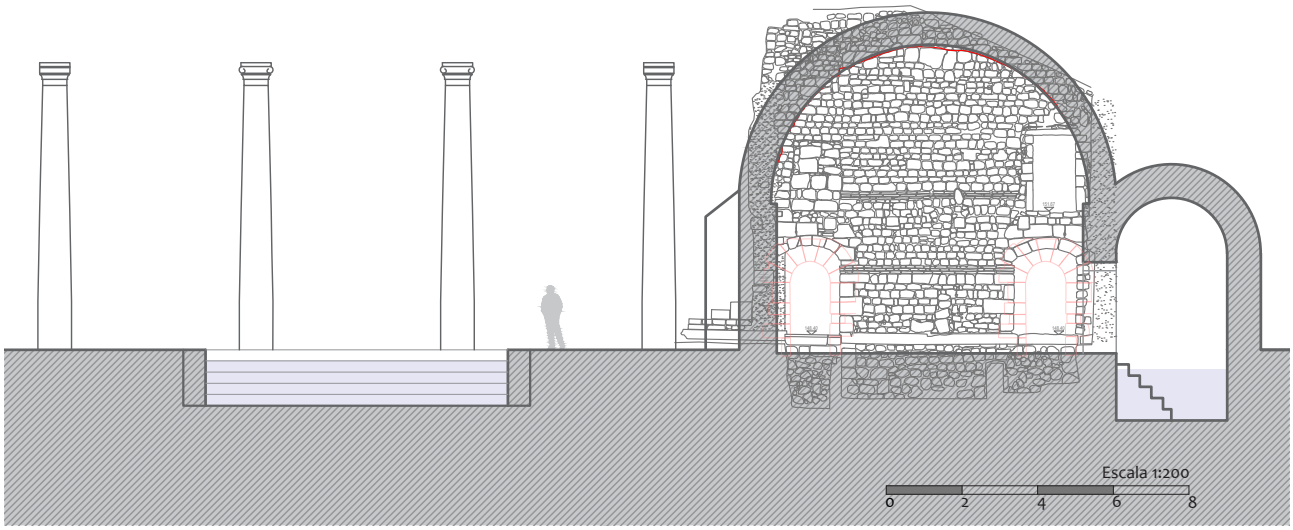
---

[374] Unidade de medida de uma polegada romana, ou seja, 1/12 de pes, que corresponderia a 24,6mm.

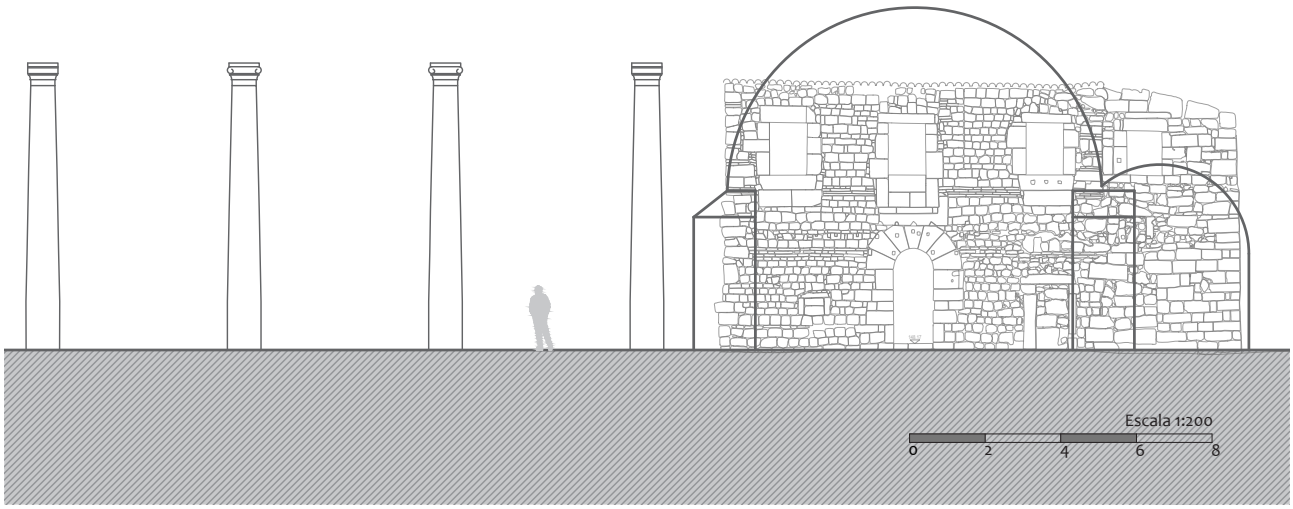
[375] Tendo em conta a localização dos socalcos das paredes oeste e este, traçamos o ponto médio, através do qual lançamos o semicírculo da curvatura.

[376] "As junturas superiores destes tetos abobadados deverão ser revestidas de argila amassada com cabelo. Quanto à parte interior, na face virada para o pavimento, reboque-se em primeiro lugar com fragmentos de telhas e cal e remate-se depois com estuque ou reboco." M. Justino Maciel, *Vitrúvio, Tratado de arquitectura,* 2006, p.197.

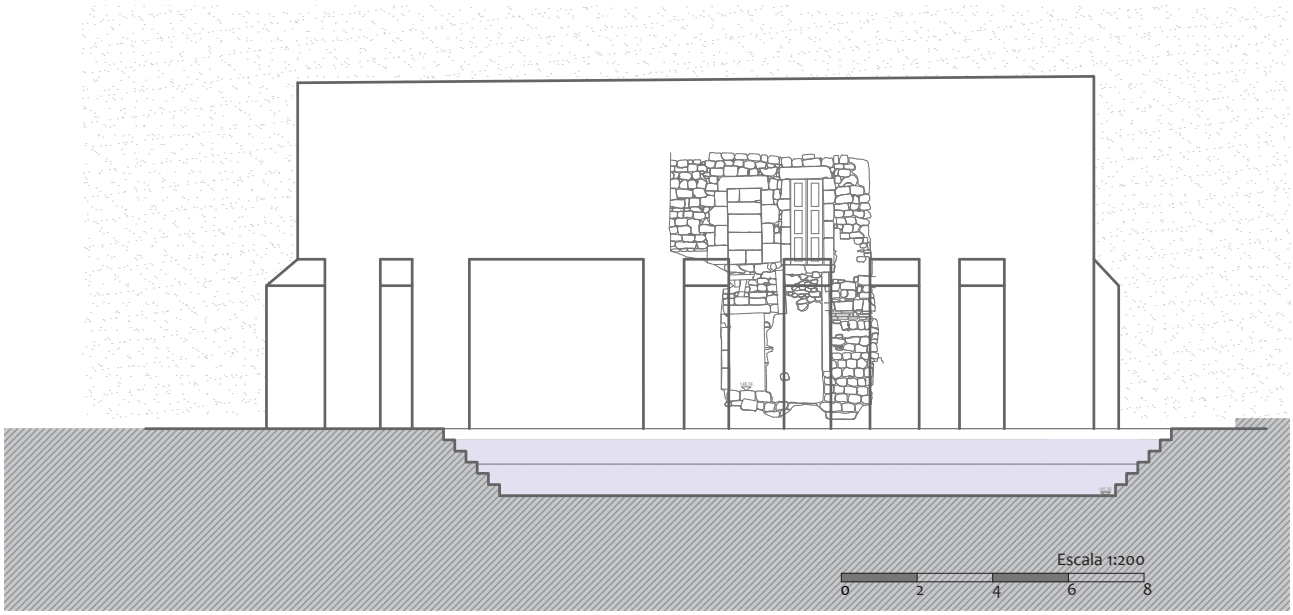
[377] Maria Pilar Reis e José Marcelo Mendes Pinto, *Valorização Conservação e Reabilitação das Termas Romanas de São Pedro do Sul, Trabalhos Arqueológicos 2017/2018, Relatório Final,* 2019, p.30.



Desenho 43: Reconstituição hipotética da relação do Flávio com o exterior.



Desenho 44: Reconstituição hipotética da fachada do Flávio, na relação com o exterior.



Desenho 45: Reconstituição hipotética da fachada nascente do edifício Flávio.

3.4. A relação interior-exterior

"Obrigatoriamente houve uma remodelação (…) com a construção do Edifício 2 sendo a parede das termas voltada para a piscina [natatio], composta por uma sucessão de contrafortes"[378].

Os cunhais e os contrafortes contruídos em pedras almofadadas, e os quais Helena Frade primeiramente associou à fundação do balneário[379], são, em boa verdade, os elementos de apoios construídos como sustentação das novas paredes do mesmo, sendo o aspeto exterior do segundo edifício certamente marcado pelo ritmo da presença física destes elementos (desenho 43), lembrando, de certa forma, os contrafortes alentejanos.

Lynne Lancaster[380] reconhece que os romanos viram o *perigo* em confiar demais na natureza monolítica do material, por isso tomaram medidas para neutralizar as forças laterais adicionando contrafortes às suas estruturas[381]. Este acréscimo evidencia a distinção entre a teoria e a prática de construção, isto é, em teoria, as propriedades monolíticas, neste caso, não deixariam a abóbada cair, no entanto existe sempre essa possibilidade, mais ainda quando a abóbada de pedra atinge o máximo da altura[382]. Portanto, e para combater esta possibilidade de rotura, os arquitetos romanos organizavam as suas estruturas de forma a introduzir elementos de apoio integrados ao projeto do edifício, em vez de serem anexados para o exterior[383]. A Basílica de Constantino é um bom exemplo desta situação, onde os contrafortes foram integrados nas paredes de tal forma que seriam disfarçados pelo exterior[384]. Esta relação entre a estrutura e o *design* do edifício será um dos princípios estruturadores de grandes edifícios como a Domus Aurea de Nero, o coliseu de Roma ou o Panteão. "Em teoria, se o concreto [da abóbada] atua como um monólito, não terá impulsos laterais e portanto, não precisaria de contrafortes. Se o reforço é necessário para estabelecer a estabilidade, então a abóbada não estará a funcionar como um monólito"[385].

Esta abordagem leva-nos a colocar a hipótese dos contrafortes de São Pedro do Sul terem sido construídos em fase posterior à construção do novo edifício, sendo a sua introdução necessária por alguma necessidade acrescida pelo peso da abóbada. Esta situação justificaria, por exemplo, a falta de coerência entre os elementos contrafortes e o pórtico envolvente à natatio, assumindo que este último se manteria com a reconstrução do edifício (desenho

[378] Maria Pilar Reis e José Marcelo Mendes Pinto, Valorização Conservação e Reabilitação das Termas Romanas de São Pedro do Sul, Trabalhos Arqueológicos 2017/2018, Relatório Final, 2019, p.30.

[379] "As paredes exteriores dos lados Sul e Oeste teriam, nesta 1.ª fase,pequenos contrafortes construídos, a espaços certos, com pedras almofadadas." In Helena Frade e José Beleza Moreira, *A arquitectura das Termas romanas de S. Pedro do Sul, Espacio, Tiempo y Forma, Serie II, H.ª Antigua,* 1992, p. 532.

[380] Lynne C. Lacanster, *Auguste Choisy and the Economics of Roman Construction*, 2009.

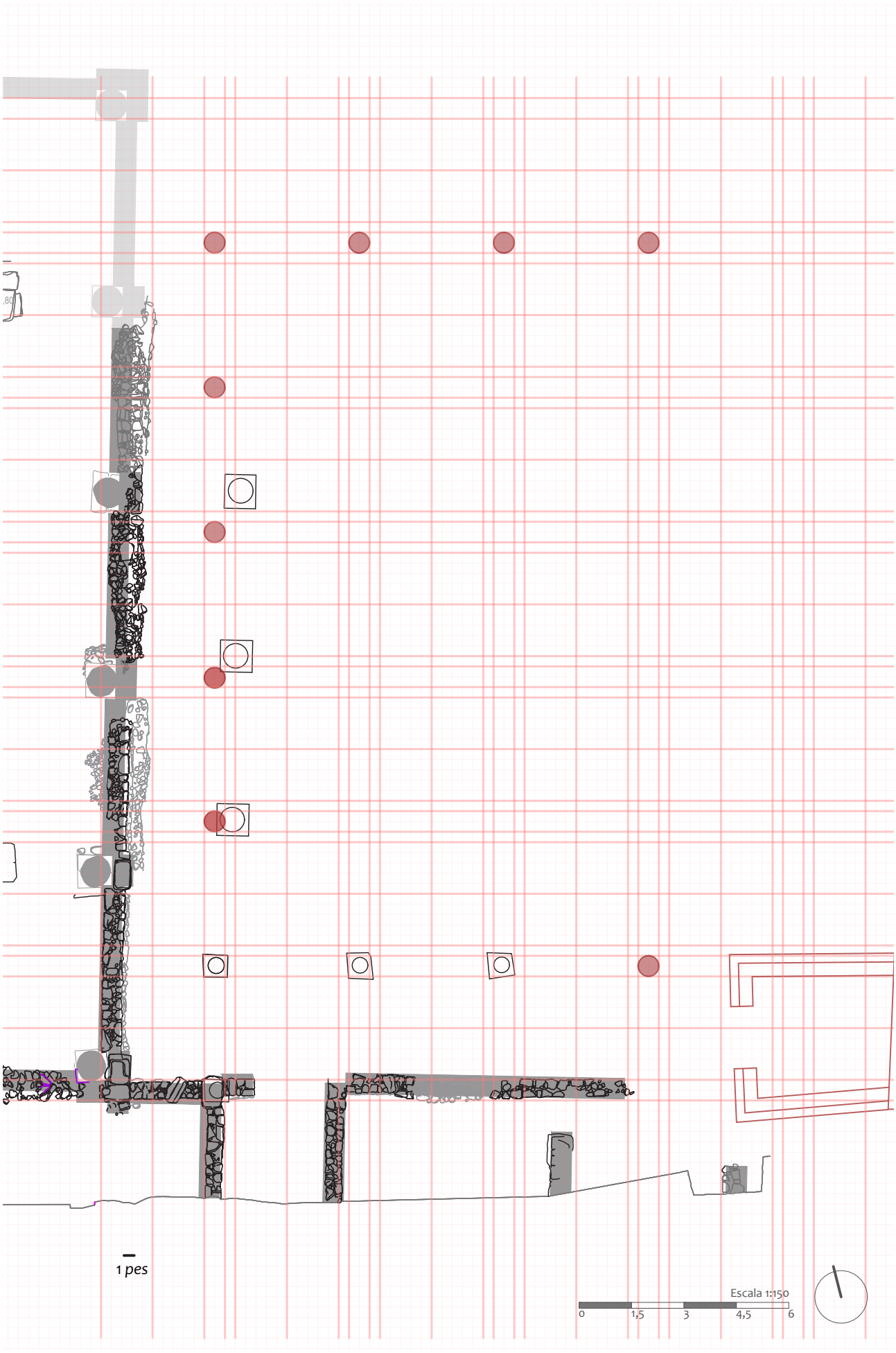
[381] "He then concludes that the Romans could see the danger in relying too much on the monolithic nature of the material because they took measures to counteract the potential lateral thrust by adding buttresses", Lynne C. Lacanster, 2009, op. cit., p. 308.

[382] "Just as the stone beam will crack once its span reaches a certain length, so too will a concrete vault." In Idem, p. 309.

[383] "His conclusion was that the Roman architects cleverly arranged their structures so that buttressing elements were integrated into the design of the building rather than being attached to the exterior." In Ibidem.

[384] "The example he uses to illustrate this point is the Basilica of Maxentius, where the thrust of the central cross vault is carried to the ground through the perpendicular walls of the adjacente barrel vault-ed rooms" in ibidem.

[385] Ibidem.



Desenho 46: Reconstituição hipotética da modulação do segundo pórtico, com base nas colunas toscanas.

44 e 45). No entanto, os dados disponíveis sobre esta questão não são os suficientes para confirmar esta hipótese. "O nicho este da sala da P2 (…) deixava o espaço suficiente para se circular à volta da piscina P1, mas não temos dados concretos sobre as opções do arquitecto antoniniano no arranjo exterior do edifício"[386]. Certamente que a parede este do edifício 1, voltada para a *natatio*, terá desaparecido, pela incompatibilidade de funcionamento com o segundo edifício, deixando o pórtico de funcionar na sua totalidade.

3.5. O pórtico toscano

"É admissível que um segundo pórtico, de ordem toscana e de menores dimensões tenha sido instalado próximo da actual Capela de São Martinho, onde terão existido espaços de pernoita"[387].

O alinhamento de 3 bases de colunas de ordem toscana (desenho 46)[388], levou os arqueólogos a propor, para esta zona, "uma praça porticada que antecipava o acesso às termas"[389]. Para este alinhamento de colunas toscanas, repetimos o exercício de hipotética modulação e corroboramos que "este pórtico não está alinhado com o pórtico da P1"[390], estando estas mesmas colunas direcionadas segundo a orientação métrica do edifício Flávio. A partir desta premissa, verificamos que cada uma das bases corresponde a um módulo quadrado de 2 *pes*, claramente inferior à dimensão das colunas jónicas (3 *pes*); um afastamento de 12 *pes* entre colunas, ou seja dois *passus* e dois *pes*; e um espaçamento de 2 *passus* entre a face das colunas e a parede no lado sul. Com base nesta sequência, definimos a localização hipotética das restantes colunas, verificando, mais uma vez, que não se relacionam com os elementos do pórtico jónico, não tendo também uma correspondência com a parede nascente do mesmo, afastadas desta cerca de 1 *passus* e 3 *pes*.

No entanto, a coincidência do alinhamento entre estas colunas e o limite norte do adro da Capela de São Martinho poderá ser a confirmação de que este pórtico toscano corresponderá a uma das fases da apropriação da esplanada das termas de São Pedro do Sul após a reconstrução flaviana (esta, no caso, associada à construção da Capela de São Martinho[391], provavelmente nos inícios do século XVI, a uma cota superior relativamente ao pórtico jónico, talvez relacionada com a desativação da natatio (século IV/VIII d.C.)[392]).

---

[386] Maria Pilar Reis e José Marcelo Mendes Pinto, *Valorização Conservação e Reabilitação das Termas Romanas de São Pedro do Sul, Trabalhos Arqueológicos 2017/2018, Relatório Final,* 2019, p.19.

[387] Marcelo Mendes Pinto, *As Escavações Arqueológicas das Termas Romanas de São Pedro do Sul – uma breve síntese, Termas Romanas de São Pedro do Sul,* 2021, p.99.

[388] "A situada no extremo sul da sondagem, corresponde à localização de um muro sobre o qual, apocrifamente se colocou uma base de coluna toscana, a 4,17m surge a segunda base – a fundação para sermos correctos (…). A terceira base surge a 3m (…) e a quarta base, registada por H. Frade e com as mesmas características, surge a 4,10m". Maria Pilar Reis e José Marcelo Mendes Pinto, 2019, op. cit., p.43.

[389] Ibidem.

[390] Ibidem.

[391] "Já António Pires da Sylva mencionava as ruínas de uma antiga igreja da qual se reaproveitaria a cabeceira para fazer a capela, e a picagem contemporânea dos seus rebocos fizeram encontrar parte de um ajimez. Referir que o portal desta capela é um arco ogival, também reaproveitado, com a data 1504 (ou 1508) grafitada, data que corresponderá à sua recolocação." In Maria Pilar Reis e José Marcelo Mendes Pinto, 2019, op. cit., p.46.

[392] Idem, p.99.

Figura 127: Vista do púlpito na Capela de Nossa Senhora da Saúde

Parte III

Atar os fragmentos

Figura 128: Templo Malatestiano, Rimini, Alberti.

Figura 129: Intervenção da DGEMN na Igreja de São Martinho de Mouros.

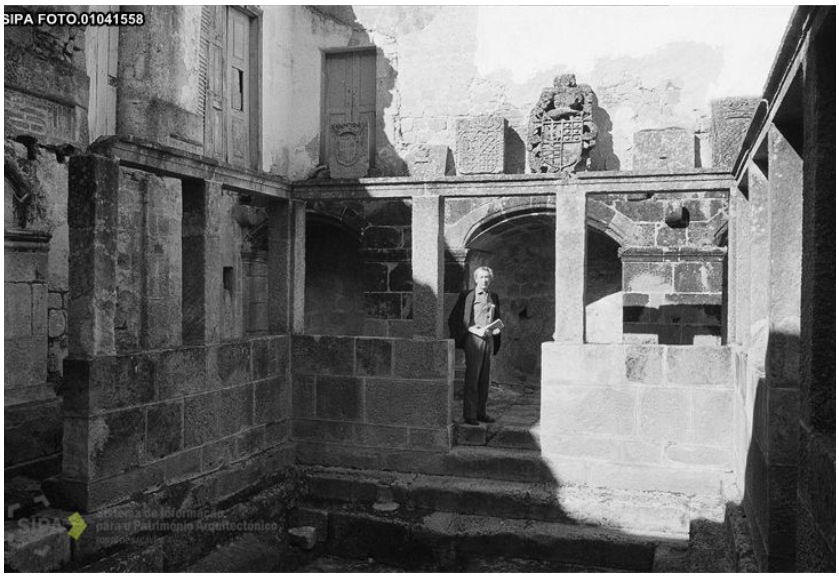


Figura 130: Interior da piscina dita Afonsina, Frederico George.

1. Intervir em património arquitetónico

"Intervir em contexto arqueológico constitui um dos "más interessantes y complejos temas de composición en aqruitectura"[393].

A simbiose entre as ruínas das construções romanas, a cidade contemporânea e os espaços habitados quotidianamente constitui a maior forma de "riqueza arquitetónica (...) resultado de sucessivas origens, sucessivas contemporaneidades"[394], assente nas transformações dos "edifícios e (…) lugares a partir das necessidades que cada tempo impõe"[395]. Perceber como se continua, por um lado, a construir o património e, por outro, a conservar a herança material dos nossos antecessores, essencial para que não percamos os marcos históricos que definem a identidade dos lugares onde nos estabelecemos, é um dos grandes desafios da cidade contemporânea e, por seu vez, um dos grandes temas da arquitetura. E "como podem as ruínas ajudar a construir o presente? As ruínas devolvem-nos o que lhes damos, o que lhes perguntamos desde o presente, transformado, acrescentado com a sua proposta radical, isto é, a sua mensagem de essencialidade"[396]. É extremamente necessário compreender que as opções de intervenção presentes irão, de uma forma definitiva, condicionar as ações futuras. Assim, e admitindo que nem tudo o que é património se pode conservar[397], é fundamental analisar, investigar e documentar cada vestígio. Para tal, "é urgente que as práticas de renovação sejam compreensivas da arqueologia urbana como parte de uma só unidade"[398].

O século XIX seria particularmente favorável às intervenções e reabilitações em monumentos antigos, francamente "produto[s] de uma mentalidade"[399] muito marcada e influenciada pelas teorias do restauro[400], que então se desenvolveriam e as quais viriam levantar uma série de questões, especialmente éticas em relação a estas ações e, em muitos casos, bastante polémicas. No entanto, no decorrer do século XX, a reestruturação do entendimento destas questões[401] levaria a uma mudança no paradigma da intervenção em contextos patrimoniais. No contexto nacional, o Estado Novo (décadas de 30 a 60 do século XX) teria um

---

393 Antón Capitel, *Metamorfosis de monumentos y teorias de la restauración,* 1988, p. 13.

394 Pedro Alarcão, Construir na ruína, Entre a reconstituição e a reabilitação, 2018, p. 15.

395 João Gomes da Silva, *Entrevista a João Gomes da Silva, in Termas Romanas de São Pedro do Sul,* 2021, p.61.

396 Alberto Ustárroz, *La Lección de las Ruinas: presencia del pensamento griego y romano en la arquitectura,* 1997, p. 286.

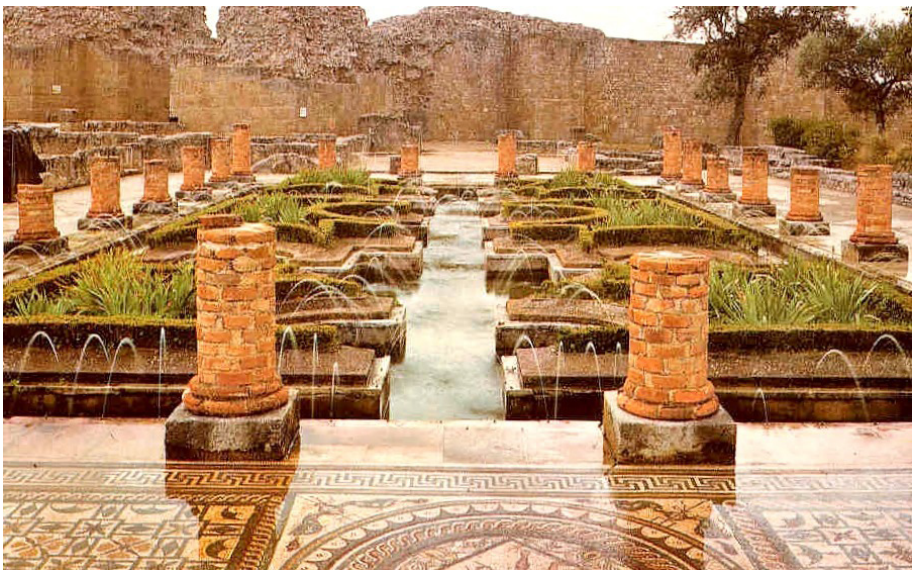
397 Leon Battista Alberti (1404-1472), em pleno renascimento, seria dos primeiros autores a teorizar e a chamar a atenção para este assunto em relação ao património, com o sentido crítico de que "não devemos preservar tudo" mas sim só o que tem qualidade, expresso no "De re aedificatoria". O Templo Malatestiano (Rimini, 1450-1462) constitui-se como um dos seus exemplos práticos de intervenção contemporânea sobre um contexto antigo, neste caso romano (figura 110).

398 Margarida Alves, *Aquae Flaviae: a ruína como imagem de cidade,* 2015, p.244.

399 Françoise Choay, *A alegoria do Património*, 2010, p. 155.

400 Vários seriam os autores que se debruçariam sobre esta questão do restauro em contextos patrimoniais, produzindo e alimentando várias teorias. Não sendo nosso objetivo a análise objetiva de cada uma dessas teorias, debruçar-nos-emos apenas sobre aquelas que nos permitam a reflexão crítica sobre o nosso caso de estudo.

401 Esta reestruturação resultaria na publicação da *Carta de Atenas* (1931) sobre o restauro de monumentos, onde se desaconselham as reconstituições integrais. Mais tarde (1964), a *Carta de Veneza* viria a proibir as reconstruções miméticas, produzidas em grande escala no segundo pós-guerra, em defesa da originalidade do monumento, especialmente pela intervenção mínima, identificada e reversível.



Figuras 131: Casa dos Repuxos, Conímbriga.

Figura 132: Reposição da altura das colunas no teatro romano de Mérida.

Figura 133: Vista sobre o teatro romano de Sagunto (após o projeto de reabilitação).

papel determinante na política de restauração dos símbolos da nacionalidade tendo, através da então DGEMN, levando a cabo a classificação de inúmeros conjuntos assim como, em alguns casos, à sua reconstrução, como a Igreja de São Martinho de Mouros (figura 129). Como vimos, também no edifício das termas romanas de São Pedro do Sul, a DGEMN levaria a cabo várias ações no conjunto edificado, não tanto com o intuito de reabilitar, mas com o objetivo de conhecer as épocas mais recuadas (figura 130). No entanto, o aumento do conhecimento sobre um sítio pode, ao mesmo tempo, significar a destruição material de uma determinada época[402].

A falta de condição arquitetónica da ruína[403], dada, em primeiro lugar, pelo desaparecimento da cobertura[404], leva a que, antes de tudo, se perceba se esta tem potencial de uso. Se sim, a intervenção passará pela restituição da tríade vitruviana, aumentando a "firmitas" e a "utilitas", sem lesar a "venustas"[405]. Enquanto matéria de projeto e pela sua especificidade (de património arqueológico), a ruína é a principal condicionante da intervenção do arquiteto. A análise de casos concretos de obras de arquitetura é fundamental para traçar a ideia de projeto (aprendendo com o "como" outros fizeram), de modo a que se estabeleça "uma relação equilibrada entre a manutenção do *status quo* do monumento, enquanto ruína, e os mecanismos de auxílio introduzidos, com vista à sua leitura e compreensão"[406] (sendo que o seu estado de conservação e a sua circunstância ditam a pertinência das intervenções). Viollet le Duc defende que a melhor forma de preservar um edifício é encontrar um uso para ele. A Catedral de Puzzuoli (Rione Tierra, Nápoles) ou o Teatro de Sagunto (Valência) serão dos exemplos que melhor ilustram a continuidade de uso da sua estrutura romana, que após vários episódios de destruição, e através da sua reabilitação, recupera a sua função original, o primeiro como espaço de culto e o segundo como teatro contemporâneo (figura 133) e onde "seria o próprio teatro e um edifício contíguo à praça do fórum que albergariam os espaços museológicos previstos"[407], sendo necessário capacitá-lo. "Não temos dúvidas sobre a legitimidade de tais operações de reutilização, tantas vezes meios únicos de manter e conservar os edifícios. Temos, no entanto, dúvidas maiores quando os projectos de reutilização fazem prevalecer a forma para novos usos, sobre as estruturas preexistentes destruindo a integridade do conjunto, na sua coerência formal, compositiva e construtiva"[408]. A análise e o estudo de casos concretos de obras de arquitetura, de "como" outros fizeram, é fundamental para delinear a ideia de projeto.

---

[402] Daí a importância dada à investigação e documentação dos vestígios (pela arqueologia).

[403] A condição arquitetónica será assegurada "de modo a que se tenham presentes os princípios da solidez [firmitas], da funcionalidade [utilitas] e da beleza [venustas]" (M. Justino Maciel, Vitrúvio, Tratado de arquitetura, Livro I, 2006, p. 41. Por outro lado, o "facto da ruína, enquanto arquitectura, ter perdido grande parte das suas propriedades de utilitas de firmitas, preservando apenas a venustas, muitas vezes sobrevalorizada, pelo facto de se ter tornado precisamente numa ruína". In Pedro Alarcão, *Intervenção arquitectónica em contexto arqueológico. A lição das ruínas, in Propostas e desafios para a cidade de Braga,* 2014, p. 12.

[404] O primeiro elemento da intervenção será um "chapéu", para proteger os vestígios da chuva e do sol.

[405] "Construir na ruína será sempre um processo contemporâneo de recriação do triângulo vitruviano, através de interpretações várias." In Francisco Barata, in *Prefácio, Construir na ruína, Entre a reconstituição e a reabilitação,* 2018, p. 7.

[406] Pedro Alarcão, "Intervenção no património arqueológico", 2018, op.cit., p. 31.

[407] Pedro Alarcão, *Construir na ruína*, 2018, op. cit., pp. 15-16.

[408] João Mendes Ribeiro, Projeto de valorização, reabilitação e conservação das termas romanas de S. Pedro do Sul. Programa de trabalhos, metodologia e conceito de intervenção, 2010/2011, p.125.

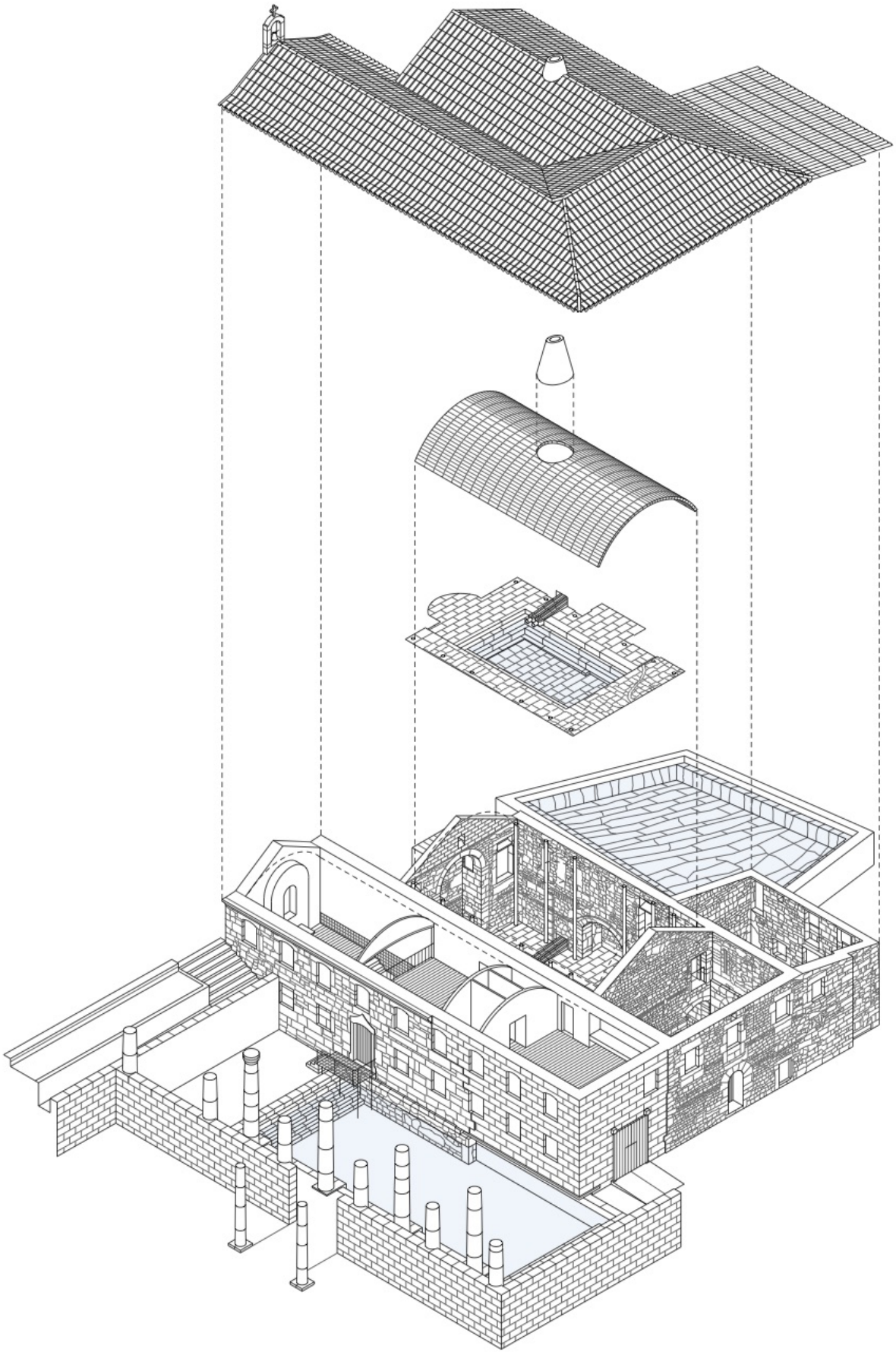


Figura 134: Representação axonométrica do projeto inicial (2005).

2. A ideia de projeto

''Ainda que o visitante possa não ser um aquista contemporâneo, está num contexto termal e, portanto, já motivado pelo ambiente onde se encontra''[409].

O objetivo principal do projeto de *conservação, valorização e reabilitação das termas romanas de São Pedro do Sul* foi, para além da recuperação das ruínas do edifício, era a "criação de um centro interpretativo e uma loja do IPPAR"[410]. Desde logo, o "grande entendimento com a Helena Frade, (…) proporcionou o desenvolvimento do programa em conjunto com o trabalho de arquitectura. Considerámos o próprio edifício o tema fundamental do espaço interpretativo: a arquitectura, as várias épocas, a experiência de o habitar"[411], isto é, a "ruína habitada"[412] como tema fundamental. O sentido deste projeto como meio de salvaguarda deste edifício, levou João Mendes Ribeiro a "manter a ideia de ruína associada a um novo conceito de ocupação do espaço"[413] (um museu), sendo necessário dotá-lo o mesmo com os meios necessários ao seu acesso e sua fruição pública[414]. A "ligação entre o aquista de hoje e o do passado que é feita através do edifício, dos objetos e dos indivíduos que o frequentaram, é a narrativa de base"[415], que se traduz no espaço vivido, isto é, um espaço que necessita de ser percorrido para ser percecionado, numa perspectiva "tão poética quanto rigorosa, tão vital quanto excepcional"[416].

Importa recordar que o projeto de arquitetura inicial, ou seja, a primeira proposta de intervenção, foi delineada como resposta ao concurso público de 2005 e com base na interpretação da arqueóloga Helena Frade sobre estas ruínas do *balneum* (figura 134). "Estes trabalhos de reabilitação partem muito de uma pré-existência e, num contexto histórico como este, são muitíssimo interessantes, porque de alguma forma todas as regras relacionadas com a ideia de projecto partem da pré-existência. A pré-existência é, de algum modo, a matéria de projecto"[417]. O ponto de partida da intervenção estabelecer-se-ia então na ligação forte e assumida entre os vestígios de fundação romana e a interveção contemporãnea, resultando na "marcação inequívoca entre dois tempos diferentes de intervenção [que] passa pela utilização de uma linguagem inequivocamente contemporânea, que evita a sobreposição ao existente e que respeita a leitura actual do Monumento"[418].

---

[409] Maria Pilar Reis e José Marcelo Mendes Pinto, *Valorização Conservação e Reabilitação das Termas Romanas de São Pedro do Sul, Trabalhos Arqueológicos 2017/2018, Relatório Final,* 2019, p.105.

[410] http://www.monumentos.gov.pt/Site/APP_PagesUser/SIPA.aspx?id=4294.

[411] João Mendes Ribeiro, *Entrevista a João Mendes Ribeiro, in Termas Romanas de São Pedro do Sul,* 2021, p.42.

[412] "(…) manter a ideia de ruína, trabalhada quer como vestígio arqueológico, quer como matéria expositiva" in João Mendes Ribeiro, Memória descritiva, 2016.

[413] João Mendes Ribeiro, *Projeto de valorização, reabilitação e conservação das termas romanas de S. Pedro do Sul. Programa de trabalhos, metodologia e conceito de intervenção*, 2010, p.128.

[414] "Estes requisitos são, para além da necessária conservação dos vestígios escavados e do aumento dos seus níveis de inteligibilidade, a criação de condições para a sua fruição pública" in Pedro Alarcão, *Intervenção arquitectónica em contexto arqueológico. A lição da ruína,* 2014, p.12.

[415] Maria Pilar Reis e José Marcelo Mendes Pinto, 2019, op. cit., p.105.

[416] Ana Tostões, *Poesia e verdade When art becomes life, in João Mendes Ribeiro: 2003-2016,* 2016, p. 5.

[417] Jorge de Alarcão, *Uma proposta de interpretação das Termas Romanas de São Pedro do Sul*, 2021, in op. cit., p.30.

[418] João Mendes Ribeiro, *Projeto de valorização, reabilitação e conservação das termas romanas de S. Pedro do Sul. Programa de trabalhos, metodologia e conceito de intervenção,* 2010, p.128.

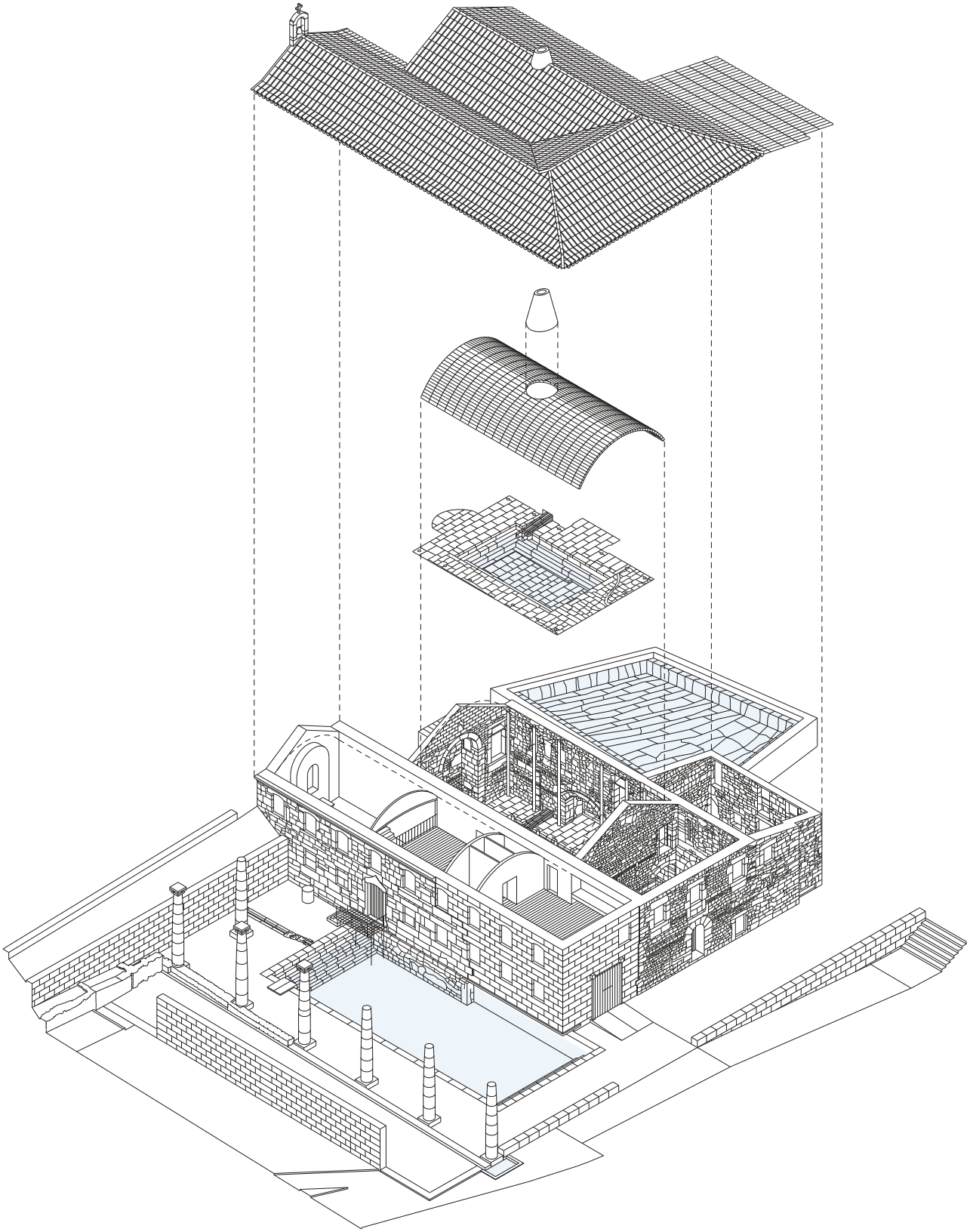


Figura 135: Representação axonométrica da intervenção executada.

É primordial que o visitante facilmente identifique, quer no projeto, quer na construção, os vestígios da época romana. Para tal, é essencial "conferir à ruína um significado"[419], um sentido. "Deve ser assegurada a valorização e apresentação das ruínas (…) e devem tomar-se todas as medidas no sentido de facilitar a compreensão do monumento sem nunca desvirtuar o seu significado"[420] e "através de um discurso narrativo reconstruir as paredes nuas de reboco, e conduzir o visitante a descobrir o edifício primigénio e a sua evolução"[421]. Constituiu-se, então, um exercício "próximo do «restauro crítico» defendido por Cesare Brandi[422]: abandonar a ideia do «restauro científico» do início do século XX e permitir capacidade crítica ao arquitecto para introduzir elementos contemporâneos que possam ajudar na leitura da preexistência. Portanto, cabe ao arquitecto fazer uma leitura crítica do edifício preexistente. É a capacidade crítica do arquitecto na tomada de decisões que permite dar a melhor resposta às questões históricas, estéticas e plásticas do edifício, a par de todas as necessidades actuais – funcionais e técnicas – que a nova intervenção possa implicar"[423]. O restauro deverá ser, portanto, o mais fiel às técnicas tradicionais, recorrendo se a soluções construtivas adequadas, de forma a não se perder a identidade e o significado histórico do edifício. Para tal, é preciso estudar "hábitos construtivos utilizados, bem como da especificidade desse mesmo lugar"[424] para uni-los com as novas tecnologias e, sempre que possível. Nas infraestruturas necessárias ao cumprimento do programa, propõe se a utilização de materiais catuais bem como sistemas construtivos diferentes, mas que respeitam a leitura atual do conjunto.

Como referimos, e já no decorrer da execução da obra (2017/2018), novos dados arqueológicos surgiram, tornando necessária a revisão das propostas de intervenção, adaptando algumas opções às novas interpretações, de modo a estabelecer o menor impacto nestas estruturas, especialmente no que ao pórtico diz respeito (figura 135). Esta capacidade de adaptação à circunstância, o diálogo e o trabalho interdisciplinar entre arquitetura e arqueologia resultaram numa intervenção "muito mais fundida, marcando uma linguagem contemporânea, embora associada à história"[425], numa inteira relação de metamorfose[426].

"Conduzir. Seduzir. Largar, dar Liberdade. Para certo tipo de utilização é melhor e faz mais sentido criar calma, serenidade, um lugar onde não terão de correr e procurar a porta. Onde nada nos prende e podemos simplesmente existir"[427]. Este *vaguear livre* é fundamental para a perceção do espaço (de resto como o foi na conceção romana), através da arquitetura.

---

[419] João Mendes Ribeiro, 2010, op. cit., p.125.

[420] Artigo 15 da *Carta de Veneza* Sobre a *Conservação e o Restauro de Monumentos e Sítios,* Veneza, 1964.

[421] Maria Pilar Reis e José Marcelo Mendes Pinto, *Valorização Conservação e Reabilitação das Termas Romanas de São Pedro do Sul, Trabalhos Arqueológicos 2017/2018, Relatório Final,* 2019, p.105.

[422] *Teoria da Restauração,* 1963.

[423] João Mendes Ribeiro, *Entrevista a João Mendes Ribeiro, in Termas Romanas de São Pedro do Sul,* 2021, p.47.

[424] Pedro Alarcão, *O traçado oculto da cidade romana de Tongobriga,* 2014, p. 25-29.

[425] João Mendes Ribeiro, *Entrevista a João Mendes Ribeiro, in Termas Romanas de São Pedro do Sul,* 2021, p.41.

[426] Através do trabalho sobre o existente para criar o *novo*.

[427] Peter Zumthor, *Atmosferas*, 2005, p.45.

Figura 138: Vista do lado poente do edifício para o rio (2020) .

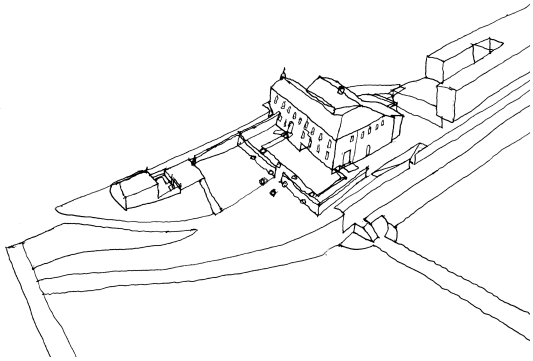


Figura 136: Esquisso da envolvente próxima ao edifício das termas romanas, João Mendes Ribeiro.

Figura 137: Vista a partir do jardim junto à Capela de São Martinho (2020).

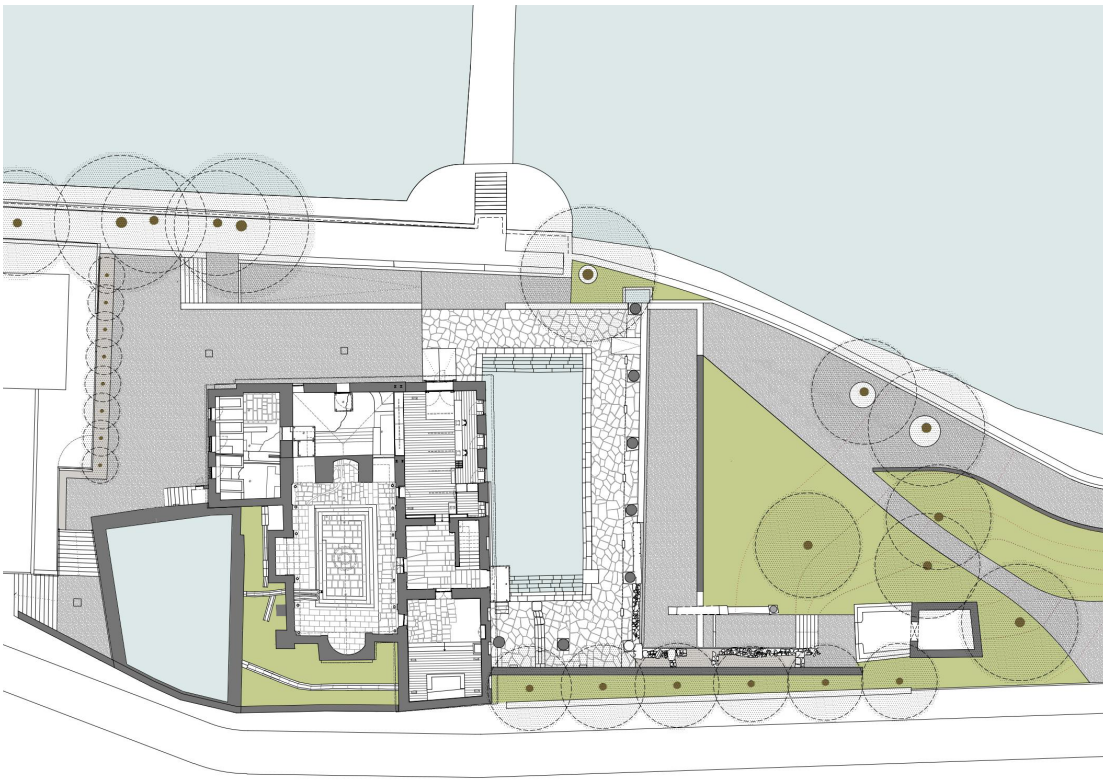


Figura 139: Planta do arranjo exterior do projeto de conservação, valorização e conservação.

2.1. O enquadramento

''Nesse tempo que passou, manteve-se a ideia inicial do concurso, embora várias circunstâncias se tivessem alterado, e algumas delas profundamente''[428].

O entendimento das termas romanas de São Pedro do Sul como um projeto alargado ao seu enquadramento resultaria numa importante intervenção paisagística, isto é, um plano de conjunto, envolto na cidade atual (figura 136), onde "os banhos que hoje podemos contemplar, como edifício e como paisagem, estão afectados pela presença dos grandes volumes dos hotéis, das várias construções que entretanto se foram sucedendo, sobretudo no século XIX e no XX"[429], numa clara relação de complementaridade entre arquitetura (João Mendes Ribeiro) e paisagem (João Gomes da Silva).

A ação de compreensão mais imediata do aquista contemporâneo prende-se com a integração paisagística, especialmente na atenuação das relações de escala que se alteram profundamente em relação ao *balneum*. "Integrar significa tornar uno aquilo que é diverso"[430] e a diversidade da envolvente ao edifício das termas romanas tornou imperativa a plantação de "uma série de árvores ao longo da rua, que permitem criar uma espécie de filtro e de distância visual para o contexto imediato; não é por acaso que temos de plantar uma série de ciprestes e formar uma sebe que separa as termas romanas do Balneário D. Afonso Henriques que está imediato"[431] (figura 137 e 138).

"No projecto inicial [figura 134], existia uma rampa junto ao edifício da capela [de São Martinho], que fazia a ligação à rua, mas desapareceu na solução final"[432] (figura 139). A Rua Central, construída no final do século XIX, estabelece uma relação difícil com o edifício antigo e com a capela de São Martinho. "Para resolver esse problema, criámos um muro de contenção que vence a diferença de cotas entre o plano baixo e o alto. Este muro reinterpreta o muro romano que encerrava a piscina. Isto significa que as respostas a problemas de hoje podem, de algum modo, recriar os temas de outros períodos históricos"[433]. No entanto, e como vimos na interpretação pórtico jónico (*Parte II*), "a posição de um dos grandes muros de contenção [no lado sul] é determinada pela presença da estrada e não pela presença do limite do peristilo propriamente dito (o peristilo não estaria nesta posição)"[434].

"A ideia inicial era criar uma espécie de muro em diedro com uma abertura central, porque era essa a interpretação que a equipa de arqueologia tinha feito na altura do projecto"[435]

[428] João Gomes da Silva, *Entrevista a João Gomes da Silva, in Termas Romanas de São Pedro do Sul,* 2021, p.52.

[429] Idem, p.65.

[430] Ibidem.

[431] Ibidem.

[432] "(...) realizar a rampa tal como estava prevista iria pôr em causa essas estruturas e não faria sentido nenhum. Portanto, um dia em que se pretenda escavar a área doutra maneira, haverá o princípio da reversibilidade da conservação do património. Um dia em que haja um outro entendimento sobre este lugar, será possível desmontar os muros e voltar a encontrar as estruturas, que não foram desmontadas." In idem, p.61.

[433] João Mendes Ribeiro, *Entrevista a João Mendes Ribeiro, in Termas romanas de São Pedro do Sul*, 2021, p.41.

[434] João Gomes da Silva, *Entrevista a João Gomes da Silva,* 2021, op. cit., p.64.

[435] João Gomes da Silva, 2021, op. cit., p.56.

Figura 140: Muro evocativo da espacialidade do pórtico jónico romano (2019).

Figura 141: Acesso à Capela de São Martinho, atarvés da zona envolvente à natatio (2019).

Figura 142: Recolocação da altura original das colunas, por anastilose (2019).

(figura 134). Como vimos, deste pórtico jónico conservavam-se *in situ* as bases das suas colunas e o alinhamento do muro que as encerrava. O primeiro muro proposto seria a reconstituição deste alinhamento, no entanto, "a construção do novo alicerce implicaria a demolição deste muro [antigo], encostado às colunas do pórtico, e a destruição da fundação em seixos do rio, bem como, exigia o levantamento das bases das colunas para a sua integração, ou substituição, durante a construção"[436]. A revisão das propostas de intervenção levaria à "alteração importante no projecto de paisagismo, que, face às nossas propostas de reinterpretação do pórtico da piscina P1, e perante a inevitabilidade em desmontar irremediavelmente todas as evidencias arqueológicas relacionadas com este pórtico, propôs uma nova localização para os muros"[437] (figura 139). Assim, "o muro não é levantado na posição que inicialmente se tinha previsto para a cintagem do peristilo, mas, sim, em paralelo a essa posição e um pouco mais afastado. Essa alteração não corresponde à montagem de uma parede num sítio onde se sabe que estaria, mas à recintagem desse espaço e à sugestão de espacialidade que o peristilo teria"[438] (figura 140)[439]. Esta intervenção acabaria por não deixar o segundo alinhamento de colunas toscanas paralelas ao muro e que analisámos na Parte II deste estudo, no entanto foram conservadas as bases das colunas no enquadramento do acesso ao pequeno adro e Capela de São Martinho (figura 141)[440].

Entre a Capela de São Martinho e a fachada nascente do balneário procedeu-se à recolocação da altura original das colunas que enquadravam a natatio (figura 142)[441], num exercício muito semelhante à reconstituição das colunas na cena do teatro de Mérida[442] (figura 132). Recorrendo "às peças existentes no sítio (...) conseguimos reconstruir três [colunas] por completo"[443], através das quais se reconstituiram as restantes, com a simplificação dos elementos reconstituídos e com o objetivo de "proporcionar a quem (...) visita a noção da própria escala que o espaço teria"[444], numa perspetiva boitiana de ir dando indicações "acerca das características que o[s] espaço[s] poderia[m] ter"[445]. Esta "montagem [das colunas] (...) baseada num inventário de todos os elementos existentes, utilizando o processo de *anastylosis* e a proporção e ênfase do cânone proposto por Vignola, completada por novos elementos que, de acordo com a Carta de Atenas, se destacam dos existentes. Complementarmente ao peristilo, foi acrescentado um muro que acentua a

[436] Maria Pilar Reis e José Marcelo Mendes Pinto, 2019, op. cit., p. 39.

[437] Idem, p. 41.

[438] João Gomes da Silva, *Entrevista a João Gomes da Silva, in Termas Romanas de São Pedro do Sul,* 2021, p.59.

[439] "O projecto incluía originalmente outros dois muros: o M05a, que acompanhava a ala sul do pórtico da piscina P1, e o M07a, b e c. A alteração do projecto paisagístico simplificou a intervenção prevista nesta zona, retirando os muros M07 e M05a, e estendendo o M08 até o limite do adro da capela de S. Martinho." In Maria Pilar Reis e José Marcelo Mendes Pinto, 2019, op. cit., p. 44.

[440] "O facto de os muros não se encostarem, não se tocarem, faz pensar em Mies Van der Rohe, quando o espaço se constrói a partir de planos que se relacionam entre si e criam campos e espaços de tensão interiores." João Gomes da Silva, Entrevista a João Gomes da Silva, 2021, op. cit., p.66.

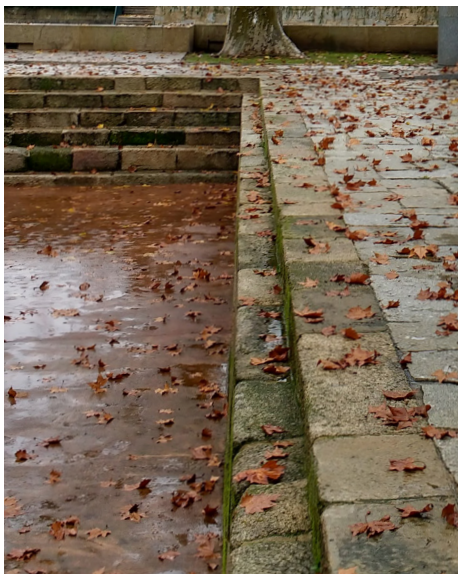
[441] Considerando apenas a localização das bases originais encontradas no local (no lado nascente).

[442] José Menéndez Pidal (1962-1978) reconstitui por anastilose a segunda ordem da cena do tetro romano.

[443] João Gomes da Silva, *Entrevista a João Gomes da Silva, in Termas Romanas de São Pedro do Sul*, 2021, p.56.

[444] Ibidem.

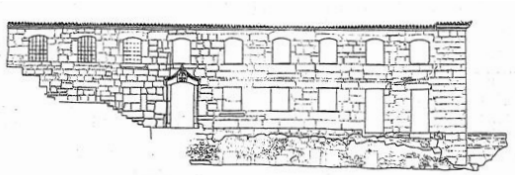
[445] Idem, p.57.



Figuras 143 e 144: Reconstrução dos degraus norte e repavimentação da *natatio* em *opus signinum* (2020) e plataforma de acesso ao edifício (2021).

Figura 145: Vista sobre o cunhal reconstruído.

Figura 146: Esquisso da fachada nascente do edifício, João Mendes Ribeiro.



Figuras 147: Fachada nascente do edifício, levantamento dos anos 90.

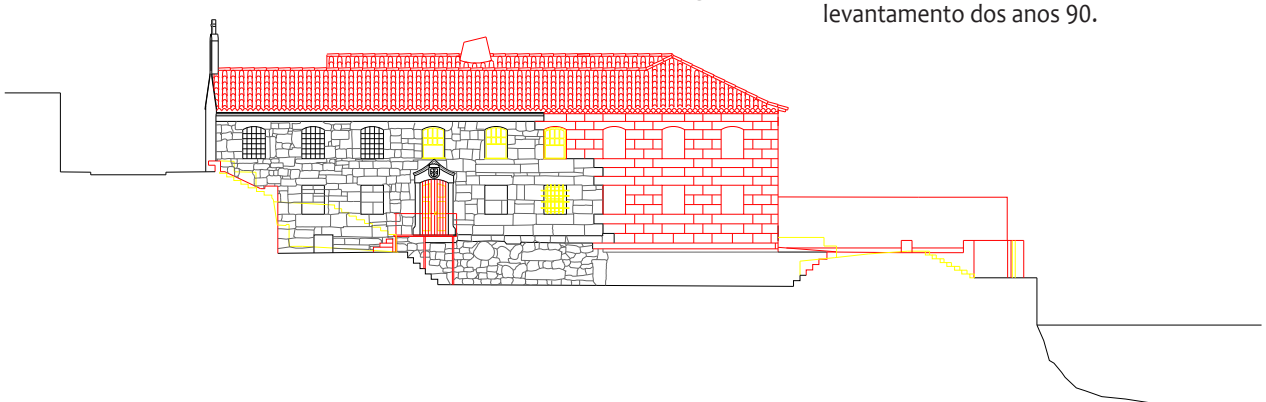


Figura 148: Fachada nascente do edifício romano e corte pela *natatio*, Perfil do projeto de arquitetura, com a proposta de construção (a vermelho) e de demolição (a amarelo) João Mendes Ribeiro.

entrada no peristilo"[446]. "O projecto previa a reconstrução dos degraus em falta [do lado norte da natatio] – apenas se conservam os dois primeiros – sendo também necessário o realinhamento dos existentes, bastante alterados pelas raízes dos plátanos"[447](figura 143), já que os degraus no topo oposto (sul) ainda se conservavam. A intervenção nesta piscina passaria ainda pelo revestimento "com *opus signinum*, à semelhança do período romano"[448] e pela colocação de uma plataforma e um conjunto de três degraus e que repõe o acesso à porta antiga desta fachada, isto é, a entrada do Hospital Real (figura 144)[449].

A fachada norte[450], voltada para o rio Vouga, mantinha a estrutura romana, incluindo a porta de entrada original do edifício Flávio (figura 145), "o objetivo do projeto era (...) recuperar exteriormente a cota de soleira da porta romana; calcetar esta área e limpar todas a fachada dos elementos do séc. XX"[451] , assim como a reconstrução do cunhal que tinha ruído na cheia de 1995. Através de uma linguagem contemporânea, mas com o recurso ao mesmo material, "Recuperou-se (...) a geometria da fachada, nomeadamente a métrica de cheios e vazios"[452] da parede nascente (figura 146 e 148), documentados pelas fotografias antigas e pelo registo desenhado dos alçados lateral direito e posterior[453](figuras 147 e 149). Esta ação de reconstrução será o primeiro sinal de leitura crítica ao edifício preexistente, tendo em conta que as duas portas preexistentes, no extremo norte da fachada este, serão convertidas em janelas em conformidade com as restantes[454], assim como a nova porta de entrada no edifício é centrada na nova parede, desalinhada com o vão acima da mesma. O desenho destas aberturas e, de resto, o tratamento de todos os vãos do edifício das termas romanas, como um negativo da parede (figura 152), contribui de forma decisiva, para manter a *ideia de ruína*. A caixilharia em latão, oculta pelo lado interior, assim como o perspicaz desenho das pingadeiras (figura 151), definem uma linguagem oculta como forma de dar destaque às aberturas. A *ruína habitada* como tema de projeto e este tipo de tratamento dos

[446] João Mendes Ribeiro, Memória descritiva, 2016.

[447] Maria Pilar Reis e José Marcelo Mendes Pinto, 2019, op. cit., p.37.

[448] João Mendes Ribeiro, *Termas de S. Pedro do Sul, Memória descritiva,* 2016.

[449] "No início dos trabalhos mantinha-se junto ao edifício das termas parte da escadaria de acesso original [a que motivou a primeira campanha de escavações], construída nos finais dos anos 40, e em parte desmontada pela primeira campanha de escavações. Esta escadaria já não estava em funcionamento desde a década de 90 [por isso, naturalmente, foi efetivamente desativada e demolida]." In Maria Pilar Reis e José Marcelo Mendes Pinto, op. cit., p. 44.

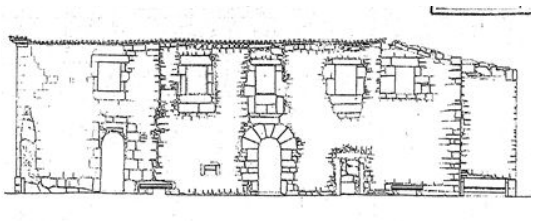
[450] "A execução da obra implicava na Fachada Norte (FN) um conjunto de intervenções de assinalável impacto no subsolo. A rede de drenagem de águas residuais pluviais, a descarga das piscinas – P1 e P2, as águas residuais dos novos sanitários que viriam a estar conectadas com uma estação elevatória, já na área a que designamos Fachada Este (FE), w o abastecimento do sistema de aquecimento geotermal implicavam a abertura de um conjunto significativo de valas e caixas. A par deste conjunto de valas, estavam projectadas outras intervenções como uma sondagem geotécnica e a construção dos muros de delimitação do espaço norte da esplanada e os acessos entre o passeio junto ao rio e a fachada norte (...)". In Maria Pilar Reis e José Marcelo Mendes Pinto, *Valorização Conservação e Reabilitação das Termas Romanas de São Pedro do Sul, Trabalhos Arqueológicos 2017/2018, Relatório Final,* 2019, p.27.

[451] Maria Pilar Reis e José Marcelo Mendes Pinto, 2019, op.cit., p.28.

[452] João Mendes Ribeiro, Memória descritiva, 2016.

[453] Desenho 00014029, in *Piscina de D. Afonso Henriques das Caldas de Lafões / Termas Romanas*, DOC.00039723 do SIPA (Sistema de Informação para o Património Arquitetónico).

[454] Uma vez que a intenção de projeto era a reconstrução também da natatio, estas duas portas deixariam de ter sentido, isto é, a sua utilização não seria viável uma vez que dariam acesso para o interior da *natatio*, a uma cota superior, visto que a sua construção estaria associada a uma utilização posterior à desativação da *natatio*.



Figuras 149: Fachada norte do edifício, levantamento dos anos 90.

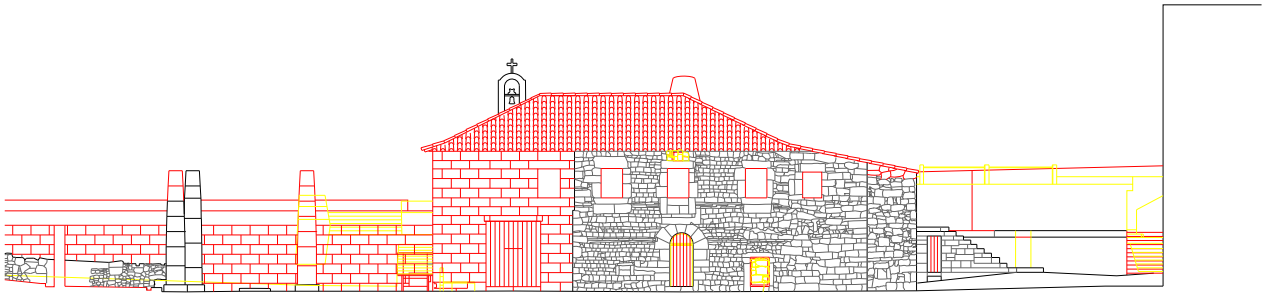
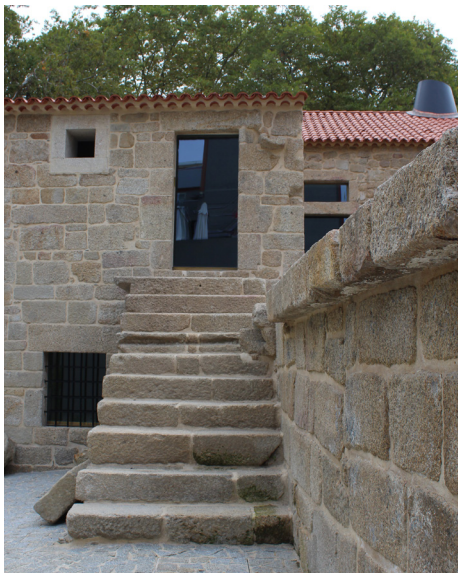


Figura 150: Fachada Norte do edifício romano (projeto de arquitetura - proposta de construção a vermelho e de demolição a amarelo).

Figura 151: Fachada norte do edifício. Pormenor da caixilharia dos vãos e das pingadeiras ocultas (à esquerda novo vão e à direita recuperado) (2019).



Figuras 152 e 153: Fachada poente, junto ao tanque de água exterior (2019)e vão no Mosteiro de Santa Maria do Bouro.

vãos encontra o seu paralelo na intervenção de Eduardo Souto de Moura na reconversão do Convento de Santa Maria do Bouro (figura 153) ou a recente intervenção de João Mendes Ribeiro no Castelo e Paço dos Condes da Vila Medieval de Ourém. A configuração da cobertura em telha[455] "foi um dos elementos mais trabalhados do projecto"[456], pensado como o elemento unificador do edifício, tendo em conta que "a geometria variável do edifício e a diferença de cotas da cumeeira não permitiam criar um telhado com águas iguais. Nós não queríamos criar empenas e foi difícil ter a resposta certa. O telhado é um elemento de continuidade, que amarrava as diferentes intervenções"[457] .

A continuação (nova) da parede antiga foi executada "com um desfasamento de cinco centímetros entre um plano e o outro e com uma textura e geometria diferentes da pedra"[458] (figura 154), numa lógica de marcação da intervenção e sendo a intervenção contemporânea que recua em relação à preexistência, dando-lhe relevo ("construir uma parede nova completamente empenada não fazia sentido, nem desmontar toda a fachada existente para a aprumar"[459]). O desenho da nova parede teria ainda em conta, para além dos alinhamentos e dimensões dos vãos existentes, a recuperação dos alinhamentos da parede antiga, isto é, o embasamento (soco) e a cornija da fachada nascente. A definição destes alinhamentos e o pretexto da diferença entre a parede antiga e a nova revelar-se-ia para João Mendes Ribeiro, a sagaz solução para um dos problemas práticos que a arquitetura teria de considerar – a ventilação de uma das instalações sanitárias do piso superior do edifício – feita, aqui, por uma junta de maior dimensão (figura 154), evitando o recurso a elementos na cobertura que comprometessem a sua clara leitura.

A proposta de construção desta parede permitiria, como vimos, a identificação da localização do limite oeste da piscina romana exterior. Assim, "a reconstrução do corpo nascente do edifício foi feita de forma a não tocar no limite original da *natatio*, trabalhando em balanço"[460], através de uma viga metálica que suporta o peso da parede (figura 155) e permitindo ao visitante a correta largura da piscina, já que o restante do seu limite se encontra sob a fundação da parede do Hospital Real.

No lado poente do conjunto edificado, seria também recuperado o tanque de abastecimento, sendo demolidas as "estruturas em betão e pedra que correspondiam às adições contemporâneas"[461], de modo que fosse possível uma leitura mais clara desta construção, trabalhando "a sequência dos dois tanques exteriores. O primeiro tanque, que é um trapézio e que tinha uma cobertura que foi demolida, é o lugar, digamos, que origina o resto, e que

[455] Referência aos sistemas tradicionais e da cobertura que existia, pelo menos ainda em parte do edifício (na Capela de Nossa Senhora da Saúde).

[456] João Mendes Ribeiro, *Entrevista a João Mendes Ribeiro, in Termas Romanas de São Pedro do Sul,* 2021, p.41.

[457] João Mendes Ribeiro, *Entrevista a João Mendes Ribeiro*, 2021, op. cit., p.41.

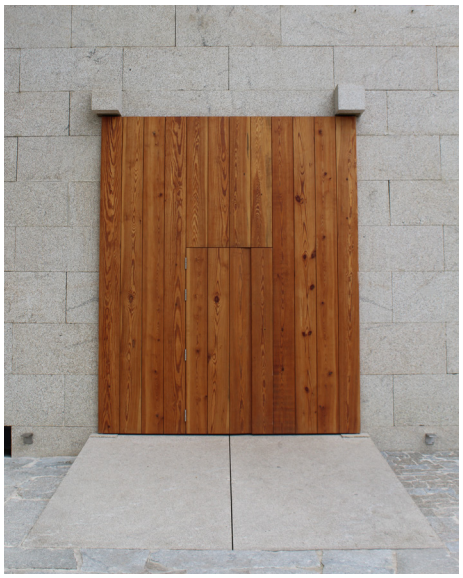
[458] João Mendes Ribeiro, *Entrevista a João Mendes Ribeiro, in Termas Romanas de São Pedro do Sul*, 2021, p.35.

[459] Ibidem.

[460] João Mendes Ribeiro, Memória descritiva, 2016.

[461] Maria Pilar Reis e José Marcelo Mendes Pinto, *Valorização Conservação e Reabilitação das Termas Romanas de São Pedro do Sul, Trabalhos Arqueológicos 2017/2018, Relatório Final,* 2019, p.35.

Figuras 154 e 155: Fachada nascente, são visíveis os alinhamentos e a junção de maior dimensão na cornija (ventilação) e viga metálica que suporta a nova parede (2019).



Figuras 156 e 157: Nova entrada do edifício e vista sobre a receção (2019).

Figuras 158 e 159: Vitrine encaixada na parede de vidro, aproveitando a sua espessura e enquadramento da Capela de Nossa Senhora da Saúde, a partir da receção.

felizmente conseguimos recuperar: é uma estrutura de pedra muito possante, feita de grandes blocos e lajes. Depois, encontrámos uma coisa importantíssima que são os sistemas de canais, que voltámos a montar, e que permitem a entrega da água, quer ao tanque interno, quer atravessando por baixo da capela à *natatio* externa"[462].

2.2. O Hospital Real

"No primeiro volume, a nascente, recuperaram-se as dimensões originais, os sistemas construtivos e os materiais tradicionais"[463].

A reconstrução evocativa do cunhal da parede ruída nas cheias de 1995 seria o mote para a inserção de "uma nova entrada, que não existia. Aproveitámos a parede derrocada a norte para fazer uma porta de grande escala, que marca a entrada"[464], ao mesmo tempo que comporta a escala humana[465] (figura 156).

Como vimos, "a reconstrução do corpo nascente do edifício foi feita de forma a não tocar no limite original da natatio, trabalhando em balanço e criando um desnível no interior da recepção"[466]. Daí que a entrada no edifício seja feita por uma leve rampa, a eixo, até à cota de circulação interior. Na receção (desenho 157) "temos [a nascente] um balcão corrido, com uma zona desnivelada. Esse desnivelamento relaciona-se com a elevação da fachada que fica suspensa sobre o muro da *natatio*"[467]. No alinhamento do degrau do balcão da receção, instalou-se a instalação sanitária do piso. No lado oposto, e no alinhamento antes do vão que permite a transição para a sala da piscina, foi instalada uma "parede de vidro" e uma vitrina para a exposição do material arqueológico destinado à divulgação (figura 158). Esta estrutura localiza-se no local da parede romana que teria ruído nas já referidas cheias do rio Vouga de 1995, sendo que a mesma já não existia. A dimensão desta vitrina é, portanto, uma interpretação e evocação da espessura da parede romana antiga, uma separação física, mas de continuidade visual, que *seduz* o caminhar até chegar ao outro lado. "Cada edifício tem uma certa temperatura (...) esta temperatura é física e provavelmente também psíquica. O que vejo, o que sinto e o que toco... mesmo com os pés"[468]. O soalho de madeira confere ao espaço da receção uma *temperatura* acolhedora para o aquista que chega. A passagem entre o espaço da receção e a sala no seu alinhamento visual direto (a eixo), faz-se através da gradual transição de material, constituída pelos três degraus que vencem a diferença de cotas entre as duas salas (o primeiro de madeira, na continuidade com soalho e os seguintes de pedra) (figura 159), dando as paredes rebocadas a branco destaque à presença das molduras das portas antigas.

[462] João Gomes da Silva, *Entrevista a João Gomes da Silva,* 2021,op. cit., p.54.

[463] João Mendes Ribeiro, Memória descritiva, 2016.

[464] João Mendes Ribeiro, *Entrevista a João Mendes Ribeiro*, 2021, op. cit., p. 43.

[465] Note-se que esta porta, como todas as outras que encontraremos no interior do edifício, não apresenta as ferragens habituais à sua função, isto é, uma maçaneta. Esta função é dada por um recuo de planos, onde se encaixa a mão para "puxar" e abrir a própria porta, numa leitura contínua do plano da mesma.

[466] João Mendes Ribeiro, Memória descritiva, 2016.

[467] João Mendes Ribeiro, Entrevista a João Mendes Ribeiro, 2021, op. cit., p.43.

[468] Peter Zumthor, atmosferas, 2005, p. 33-35.

Figuras 160 e 161: Altar-mor da Capela de Nossa Senhora da Saúde e coro alto recuperado (2021).

Figura 162: Vista do altar a partir do coro alto (2021).

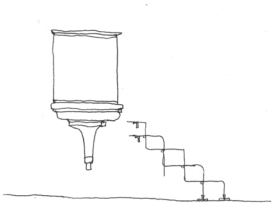


Figura 163: Esquisso da nova escada para o púlptito.

Figura 164: Reabilitação do púlpito (2019).

Figuras 165 e 166: Sala da porta medieval e acesso ao coro alto da Capela de Nossa Senhora da Saúde e vista da sala de exposições no piso superior. (2019).

"No projeto estava previsto o levantamento e restauro deste altar [da capela de Nossa Senhora da Saúde] e a colocação de um pavimento em riga sobre o original existente"[469]. Acabar-se-ia por recuperar o aspeto desta capela, assim como o seu pavimento lajeado de pedra. "Reabrimos o vão para a piscina interior, que fora entaipado. O altar foi recuperado, assim como o pavimento de pedra, que estava oculto sob um estrado de madeira. Desenhámos uma escada para o púlpito e uns bancos corridos de madeira de Riga Velha. Pretende-se que a capela possa ser habitada, não como espaço de culto, mas, eventualmente, por um pequeno auditório"[470] (figuras 160 a 162). Este novo elemento de ligação entre o piso e o púlpito, constitui-se como a analogia contemporânea às escadas que levariam os celebrantes ao local do *sermão*, através de um desenho simples e perfeitamente identificável como "novo" (figura 163 e 164). Foi mantido e recuperado o acesso ao Coro alto (figura 165), mantendo os degraus originais, assim como o guarda-corpo do mesmo. Na transição entre o coro alto e a sala de exposições, numa analogia ao enquadramento a eixo das passagens do piso inferior e na passagem pelo corredor, introduzir-se-iam as instalações sanitárias deste piso (figura 166 e 168). Nesta sala, encontra-se a continuação da parede de vidro e da vitrina lançadas no piso inferior, assim como se manteve o acesso ao varandim da sala da piscina romana.

2.3. A essência do edifício romano

"No volume a poente, que constitui o edifício de origem romana, optou-se por manter a ideia de ruína, trabalhada quer como vestígio arqueológico, quer como matéria expositiva"[471].

A "limpeza integral de todos os paramentos"[472] das paredes do edifício das termas romanas de São Pedro do Sul contribuiria, para além de uma leitura de conjunto, para a leitura das marcas das modificações que decorreram ao longo dos anos, "como o rasgar de uma porta ou o entaipar de outra"[473], marcas essas que narram, de uma forma silenciosa, a história do edifício. As marcas, por exemplo da parede este, revelavam de forma clara este sucessivo rasgar e entaipar de vãos, sendo parte destes *sinais* recuperados e sujeitos a uma nova apropriação: dois deles asseguram a circulação pelos espaços e o vão reaberto na parede da capela de Nossa Senhora da Saúde (uma opção de projeto) aproxima (visualmente) estes dois espaços (figura 169). Das obras manuelinas[474] conservaram-se as intervenções no nicho poente, onde se substituiria o arco romano (de tijolo e de volta perfeita) "por arco abatido com moldura simples, com caneluras e impostas molduradas"[475] (figura 170), assim como o "avanço, que suporta parte do pavimento do novo primeiro piso"[476] (figura 171), também este

[469] Maria Pilar Reis e José Marcelo Mendes Pinto, *Valorização Conservação e Reabilitação das Termas Romanas de São Pedro do Sul, Trabalhos Arqueológicos 2017/2018, Relatório Final,* 2019, p.22.

[470] João Mendes Ribeiro, *Entrevista a João Mendes Ribeiro, in Termas Romanas de São Pedro do Sul,* 2021, p.43-44.

[471] João Mendes Ribeiro, Memória descritiva, 2016.

[472] Ibidem, p.8.

[473] Helena Frade e José Beleza Moreira, *A arquitectura das termas romanas de S. Pedro do Sul*, 1992, p.518.

[474] "Outro elemento importante a descrever são as marcas de canteiro presentes nos arcos e aduelas desta nova fase das termas. Estas marcas apenas presentes nesta sala não surgem em qualquer outro ponto e estão indubitavelmente associadas à obra manuelina." In Maria Pilar Reis e José Marcelo Mendes Pinto, 2019, op. cit., p.15.

[475] Ibidem.

[476] Ibidem.

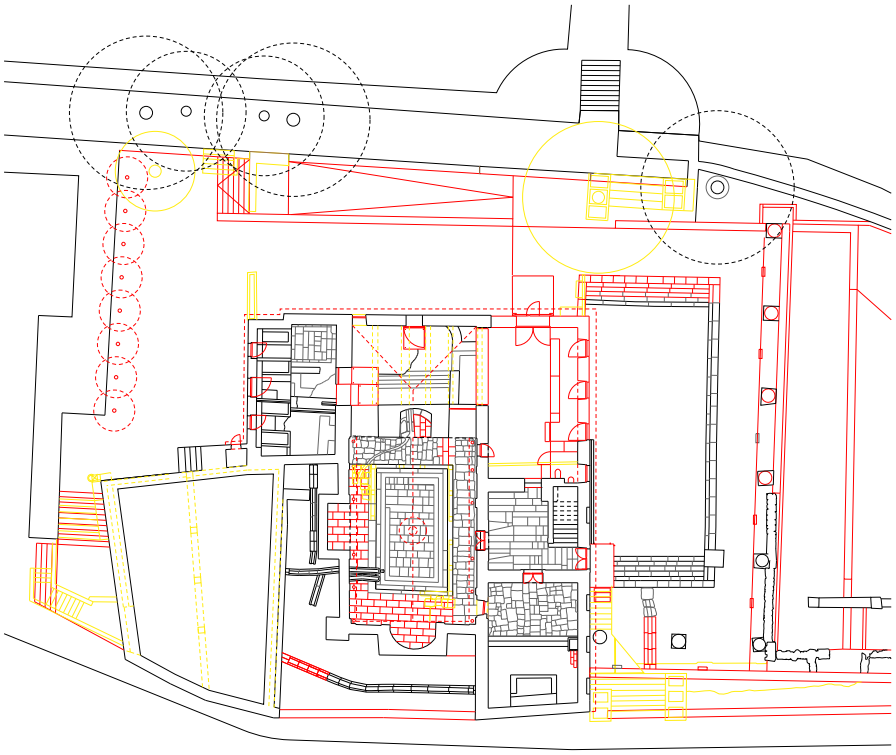


Figura 167: Planta do Piso 0, contrução (a vermelho) e demolição (amarelo).

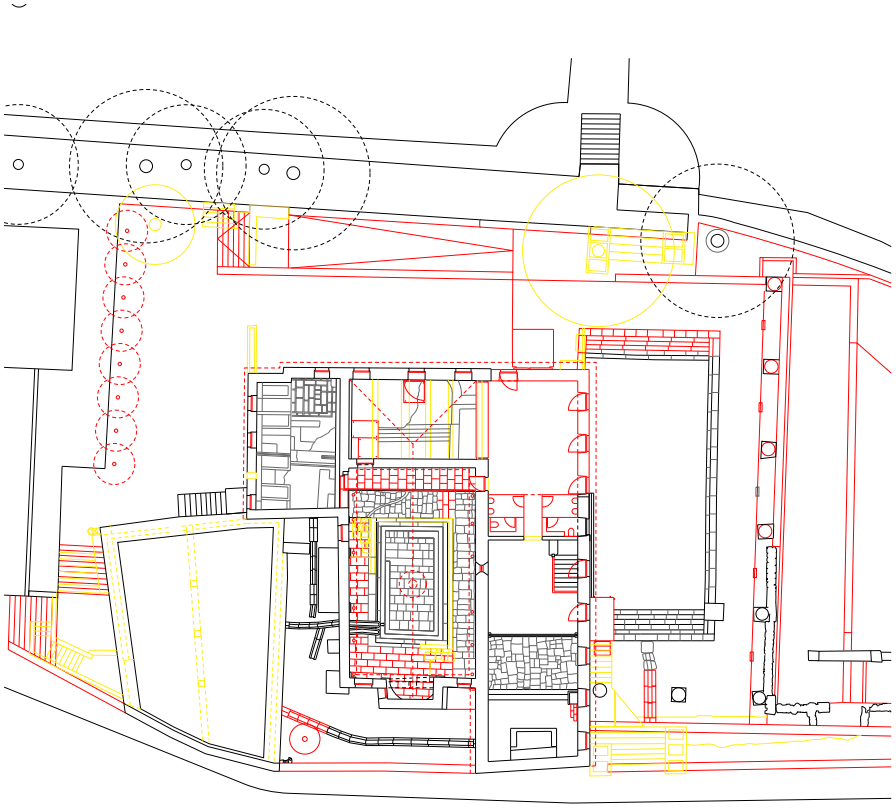


Figura 168: Planta do Piso 1, contrução (a vermelho) e demolição (amarelo).

assente em arcos abatidos desta mesma época e, ainda a abside sul, cuja altura foi aumentada relativamente ao arco romano. No piso correspodente ao varandim, recuperar-se-ia a cota de circulação do sobrado superior, associado às remodelações pós-romanas, e com as quais se relacionariam os vãos superiores das paredes romanas. Este varandim, onde é possível circular, permite uma perspetiva mais abrangente ao visitante, assim como uma leitura "de cima" da sala da piscina romana (figura 172) e das salas da porta romana e das banheiras, espaços onde a leitura dos vestígios se torna mais difícil pela sobreposição das várias camadas estratigráficas.

Na sala onde se encontra a porta original romana (figura 173), que identificamos como o *vestibulum* do edifício Flávio, temos para além de um pavimento em grés ("memória de uma casa de banho aqui instalada quando se procedeu à transformação deste espaço em escola primária"[477]), os importantes vestígios que nos permitem a reconstituição planimétrica da fundação do balneário, isto é, o topo norte e os negativos dos degraus da piscina P3 e o canto interpretado como o arranque da sua abside norte, assim como o arranque de meio arco da segunda porta romana, que daria acesso, como vimos, à sala a piscina P4. As ações de projeto delineadas para este espaço passariam, em primeiro lugar, pela reconstituição dessa mesma porta[478], em baixo-relevo, dando destaque, mais uma vez, à ruína. Repor-se-ia, ainda, a cota de circulação romana, através de duas plataformas com a mesma linguagem da que descrevemos no exterior, sendo que estas estruturas, permitem, para além da circulação neste espaço, a leitura dos vestígios que se encontram na cota inferior. O vão junto do pavimento em grés não é de cronologia romana. A sua reabertura seria uma opção do projetista, no sentido de manter um sinal da memória da construção do avançado (nas primeiras décadas do século XIX). Este vão estaria certamente relacionado com a utilização desse anexo, tendo sido entaipado aquando da sua demolição. Na sala das banheiras (figura 174), quatro banheiras de granito individuais e revestidas com azulejos, do século XIX, sobrepoem-se a vários vestígios de piscinas e muros anteriores. Nestas duas sala, e por não existirem dados suficientes para a reconstituição da sua forma de cobertura, João Mendes Ribeiro pintou o teto destes espaços de preto mate, tornando-o neutro com a finalidade de não comprometer a leitura dos vestígios.

A sala da piscina romana P2, retangular e de fundo forrado em lajes de granito, constitui-se como "o espaço central deste edifício termal e aquela que melhor conserva a sequência histórica deste edifício. Apesar de todas as readaptações que sofreu, esta sala conserva, na sua essência, o registo do segundo edifício romano, enquanto no subsolo se documentou aqueles que são os mais importantes contextos do primeiro edifício termal"[479] (figuras 171 e 172). Nesta sala, "a recuperação das características mais marcantes do ambiente do período romano foi trabalhada a partir da escala, da luz e da presença da água"[480].

[477] Idem, p.25-26.

[478] A partir das dimensões observadas na porta conservada na fachada norte.

[479] Maria Pilar Reis e José Marcelo Mendes Pinto, *Valorização Conservação e Reabilitação das Termas Romanas de São Pedro do Sul, Trabalhos Arqueológicos 2017/2018, Relatório Final,* 2019, p.7.

[480] João Mendes Ribeiro, *João Mendes Ribeiro: 2003-2016,* 2016, pp.229.

Figura 170: Nicho da parede oeste da sala da piscina (2019).

Figura 171: Sala da piscina romana, vista da abside norte e varandim (2021).

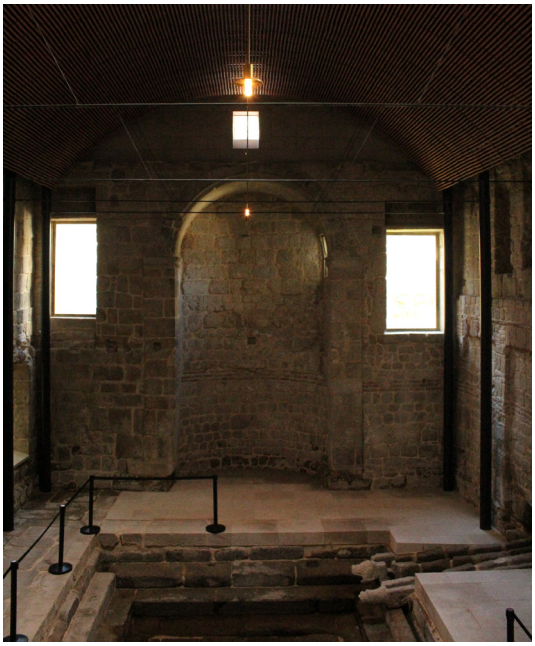


Figura 172: Vista a partir do varandim sobre a sala da piscina romana e abside sul (2021).

Figura 169: Recuperação do vão para a Capela de Nossa Senhora da Saúde (2019).

Figura 173: Sala da porta romana, correspondente ao vestibulo romano e reconstrução da porta romana para a "sala das banheiras" (2019).

Figura 174: Sala das banheiras individuais do século XIX, revestidas com azulejo (2019).

2.3.1. A escala

''A ideia não é a reconstrução do que seria uma abóbada romana, mas, sim, utilizar o mesmo material''[481].

A intervenção naquela que se constitui a principal sala deste conjunto edificado, revelou-se um verdadeiro laboratório prático de estudo dos exemplos da arquitetura romana, como preparação do exercício de construção de uma *maqueta* à escala real de uma abóbada de tijolo, apoiada pelos cânones tipológicos e construtivos difundidos. A primeira intervenção nesta sala revelar-se-ia, de todas, a mais polémica já que "O projeto implicou a remoção completa do suporte do varandim e, assim, o registo associado à utilização de um piso elevado que se limitaria agora à varanda suportada pelo nicho norte"[482], do qual ainda se conservava parte da sua estrutura, "realizado com pilares e lajes de granito, e que provavelmente corresponde à remodelação manuelina que nesta sala, em concreto, se expressou mais vincadamente"[483]. Esta estrutura retirava a leitura da escala do período romano, sendo "para a manter, deveria reconstruir-se o percurso do piso de cima, mas depois criava um pé-direito demasiado baixo"[484]. Posteriormente, seria feita a "recolocação do pavimento original em lajes de granito"[485], colmatando as "falhas" do pavimento com lajes do mesmo material, ainda que com a linguagem contemporânea, que as torna perfeitamente identificáveis (figura 172).

"No tanque do segundo período romano, sentimos que a ideia de cobertura era um tema fundamental – por um lado, era necessário cobrir e criar um espaço interno que não tivesse muita luz, por outro, deveria introduzir-se o tema da abóbada, porque o espaço romano só é legível a partir da [sua] marcação (...)"[486]. A interpretação volumétrica da abóbada apoiar-se-ia, para além da proposta de estudo da arqueóloga Helena Frade, como vimos, nos indícios ainda presentes no próprio edifício - "na piscina interior, do lado norte, é perfeitamente visível a marcação da abóbada na parede, portanto, foi simples reconstruí-la"[487]. "A nova abóbada destaca-se das estruturas existentes, suspensa a partir da cobertura e sem tocar nas paredes romanas"[488], apoiada em pilares metálicos (figura 180) que marcam o ritmo desta sala, acabando, de certa forma, por tirar alguma da leitura das paredes nascente e poente, apesar de se constituir como uma intervenção totalmente reversível[489]. Com a construção desta nova abóbada "é

[481] João Mendes Ribeiro, *Entrevista a João Mendes Ribeiro, in Termas Romanas de São Pedro do Sul,* 2021, p.31.

[482] Maria Pilar Reis e José Marcelo Mendes Pinto, *Valorização Conservação e Reabilitação das Termas Romanas de São Pedro do Sul, Trabalhos Arqueológicos 2017/2018, Relatório Final,* 2019, p.8.

[483] Ibidem.

[484] João Mendes Ribeiro, *Entrevista a João Mendes Ribeiro, in Termas Romanas de São Pedro do Sul,* 2021, p.44.

[485] Maria Pilar Reis e José Marcelo Mendes Pinto, 2019, op. cit., p.8.

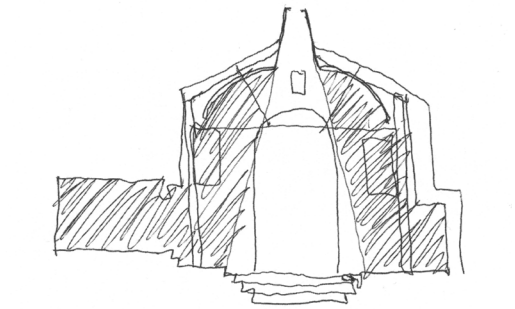
[486] Idem, p.31.

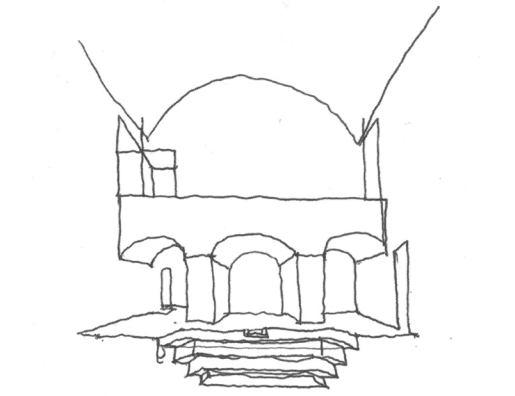
[487] Idem, p.33.

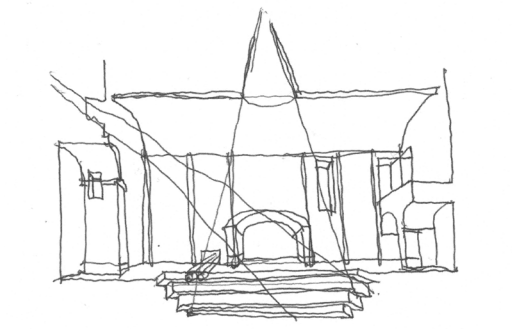
[488] João Mendes Ribeiro, Memória descritiva, 2016.

[489] " (...) estava prevista a realização de um conjunto de microestacas que asseguravam a fundação dos pilares metálicos que viriam a suportar a nova cobertura (...) A escavação permitiu à equipa projetista alterar esta

Figuras 175: Lanternim do apoditerio das termas estabianas de Pompeia.







Figuras 176 a 179: Estudo da forma da cobertura e da iluminação da sala principal - João Mendes Ribeiro.

Figura 180: Lanternim da sala da piscina romana das termas de São Pedro do Sul (2021).

Figura 181: Relação das pilastras com as paredes romanas (2019).

Figura 182: Pormenor da nova abóbada de tijolo (2019).

Figura 183: Pormenor do encaixe dos tijolos que compõem a nova abóbada (2019).

intencional marcar um tempo diferente. O espaço é o mesmo, mas o tempo é diferente. Ou seja, com o mesmo material, o tijolo, apostamos numa tecnologia completamente diferente"[490], isto é, a analogia, através de uma linguagem contemporânea, dos exemplos das abóbadas da antiguidade, numa clara invocação, por exemplo às termas de Pompeia (figura 175). A ideia não é a reconstrução de uma abóbada romana, mas sim, utilizar o mesmo material, numa analogia contemporânea às abóbadas de tijolo dos edifícios romanos, através da qual se perceciona a "escala do espaço romano, medindo tudo à sua volta, a partir do seu corpo em movimento"[491].

2.3.2. A luz

''Recomenda-se que o tanque seja sempre disposto de luz direta, a fim de que os que estão em volta não perturbem a iluminação com as suas sombras''[492].

A intervenção nesta sala teria também como premissa fundamental o tratamento do modo como se insere a luz no seu espaço. "A abóbada e a luz são fundamentais para perceber a piscina interior do ponto de vista espacial. Estudámos as Termas de Pompeia do século I a.C. para perceber exactamente a questão espacial e a forma como a luz chega a estes espaços"[493]. "O ambiente luminoso original das termas romanas é recuperado com a introdução de luz zenital, através de um lanternim inclinado a sul, captando a maior quantidade possível de luz para o interior"[494]. Este elemento constitui-se como o resultado do estudo (desenhado) das referências ao apoditério das termas de estabianas de Pompeia (figuras 176 a 179), sobre as quais João Mendes Ribeiro desenvolve a sua interpretação evocativa, ao mesmo tempo que resolve questões técnicas de iluminação e ventilação natural desta sala (figura 184).

O nicho sul apresentava já uma "pequena abertura exterior, supomos para iluminação"[495] e que seria coincidente com a sua alteração manuelina (aumento da sua altura e moldura com arco de volta perfeita). Com o intuito de resolver a questão da ventilação natural, transversal do edifício, seriam ainda introduzidas aberturas de pequena dimensão, perfeitamente identificáveis pela sua posição recuada[496] em relação à parede antiga, dando sempre ênfase à ruína.

---

intervenção, substituindo a microestacaria por uma fundação em betão armado, a qual representou um impacte muito menor na conservação desta sala." In Maria Pilar Reis e José Marcelo Mendes Pinto, *Valorização Conservação e Reabilitação das Termas Romanas de São Pedro do Sul, Trabalhos Arqueológicos 2017/2018, Relatório Final,* 2019, p.8.

[490] João Mendes Ribeiro, Entrevista a João Mendes Ribeiro, 2021, op. cit., p.31.

[491] Idem, p.48.

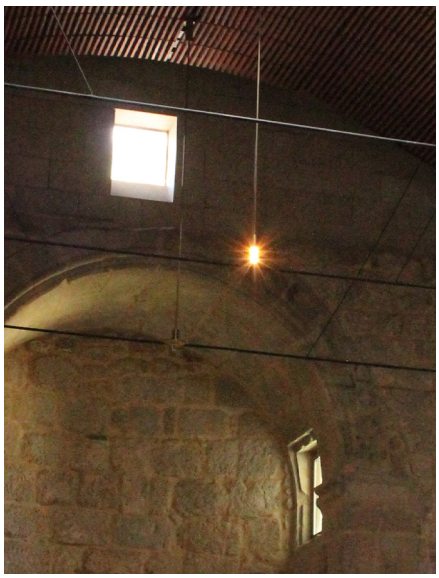
[492] M. Justino Maciel, *Vitrúvio, Tratado de arquitectura*, 2006, p.197.

[493] João Mendes Ribeiro, *Entrevista a João Mendes Ribeiro, in Termas Romanas de São Pedro do Sul*, 2021, p.33.

[494] João Mendes Ribeiro, Memória descritiva, 2016.

[495] Maria Pilar Reis e José Marcelo Mendes Pinto, *Valorização Conservação e Reabilitação das Termas Romanas de São Pedro do Sul, Trabalhos Arqueológicos 2017/2018, Relatório Final,* 2019, p.15.

[496] Da mesma forma que a reconstrução da segunda porta romana se relaciona com o seu arranque original ou, da mesma forma, que a parede exterior se relaciona com a fachada do Hospital Real.



Figuras 184 e 185: Iluminação existente no nicho sul (2019) e vista da sala romana sob o varandim.

Figura 186: Vista geral da piscina romana.

Figura 187: Projeção da luz do lanternim na piscina romana.

2.3.3. A água

"A importância da água no edifício termal é resgatada, voltando a ser o elemento central do espaço. Esta recuperação é feita na tentativa de recriar a atmosfera termal ro-mana, imprescindível para a compreensão e leitura do espaço"[497].

A *atmosfera* invocativa do funcionamento das termas romanas é dada, nesta sala, como no exterior, pela reintrodução da água termal na sua piscina[498] e na *natatio*, respetivamente, com a recuperação das condutas originais, "refaz as condutas e trás a água termal às piscinas principais"[499], num exercício semelhante à restauração dos sistemas de água da Casa dos repuxos, em Conímbriga (1953). "A água adquire (...) uma conotação lúdica, cruzando-se com a história e a gravidade do edifício pré-existente, numa nova leitura baseada em relações visuais e auditivas, indiciando percursos ou antevendo espaços"[500]. A atmosfera dos espaços, dos edifícios, das cidades, "comunica com a nossa percepção emocional, isto é, a percepção que funciona de forma instintiva e que o ser humano possui para sobreviver. (…) A percepção emocional conhecemos por exemplo da música. (…) Em relação à arquitectura também é um pouco assim. (…) Não tão forte como na maior das artes, mas está lá"[501].

A presença da água termal nesta sala, pelo som que transmite ao correr pelas condutas, pelo seu cheiro característico dado pelas propriedades sulfúricas, e pela sua temperatura, naturalmente quente, conferia, decerto um ambiente único aos utilizadores do balneário, aliado ainda à presença humana, certamente produzindo um murmúrio das suas vozes, que tem inevitavelmente que ver com a forma e com a superfície dos materiais[502].

Quase ironicamente, em dezembro de 2019, um novo episódio de cheia do Vouga, voltaria a atingir o edifício das termas romanas e afetaria gravemente a nova estrutura da receção, mantendo-se intacta a estrutura romana. Durante dois milénios o rio Vouga constituiu-se como a principial condicionante das apropriações deste conjunto edificado, pela separação física que representa, e sobretudo, pelos constantes episódios de cheias no seu leito, constituindo-se o expoente máximo da permanência da ocupação deste lugar.

---

[497] João Mendes Ribeiro, Memória descritiva, 2016.

[498] Peter Zumtnhor, *Atmosferas*, 2005, p. 13.

[499] Maria Pilar Reis e José Marcelo Mendes Pinto, *Valorização Conservação e Reabilitação das Termas Romanas de São Pedro do Sul, Trabalhos Arqueológicos 2017/2018, Relatório Final*, 2019, p.3.

[500] João Mendes Ribeiro, Memória descritiva, 2016.

[501] Peter Zumtnhor, *Atmosferas*, 2005, p. 13.

[502] "Cada espaço funciona como um instrumento grande, coleciona, amplia, e transmite os sons. Isso tem a ver com a sua forma, com a superfície dos materiais e com a maneira como estes estão fixos", in Peter Zumthor, *Atmosferas,* 2005, p. 29.

Considerações finais

"O *balneum* de Lafões. O sentido da ruína como matéria de projeto" surgiu do desafio lançado pelo projessor Pedro Alarcão e pela arqueóloga Maria Pilar Reis em dar um novo contributo no estudo das termas romanas de São Pedro do Sul, numa lógica de continuidade do trabalho de interpretação da arqueólogoga Helena Frade e através da leitura crítica da intervenção do arquiteto João Mendes Ribeiro neste edifício.

O estudo de um *sítio* arqueológico como o balneário romano de São Pedro do Sul é, por si só, um tema que não se esgota em si mesmo. De facto, uma das maiores dificuldades que a construção deste tipo de abordagem de estudo representa é, exatamente, a escolha dos temas fundamentais a aprofundar, com a consciência de que muito mais haveria a explorar[503]. "Pode considerar-se que aumentar o conhecimento [sobre um sítio] é aumentar o número de certezas, mas de facto é também aumentar o número de incertezas e de dúvidas"[504] relativamente a ele próprio. Admitimos também que a qualquer momento, e "com os mesmos dados, mas lidos diferentemente, há sempre outras interpretações possíveis"[505].

"Pensar nas termas e balneários é hoje um exercício que exige a visita aos edifícios, obrigando a utilização de plantas e desenhos que permitam restituir a planta dos mesmos"[506], assim como, quando possível a sua tridimensionalidade. Este exercício constou não só da *limpeza* dos dados arqueológicos das várias fases construtivas identificadas por José Marcelo Pinto e Maria Pilar Reis (seis no total) para posteriormente isolar os elementos relativos ao momento da fundação e (re)construção romanas, mas também da sua inserção rigorosa no levantamento topográfico da região das Termas de São Pedro do Sul.

Uma vez confirmada a unidade de medida – a utilização do *pes monetalis* – ser-nos-ia possível a construção de uma interpretação e análise inédita, segundo apurámos, e cujos resultados, acreditamos, são um relevante impulso na interpretação destas termas romanas, pelo diálogo constante entre a arquitetura e a arqueologia. Com esta definição do *módulo gerador*, verificamos que ambas as estruturas romanas terão sido determinadas pela mesma medida-base, apesar dos desvios verificados resultantes da sobreposição das mesmas. O desenho das estruturas romanas e o estudo do seu dimensionamento segundo os cânones difundidos é também o meio para, como vimos, detetar os *erros* construtivos dos edifícios antigos (como o caso da inclinação da parede oeste do edifício Flávio).

Fruto desta colaboração transdisciplinar com a arqueologia, foi-nos possível,

---

[503] Abordagens ao edifício como o estudo da estrutura enquanto Hospital Real das termas de Lafões ou a Capela de São Martinho.

[504] Francisco Barata, in *Prefácio, Construir na ruína, Entre a reconstituição e a reabilitação*, 2018, p. 9.

[505] Jorge de Alarcão, *A Lusitânia e a Galécia: do séc. II a.C. ao séc. IV d.C, ano,* p.9.

[506] Maria Pilar Reis, *De lusitaniae vrbium balneis: Estudo sobre as termas e balneários das cidades da Lusitânia,* 2014, p. 17.

ainda no decorrer do trabalho de estudo, a publicação de alguns dos resultados[507], assim como o desenvolvimento de parte do material gráfico interpretativo que integrará o projeto de musealização das Termas romanas de São pedro do Sul (Anexo II), como plantas, o esquema de funcionamento da abóbada romana de tijolo e duas representações axonométricas identificativas dos vários vestígios da sala da porta romana e da "sala das banheiras". Este trabalho para a musealização do edifício das termas tornou-se particularmente difícil na seleção do material a apresentar, tendo em conta que grande parte dos *aquistas contemporâneos* não saberão fazer a correta leitura, por exemplo, de uma planta (em boa verdade, não terão que saber). Cabe-nos a nós, arquitetos e arqueólogos, "medir" a informação que disponibilizamos e a forma como o fazemos[508].

A chave da compreensão da relação entre o edifício 1 e o pórtico jónico estará, como vimos, no levantamento (no futuro) do pavimento do século XVIII da sala 7, que "nunca foi intervencionada, e como tal teria sido um espaço de extraordinário valor para documentar uma sequência arqueológica não perturbada"[509]. Da mesma forma, e como referimos na *Parte II* desta dissertação, a confirmação da continuidade das estruturas do pórtico romano para sul, assim como a real dimensão das suas eventuais sala, só poderá ser dada pela escavação sob a Rua Central das Termas de São Pedro do Sul (e admitindo que esses eventuais vestígios não tenham sido destruídos pelas obras aquando da sua construção). Por outro lado, a real perceção da relação de conjunto que se estabeleceria entre o *balneum* e o Castro do Banho só será possível aquando do levantamento e estudo aprofundado da estrutura castreja. Os indícios das habitações, algumas de planta retangular, poderão ser um importante dado para a perceção do verdadeiro impacto da romanização nesta região e, especialmente, na localidade do Banho.

A intervenção num sítio arqueológico como o balneário romano de São Pedro do Sul, sobre a qual analisámos a intervenção de João Mendes Ribeiro e João Gomes da Silva, implica muito mais do que um estudo do edifício de um ponto de vista *estético* e funcional. O conhecimento e estudo das técnicas construtivas tradicionais e a sua transposição e analogia para a construção contemporânea constituiu-se como o exercício fundamental para uma "ideia de fusão dos dois tempos"[510]. A continuidade do uso da pedra no projeto de reabilitação (e ao longo de todas as "vidas" do

[507] Publicação de planta interpretativa em "Os banhos romanos de S. Pedro do Sul", in I Jornadas de Arqueologia Vouzela-Lafões, 2019.

[508] Damos o exemplo das plantas das duas fases romanas que desenvolvemos para este efeito. Na planta referente à fundação do balneário, sobre a qual tínhamos já efetuado uma parte considerável da interpretação, fomos tentados, por exemplo, à representação do lado norte do pórtico jónico, numa questão de coerência com o restante edifício (onde representaríamos a sua interpretação). No entanto, com o assumir desta interpretação poeríamos incorrer no erro de, ao dar por garantida esta interpretação, induzir os visitantes erradamente.

[509] Maria Pilar Reis e José Marcelo Mendes Pinto, 2019, op. cit., p.21.

[510] João Mendes Ribeiro, *Entrevista a João Mendes Ribeiro, in Termas Romanas de São Pedro do Sul*, 2021, p.41.

edifício"), ao mesmo que enuncia a permanência, denuncia a particularidade das suas várias fases de construção, pela forma como é talhada e trabalhada – "os materiais são os mesmos, a tecnologia é que é diferente e isso remete para uma linguagem contemporânea"[511].

A necessidade do diálogo Arquiteto – Arqueólogo é também uma das maiores particularidades deste projeto de reabilitação. O processo do próprio projeto está muito dependente da altura em que se chega à obra, ou seja, da interpretação que se tinha feito dos vestígios conhecidos, neste caso por Helena Frade. Certamente que a intervenção seria diferente se fosse iniciada à data, assim como foi revista quando surgiram novos elementos no decorrer já da obra[512], daí a importância que este tipo de intervenções sejam o máximo reversíveis, deixando em aberto as interpretações e, quem sabe, futuras intervenções. A revisão de projeto que referimos teria, como vimos, o seu maior impacto na envolvente exterior, nomeadamente junto à natatio, onde, e bem perto do término da obra, em junho de 2019, ainda se conservava a dúvida relativamente à hipótese lançada por Helena Frade acerca da posição das colunas coincidentes com a parede lateral da *natatio*.

O processo da intervneção de João Mendes Ribeiro, e também a nossa investigação, mostram, de forma clara, esta necessidade do diálogo entre a arquitetura, a paisagem e a arqueologia. A *ideia de projeto* está muito dependente da altura em que se chega à obra e certamente que esta intervenção em São Pedro do Sul seria diferente se fosse iniciada à data, daí a importância da reversibilidade neste tipo de intervenções, para que não se compromentam as futuras, assim como o seu contínuo estudo.

A riqueza arquitetónica do edifício das termas romanas de São Pedro do Sul reside na conjugação das suas sucessivas contemporaneidades, usando os mesmos materiais com uma tecnologia diferente e "isso remete para uma linguagem contemporânea"[513].

[511] João Mendes Ribeiro, Atelier de Pedra, in Atelier d´arquitetura, RTP 1, episódio 12, 2019. (23 de junho de 2019) (https://www.rtp.pt/play/p5644/e414362/atelier-arquitetura).

[512] "(…) a revisão das interpretações existentes que os resultados arqueológicos promoveram, resultaram numa revisão profunda da intervenção no exterior, que agora se adapta a estruturas que contextualizam estas termas e lhe proporcionam uma leitura mais abrangente". In Maria Pilar Reis e José Marcelo Mendes Pinto, 2019, op.cit., p.3.

[513] João Mendes Ribeiro in "Atelier d´Arquitetura", Açores, 2019

novembro de 2020

Passa em baixo, de mansinho,
o Vouga sereno e brando,
cantando pelo caminho,
resando de quando em quando.
Firmino Vilhena

Anexo I
Cronologia

753 a.C.
Fundação de Roma

séc. VII - IV a.C
Construção e ocupação do castro da Cárcoda

séc. VII - VI a.C.
Construção e ocupação do castro da Senhora da Guia

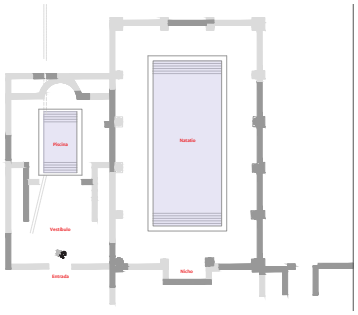
500 a.C.
Construção e ocupação do Castro do Banho

218 a.C.
Início da conquista e domínio romano da Península Ibérica

138 a.C.
Campanha de Decimus Junius
Processo de romanização

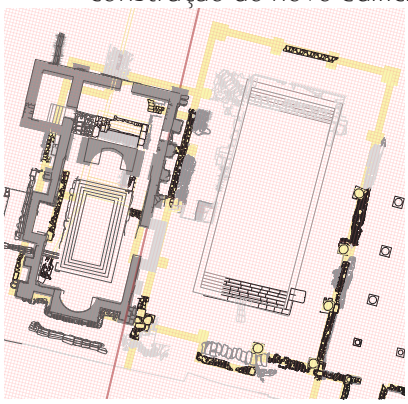
27 a.C. - 14 d.C.
Agusto imperador do império

14-54 (Tibério/Cláudio)
Provável construção do primeiro balneário romano



96-98
Possível cheia do rio Vouga

98-117 (Trajano)
Demolição do primeiro balneário e construção do novo edifício



211-218
Termas de Caracalla, Roma

306-337
Reinado de Constantino

séc.IV-VIII
Desativação da *natatio*

337-350
Reinado de Constante

409
Entrada dos povos Suevos, vândalos e alanos na península ibérica

476
Queda do império romano do ocidente

séc. V
Vândalos reduziram a ruínas grande parte dos edifícios termais romanos

séc.X
Localidade do Banho era a povoação mais importante

Entre a inauguração do edifício 2 e o século XIII há a possibilidade de uma cheia devastadora que atinge o edifício e que leva à ruína da abóbada

1030
Primeira referência documental à terra de Lafões

1152
Foral do Banho concedido por D. Afonso Henriques e D. Mafalda (Agosto)
O Banho ascende a vila e concelho, com justiças próprias e Câmara

1169
Desastre de Badajoz
Ferimentos de D. Afonso Henriques

(setembro a novembro)

D. Afonso Henriques no edifício termal do Banho; Construção de uma Gafaria na outra margem do rio Vouga, um Hospital para doentes pobres, Estaos para fidalgos e os Paços Reais; Remodelações no edifício termal: reconstrução da P2, instalação do camarote real e do oratório

1175
Banho ascende à categoria de Vila e cabeça do concelho de Lafões

1207
(novembro) Grantia de couto por D. Afonso Henriques que encarrega D. Fernando Pedro da execução da aposentadoria para os banhos do outono

1217
D. Afonso II confirma o Foral do Banho

1258
Inquirições de D. Afonso III

séc. XIII-XVI
Construção de espaços de apoio para a permanência dos banhistas; Nicho nascente convertido em porta de acesso - portal de arco apontado com moldura decorada

Construção de sobrado na sala das banheiras

1336
D. Dinis concedeu foral ao concelho de Lafões

séc. XIV-XV
D. João I deu ao infante D. Henrique o senhorio do concelho de Lafões com as suas Caldas

1495-1521
D. Manuel funda o Hospital do Banho, dotando-o com um Reguengo

Aposentos na varanda do pátio, para se recolherem e curarem os pobres, sobre cuja porta estão as suas armas

Até D. Manuel as águas eram livres ao uso dos moradores. os habitantes da Vila e os seus hóspedes usavam-nas gratuitamente

1502
D. Manuel institui um Couto de Homiziados nas Caldas de Lafões

1508 (cerca)
Reaproveitamento de ajimez asturiano do séc. IX na construção da capela de São Martinho sobre as ruínas da antiga igreja préromânica

1514
D. Manuel: forais novos de Lafões, Mões, Sul, Alva e Reriz

Por morte de Fernão Lopes de Almeida, senhor da Casa da Cavalaria de Vouzela, a posse das Termas passa para seu filho Duarte de Almeida, monteiro-mor do Infante D. Luís

1515
Foral novo das Caldas de Lafões, por D. Manuel

séc. XVI
Oratório da sala da piscina (abside sul) consagrado a Nossa Senhora da Saúde

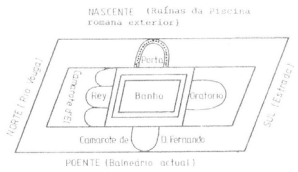
1527
(15 de novembro) D. João III confirma, em Coimbra, a mercê dada a Duarte de Almeida

1557
(17 de dezembro) Senhorio das Caldas passou para Sebastião Rodrigues de Azevedo, por mercê de D. Sebastião

1639
(D. Filipe III) Importantes obras nas termas e reforma do antigo Banho sêco

1672
Reparação do edifício da Câmara

1696
Publicação da planta mais antiga das termas "Cronographia Medicinal das Caldas de Lafões"



1721
Cheias no Vouga

1806
Proposta de construção do hospital militar na envolvente das termas

séc.XIX
(1ª metade) Ampliação da fachada norte das termas e construção de anexo com 11 banheiras

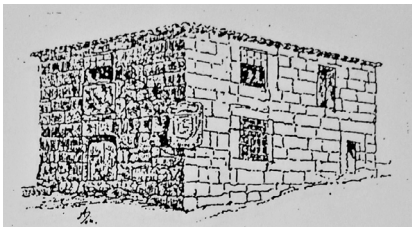
1821
Cheias no Vouga
24 de dezembro e 27 de dezembro

1884
Construção do Balneário Rainha D.Amélia, Eng. António Ferreira Araújo e Silva

1885
Reedificação da casa do antigo banho seco, em ruínas desde 1808

1889
Terrenos e construções a sul do edifício termal romano comprados para a construção da "nova avenida"

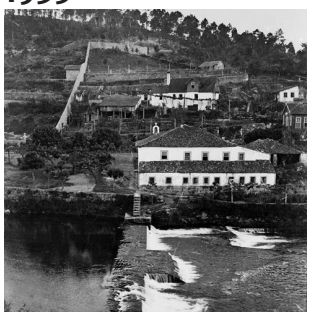
1894
Desenho da Casa da Câmara de Lafões da Rainha D. Amélia



1895
Cosntrução da linha férrea do Vale do Vouga, com paragem nas Termas de São Pedro do Sul

1931-1954
Instalação da escola primária e respetiva cantina no edifício antigo das termas de São Pedro do Sul

1935



1938
Classificação do edifício como Monumento Nacional

1947
Início da construção de escadaria junto ao "edifício velho"

1950
Trabalhos de escavação no castro do Banho/ Beirós por João Manuel Bairrão Oleiro

Fundação do Termas Okey Club, edifício termal serviu como balneário

1950-1960
Intervenção no balneário antigo pela DGEMN sob orientação do Dr. Bairrão Oleiro

1953

1954
(1 de janeiro a 31 de dezembro) Trabalhos de escavação no castro do Banho/Beirós por João Manuel Bairrão Oleiro

1956
(1 de janeiro a 31 de dezembro) Trabalhos da DGEMN e escavação da dirigida por Fernando Russell Cortez

1957

1963

anos 70
Café "Alzirinha" ocupa a área da antiga cantina escolar e a esplanada voltada para o rio

1975

anos 80
Fase de grande degradação do edifício e utilização como arrecadação de barcos

1985
(17 a 30 de junho) Trabalhos de conservação e restauro por Helena Frade

1987
Inauguração do Balneário D. Afonso Henriques, arq. Januário Godinho

1988
(17 a 30 de junho) Trabalhos de escavação dirigidos por José Alberto Beleza Moreira e Helena Frade

1989
(04 a 29 de junho) Trabalhos de escavação dirigidos por José Alberto Beleza Moreira e Helena Frade

1990
(04 a 29 de junho) Trabalhos de conservação e restauro dirigidos por Helena Frade

1995
(24 de dezembro) Cheias do Vouga

1996

1998

Inauguração da nova igreja de Nossa Senhora da Saúde das Termas de São Pedro do Sul

Desativação da Capela de Nossa Senhora da Saúde que ainda funcionava no edifício termal

2004

(8 de novembro) assinatura do protocolo para a recuperação das ruínas das termas, criando um centro interpretativo.

2005

2007

Reabilitação e ampliação do Balneário D. Afonso Henriques, arq. Manuel Abreu

2009

2017-2018

(11 de setembro a 31 de julho) trabalhos arqueológicos - obras de recuperação - direção dos arqueólogos José Marcelo Pinto e Maria Pilar dos Reis

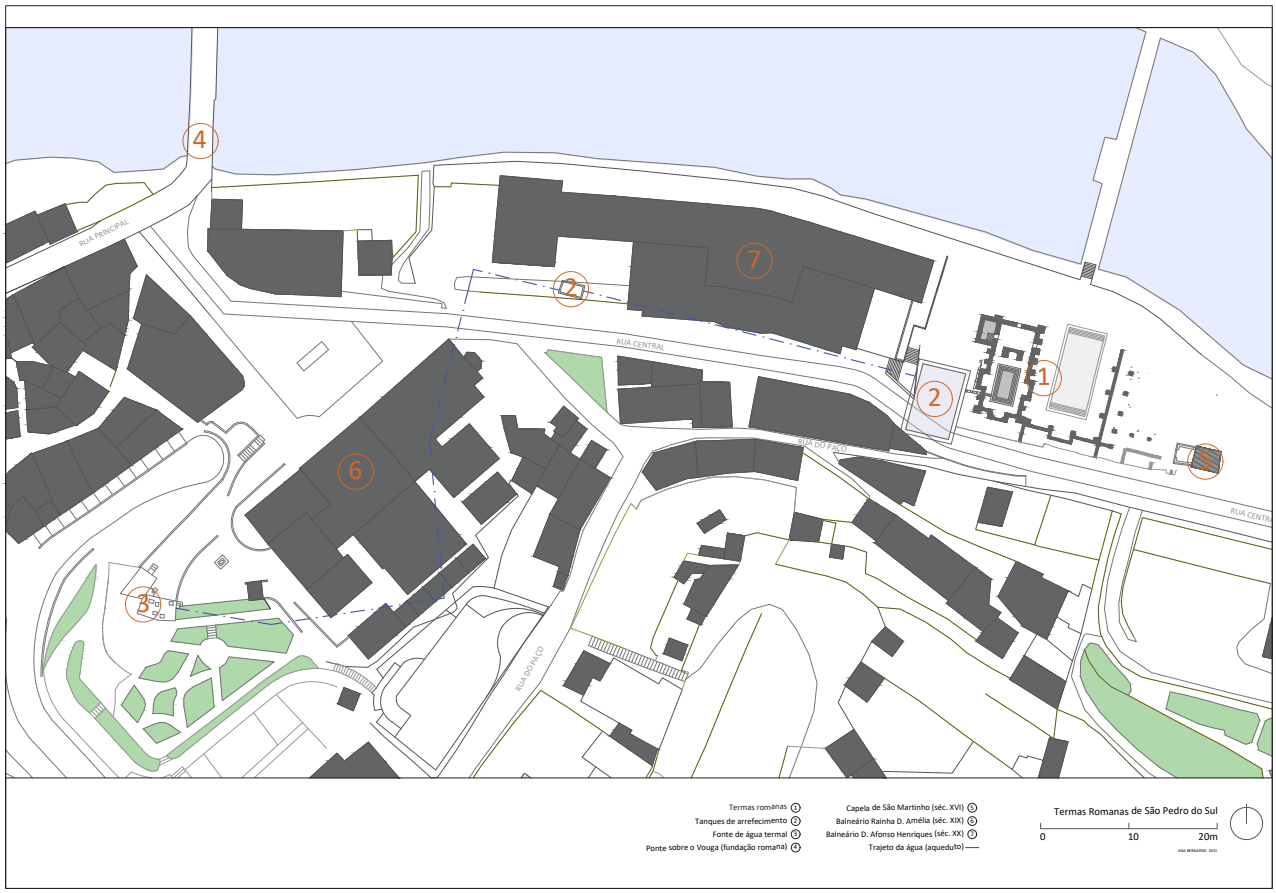
2019

(Agosto) Abertura do edifício das termas após as obras de requalificação

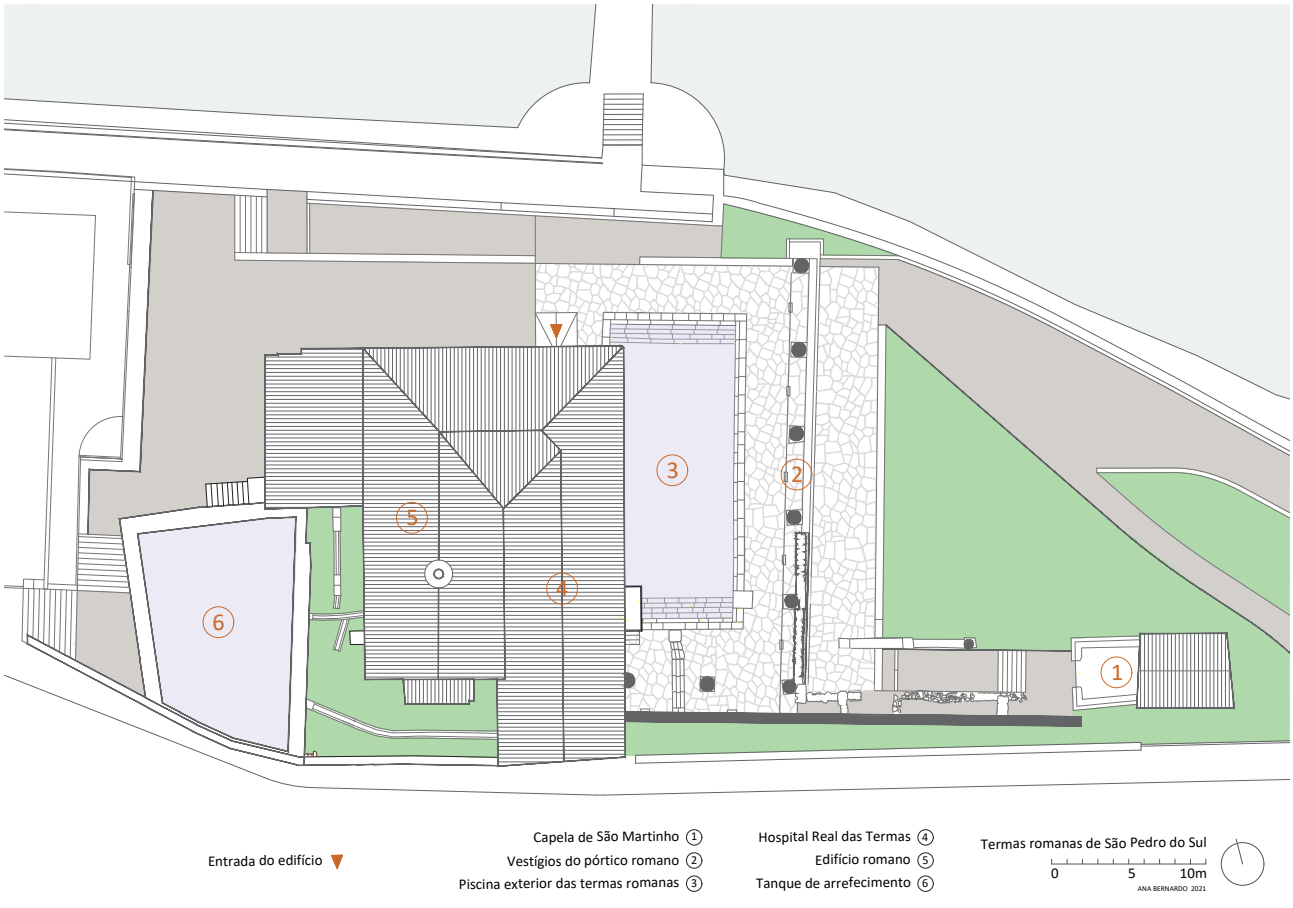
2019

(dezembro) Cheia do Vouga, provocando estragos na estrutura recente

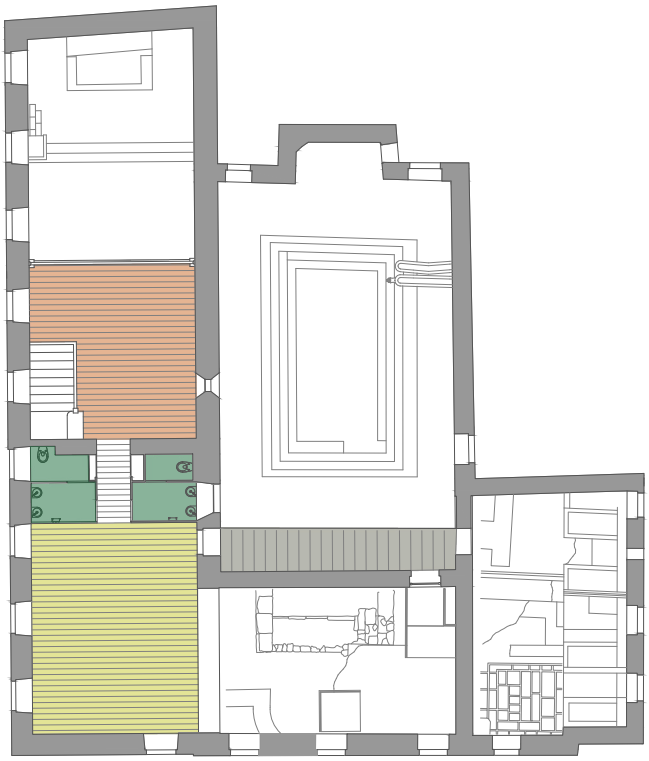
Anexo II
Musealização das termas romanas de São Pedro do Sul



Desenho 46: Reconstituição da planta do Hospital Real das termas de Lafões (século XV).



Desenho 47: Reconstituição da planta do edifício das termas no século XIX.

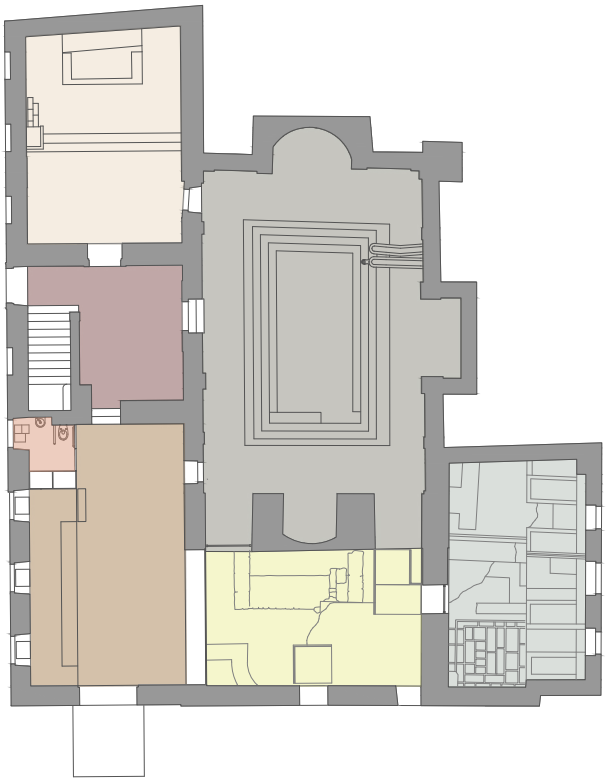


Coro alto
W.C.
Sala de exposições
Varandim

Planta do Piso 1

0 5 10m

ANA BERNARDO 2021

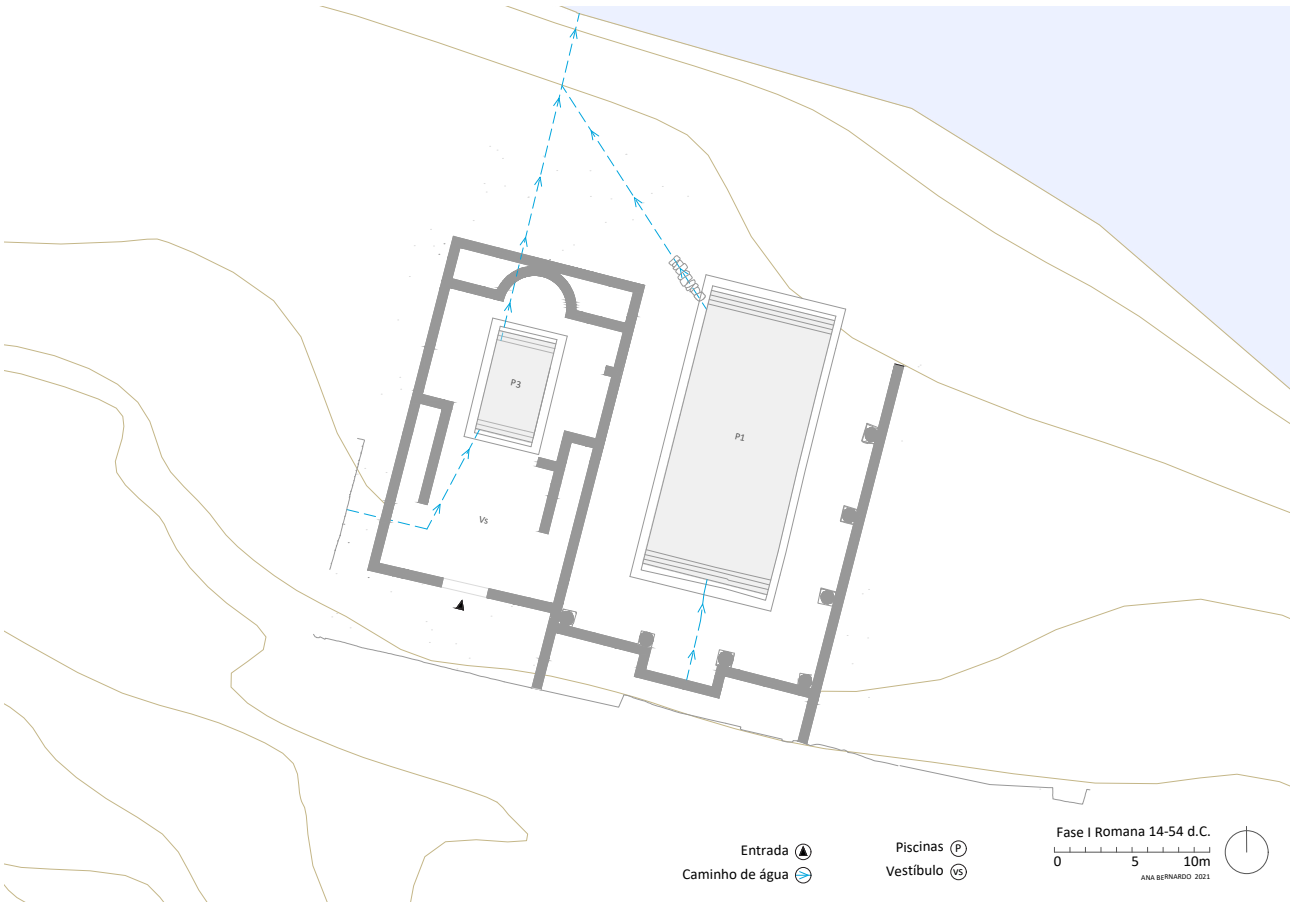


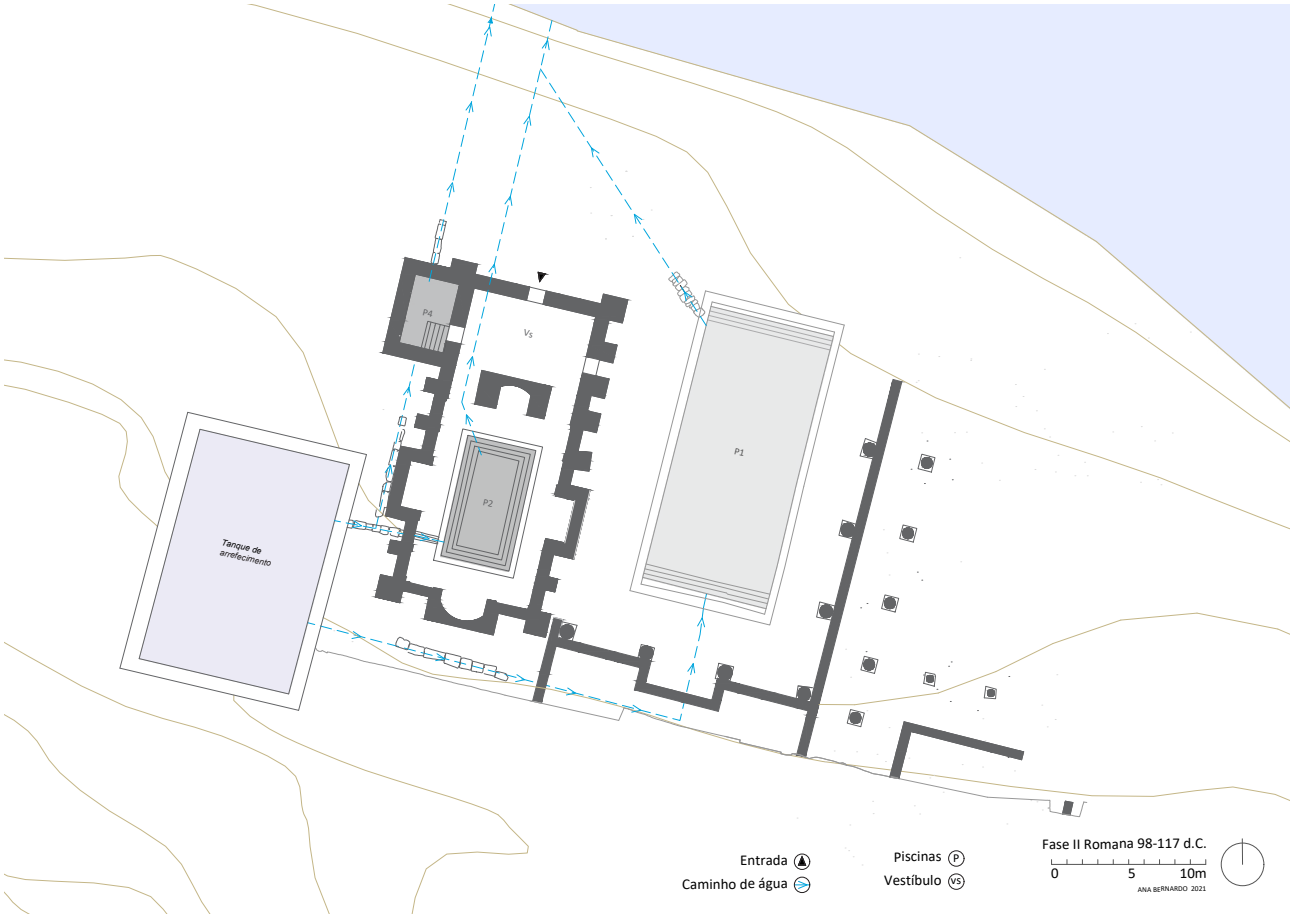
Recepção
W.C.
Sala da porta românica
Capela Nª Sª da Saúde
Sala da piscina
Sala da piscina P3
Sala das banheiras

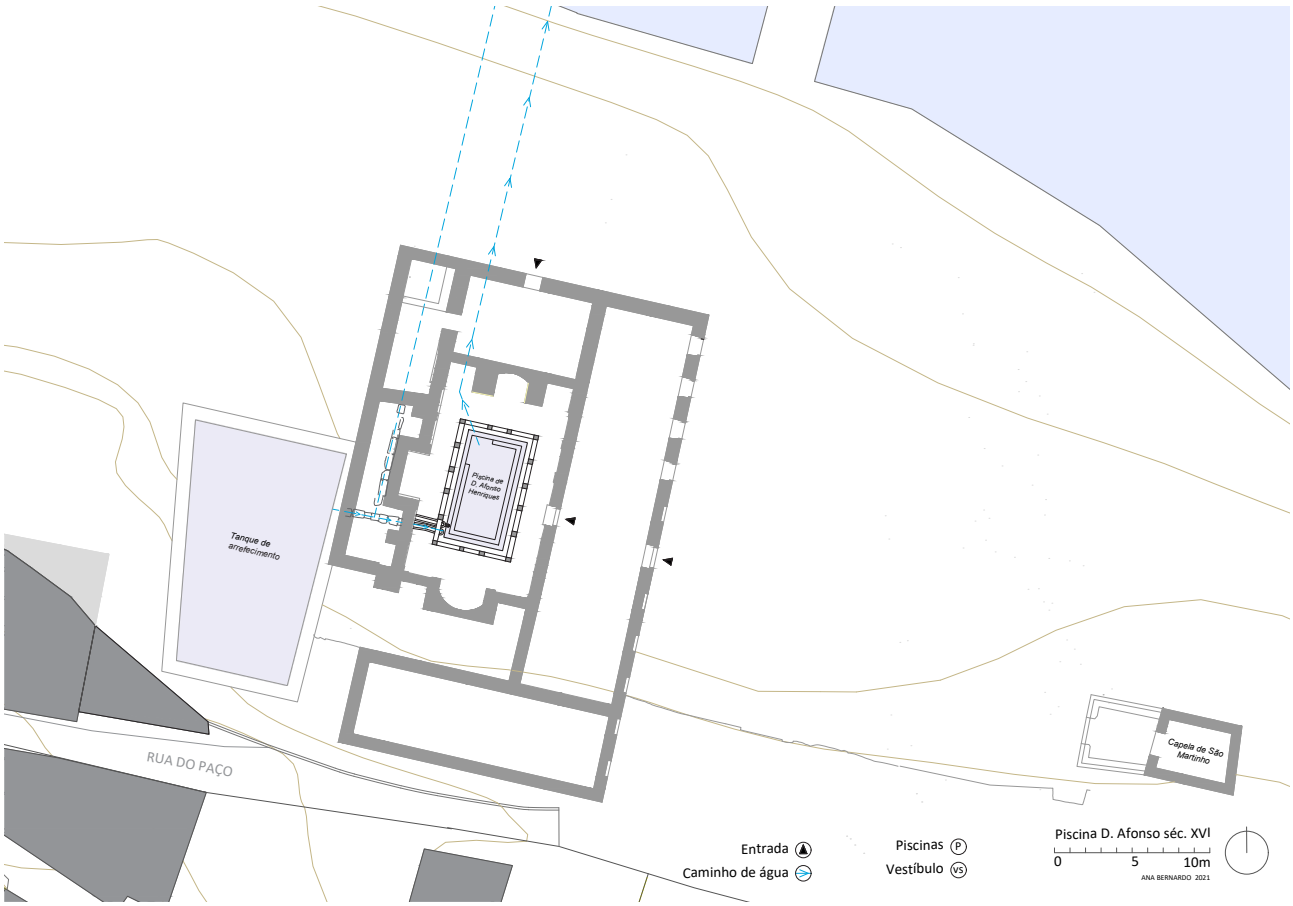
Planta do Piso 0

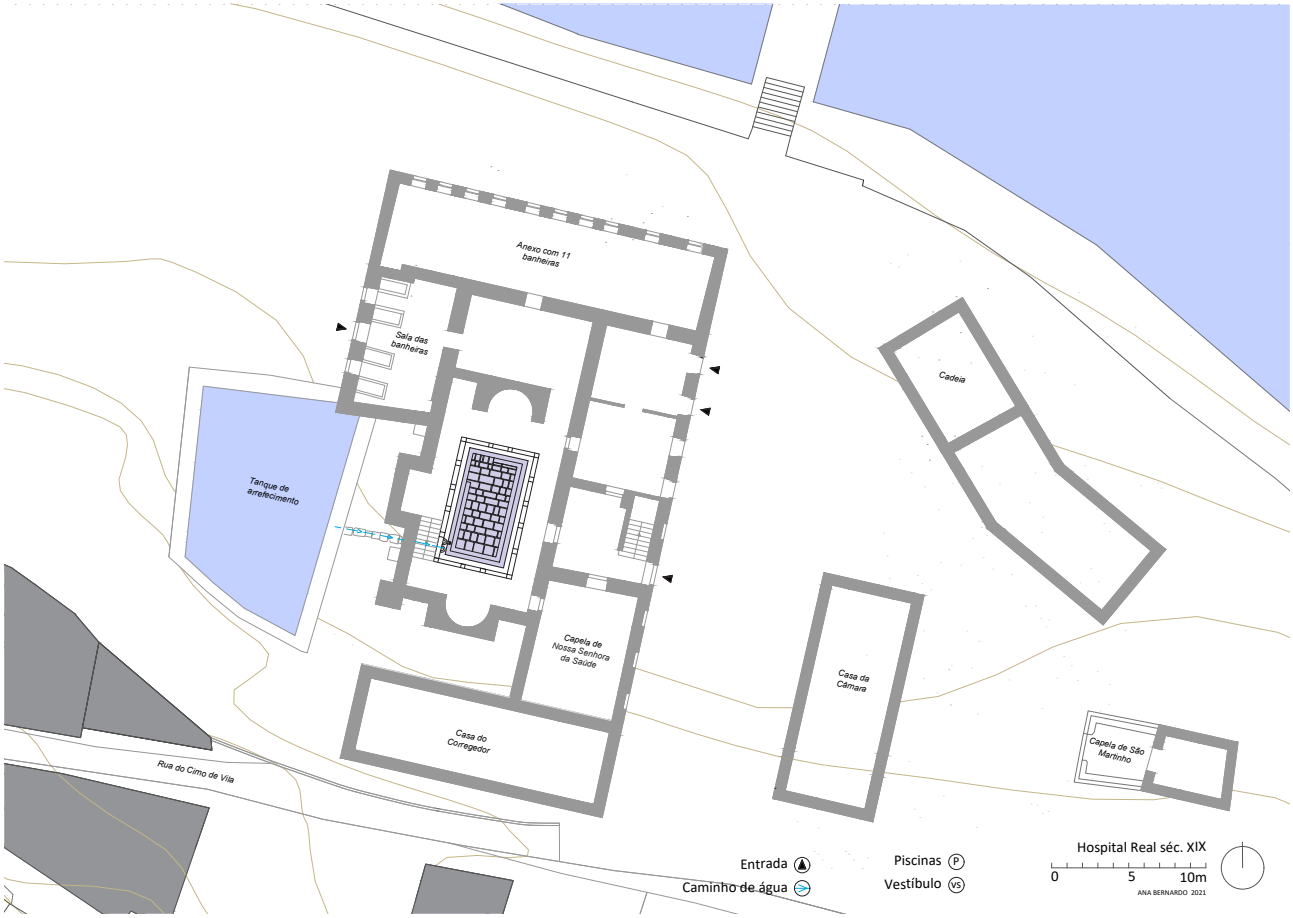
0 5 10m

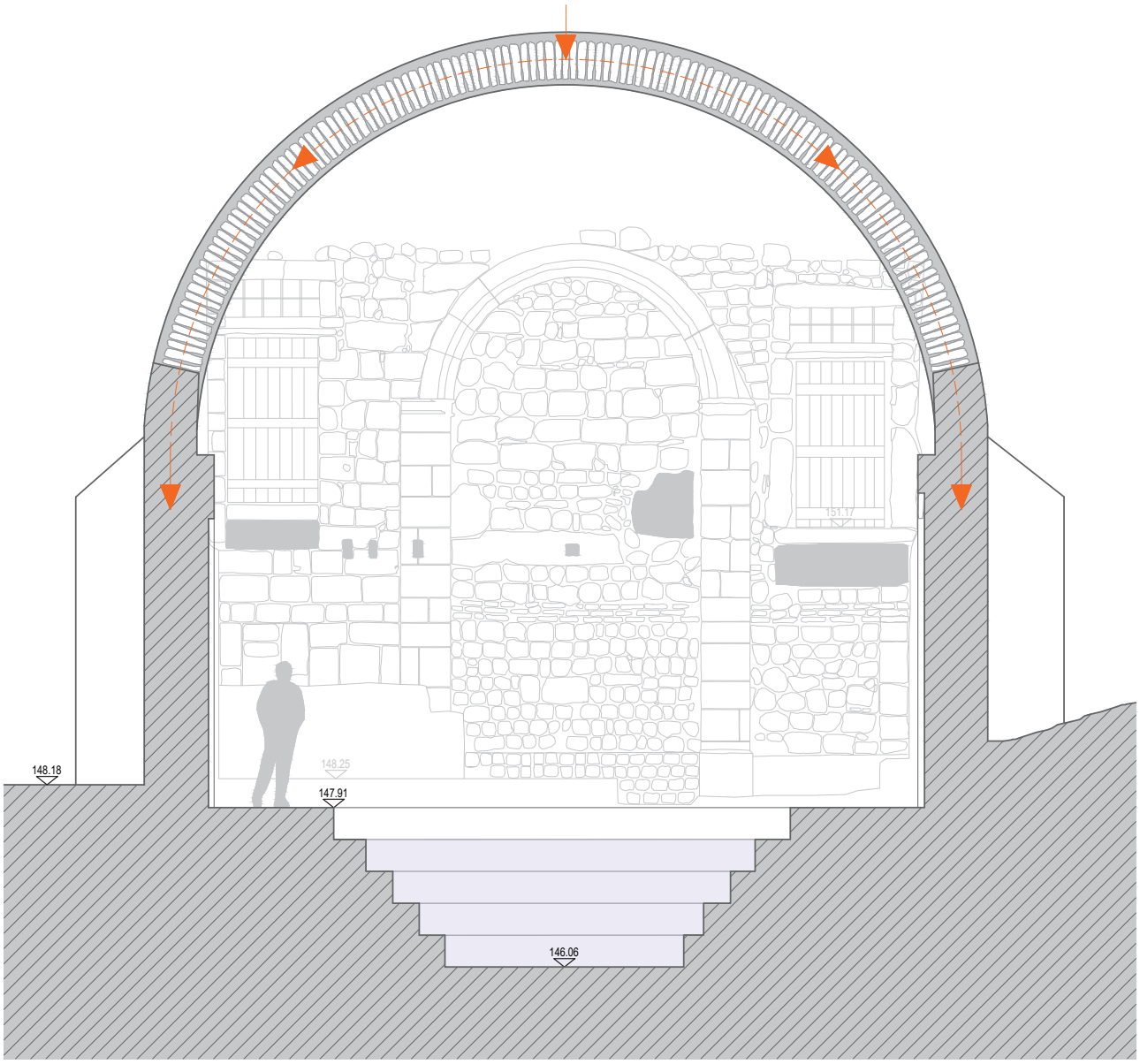
ANA BERNARDO 2021


P3
P1
Vs
Entrada
Caminho de água
Piscinas P
Vestíbulo VS
Fase I Romana 14-54 d.C.
0
5
10m
ANA BERNARDO 2021


P4
Vs
P1
P2
Tanque de arrefecimento
Entrada
Caminho de água
Piscinas P
Vestíbulo VS
Fase II Romana 98-117 d.C.
0
5
10m
ANA BERNARDO 2021


Piscina de D. Afonso Henriques
Tanque de arrefecimento
RUA DO PAÇO
Capela de São Martinho
Entrada
Caminho de água
Piscinas P
Vestíbulo VS
Piscina D. Afonso séc. XVI
0 5 10m
ANA BERNARDO 2021

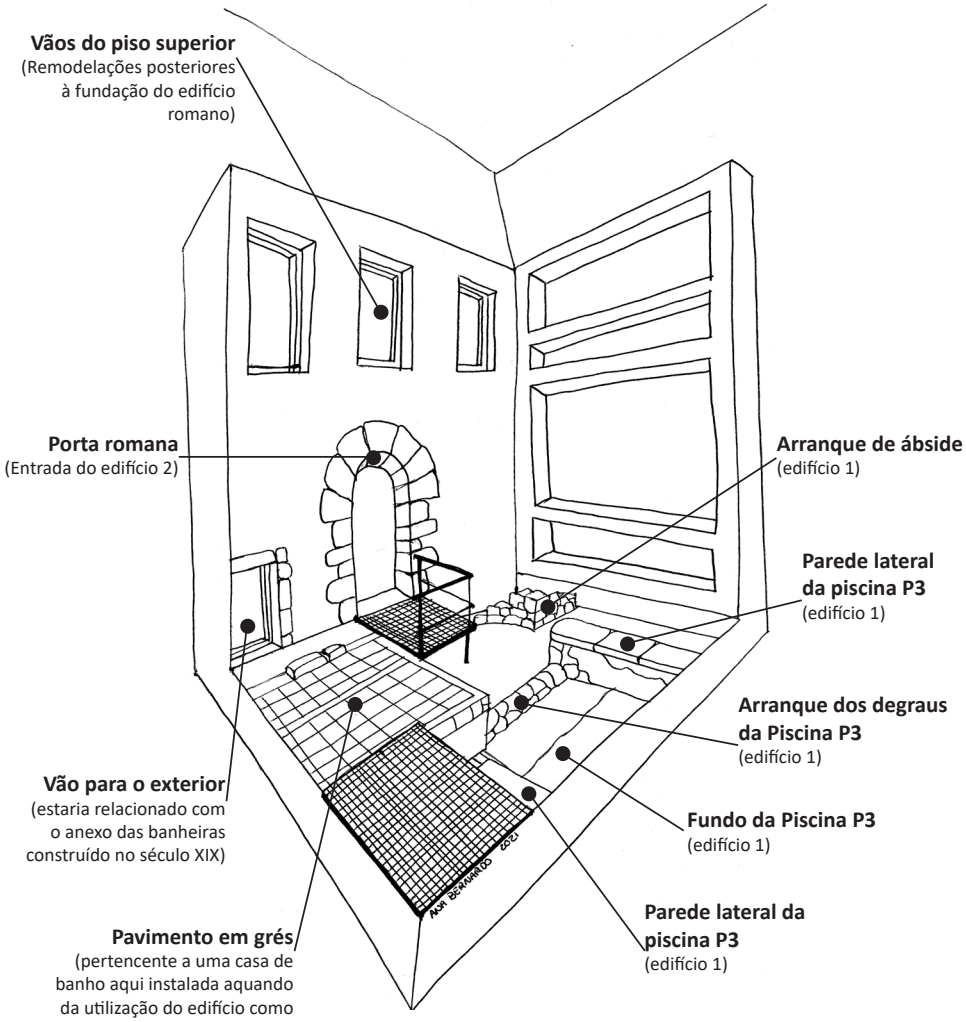

Anexo com 11 banheiras
Sala das banheiras
Tanque de arrefecimento
Cadeia
Capela de Nossa Senhora da Saúde
Casa da Câmara
Casa do Corregedor
Capela de São Martinho
Rua do Cimo de Vila
Entrada
Caminho de água
Piscinas P
Vestíbulo VS
Hospital Real séc. XIX
0 5 10m
ANA BERNARDO 2021



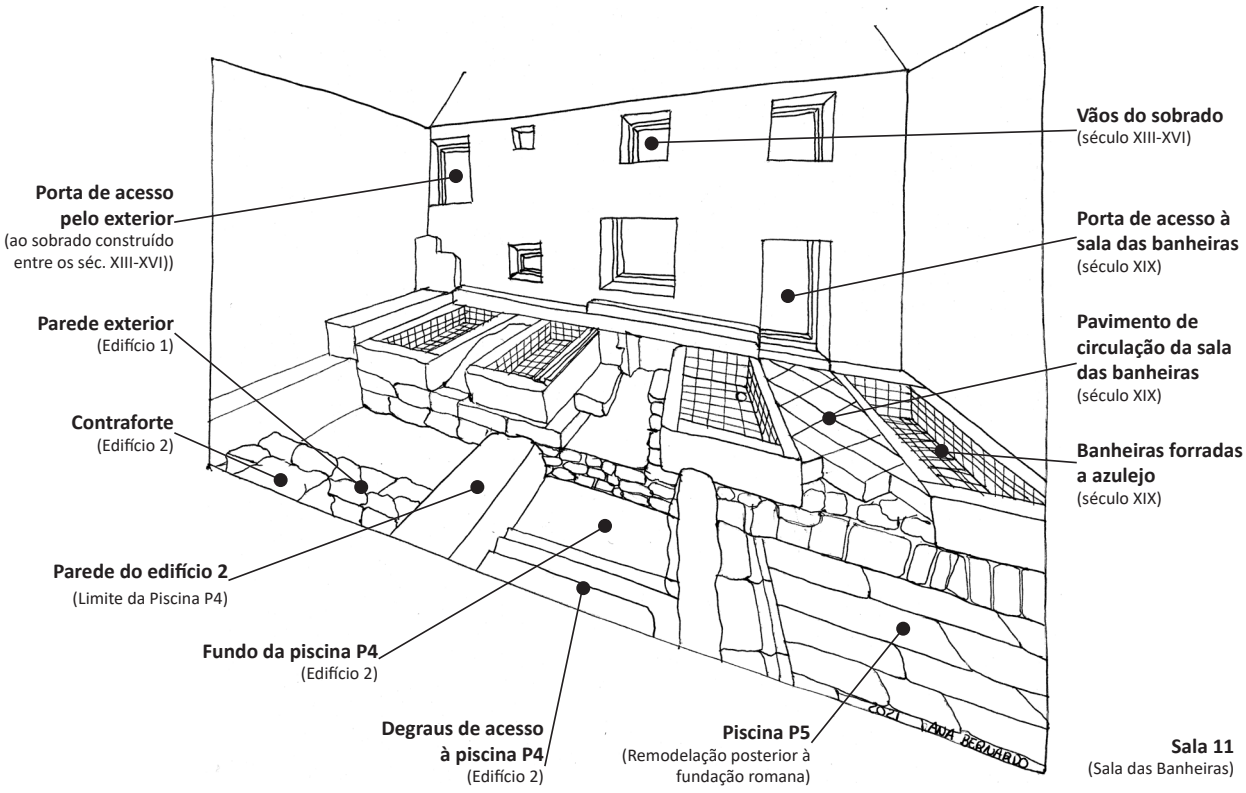
A abóbada romana de tijolo

0 4m

ANA BERNARDO 2021



Sala 9
(correspondente ao vestíbulo do edifício romano 2)



Sala 11
(Sala das Banheiras)

Referências bibliográficas

ALVES, Margarida Oliveira. "**Aquae Flaviae: A Ruína como Imagem de Cidade"**. Porto: Faup, 2015.

ALAIX, Carme Miro i. "**La arquitectura termal medicinal de época romana. Morfología y funcionalidade, in Termalismo antíguo: actas (I congresso Peninsular)".** ed. María Jesús Peréx Agorreta, Casa de Velázquez: 1997.

ALAIX, Carme Miro i; AGORRETA, J. Peréx. **"Las Termas medicinales de época romana aqruitectura al servicio de la salud y el culto"**, in "VBI AQVAE SALVS. Aguas mineromedicinales, termas curativas y culto a las aguas en la Península Ibérica (desde la Protohistoria a la Tardoantigüeda)", Madrid: Libreria UNED, 2018.

ALARCÃO, Jorge de. **"A Cidade Romana de Viseu"**. Viseu: Câmara Municipal, Coleção Estudos Viseenses, 1989.

ALARCÃO, Jorge de. **"A Lusitânia e a Galécia: Do séc. II a.C. ao séc. VI d.C.".** Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra, 2017.

ALARCÃO, Jorge de. **"História da Arte em Portugal. Do Paleolítico à Arte Visigótica".** Lisboa: Publicações Alfa, Volume 1, 1986.

ALARCÃO, Jorge de. **"Identificação das Cidades da Lusitânia Portuguesa e dos seus Territórios"**. Paris: Centre National de la Recherche Scientifique, 1990.

ALARCÃO, Jorge de. **"Portugal Romano"**. Lisboa: Verbo, 3ª Ed. Revista, 1983.

ALARCÃO, Jorge de. **"Roman Portugal: Gazether = Inventário"**. Wiltshire: Aris & Philips, 1988.

ALARCÃO, Pedro. "**Construir na ruína: A propósito da cidade romanizada de Conímbriga"**. Porto: Faup, 2009.

ALARCÃO, Pedro. **"Construir na Ruína. Entre a reconstituição e a reabilitação"**. Porto: Edições Afrontamento, 2018.

ALARCÃO, Pedro. **"O resgate do tempo"**, in "O Desenho como Mediação. As Termas Romanas de São Pedro do Sul", por João Mendes Ribeiro, Coimbra: EDARQ, 2021.

ALARCÃO, Pedro. **"O traçado oculto da cidade romana de Tongobriga"**, in "Tongobriga. Reflexões sobre o seu desenho urbano", 2014, p. 25-29.

ALMEIDA, F. Ferreira. **"Thermas de S. Pedro do Sul (Caldas de Lafões)"**, Porto, 1930.

ALVES, Margarida Oliveira. **"Aquae Flaviae: a ruína como imagem de cidade"**. Dissertação de Mestrado apresentada à Faculdade de Arquitectura da Universidade do Porto. Porto: Edição do Autor, 2015.

ÂNGELO, Rodolfo António dos Reis. **"A autenticidade na conservação e salvaguarda do património arquitectónico / Arquitectura termal em Portugal: o caso de S. Pedro do Sul".** Dissertação para a obtenção de Grau Mestre em Construção e Reabilitação. Lisboa: Instituto Superior Técnico, 2014.

ARAGÃO, Maximiniano Pereira da Fonseca e. **"Vizeu: apontamentos históricos"**. Viseu: Typographia Popular de Henrique Francisco Leruca, 1894-1895.

AZEVEDO, Correia de. **"Lafões"**, Amares: [s.n.], 1958.

BORGES, Nuno Miguel, **"Termas Romanas de São Pedro do Sul"**, Wilco Art Books, 2021.

BRANDÃO, Domingos de Pinho. **"Arqueologia Lafonense. Inscrições Romanas do Balneum de Lafões"**. in Beira Alta. edição, pp. 227-264 Viseu: J.P, 1959.

CAPITEL, Antón. **"Metamorfosis de monumentos y teorías de la restauración"**. 2ª edição revisada e ampliada. Madrid: Alianza, 2009.

CARRIÇO, Ana Patrícia. **"Metamorfoses do Espaço Termal: O Caso das Termas de S. Pedro do Sul".** Tese para obtenção do grau de Doutor em Arquitectura, Departamento de Engenharia Civil

e Arquitectura, Faculdade de Engenharia, Universidade da Beira Interior, Covilhã, 2013.

CHOISY, Auguste, "**L´art de batir chez les Romains"**, Paris: Ducher, 1873.

CORREIA, A. Mendes. **"Os Povos Primitivos da Lusitânia (Geografia, Arqueologia, Antroplogia)"**. Porto: Tipografia Sequeira Lda, 1924.

CORTEZ, F. Russel. **"Da Terra Sigillata Tardia Encontrada em Portugal"**, in "Beira Alta", Vol. 10, pp. 23-25, Viseu: J.P, 1951.

ESCOLA DE ARCOZELO - S. Pedro do Sul; NUNES, Maria do Carmo Cruz Ribeiro, ed. lit.; ROCHA, Maria Manuela Freitas Marques da, ed. lit. **"Terras pequenas com história: Arcozelo, Termas, Bandulha, S. Macário, Pena, Fujaco, S. Pedro do Sul"**. Viseu: Deficoop, 1994.

FIGUEIREDO, Cristóvão Moreira de. "**As Termas de S. Pedro do Sul"**. in "Actas e Memórias do I Congresso Nacional de Arqueologia realizado em Lisboa de 15 a 20 de Dezembro de 1958, em homenagem a Doutor José Leite de Vasconcelos", pp. 57-68, Lisboa: Inst. de Alta Cultura, 1959-60.

FIGUEIREDO, Cristóvão Moreira de. **"Arqueologia Lafonense"**. in "Beira Alta". vol. 17, pp.354-389, Viseu: J.P, 1958.

FIGUEIREDO, Cristóvão Moreira de. "As termas de S. Pedro do Sul" in "Actas e Memórias do I Congresso Nacional de Arqueologia realizado em Lisboa de 15 a 20 de Dezembro de 1958", 1958.

FIGUEIREDO, Cristóvão Moreira de. **"Subsídios para o estudo da viação romana das Beiras"**. 12 (1). pp. 2763; 153-207, Viseu: J.P, 1953.

FRADE, Helena. **"As Termas Medicinais da Época Romana em Portugal"**. in "Actas do II Congresso Peninsular de História Antiga". Coimbra: Inst. de Estudos Clássicos e Inst. de Arqueologia da Fac. Letras, 1990.

FRADE, Helena. **"Um Olhar sobre o Balneário Romano"**. in "Um Olhar sobre as Termas de S.Pedro do Sul". pp. 47-52, São Pedro do Sul: Clube "O cebolinha", 1999.

FRADE, Helena; MOREIRA, José Beleza. **"A Arquitetura das Termas Romanas de S. Pedro do Sul"**. *in* "Separata da revista da Facultad de Geografia e Historia: *Espacio, Tiempo y Forma",* Serie II, H.ª ANTIGUA, pp. 515-544, t. v. Viseu: Câmara Municipal, 1993.

GIRÃO, Aristides de Amorim. "**Antiguidades Pré-históricas de Lafões. Contribuição para o estudo da arqueologia de Portugal"**, Coimbra: Imprensa da Universidade, 1921.

LANCASTER, Lynne C. **"Auguste Choisy and the Economics of Roman Construction"**, In "*Javier Girón, Santiago Huerta (eds), August Choisy (1841-1909) l'architecture et l'art de bâtir: (actas del Simposio Internacional celebrado en Madrid, 19-20 de novembro de 2009)".* pp. 307-328, 2009.

LANCASTER, Lynne C. **"Vaulting Ribs of Armchair Voussoirs"**,

LANHAS, Fernando; BRANDÃO, Domingos de Pinho. **"Inventário de objetos e lugares com interesse arqueológico"**. Porto: Junta Distrital, 1965.

LEAL, Augusto Soares d'Azevedo Barbosa de Pinho. **"Portugal Antigo e Moderno"**. Vol. 1. Lisboa: Ed. Mattos Moreira, 1873.

LEAL, Carlos Melo. **"Pelas Termas de Lafões: Conferência"**. Lisboa: Centro Tip. Colonial, 1936.

LEÃO, Ana Margarida Cleto. **"Cidade Romana de Tongobriga. Contributos para a sua conservação e Intelegibilidade"**. Dissertação de Mestrado Integrado apresentada à Faculdade de Arquitectura da Universidade do Porto, Porto: Edição do Autor, 2012.

MACIEL, Justino. **"Vitrúvio: Tratado de Arquitectura"**. Trad. M. Justino Maciel. 3ª Edição. Lisboa: Instituto Superior Técnico, 2009.

MARQUES, A. H. de Oliveira. **"Nova História de Portugal"**. Direcção de A. H. de Oliveira Marques

e Joel Serrão. Portugal das Origens à Romanização. Coordenação de Jorge de Alarcão. Volume 1. 1ª Edição. Lisboa: Editorial Presença, 1990.

MARQUES, Jorge Adolfo. **"Lafões – História e Património"**. Viseu: Edições Esgotadas, 2014.

MARQUES, Jorge Adolfo de Meneres. **"Carta Arqueológica do Concelho de Vouzela"**. Edição da Câmara Municipal de Vouzela, 1999.

MOREIRA, José Beleza. **"Acções de Emergência e de Recuperação do Serviço Regional de Arqueologia da Zona Centro: Termas de S. Pedro do Sul (Várzea de S. Pedro do Sul)"**. in "Actas das IV Jornadas Arqueológicas (1990)". Lisboa: Associação dos Arqueólogos Portugueses, 1991.

MOURO, Manuel Barros. **"A Região de Lafões (Subsídios para a sua história)"**, Coimbra: Coimbra Editora, 1996.

OLIVEIRA, A. Nazaré. **"Termas de S. Pedro do Sul (Antigas Caldas de Lafões)"**. Viseu: Palimagem Editora, 2002.

ORTIGÃO, Ramalho. "**Banhos de Caldas e Águas Mineirais"**. Porto: Magalhães & Moniz, 1875.

PÁSCOA, Daniela Bento. **"Termas Romanas de S. Pedro do Sul: Relatório do Projecto da Tese de Mestrado para a obtenção do grau de Mestre em Arquitectura"**, Orientação Prof. Doutora Ana Pinho e Coorientação Prof. Doutor João Mendes Ribeiro, Coimbra: Universidade Católica das Beiras, Centro Regional das Beiras, 2014.

PINTO, J. Marcelo Mendes; REIS, Maria Pilar.**"Os banhos romanos de S. Pedro do Sul"**, in I Jornadas de Arqueologia Vouzela-Lafões, 14 a 16 de novembro de 2019.

PINTO, J. Marcelo Mendes; REIS, Maria Pilar. **"Valorização, conservação e reabilitação das Termas Romanas de São Pedro do Sul _ Trabalhos Arqueológicos 2017/2018 _ Relatório Final"**. Fronteira das Palavras, junho de 2019.

RAPOSO, Jorge. **"Sítios Arqueológicos Visitáveis em Portugal"**. Almada: Almadan, 2ªSérie, 2001.

REAL, Manuel Luís. **"O Castro de Baiões terá servido de atalaia ou castelo na Alta Idade Média: sua provável relação com o refúgio de Bermudo Ordones na Terra de Lafões"**, in Revista da Faculdade de Letras, Ciência e Técnicas do Património: Vol. XII, pp. 213-230, Porto: Citcem, 2013.

REAL, Manuel Luís; CARVALHO, António Faustino; TENTE, Catarina. **"Projeto de estudo do património histórico-arqueológico de vouzela (viseu): objetivos e primeiros resultados"**. in "Arqueologia em Portugal / 2017 - O Estado da Questão", pp.113-123, Associação dos Arqueólogos Portugueses: Greca – Artes Gráficas, Lda, 2017.

REIS, Maria Pilar Miguel dos. **"De Lvsitaniae Vrbivm Balneis: Estudo sobre as termas e balneários das cidades da Lusitânia"** [recurso eletrónico], Dissertação de doutoramento em Arqueologia apresentada à Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, Orientação de Maria da Conceição Lopes, Coimbra: Edição do Autor, 2014.

RIBEIRO, João Mendes. "**Projeto de valorização, reabilitação e conservação das Termas Romanas de São Pedro do Sul. Programa de trabalhos, metodologia e conceito de intervenção"**. in "*Boletim Cultural Vila Nova de Famalicão"*, III série, nº6/7, pp. 125-134, Câmara Municipal de Vila Nova de Famalicão: SerSilito - Maia, 2010/2011.

RIBEIRO, João Mendes, **"Termas de S. Pedro do Sul. Memória descritiva"**, 2016.

RIBEIRO, João Mendes, "**João Mendes Ribeiro: 2003-2016"**, Uzina Books: 2016.

ROCHA, Charles. "Centro cívico de Tongobriga: contributos para a sua reconstituição conjectural". Dissertação de Mestrado apresentada à Faculdade de Arquitectura da Universidade do Porto, Orientação de Pedro Duarte Santos de Alarcão e Silva, Porto : Faup, 2011.

SERRÃO, Joel; MARQUES, A. H. de Oliveira, **"Nova História de Portugal"**. Editorial Presença: Lisboa, 1990 a 2002.

ROCHA, Charles; DIAS, Lino Tavares; ALARCÃO, Pedro. **"Tongobriga: Reflexões sobre o seu desenho urbano"**. Porto: Edições Afrontamento, 2015.

SANTOS, Eduardo dos. **"As Termas de S. Pedro do Sul. Achegas para a sua história"**. in Separata da revista "Beira Alta". Viseu: [s.n.], 1967.

SANTOS, Eduardo dos. **"As Termas de S. Pedro do Sul. (ACHEGAS PARA A SUA HISTÓRIA)"**. *in* Separata da revista "*Beira Alta*". S. Pedro do Sul: Edição da Câmara Municipal, 1972.

SÃO PEDRO DO SUL. Câmara Municipal. ed. lit. **"S. Pedro do Sul: Termas, Natureza e Património"**. S. Pedro do Sul: Município, 2013.

SERRA, Sara Marques. **"A cidade romana de Viseu. A memória do passado como suporte da cidade do presente"**. Dissertação de Mestrado apresentada à Faculdade de Arquitectura da Universidade do Porto. Porto: Faup, 2018.

SILVA, Armando Coelho. "**A Cultura Castreja no Noroeste Peninsular**". in "Revista de Guimarães", Volume Especial, I, pp. 111-132, Guimarães: Casa de Sarmento, Centro de Estudos do Património - Universidade do Minho, 1999.

SILVA, Paula Araújo Pereira da. **"As Termas romanas de Bracara Augusta"**. Porto: Faup Publicações, 2002.

S/autor. **"Termas de S. Pedro do Sul: Antigas Caldas de Lafões e da Rainha D. Amélia"**. São Pedro do Sul: Edição da Comissão de Iniciativa e Turismo das Termas de S. Pedro do Sul, 1936.

TRINTA, Almeida. **"Thermas Rainha D. Amélia"**. São Pedro do Sul: Pap. e Typ. da Casa Moderna, 1910.

VALE, Alexandre Lucena e. **"Antiguidades do Banho de S. Pedro do Sul"**. in Beira Alta. 8:4, pp.435-437, Viseu: [s.n.], 1949.

VALGODE, José. **"Lafões é meu reino: Poesia"**. Viseu: NOVELgráfica, 1947.

VAZ, João Luís Inês, **"A civitas de Viseu: Espaço e Sociedade"**, Volumes 1 e 2, Coimbra: Comissão de Coordenação da Região Centro, 1997.

VAZ, João Luís Inês, **"Organização espacial castreja na civitas de Viseu"**, Universidade Católica Portuguesa, Departamento de Letras, 1996, p. 158.

ZUMTHOR, Peter, **"Atmosferas"**, Barcelona: Editorial Gustavo Gili, 2006.

Sítios

- **SIPA** (http://www.monumentos.gov.pt/Site/APP_PagesUser/SIPA.aspx?id=4294), consultado no dia 14 de dezembro de 2018.
- **Vias romanas** (www. viasromanas.pt).

Index de imagens

Figuras

Figura 1: Pormenor da fachada norte do edifício das termas romanas de São Pedro do Sul - relação de encaixe entre as pedras da intervenção de JMR e o edifício romano.

Fotografia original da autora, outubro de 2019.

Figura 2: Vista da fachada norte do complexo.

Fotografia original da autora, novembro de 2020.

Figura 3: Pormenor da fachada nascente do complexo.

Fotografia original da autora, outubro de 2019.

Figura 4: Fonte e Spelonche dÉgeria fuor della porta Capena, Giovanni Battista Piranesi, (1720–1778).

https://www.invaluable.com/auction-lot/giovanni-battista-piranesi-veduta-delle-fonte-e-d-3122-c-5ff4737b54.

Figura 5: Interior do interior do Templo de Diana, Nimes, Hubert Robert (1771).

https://www.museothyssen.org/en/conectathyssen/gigathyssen/interior-temple-diana-nimes

Figura 6: "Baines de Diane a Nimes", estudo da construção da abóbada do Templo de Nimes, França, Auguste Choisy (1876).

Auguste Choisy, L´art de bâtir chez les Romains", Paris: Ducher, 1873, Table XVI, p. 130.

Figura 7: Casa da Câmara do Antigo Concelho do Banho, desenho da Rainha D. Amélia.

Nazaré Oliveira, "Termas de S. Pedro do Sul (Antigas Caldas de Lafões)", Edição Palimage Editores, 2002, p. 81.

Figura 8: Ruínas do Caldarium das Termas Estabianas, Pompeia.

Fotografia original de Álvaro Pérez Vilariño (https://www.flickr.com/photos/divesgallaecia/4531060541).

Figura 9: Termas romanas das Caldas de Montbui, Barcelona.

https://www.catalunya.com/caldes-de-montbui-2-1-80333(imatges:album).

Figura 10: "As Caldas de São Pedro do Sul", ilustração de Manuel Raymundo Valladas, 1884, com a "Senhora do Castelo ao fundo e o balneário romano em baixo, à esquerda.

Desenho original de Manuel Raymundo Valladas, publicado em "O Ocidente", de 21-9-1884.

Figuras 11 e 12: Estruturas na encosta de Ferreiros, possivelmente pertencentes ao Castro do Banho, na encosta de Ferreiros, fotografias de 2021.

Fotografias originais da autora, 2021.

Figuras 13 e 14: Vestígio da Calçada romana do Vau na margem direita do rio Vouga, no percurso entre as termas e Vouzela.

Fotografias originais da autora, 2019.

Figura 15: Vista da Calçada romana do Vau a partir do lado oposto do rio Vouga.

Fotografia original da autora, 2019.

Figuras 16 e 17: Estrutura que sofreu, ao longo dos tempos, inúmeras modificações, vulgarmente conhecida como "nascente tradicional", junto do Balneário Rainha D. Amélia.

Fotografias originais da autora, 2019.

Figura 18: Placa monumental a Aulo Pláucio Dedano Aquam, encontrada durante as escavações arqueológicas, fotografia de 1956.

http://www.monumentos.gov.pt/Site/APP_PagesUser/SIPAArchives.aspx?id=092910cf-8eaa-4aa2-96d9-994cc361eaf1&nipa=IPA.00004294.

Figuras 19 e 20: Cipo a Mercúrio encontrado durante as escavações arqueológicas, fotografias de 1956.

http://www.monumentos.gov.pt/Site/APP_PagesUser/SIPAArchives.aspx?id=092910cf-8eaa-4aa2-96d9-994cc361eaf1&nipa=IPA.00004294.

Figuras 21 e 22: Cipo a Mercúrio no centro da piscina romana exterior, escavações arqueológicas, fotografias de 1958.

http://www.monumentos.gov.pt/Site/APP_PagesUser/SIPAArchives.aspx?id=092910cf-8eaa-4aa2-96d9-994cc361eaf1&nipa=IPA.00004294.

Figuras 23 e 24: Piscina de D. Afonso Henriques e respetivo pavimento em lajes de granito.

http://www.monumentos.gov.pt/Site/APP_PagesUser/SIPAArchives.aspx?id=092910cf-8eaa-4aa2-96d9-994cc361eaf1&nipa=IPA.00004294.

Figura 25: Interior da sala da Piscina de D. Afonso Henriques, 1935.

http://www.monumentos.gov.pt/Site/APP_PagesUser/SIPAArchives.aspx?id=092910cf-8eaa-4aa2-96d9-994cc361eaf1&nipa=IPA.00004294.

Figuras 26 e 27: Porta medieval das termas de São Pedro do Sul (à esquerda) e Capela de

São Martinho, fotografia de 1957.

http://www.monumentos.gov.pt/Site/APP_PagesUser/SIPAArchives.aspx?id=092910cf-8eaa-4aa2-96d9-994cc361eaf1&nipa=IPA.00004294.

Figuras 28 e 29: Vista do portal medieval (1975) e ajimez reaproveitado na fachada tardoz da Capela de São Martinho (1956).

http://www.monumentos.gov.pt/Site/APP_PagesUser/SIPAArchives.aspx?id=092910cf-8eaa-4aa2-96d9-994cc361eaf1&nipa=IPA.00004294.

Figura 30: Planta do balneário em 1696. Representação de António Nazaré Oliveira sobre a planta original de António Pires da Silva.

A.Nazaré Oliveira, "Termas de S. Pedro do Sul (Antigas Caldas de Lafões)", Edição Palimage Editores, 2002, p. 51.

Figuras 31 e 32: Cabeceira da Capela de Nossa Senhora da Saúde (1954) e fachada este, onde se fazia o acesso ao interior da mesma (1958).

http://www.monumentos.gov.pt/Site/APP_PagesUser/SIPAArchives.aspx?id=092910cf-8eaa-4aa2-96d9-994cc361eaf1&nipa=IPA.00004294.

Figura 33: "Planta do Hospital Nascente e vezinhanças das Caldas do Banho", 1816.

https://bordalo.observador.pt/v2/q:85/rs:fill:2540:1524/c:2540:1524:nowe:0:0/plain/https://s3.observador.pt/wp-content/uploads/2021/05/21160957/planta-1816.jpeg.

Figura 34: Fachada Norte do edifício das termas romanas, à altura da utilização do avançado onde seriam instaladas 11 banheiras, 1935.

http://www.monumentos.gov.pt/Site/APP_PagesUser/SIPAArchives.aspx?id=092910cf-8eaa-4aa2-96d9-994cc361eaf1&nipa=IPA.00004294.

Figura 35: Planta de estudo do traçado da "Nova Avenida" das termas, 1888.

Planta decida para este trabalho pela Dra. Maria Pilar Miguel dos Reis.

Figura 36: Piso da galeria sobre a piscina, ainda com o mobiliário que pertenceria à escola primária (1935).
http://www.monumentos.gov.pt/Site/APP_PagesUser/SIPAArchives.aspx?id=092910cf-8eaa-4aa2-96d9-994cc361eaf1&nipa=IPA.00004294.

Figuras 37 e 38: Vistas da escadaria de acesso e respetiva galeria (1953).

http://www.monumentos.gov.pt/Site/APP_PagesUser/SIPAArchives.aspx?id=092910cf-8eaa-4aa2-96d9-994cc361eaf1&nipa=IPA.00004294.

Figura 39: Fachada norte do edifício das termas voltado para o rio Vouga (1953).

http://www.monumentos.gov.pt/Site/APP_PagesUser/SIPAArchives.aspx?id=092910cf-8eaa-4aa2-96d9-994cc361eaf1&nipa=IPA.00004294.

Figuras 40 e 41: Vistas da galeria do piso superior da sala da piscina (1953).

http://www.monumentos.gov.pt/Site/APP_PagesUser/SIPAArchives.aspx?id=092910cf-8eaa-4aa2-96d9-994cc361eaf1&nipa=IPA.00004294.

Figuras 42 e 43: Vistas da sala da piscina sem cobertura (1954).

http://www.monumentos.gov.pt/Site/APP_PagesUser/SIPAArchives.aspx?id=092910cf-8eaa-4aa2-96d9-994cc361eaf1&nipa=IPA.00004294.

Figura 44: Vista geral do edifício antigo e Balneário D. Afonso Henriques no seu lado poente (1990).

http://www.monumentos.gov.pt/Site/APP_PagesUser/SIPAArchives.aspx?id=092910cf-8eaa-4aa2-96d9-994cc361eaf1&nipa=IPA.00004294.

Figuras 45 e 46: Destruição do cunhal nas cheias de 1995.

http://www.monumentos.gov.pt/Site/APP_PagesUser/SIPAArchives.aspx?id=092910cf-8eaa-4aa2-96d9-994cc361eaf1&nipa=IPA.00004294.

Figuras 47 e 48: Primeira campanha de trabalhos arqueológicos (1956).

http://www.monumentos.gov.pt/Site/APP_PagesUser/SIPAArchives.aspx?id=092910cf-8eaa-4aa2-96d9-994cc361eaf1&nipa=IPA.00004294.

Figuras 49 e 50: Primeira campanha de escavações arqueológicas entre 1956 (à esquerda)e 1957 (à direita).

http://www.monumentos.gov.pt/Site/APP_PagesUser/SIPAArchives.aspx?id=092910cf-8eaa-4aa2-96d9-994cc361eaf1&nipa=IPA.00004294.

Figuras 51 e 52: Primeira campanha de escavações (1957).

http://www.monumentos.gov.pt/Site/APP_PagesUser/SIPAArchives.aspx?id=092910cf-8eaa-4aa2-96d9-994cc361eaf1&nipa=IPA.00004294.

Figuras 53 e 54: Vistas da sala da piscina e suporte do varandim (1975).

http://www.monumentos.gov.pt/Site/APP_PagesUser/SIPAArchives.aspx?id=092910cf-8eaa-4aa2-96d9-994cc361eaf1&nipa=IPA.00004294.

Figura 55: Vista das escavações da campanha dos anos oitenta.

http://www.monumentos.gov.pt/Site/APP_PagesUser/SIPAArchives.aspx?id=092910cf-8eaa-4aa2-96d9-994cc361eaf1&nipa=IPA.00004294.

Figuras 56 e 57: Escavação na fachada norte do edifício das termas, (1956).

http://www.monumentos.gov.pt/Site/APP_PagesUser/SIPAArchives.aspx?id=092910cf-8eaa-4aa2-96d9-994cc361eaf1&nipa=IPA.00004294.

Figura 58 e 59: Vista da fachada norte do edifício das termas e do nicho poente da sala da piscina (é visível o local das escavações anteriores) (1975).

http://www.monumentos.gov.pt/Site/APP_PagesUser/SIPAArchives.aspx?id=092910cf-8eaa-4aa2-96d9-994cc361eaf1&nipa=IPA.00004294.

Figuras 60 e 61: Vista dos contrafortes exteriores (escavações dos anos oitenta).

http://www.monumentos.gov.pt/Site/APP_PagesUser/SIPAArchives.aspx?id=092910cf-8eaa-4aa2-96d9-994cc361eaf1&nipa=IPA.00004294.

Figura 62: Escavação dos anos oitenta na envolvente entre o balneário e a Capela de São Martinho.

http://www.monumentos.gov.pt/Site/APP_PagesUser/SIPAArchives.aspx?id=092910cf-8eaa-4aa2-96d9-994cc361eaf1&nipa=IPA.00004294.

Figura 63: Planta das áreas escavadas, 1987 (levantamento pela Estereofoto, lda).

Planta cedida pela Dra Maria Pilar Miguel dos Reis para a realização do presente trabalho.

Figura 64: Planta da área escavada, 1989 (Levantamento de José Augusto A. Dias e Zé Luis Madeira).

Planta cedida pela Dra Maria Pilar Miguel dos Reis para a realização do presente trabalho.

Figura 65: Planta geral das escavações arqueológicas, 1990.

Helena Frade e José Beleza Moreira, "A arquitectura das Termas romanas de S. Pedro do Sul" in Espacio, Tiempo y Forma, Serie II, H.ª Antigua, t. V, 1992, págs. 515-544, p. 525.

Figura 66: Planta de interpretação da 1ª fase do balneário romano, Helena Frade, 1991.

Helena Frade e José Beleza Moreira, "A arquitectura das Termas romanas de S. Pedro do Sul" in Espacio, Tiempo y Forma, Serie II, H.ª Antigua, t. V, 1992, págs. 515-544, p. 526.

Figura 67: Planta de interpretação da 2ª fase do balneário romano, Helena Frade, 1991.

Helena Frade e José Beleza Moreira, "A arquitectura das Termas romanas de S. Pedro do Sul" in Espacio, Tiempo y Forma, Serie II, H.ª Antigua, t. V, 1992, págs. 515-544, p. 534.

Figura 68: Planta de interpretação do edifício do século I, Helena Frade, 2005.

Planta cedida pela Dra Maria Pilar Miguel dos Reis para a realização do presente trabalho.

Figura 69: Planta de interpretação da primeira fase do balneário romano, Jorge de Alarcão, 2017.

Planta cedida pela Dra Maria Pilar Miguel dos Reis para a realização do presente trabalho.

Figura 70: Planta de interpretação da segunda fase do balneário romano, Jorge de Alarcão, 2017.

Planta cedida pela Dra Maria Pilar Miguel dos Reis para a realização do presente trabalho.

Figura 71: Planta hipotética do edifício dos banhos de Murcia.

In "El balneario de fortuna a través de las épocas. Estado de la cuestión", in Matilla Séiquer, G, «Baños Romanos de Fortuna. Historia, Estado de la Cuestión y Perspectivas de Futuro», Arqueomurcia 2, Murcia 2005. p, 170.

Figura 72: Fonte junto ao balneário Rainha Dona Amélia.

Fotografia original da autora.

Figura 73: Planta das termas de Alange (segundo Carme Miro i Alaix, 2018).

In ALAIX, Carme Miro i; AGORRETA, J. Peréx, "Las Termas medicinales de época romana aqruitectura al servicio de la salud y el culto", in "VBI AQVAE SALVS. Aguas mineromedicinales, termas curativas y culto a las aguas en la Península Ibérica (desde la Protohistoria a la Tardoantigüeda), Madrid: Libreria UNED, 2018, p. 161.

Figura 74: Planta das Caldas de Montbui (segundo Carme Miro i Alaix, 2018).

In ALAIX, Carme Miro i; AGORRETA, J. Peréx, "Las Termas medicinales de época romana aqruitectura al servicio de la salud y el culto", in "VBI AQVAE SALVS. Aguas mineromedicinales, termas curativas y culto a las aguas en la Península Ibérica (desde la Protohistoria a la Tardoantigüeda), Madrid: Libreria UNED, 2018, p. 161.

Figuras 75 e 76: Condutas de pedra de abastecimento das piscinas (1956).

http://www.monumentos.gov.pt/Site/APP_PagesUser/SIPAArchives.aspx?id=092910cf-8eaa-4aa2-96d9-994cc361eaf1&nipa=IPA.00004294.

Figuras 77 e 78: Condutas de pedra de abastecimento das piscinas (1956).

http://www.monumentos.gov.pt/Site/APP_PagesUser/SIPAArchives.aspx?id=092910cf-8eaa-4aa2-96d9-994cc361eaf1&nipa=IPA.00004294.

Figura 79: Vista do cunhal e fachada norte do edifício antigo (1975).

http://www.monumentos.gov.pt/Site/APP_PagesUser/SIPAArchives.aspx?id=092910cf-8eaa-4aa2-96d9-994cc361eaf1&nipa=IPA.00004294.

Figura 80: Vista geral sobre o edifício das termas romanas de São Pedro do Sul (2005).

Fotografias originais de João Mendes Ribeiro, cedidas para o presente estudo.

Figuras 81 e 82: Vistas da envolvente das termas romanas de São Pedro do Sul (2005).

Fotografias originais de João Mendes Ribeiro, cedidas para o presente estudo.

Figuras 83 e 84: Vista do altar da Capela de Nossa Senhora da Saúde e volume poente (fachada romana) (2005).

Fotografias originais de João Mendes Ribeiro, cedidas para o presente estudo.

Figuras 85 e 86: Vistas do suporte do varandim na sala da piscina romana e vista das banheiras individuais do século XIX, revestidas com azulejo (2005).

Fotografias originais de João Mendes Ribeiro, cedidas para o presente estudo.

Figura 87: Vista da natatio (2005).

Fotografias originais de João Mendes Ribeiro, cedidas para o presente estudo.

Figuras 88 e 89: Vista da Capela de São Martinho e do tanque coberto, no lado poente do edifício (2005).

Fotografias originais de João Mendes Ribeiro, cedidas para o presente estudo.

Figura 90: Planta das sondagens arqueológicas (2017/2018).

Maria Pilar Reis e José Marcelo Mendes Pinto, Valorização Conservação e Reabilitação das Termas Romanas de São Pedro do Sul, Trabalhos Arqueológicos 2017/2018, Relatório Final, 2019, p.116.

Figura 91: Interior da Capela de Nossa Senhora da Saúde no decorrer das sondagens arqueológicas (2017/2018).

Figura 92: Trabalhos arqueológicos no decorrer da obra de Conservação, valorização e reabilitação das termas romanas de São Pedro do Sul (2017).

http://www.monumentos.gov.pt/Site/APP_PagesUser/SIPAArchives.aspx?id=092910cf-8eaa-4aa2-96d9-994cc361eaf1&nipa=IPA.00004294.

Figura 93: Trabalhos arqueológicos no decorrer da obra de Conservação, valorização e reabilitação das termas romanas de São Pedro do Sul (2017).

http://www.monumentos.gov.pt/Site/APP_PagesUser/SIPAArchives.aspx?id=092910cf-8eaa-4aa2-96d9-994cc361eaf1&nipa=IPA.00004294.

Figura 94: Trabalhos arqueológicos no decorrer da obra de Conservação, valorização e reabilitação das termas romanas de São Pedro do Sul (2017).

http://www.monumentos.gov.pt/Site/APP_PagesUser/SIPAArchives.aspx?id=092910cf-8eaa-4aa2-96d9-994cc361eaf1&nipa=IPA.00004294.

Figura 95: Vista do espaço exterior entre a natatio e as colunas.

Fotografia original da autora.

Figura 96: Estruturação dos vestígios de Tongobriga e definição do seu traçado, Charles Rocha, 2014.

In Charles Rocha, "Tongobriga. Reflexões sobre o seu desenho urbano", Porto: Edições Afrontamento, 2014, p. 97.

Figura 97: A centuriação da Veiga de Chaves, Margarida Alves, 2015.

In Margarida Alves, "Aquae Flaviae: a ruína como imagem de cidade", Faup: 2015, p. 212.

Figura 98: Musealização da área arqueológica da Praça Nova do Castelo de São Jorge, 2010, João Luís Carrilho da Graça.

Fotografia original de Fernando Guerra e Sergio Guerra, (https://www.archdaily.com.br/br/01-20123/musealizacao-da-area-arqueologica-da-praca-nova-do-castelo-de-s-jorge-joao-luis-carrilho-da-graca/20123_20134?next_project=no).

Figura 99: Musealização da área arqueológica da Praça Nova do Castelo de São Jorge, 2010, João Luís Carrilho da Graça.

Fotografia original de Fernando Guerra e Sergio Guerra, (https://www.archdaily.com.br/br/01-20123/musealizacao-da-area-arqueologica-da-praca-nova-do-castelo-de-s-jorge-joao-luis-carrilho-da-graca/cast_232afgsg-copiar).

Figura 100: Musealização da área arqueológica da Praça Nova do Castelo de São Jorge, 2010, João Luís Carrilho da Graça – interior da nova estrutura.

Fotografia original de Fernando Guerra e Sergio Guerra, (https://www.archdaily.com.br/br/01-20123/musealizacao-da-area-arqueologica-da-praca-nova-do-castelo-de-s-jorge-joao-luis-carrilho-da-graca/cast_250afgsg-copiar).

Figuras 101 e 102: Vestígios conservados do topo norte da piscina P3. À esquerda os negativos dos degraus no muro lateral e à direita a conduta de escoamento (2019). ista do espaço exterior entre a natatio e as colunas.

Fotografias originais da autora.

Figuras 103 e 104: Vestígios do arranque da abside (2019) e elementos do pórtico jónico (2021).

Fotografias originais da autora.

Figura 105: Fundação da parede poente do edifício tiberiano sob contraforte flaviano (2021).

Fotografia original da autora.

Figuras 106 e 107: Degraus sul da piscina P3, descobertos nos trabalhos arqueológicos de 2017/2018.
Fotografias cedidas pela Dra Maria Pilar Miguel dos Reis para a realização do presente trabalho.

Figura 108: Alinhamento original da lateral da natatio (2005).

Fotografia original de João Mendes Ribeiro, cedida para o presente estudo.

Figura 109: Piscina A de Chaves, por Margarida Alves.

In Margarida Alves, Aquae Flaviae: a ruína como imagem de cidade, 2015, p. 178.

Figura 110: Interpretação de coluna romana - José Luís Madeira.

In Margarida Alves, Aquae Flaviae: a ruína como imagem de cidade, 2015, p. 178.

Desenho cedido pela Dra Maria Pilar Miguel dos Reis para a realização do presente trabalho.

Figura 111: Cruzeiro com os tambores das colunas do balneário romano.

Fotografia original da autora:

Figura 112: : Arco medieval da ponte de fundação romana sobre o rio Vouga.

Fotografia original da autora.

Figura 113: Ponte romana na Avenida da Ponte Velha.

Fotografia original da autora.

Figura 114: Contrafortes da parede poente.

http://www.monumentos.gov.pt/Site/APP_PagesUser/SIPAArchives.aspx?id=092910cf-8eaa-4aa2-96d9-994cc361eaf1&nipa=IPA.00004294.

Figura 115: Porta romana na fachada norte. onte romana na Avenida da Ponte Velha.

Fotografia original da autora.

Figura 116: Porta romana de acesso à sala da piscina P4.

http://www.monumentos.gov.pt/Site/APP_PagesUser/SIPAArchives.aspx?id=092910cf-8eaa-4aa2-96d9-994cc361eaf1&nipa=IPA.00004294.

Figura 117: Modulação da piscina B Modulação da piscina B de Chaves, por Margarida Alves.

In Margarida Alves, Aquae Flaviae: a ruína como imagem de cidade, 2015, p. 178.

Figura 118: Piscina das termas romanas das Caldas de Montbui, Barcelona.

https://www.catalunya.com/caldes-de-montbui-2-1-80333(imatges:album).

Figura 119: Condutas de abastecimento da piscina romana.

Fotografia original da autora.

Figura 120: Pormenor da construção da parede de pedra com fiadas de tijolo (2019).

Fotografia original da autora.

Figura 121: Arranques da abóbada romana na parede oeste da sala da piscina P2 (Helena Frade, 1992).

In Helena Frade e José Beleza Moreira, "A arquitectura das Termas romanas de S. Pedro do Sul" in Espacio, Tiempo y Forma, Serie II, H.ª Antigua, t. V, 1992, págs. 515-544, p. 541.

Figura 122: Negativo da curvatura da abóbada, Helena Frade, 1992.

In Helena Frade e José Beleza Moreira, "A arquitectura das Termas romanas de S. Pedro do Sul" in Espacio, Tiempo y Forma, Serie II, H.ª Antigua, t. V, 1992, págs. 515-544, p. 540.

Figura 123: Perfil do arranque da abóbada, Helena Frade, 1992.

Helena Frade e José Beleza Moreira, "A arquitectura das Termas romanas de S. Pedro do Sul" in

Espacio, Tiempo y Forma, Serie II, H.ª Antigua, t. V, 1992, págs. 515-544, p. 535.

Figura 124: Estudo da construção das abóbadas com reforço em arcos de tijolo, Auguste Choisy.

Lynne Lancaster, "Auguste Choisy and the Economics of Roman Construction", p.313.

Figura 125: Arranque de arco em tijolo, 2005.

Fotografia original de João Mendes Ribeiro, cedida para o presente estudo.

Figura 126: Escada de acesso à piscina P4.

Fotografia original da autora.

Figura 127: Vista do púlpito na Capela de Nossa Senhora da Saúde.

Fotografia original da autora.

Figura 128: Templo Malatestiano, Rimini, Alberti.

https://media.cheggcdn.com/media/749/749270b3-96c1-4aeb-a73c-6a1c6859127e/leon_battista_alberti__s_francesco__rimini__exterior_designed_1450-14962189C2D0A3334BD.jpg

Figura 129: Intervenção da DGEMN na Igreja de São Martinho de Mouros.

https://www.revistapunkto.com/2011/09/a2-dgemn-1929-1960-destruicao-como.html.

Figura 130: Interior da piscina dita Afonsina, Frederico George.

http://www.monumentos.gov.pt/Site/APP_PagesUser/SIPAArchives.aspx?id=092910cf-8eaa-4aa2-96d9-994cc361eaf1&nipa=IPA.00004294.

Figura 131: Casa dos Repuxos, Conímbriga.

http://ww3.aeje.pt/avcultur/avcultur/Postais2/Conimbriga/027_Conimbriga.jpg

Figura 132: Reposição da altura das colunas no teatro romano de Mérida.

https://th.bing.com/th/id/R.83c616b35c9db3f0d9608fa5a35b6555?rik=DZ%2ftbSap5tQwoA&pid=ImgRaw&r=0

Figura 133: Vista sobre o teatro romano de Sagunto (após o projeto de reabilitação).

https://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/9/90/Teatro_romano_de_Sagunto.jpg.

Figura 134: Representação axonométrica do projeto inicial (2005).

Desenho original de Sérgio Braga Cruz (https://sergiobragadacruz.files.wordpress.com/2018/05/20160923-0501-pub-termas-desenhos-axonometria.jpg).

Figura 135: Representação axonométrica da intervenção executada.

Desenho original de João Mendes Ribeiro, cedido para o presente estudo.

Figura 136: Esquisso da envolvente próxima ao edifício das termas romanas, João Mendes Ribeiro.

In João Mendes Ribeiro, "João Mendes Ribeiro: 2003-2016", Uzina Books, 2016 - Separata sobre as termas romanas de São Pedro do Sul.

Figura 137: Vista a partir do jardim junto à Capela de São Martinho (2020).

Fotografia original da autora.

Figura 138: Vista do lado poente do edifício para o rio (2020).

Fotografia original da autora.

Figura 139: Planta do arranjo exterior do projeto de conservação, valorização e conservação.

Planta original do projeto de arquitetura do Atelier João Mendes Ribeiro, cedido para o presente estudo.

Figura 140: Muro evocativo da espacialidade do pórtico jónico romano (2019).

Fotografia original da autora.

Figura 141: Acesso à Capela de São Martinho, atarvés da zona envolvente à natatio (2019).

Fotografia original da autora.

Figura 142: Recolocação da altura original das colunas, por anastilose (2019).

Fotografia original da autora.

Figuras 143 e 144: : Reconstrução dos degraus norte e repavimentação da *natatio* em *opus signinum* (2020) e plataforma de acesso ao edifício (2021).

Fotografias originais da autora.

Figura 145: Vista sobre o cunhal reconstruído.

https://viseunow.sapo.pt/eertenas/2020/05/101010293_1690050797830662_8957113029762220032_o.jpg.

Figura 146: Esquisso da intervenção na fachada nascente do edifício, João Mendes Ribeiro:.

Desenho original de João Mendes Ribeiro, in Nuno Miguel Borges, "Termas Romanas de São Pedro do Sul", Wilco Art Books, 2021.

Figura 147: Fachada nascente do edifício das termas, levantamento dos anos 90.

http://www.monumentos.gov.pt/Site/APP_PagesUser/SIPAArchives.aspx?id=092910cf-8eaa-4aa2-96d9-994cc361eaf1&nipa=IPA.00004294.

Figura 148: Fachada nascente do edifício romano e corte pela *natatio*, Perfil do projeto de arquitetura, com a proposta de construção (a vermelho) e de demolição (a amarelo), João Mendes Ribeiro.

Desenho original do projeto de arquitetura do Atelier João Mendes Ribeiro, cedido para o presente estudo.

Figuras 149: Fachada norte do edifício, levantamento dos anos 90.

http://www.monumentos.gov.pt/Site/APP_PagesUser/SIPAArchives.aspx?id=092910cf-8eaa-4aa2-96d9-994cc361eaf1&nipa=IPA.00004294.

Figura 150: Fachada Norte do edifício romano (projeto de arquitetura - proposta de construção a vermelho e de demolição a amarelo).

Desenho original do projeto de arquitetura do Atelier João Mendes Ribeiro, cedido para o presente estudo.

Figura 151: Fachada norte do edifício. Pormenor da caixilharia dos vãos e das pingadeiras ocultas (à esquerda novo vão e à direita recuperado) (2019).

Fotografia original da autora.

Figura 152: Fachada poente, junto ao tanque de água exterior (2019).

Fotografia original da autora.

Figura 153: Vão no Mosteiro de Santa Maria do Bouro.

https://encrypted-tbn0.gstatic.com/images?q=tbn:ANd9GcQFnE_vfsHfnTxCX9upcgVwhY3qzfb0x7j47_jNzvBjOOebMbjPA9zLU4_ol-g3mhRFACA&usqp=CAU.

Figuras 154 e 155: Fachada nascente, são visíveis os alinhamentos e a junção de maior dimensão na cornija (ventilação) e viga metálica que suporta a nova parede (2019).

Fotografias originais da autora.

Figuras 156 e 157: Nova entrada do edifício e vista sobre a receção (2019).

Fotografias originais da autora.

Figuras 158 e 159: Vitrine encaixada na parede de vidro, aproveitando a sua espessura e

enquadramento da Capela de Nossa Senhora da Saúde, a partir da receção.

Fotografias originais da autora.

Figuras 160 e 161: Altar-mor da Capela de Nossa Senhora da Saúde e coro alto recuperado (2021).

Fotografias originais da autora.

Figura 162: Vista do altar a partir do coro alto (2021).

Fotografia original da autora.

Figura 163: Esquisso da nova escada para o púlptito.

Desenho original de João Mendes Ribeiro, in Nuno Miguel Borges, "Termas Romanas de São Pedro do Sul", Wilco Art Books, 2021

Figura 164: Reabilitação do púlpito (2019).

Fotografia original da autora.

Figuras 165 e 166: Sala da porta medieval e acesso ao coro alto da Capela de Nossa Senhora

da Saúde e vista da sala de exposições no piso superior. (2019).

Fotografias originais da autora.

Figura 167: Planta do Piso 0, contrução (a vermelho) e demolição (amarelo).

Planta original do projeto de arquitetura do Atelier João Mendes Ribeiro, cedido para o presente estudo.

Figura 168: Planta do Piso 1, contrução (a vermelho) e demolição (amarelo).

Planta original do projeto de arquitetura do Atelier João Mendes Ribeiro, cedido para o presente estudo.

Figura 169: Recuperação do vão para a Capela de Nossa Senhora da Saúde (2019).

Fotografia original da autora.

Figura 170: Nicho da parede oeste da sala da piscina (2019).

Fotografia original da autora.

Figura 171: Sala da piscina romana, vista da abside norte e varandim (2021).

Fotografia original da autora.

Figura 172: Vista a partir do varandim sobre a sala da piscina romana e abside sul (2021).

Fotografia original da autora.

Figura 173: Sala da porta romana, correspondente ao vestibulo romano e reconstrução da porta romana para a "sala das banheiras" (2019).

Fotografia original da autora.

Figura 174: Sala das banheiras individuais do século XIX, revestidas com azulejo (2019).

https://lh3.googleusercontent.com/proxy

Figura 175: Lanternim do apoditerio das termas estabianas de Pompeia.

https://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/thumb/e/ea/Apodyterium_Terme_Stabiane_04.JPG/330px-Apodyterium_Terme_Stabiane_04.JPG.

Figuras 176 a 179: Estudo da forma da cobertura e da iluminação da sala principal - João Mendes Ribeiro.

Desenhos originais de João Mendes Ribeiro, in Nuno Miguel Borges, "Termas Romanas de São Pedro do Sul", Wilco Art Books, 2021

Figura 180: Lanternim da sala da piscina romana das termas de São Pedro do Sul (2021).

Fotografia original da autora.

Figura 181: Relação das pilastras com as paredes romanas (2019).

Fotografia original da autora.

Figura 182: Pormenor da nova abóbada de tijolo (2019).

Fotografia original da autora.

Figura 183: P Pormenor do encaixe dos tijolos que compõem a nova abóbada (2019).

Fotografia original da autora.

Figura 184: Iluminação existente no nicho sul (2019).

Fotografia original da autora.

Figura 185: Vista da sala romana sob o varandim.

https://nunomiguelborges.com/uploads/_fullHD/029-_DSC7133.jpg.

Figura 186: Vista geral da piscina romana.

https://www.visitviseudaolafoes.pt/wp-content/uploads/2020/07/balneario_romano_0-1.jpg

Figura 187: Projeção da luz do lanternim na piscina romana.

Fotografia original da autora.

Desenhos

Desenho 01: Os balneários mineromedicinais com possível utilização romana no território atualmente português, escala 1:25 000.

Redesenho da autora do mapa das águas termais utilizadas pelos romanos, publicado por Helena Frade e José Beleza Moreira em "A arquitectura das Termas romanas de São Pedro do Sul", Espacio, Tiempo y Forma, Serie II, Hf Antigua, t. V, 1992, págs. 517.

Desenho 02: A região de Lafões na envolvente próxima ao balneum, escala 1:4 000.

Desenho da autora, com base no Modelo Numérico Topográfico e Cartográfico da Vila de S. Pedro do Sul e Termas à escala 1:2 000, de junho de 1998. Produzido para o Município de S. Pedro do Sul por Satopel. DWG, cedidas pela Câmara Municipal de São Pedro do Sul para o presente estudo.

Desenho 03: Relação altimétrica entre o balneum e os povoados castrejos mais próximos (Castro do Banho e Castro da Senhora da Guia), escala 1:25 000.

Desenho da autora, com base no cruzamento das altimetrias presentes nos instrumentos digitais online de informação do território (Google Maps e Google Earth).

Desenho 04: Áreas de influência dos Castros do Banho e Senhora da Guia, escala 1:25 000.

Desenho da autora, sobre o Levantamento Aerofotogramétrico do concelho de S. Pedro do Sul à escala 1: 10 000. Cobertura Aerofotográfica de agosto de 1990. Produzido para o Município de S. Pedro do Sul por Satopel. DWG, cedidas pela Câmara Municipal de São Pedro do Sul para o presente estudo, e com base no mapa dos "Territórios dos castros da Senhora do Castelo de Vouzela (252), Paços de Vilharigues (25 1), Banho (106) e Senhora da Boa Morte (103)". in João Luís Inês Vaz, "Organização espacial castreja na civitas de Viseu", Universidade Católica Portuguesa, Departamento de Letras, 1996, p. 158.

Desenho 05: A divisão administrativa da Hispânia romana, escala 1:80 000.

Resenho da autora, com base no Mapa 13 "Carta das divisões administrativas romanas da Hispânia", Joel Serrão e A. H. de Oliveira Marques, "Nova História de Portugal", editorial Presença, Lisboa, 1990 a 2002, p. 385.

Desenho 06: A via XVI (Olisipo-Bracara) e a via m.p. LX (Talabriga-Vissaium), escala 1:25 000.

Desenho da autora, com base no "Mapa das vias e povoações", in Jorge de Alarcão, "Portugal Romano", Lisboa: Verbo, 3ª Ed. Revista, 1983, pp.73/79.

Desenho 07: Relação da calçada romana do Vau com as mutatios, em São Pedro do Sul (vila) e Vouzela, escala 1:25 000.

Desenho da autora, sobre o Levantamento Aerofotogramétrico do concelho de S. Pedro do Sul à escala 1: 10 000. Cobertura Aerofotográfica de agosto de 1990. Produzido para o Município de S. Pedro do Sul por Satopel. DWG, cedidas pela Câmara Municipal de São Pedro do Sul para o presente estudo, e com base nos traçados das vias disponíveis em www.viasromanas.pt.

Desenho 08: O traçado da calçada romana do Vau, escala 1:15 000.

Desenho da autora, sobre o Levantamento Aerofotogramétrico do concelho de S. Pedro do Sul à escala 1: 10 000. Cobertura Aerofotográfica de agosto de 1990. Produzido para o Município de S. Pedro do Sul por Satopel. DWG, cedidas pela Câmara Municipal de São Pedro do Sul para o presente estudo e com base na informação geográfica dos traçados das vias disponível em

www.viasromanas.pt.

Desenho 09: Identificação dos vestígios do tempo da fundação do balneário (século I d.C.), escala 1:150.

Desenho da autora com base nas plantas dos trabalhos arqueológicos cedidos pela equipa de arqueólogos para o presente estudo.

Desenho 10: Definição do módulo gerador da fundação do balneário, escala 1:150.

Desenho da autora, sobreposição da planta dos vestígios da fundação com quadrícula de 1 pes romano.

Desenho 11: Relação de medidas gerais dos vestígios, escala 1:150.

Desenho da autora, sobreposição da planta dos vestígios da fundação com quadrícula de 1 pes romano.

Desenho 12: Reconstituição hipotética do dimendionamento do edifício 1, escala 1:100.

Desenho da autora, sobreposição da planta dos vestígios da fundação com quadrícula de 1 pes.

Desenho 13: Métrica e dimensionamento da planta da Piscina P3, escala 1:20.

Desenho da autora, sobreposição da planta dos vestígios da fundação com quadrícula de 1 pes.

Desenho 14: Dimensionamento hipotético do perfil longitudinal da Piscina P3, escala 1:50.

Desenho da autora, sobre o levantamento da "parede P" do Levantamento recorrendo aos métodos de topografia clássica, do levantamento directo e da fotogrametria arquitectural das Termas de S. PEDRO DO SUL, realizado pela Insitu, 2000, e com a sobreposeição de grelha de palmos romanos.

Desenho 15: Reconstituição hipotética do perfil transversal da piscina P3, escala 1:50.

Desenho da autora, sobreposição da planta dos vestígios da fundação com quadrícula de 1 pes.

Desenho 16: Definição da métrica e dimensionamento da *natatio* (piscina P1), escala 1:100.

Desenho da autora.

Desenho 17: Reconstituição hipotética do perfil longitudinal da piscina P1 (*natatio*), escala 1:100.

Desenho da autora,

Desenho 18: Reconstituição hipotética do perfil transversal da piscina P1 (*natatio*), escala 1:100.

Desenho da autora,

Desenho 19: Métrica e dimensionamento dos elementos existentes do pórtico jónico, escala 1:100.

Desenho da autora, sobreposição da planta dos vestígios da fundação com quadrícula de 1 pes.

Desenho 20: Reconstituição hipotética do dimensionamento do pórtico jónico (proposta de Helena Frade), escala 1:100.

Desenho da autora, sobreposição da planta dos vestígios da fundação com quadrícula de 1 pes.

Desenho 21: Reconstituição hipotética do dimensionamento do perfil transversal do pórtico jónico, escala 1:100.

Desenho da autora, com base nas orientações do "Tratado de Arquitectura", de Vitrúvio.

Desenho 22: Reconstituição hipotética do dimensionamento do pórtico jónico, escala 1:100.

Desenho da autora, sobreposição da planta dos vestígios da fundação romana com quadrícula de 1 pes.

Desenho 23: Reconstituição hipotética do segundo pórtico com base nas colunas paralelas ao pórtico jónico

Desenho da autora, sobreposição da planta dos vestígios da fundação romana com quadrícula de 1 pes.

Desenho 24: Definição hipotética da orientação da fundação do balneário, escala 1:500.

Desenho da autora, sobreposição de grelha de passus à base no Modelo Numérico Topográfico

e Cartográfico da Vila de S. Pedro do Sul e Termas à escala 1:2 000, de junho de 1998. Produzido para o Município de S. Pedro do Sul por Satopel. DWG, cedidas pela Câmara Municipal de São Pedro do Sul para o presente estudo.

Desenho 25: Relação métrica do balneum com a envolvente próxima, escala 1:750.

Desenho da autora, sobreposição de grelha de pertica à base no Modelo Numérico Topográfico e Cartográfico da Vila de S. Pedro do Sul e Termas à escala 1:2 000, de junho de 1998. Produzido para o Município de S. Pedro do Sul por Satopel. DWG, cedidas pela Câmara Municipal de São Pedro do Sul para o presente estudo.

Desenho 26: Relação métrica do balneum com a fonte termal e os tanques de arrefecimento, escala 1:750.

Desenho da autora, sobreposição de grelha de actus à base no Modelo Numérico Topográfico e Cartográfico da Vila de S. Pedro do Sul e Termas à escala 1:2 000, de junho de 1998. Produzido para o Município de S. Pedro do Sul por Satopel. DWG, cedidas pela Câmara Municipal de São Pedro do Sul para o presente estudo.

Desenho 27: Relação métrica do balneário romano com a fonte termal e os tanques de arrefecimento.

Desenho da autora, sobreposição de grelha de actus à base no Modelo Numérico Topográfico e Cartográfico da Vila de S. Pedro do Sul e Termas à escala 1:2 000, de junho de 1998. Produzido para o Município de S. Pedro do Sul por Satopel. DWG, cedidas pela Câmara Municipal de São Pedro do Sul para o presente estudo, e trsnposição do traçado do aqueduto com base na "Planta do Hospital, Nascente, e vizinhanças das Caldas do Banho também chamadas São Pedro do Sul ou de Lafões." J. F. Farinha, 1816, Arquivo Histórico Militar.

Desenho 28: Esquema de funcionamento do balneário tiberiano, s/escala.

Desenho da autora.

Desenho 29: Sobreposição das duas fases de construção do balneário termal romano, escala 1:150.

Desenho da autora, sobreposição da planta dos vestígios da fundação romana com quadrícula de 1 pes.

Desenho 30: Dimensionamento edifício Flávio, escala 1:150.

Desenho da autora, sobreposição de quadrícula de 1 pes à planta dos vestígios da segunda fase romana.

Desenho 31: Modulação da porta romana

Desenho da autora, sobreposição de grelha de palmos romanos ao levantamento da parede E, do Levantamento recorrendo aos métodos de topografia clássica, do levantamento directo e da fotogrametria arquitectural das Termas de S. PEDRO DO SUL, realizado pela Insitu, 2000.

Desenho 32: Dimensionamento interior do edifício Flávio, escala 1:150.

Desenho da autora, sobreposição de quadrícula de 1 pes à planta dos vestígios arqueológicos da segunda fase romana.

Desenho 33: Modulação da piscina P2, escala 1:100.

Desenho da autora, sobreposição de quadrícula de 1 pes à planta dos vestígios arqueológicos da piscina P2.

Desenho 34: Relação altimétrica das cotas das duas fases construtivas, sem escala.

Desenho da autora, com base no cruzamento das cotas das duas fases romanas.

Desenho 35: Modulação do perfil longitudinal da piscina P2.

Desenho da autora, sobreposição de quadrícula de 1 pes ao levantamento da Parede C, do Levantamento recorrendo aos métodos de topografia clássica, do levantamento directo e da fotogrametria arquitectural das Termas de S. PEDRO DO SUL, realizado pela Insitu, 2000.

Desenho 36: Modulação da parede oeste (poente) do edifício Flávio, escala 1:100.

Desenho da autora, sobreposição de quadrícula de 1 pes ao levantamento da Parede C, do

Levantamento recorrendo aos métodos de topografia clássica, do levantamento directo e da fotogrametria arquitectural das Termas de S. PEDRO DO SUL, realizado pela Insitu, 2000.

Desenho 37: Transposição da modulação da parede este para a oeste do edifício Flávio.

Desenho da autora, sobreposição de quadrícula de 1 pes ao levantamento da Parede A, do Levantamento recorrendo aos métodos de topografia clássica, do levantamento directo e da fotogrametria arquitectural das Termas de S. PEDRO DO SUL, realizado pela Insitu, 2000.

Desenho 38: Reconstituição hipotética do perfil transversal da abóbada de tijolo (no sentido sul-norte), escala 1:100.

Desenho da autora, sobre o levantamento da parede D do Levantamento recorrendo aos métodos de topografia clássica, do levantamento directo e da fotogrametria arquitectural das Termas de S. PEDRO DO SUL, realizado pela Insitu, 2000.

Desenho 39: Pormenor do arranque da abóbada de tijolo, escala 1:20.

Desenho da autora, Desenho da autora, sobre o levantamento da parede D do Levantamento recorrendo aos métodos de topografia clássica, do levantamento directo e da fotogrametria arquitectural das Termas de S. PEDRO DO SUL, realizado pela Insitu, 2000.

Desenho 40: Reconstituição hipotética do perfil transversal da abóbada de tijolo (no sentido norte-sul), escala 1:100.

Desenho da autora, sobre o levantamento da parede B do Levantamento recorrendo aos métodos de topografia clássica, do levantamento directo e da fotogrametria arquitectural das Termas de S. PEDRO DO SUL, realizado pela Insitu, 2000.

Desenho 41: Reconstituição hipotética do perfil transversal do vestíbulo e piscina P4.

Desenho da autora, sobre o levantamento da parede E e J do Levantamento recorrendo aos métodos de topografia clássica, do levantamento directo e da fotogrametria arquitectural das Termas de S. PEDRO DO SUL, realizado pela Insitu, 2000.

Desenho 42: Reconstituição hipotética do perfil longitudinal da piscina P4.

Desenho da autora, sobre o levantamento exterior da parede C do Levantamento recorrendo aos métodos de topografia clássica, do levantamento directo e da fotogrametria arquitectural das Termas de S. PEDRO DO SUL, realizado pela Insitu, 2000.

Desenho 43: Reconstituição hipotética da relação do Flávio com o exterior.

Desenho da autora, sobre o levantamento exterior da parede D do Levantamento recorrendo aos métodos de topografia clássica, do levantamento directo e da fotogrametria arquitectural das Termas de S. PEDRO DO SUL, realizado pela Insitu, 2000.

Desenho 44: Reconstituição hipotética da fachada do Flávio, na relação com o exterior.

Desenho da autora, sobre o levantamento exterior da fachada E do Levantamento recorrendo aos métodos de topografia clássica, do levantamento directo e da fotogrametria arquitectural das Termas de S. PEDRO DO SUL, realizado pela Insitu, 2000.

Desenho 45: Reconstituição hipotética da fachada nascente do edifício Flávio.

Desenho da autora, sobre o levantamento exterior da fachada A do Levantamento recorrendo aos métodos de topografia clássica, do levantamento directo e da fotogrametria arquitectural das Termas de S. PEDRO DO SUL, realizado pela Insitu, 2000.

Desenho 46: Reconstituição hipotética da modulação do segundo pórtico, com base nas colunas toscanas.

Desenho da autora, sobreposição de quadrícula de 1 pes à planta dos vestígios arqueológicos das colunas entre a natatio e a Capela de São Martinho.